

A MAIS CONSAGRADA AUTORA EUROPEIA DE THRILLERS



ANNE HOLT

A SENHORA PRESIDENTE

contraponto®



Anne
Holt

A Senhora
Presidente

Tradução
Jaime Bernardes

 **BERTRAND**
EDITORA

A Senhora Presidente

ANNE HOLT

Tradução de Jaime Bernardes

Traduzido de *Presidentens Valg*

© Copyright Anne Holt, 2006

Tradução publicada com o apoio financeiro de
NORLA.

© Copyright 2008/2011, da tradução e da edição portuguesas,

Contraponto, uma chancela da

Bertrand Editora, Lda.

Direitos para a língua portuguesa (Portugal) cedidos a

Contraponto

Lisboa, Portugal

Editora: Amaia Iglesias

Produção editorial: Rita Duarte

Revisão: Anabela Mesquita

Design da capa: Marta Teixeira

Paginação: Gráfica 99

2ª edição, janeiro de 2011

ISBN 978-989-666-100-7

Contracapa

A Senhora Presidente é um *thriller* imprevisível, e um reflexo da política mundial.

Como alguém pode desaparecer de uma suíte de hotel em Oslo sem que as portas e as janelas tenham sido abertas e sem que as câmeras de segurança tenham registrado qualquer movimento suspeito? Que esse alguém seja Helen Lardahl Bentley, a primeira mulher eleita presidente dos Estados Unidos, faz com que o acontecimento seja ainda mais inexplicável e preocupante. De imediato, começa a caça ao sequestrador e o mundo segue expectante as buscas.

Quando Johanne Vik, uma jovem mãe, psicóloga e pesquisadora com breve passagem pelo FBI, se interessa pelo caso, tem uma reação inesperada ao saber quem chefia as investigações — e fica ainda mais perturbada quando seu próprio marido, o investigador Adam Stubo, é chamado para trabalhar com os americanos.

O que Johanne sabe que não pode ser divulgado? O que isso tem a ver com o sequestro? E que segredos a presidente guarda só para si mesma?

O homem que teria as respostas a essas perguntas está em algum lugar e se prepara para o próximo passo no seu plano.

Mais um enredo fabuloso e cativante da série Vik & Stubo.

Orelhas

Esta é a história do que aconteceu nos dias dramáticos que antecederam e sucederam o 17 de Maio de 2005, embora a versão oficial seja outra.

Assim que a primeira presidente dos Estados Unidos chegou à Noruega para festejar o dia nacional do país de seus antepassados, desencadeou uma série de acontecimentos que as autoridades norueguesas e americanas farão tudo para manter em sigilo até 2055 — quando a maioria dos personagens envolvidos já terá morrido. Uma história interessante para os pesquisadores, que mal tinham nascido quando tudo aconteceu. Até lá, mentiras, segredos e meias-verdades evitam que o mundo tome conhecimento das forças que nesses dias tremendos estiveram em vias de lançar um ataque não só aos Estados Unidos, mas também ao pequeno reino num canto da Europa.

Esta é a história do que realmente aconteceu, dedicada aos que na época eram adultos e não acreditaram no que foi contado.



ANNE HOLT nasceu na Noruega e passou a infância entre seu país natal e os Estados Unidos; hoje em dia vive em Oslo. É a autora escandinava de livros policiais de maior sucesso. Suas obras já venderam mais de quatro milhões de cópias e ocupam os primeiros lugares das listas de best-sellers.

Alguns de seus livros deram origem a filmes e séries de televisão. Recebeu prêmios tão importantes como o Riverton (o mais prestigiado da literatura policial da Noruega), o Booksellers (o de maior destaque no país) e o Cappelen.

*Para Amalie Farmen Holt,
minha campeã,
a menina dos meus olhos que está crescendo.*

**Quinta-feira, 20 de janeiro de
2005**

1.

Consegui me safar.

O pensamento fez com que ela hesitasse um momento. A velha senhora à sua frente fechou as pálpebras. O rosto já marcado pela doença tinha uma cor azulada na friagem de janeiro. Helen Lardahl Bentley inspirou mais um pouco de ar e repetiu, finalmente, as palavras que o homem pedia: — Juro solenemente...

O texto da Bíblia encadernada em couro, com mais de cem anos de existência, estava tão gasto que quase não se conseguia ler. Aquela Bíblia tinha servido três gerações da família Lardahl, todas profundamente religiosas. Bem escondida atrás da fachada luterana estava a Helen Lardahl Bentley cética, e preferiria prestar juramento com a mão direita sobre algo em que acreditava inteiramente: a história da sua própria família.

— ... *que exercerei lealmente...*

Tentou fixar o olhar nele. Queria olhar para o presidente do Supremo Tribunal de Justiça da mesma forma como todos olhavam para ela, aquela enorme multidão que tremia ligeiramente sob o sol de inverno e os manifestantes longe demais da tribuna para serem ouvidos, mas que ela sabia que gritavam “TRAIDORA, TRAIORA”, cadenciada e agressivamente, até que as palavras morriam atrás das portas de aço dos veículos blindados que a polícia tinha colocado no caminho, bem cedo, de manhã.

— ...o cargo de Presidente dos Estados Unidos da América...

Os olhares do mundo estavam presos na imagem de Helen Lardahl Bentley. Neste momento, todos olhavam para ela com ódio ou admiração, com curiosidade ou cepticismo, ou talvez, nos recantos mais pacíficos do planeta, com pura indiferença. Sob o fogo cruzado de centenas de câmeras de TV, nesses minutos que

pareciam durar uma eternidade, ela era o centro das atenções do mundo. E não podia, nem devia, pensar só nisso.

Não agora, nem nunca mais.

Pressionou a mão um pouco mais contra a Bíblia e levantou o queixo um tudo-nada.

— ... e, com toda a minha capacidade, preservarei, protegerei e defenderei a Constituição dos Estados Unidos da América.

A grande massa dos presentes rompeu numa ovação enorme. Os manifestantes tinham sido afastados. As pessoas na tribuna de honra felicitaram-na, sorrindo, algumas calorosamente, outras com reserva. Amigos e críticos, colegas, família e um ou outro inimigo que nunca gostara dela, todos lhe dirigiam as mesmas palavras, uns quase em surdina, outros em alto e bom som: — Felicidades!

De novo, ela sentiu aquele odor de medo que controlara durante mais de vinte anos. E ali e agora, a segundos apenas de estar em funções como presidente dos Estados Unidos da América, Helen Lardahl Bentley endireitou as costas e ajeitou o cabelo com um gesto destemido, olhando para a multidão. E decidiu de uma vez para sempre:

Consegui me safar. É hora finalmente de esquecer.

2.

Os quadros não eram, de forma alguma, bonitos.

Ele estava especialmente cético em relação a um deles.

Repugnava-lhe. Quando se inclinava para mais próximo da tela, podia ver que as pinceladas errantes, amarelo-alaranjadas, estavam fissuradas numa quantidade incomensurável de pequenas partículas, tendo o aspeto de pedacinhos de excrementos de camelo ressequidos pelo sol. Sentiu-se tentado a deixar que o seu dedo passasse por cima da boca aberta e grotesca da figura da pintura, mas acabou por não o fazer. O quadro já tinha sido danificado durante o transporte. O parapeito da ponte à direita da atormentada figura pendia agora em fiapos.

Conseguir alguém para fazer uma restauração grosseira da obra estava posto de lado. Aquilo exigia um perito. Se agora as famosas obras de arte estavam penduradas no palácio menos sumptuoso de Abdallah al-Rahman, num dos extremos de Riad, o motivo primeiro, mais do que qualquer outro, estava no fato de ele evitar sempre que possível o uso de peritos. Ele acreditava nas formas mais simples de resolver as coisas. Não via nenhuma vantagem em lançar mão de uma motosserra quando uma faca faria o serviço. Na sua viagem de um museu pouco vigiado da capital da Noruega para um ginásio sem janelas na Arábia Saudita, as telas foram transportadas por ladrões de segunda que não faziam ideia de quem ele era e que, depois de percorrerem muitos quilômetros, acabariam na prisão dos seus respetivos países, sem nunca poderem dizer uma palavra sobre o local para onde as obras de arte tinham sido levadas.

Abdallah al-Rahman gostava mais das figuras femininas. Mas mesmo nelas havia qualquer coisa de repulsivo. Ainda hoje, após mais de dezesseis anos no mundo ocidental, dos quais dez nas escolas mais prestigiadas de Inglaterra e dos Estados Unidos, sentia

náuseas ao ver os seios nus e a maneira vulgar como a mulher se oferecia: a um tempo, indiferente e devassa.

Afastou-se. Estava de tronco nu, usava apenas um calção largo e branco. Sem meias, voltou para a passadeira rolante e pegou o controle remoto. A passadeira acelerou.

O som chegou pelos alto-falantes que ladeavam a enorme tela da TV na parede em frente.

— ...protegerei e defenderei a Constituição dos Estados Unidos da América.

Era difícil compreender. Enquanto Helen Lardahl Bentley era apenas senadora, ele se impressionara com a coragem dessa mulher. Depois de ter sido a número três no ano em que terminou o curso na respeitável instituição Vassar, a míope e gordinha Helen Lardahl continuou sua ascensão fazendo um doutorado em Harvard. Antes de completar os quarenta anos, já estava casada e, além disso, exercia como sócia no sexto maior escritório de advocacia dos Estados Unidos, o que só por si era garantia de extraordinária competência e de uma parcela real de cinismo e dinamismo. Além disso, tinha emagrecido, ficara loura e pusera os óculos de lado. Tornara-se muito sofisticada, também.

Mas para se apresentar como candidata à presidência era preciso muita arrogância.

Agora, estava eleita, abençoada e empossada.

Abdallah al-Rahman sorriu, aumentando com uma pressão do dedo a velocidade da passadeira. A pele dura das plantas dos pés ardia contra a superfície da passadeira de borracha. Aumentou a velocidade mais uma vez. E outra. Até chegar ao limite da dor.

— É inacreditável — disparou ele na sua perfeita pronúncia americana, na certeza de que ninguém no mundo o ouviria através das grossas paredes de um metro de espessura e da porta triplamente isolada. — Ela pensa realmente que se safou.

3.

— Um grande momento — exclamou Johanne Vik, juntando as mãos como se pensasse que era preciso rezar pela nova presidente da América.

A mulher na cadeira de rodas sorriu, mas não disse nada.

— Ninguém pode dizer que o mundo não vai para a frente — continuou Johanne. — Depois de quarenta e três homens seguidos, finalmente, uma mulher presidente!

— ... o cargo de Presidente dos Estados Unidos da América...

— Tem que concordar que é um grande momento — insistiu Johanne, voltando a olhar para a TV. — Quer dizer, eu estava plenamente convencida de que elegeriam um afro-americano antes de aceitarem uma mulher.

— Da próxima vez, vai ser a Condoleezza Rice — disse a outra.
— Dois coelhos de uma só cajadada.

Não que fosse uma imagem de progresso de que se pudesse falar, pensou ela. Branco, negro ou vermelho, homem ou mulher. O cargo de presidente era no masculino, independentemente da pigmentação da pele ou do sexo da pessoa.

— Não foi ser mulher que levou Bentley ao cargo — disse ela lentamente, quase desinteressada. — E definitivamente não seria por ser negra, no caso de Rice. Em quatro anos, as duas vão concorrer. E não vai prevalecer o fator minoria ou o fator gênero.

— Pior, então...

— Não é o gênero ou o passado de escravidão que impressiona nessas duas mulheres. Claro que elas usam a seu favor tudo o que isso pode valer. Mas o que é verdadeiramente impressionante nelas...

Ela fez uma careta e tentou se endireitar na cadeira de rodas.

— Como você está? — perguntou Johanne.

— Está tudo bem. O impressionante nelas é que... — Ela apoiou-se nos braços da cadeira e puxou-se para cima, encostando um pouco mais o corpo nas costas da cadeira. Depois, distraída, alisou a camisa no peito. — Elas devem ter se decidido muito cedo — disse por fim.

— Como assim?

— Por uma vida de muito trabalho. Por serem muito competentes. Por nunca cometerem erros. Por evitarem dizer besteira. Por jamais serem apanhadas na cama. Na realidade, é uma decisão totalmente incompreensível.

— Mas elas têm sempre alguma compensação... Uma coisa ou outra... Até mesmo o profundamente religioso George W. Bush tem tido as suas compensações...

A mulher na cadeira de rodas sorriu de repente e voltou o rosto para a porta. Uma menina com cerca de um ano ou ano e meio espreitava timidamente na entrada. A mulher estendeu uma das mãos.

— Vem cá, minha amiga. Tu já devias estar a dormir.

— Será que ela saltou da cama pelos seus próprios meios? — indagou Johanne, cética.

— Ela dorme na nossa cama. Vem cá, Ida.

A criança deu uns passinhos miúdos e deixou-se levantar e colocar sentada nos joelhos. O seu cabelo caía em madeixas negras como o carvão sobre as faces brancas e rechonchudas, mas os olhos eram azul-claros, com um marcante anel negro em volta da íris. A menina sorriu envergonhada para a visitante que reconheceu. E acomodou-se mais à vontade.

— Engraçado, ela parece-se contigo — afirmou Johanne, inclinando-se para a frente e afagando as mãozinhas gorduchas da criança.

— Apenas nos olhos — disse a outra. — A cor. As pessoas deixam-se sempre enganar pela cor. Dos olhos.

Voltou a fazer-se silêncio entre as duas.

Em Washington DC, a respiração dos presentes formava uma névoa cinzenta, quase branca, em contraste com a luz forte e límpida de Janeiro. O presidente do Supremo Tribunal precisou de ajuda para se retirar. De costas, parecia um feiticeiro a ser conduzido, com todo o cuidado, para dentro de casa. A recém-eleita presidente continuava de cabeça descoberta, sem chapéu e sorrindo abertamente, ao mesmo tempo que ajustava mais o seu casaco ao corpo.

A escuridão da noite descia contra as janelas da Krusesgate, em Oslo. As ruas estavam molhadas, mas sem neve.

De súbito, na grande sala de estar, entrou uma figura estranha, arrastando-se com dificuldade, passo a passo, como uma caricatura de um velho vilão do cinema. Os seus cabelos eram secos e finos e pareciam espetados para todos os lados. As pernas eram finas e terminavam num par de chinelos axadrezados.

— Essa criança já devia estar a dormir há muito tempo — disse ela, sem cumprimentar ninguém e fazendo soar as suas palavras como uma reprimenda.

— Nada nesta casa se faz com ordem e preceito. Ela deve dormir em sua própria cama. Já disse isso um milhão de vezes. Venha cá, minha princesa.

Sem esperar resposta, nem da mulher na cadeira de rodas nem da menina, a mulher pegou a criança, colocou-a na cintura e foi se arrastando para o mesmo lugar de onde viera.

— Eu gostaria de ter alguém que me ajudasse como ela — suspirou Johanne.

— Também tem seus inconvenientes.

De novo, as duas ficaram em silêncio. A CNN apresentava alternadamente vários analistas e imagens da tribuna onde a elite política ali reunida começava a ceder face ao tempo frio e se preparava para participar da maior festa de posse presidencial

jamais realizada na capital americana. Os democratas tinham conseguido alcançar as suas três metas. Tinham vencido contra um presidente que tentava o seu segundo mandato, o que, efetivamente, era um feito e tanto. Tinham vencido por uma margem muito maior do que esperavam e, além disso, tinham vencido com uma mulher à cabeça. Nada disto passaria despercebido e pelos televisores corriam as imagens de grandes estrelas de Hollywood que já tinham chegado ou ainda eram esperadas durante a tarde. Durante todo o feriado, a cidade seria palco de muitas festas e de muitos fogos de artifício. *Madam President* passaria de uma festa a outra, receberia ovações, faria intermináveis agradecimentos aos assistentes e diretores de campanha e, presumivelmente, mudaria de roupa um interminável número de vezes. E no meio de tudo isso premiaria aqueles que achasse merecedores com funções e cargos, avaliaria os investimentos na campanha e as doações recebidas, avaliaria também a lealdade de uns e o talento de outros, para não falar dos muitos que iria decepcionar e dos poucos que ficariam felizes. Tudo da mesma maneira como o tinham feito os seus quarenta e três antecessores durante os quase duzentos e trinta anos da nação.

— Consegue-se dormir depois de uma coisa assim?

— Perdão?

— Acha que ela vai conseguir dormir esta noite? — inquiriu Johanne.

— Você é engraçada — disse a outra mulher, sorrindo. — Claro que vai conseguir dormir. Não se chega aonde ela chegou sem conseguir dormir. Ela é uma guerreira, Johanne. Não se deixe enganar pela aparência esbelta e a roupa feminina.

Assim que a mulher na cadeira de rodas desligou a TV, ouviu-se ao longe uma canção de ninar.

— *Oh, ai, ai, ai, ai, puff, puff.*

Johanne riu baixinho.

— Isso teria matado minhas filhas de medo.

A outra deslocou-se na cadeira até a mesa baixa de café e serviu-se de uma xícara. Bebeu um pouco, cheirou o café e pôs a xícara na mesa, no mesmo lugar.

— Acho que vou ter que voltar para casa — disse Johanne, como quem pergunta.

— É claro, vai ter que voltar — disse a outra.

— Muito obrigada pela ajuda. Por toda a ajuda nos últimos meses.

— Não há nada que agradecer.

Johanne compôs ligeiramente a roupa, pôs os cabelos atrás das orelhas e corrigiu a posição dos óculos no nariz com o indicador.

— Há sim — disse ela.

— Acho que tem, simplesmente, que aprender a conviver com isso tudo. Não há nada a fazer contra o fato de ela existir.

— Ela ameaçou minhas filhas. É perigosa. Poder falar com você, ser levada a sério, acreditar em mim... De qualquer forma, isso tornou as coisas mais fáceis.

— Já faz quase um ano — disse a mulher na cadeira de rodas. — Aconteceu no ano passado e foi coisa séria. E agora no inverno... Acredito que ela só quer irritá-la.

— Irritar?

— Ela atíça sua curiosidade. É uma pessoa profundamente curiosa, Johanne. Por isso é pesquisadora. É essa curiosidade que a empurra para pesquisas que na realidade não quer fazer e que a leva a ir até o fim para saber o que essa mulher quer de você. Foi essa curiosidade que a dirigiu e a fez me procurar. E é essa...

— Tenho que ir — interrompeu Johanne, deixando que seus lábios esboçassem um breve sorriso. — Não vale a pena lembrar tudo. Mas, de qualquer maneira, obrigada. Eu conheço o caminho da saída.

Mas ficou mais um pouco. De súbito, pensou em como era bonita aquela mulher, ainda que meio parálitica. Era esbelta, quase na

fronteira da magreza. O rosto era oval, com os olhos tão marcantes quanto os da criança, de um azul claro, quase claro demais, sem cor, mas com um anel negro em volta da íris. A boca era bem delineada, com um belo arco de Cupido rodeado de pequenas rugas indicando que ela, de qualquer maneira, já passava dos quarenta. A roupa que vestia era de marca, em caxemira azul-clara e jeans que, provavelmente, não tinha sido comprado na Noruega. Na garganta simplesmente um grande diamante, pulsando levemente.

— A verdade é que está muito bonita, tenho que reconhecer!

A mulher sorriu timidamente, quase embaraçada.

— Voltaremos a nos ver em breve — disse ela, fazendo a cadeira rodar para a janela, onde ficou, de costas para a visitante, sem se despedir.

4.

A neve caíra e ficara à altura dos joelhos sobre os extensos prados. Há muito que o frio se mantinha constante. As árvores nuas nos bosques a oeste estavam decoradas de gelo.

Os sapatos para a neve atravessavam a superfície gelada aqui e ali e houve um momento em que ele quase perdeu o equilíbrio. Al Muffet parou e respirou fundo.

O Sol descia a poente, por trás das montanhas. O silêncio era raramente interrompido pelo piar dos pássaros. A neve brilhava sob o manto de luz vermelho-amarelada do anoitecer.

E o homem com sapatos para a neve deixou que o olhar seguisse uma lebre que pulou de um bosque e correu aos ziguezagues para o riacho do outro lado do prado.

Al Muffet respirou fundo novamente, o mais fundo que lhe foi possível.

Ele nunca tinha duvidado de que aquilo era certo. Quando a sua mulher morrera e ele ficara sozinho com três filhas, de oito, onze e dezesseis anos, bastaram apenas algumas semanas para que reconhecesse que a sua carreira numa das principais universidades de Chicago não se iria harmonizar sem problemas com a responsabilidade de criar sozinho as crianças. E que a economia, além disso, aconselhava que se mudasse rapidamente com o resto da família para um lugar tranquilo no interior.

Três semanas e dois dias depois de a família se ter mudado para a sua nova casa na Estrada Rural, número 4, em Farmington, no estado do Maine, dois aviões de passageiros atingiram cada um a sua torre em Manhattan. Pouco depois, um outro avião atingiu o Pentágono. Na mesma noite, Al Muffet fechou os olhos numa tranquila forma de agradecimento pela sua previdência. Já em estudante, desfizera-se do seu nome original, Ali Shaeed Muffasa. As

filhas, prudentemente, chamavam-se Sheryl, Catherine e Louise e tinham herdado o nariz arrebitado e os cabelos loiros da mãe.

Naquele momento, três anos mais tarde, não passava um dia sem que ele não se sentisse feliz por viver naquele ambiente rural. As crianças tinham-se desenvolvido bem e ele reencontrara, com extraordinária rapidez, o prazer da medicina veterinária. Esta podia variar entre pequenos animais e grandes exemplares de gado bovino, numa miscelânea abençoada de tratar pobres periquitos, fazer o parto de cachorrinhos e lidar com um ou outro touro agressivo que precisava de uma bala na cabeça. Todas as quintas-feiras, jogava xadrez no clube. O sábado era o dia reservado para o cinema com as crianças. À segunda-feira, jogava regularmente duas partidas de *squash* com o vizinho, que tinha um campo construído dentro do celeiro. Os dias seguiam-se uns aos outros numa corrente contínua de satisfatória monotonia.

Somente ao domingo é que a família Muffet se diferenciava do resto da população da pequena cidade do interior. Eles não iam à igreja. Al Muffet há muito que tinha perdido contato com Alá e não fazia planos para se ligar a qualquer Deus. De início, isso provocou reações, perguntas veladas nas reuniões de pais, um comentário ambíguo na bomba de gasolina ou perto da máquina de fazer pipocas no cinema numa noite de sábado.

Mas até isso acabou por passar e ser esquecido.

“Tudo passa na vida”, pensou Al Muffet, lutando para conseguir ver as horas no seu relógio enterrado entre a luva e a manga do casaco. Tinha de se apressar. A filha mais nova estava encarregada de preparar o almoço e, por experiência, sabia que era aconselhável estar em casa durante o processo. Caso contrário, encontraria uma refeição extravagante em que tudo o que existia de bom na despensa desapareceria. Na vez anterior, Louise preparara um almoço de segunda-feira com quatro pratos diferentes, pasta de fígado de pato

e arroz de trufas com veado assado, um veado caçado e destinado a ser comido na festa anual com os vizinhos na noite de Natal.

O frio apertou ainda mais quando o Sol se pôs. Chegou a tirar as luvas para colocar as palmas das mãos sobre a face para a aquecer. Após alguns minutos, recomeçou a andar sobre a neve com aquelas raquetes largas adaptadas aos sapatos, coisa que com o tempo tinha aprendido a dominar.

Abstivera-se de ver a eleição presidencial, mas não por isso o magoar. Quando Helen Lardahl Bentley optara pela vida pública, dez anos antes, ele sofrera muito.

Lembrava-se ainda da situação de desconforto, naquela manhã em Chicago, quando estava de cama com gripe, a febre alta e a mudar constantemente de canal na televisão. Helen Lardahl, tão diferente da mulher de que ele se recordava, fazia um discurso no Senado. Já não usava óculos. Aquela gordura da adolescência que a tinha acompanhado até os vinte anos também tinha desaparecido.

Apenas os gestos, como aquele movimento em diagonal no ar com a palma da mão aberta para enfatizar uma ou outra das suas palavras, o convenceram de que, realmente, se tratava da mesma mulher.

Como se atreve, pensara então.

Daí em diante, lentamente, habituara-se.

Mais uma vez, Al Muffet parou e respirou fundo, inspirando o ar gelado para dentro dos pulmões. Já tinha chegado ao riacho em que a água continuava a correr sob uma fina camada de gelo.

Pura e simplesmente, ela contava com ele. Ela tinha de escolher e escolhera acreditar na promessa que ele lhe fizera uma vida atrás, numa outra época, num outro lugar. Na sua posição, devia ser fácil saber se ele ainda vivia e se residia nos Estados Unidos.

No entanto, ela deixara-se escolher para ser a mais poderosa chefe de governo de um país em que a moral era uma virtude e a dupla moral uma virtude por necessidade.

Ele saltou por cima do riacho e por cima da neve. O seu coração batia com tanta força que chegava a ecoar-lhe nos ouvidos. Fora há tanto tempo, pensava ele, tirando dos pés as raquetes de neve. Pegou nelas, uma em cada mão, e começou a correr por uma pequena trilha de inverno.

— Conseguimos safar-nos — sussurrava ele, ao ritmo das suas passadas bem largas. — Tenho sido digno de confiança. Sou um homem de palavra. Conseguimos safar-nos.

Demorou demais. Acabou por chegar a tempo de provar as ostras e beber um pouco do champanhe aberto. Louise achou que devia comemorar fazendo um brinde à primeira presidente da América.

QUATRO MESES DEPOIS

**Segunda-feira, 16 de maio de
2005**

1.

— Que hora danada para isso! Quem foi o filho da mãe que escolheu precisamente essa data?

O diretor-geral do Serviço de Segurança da Polícia Norueguesa, o PST, passou a mão pelos cabelos ruivos, cortados curtos.

— Já deve saber disso muito bem — disse uma mulher um pouco mais jovem, olhando de soslaio para um televisor já velho colocado em cima de um arquivo num canto do escritório. As cores já estavam pálidas e uma faixa negra cortava a parte inferior da imagem. — Foi o próprio primeiro-ministro. Por uma boa razão, como sabe: mostrar a velha nação em todo o esplendor de seu romantismo nacional.

— Bêbados, miséria e depravação por toda parte — resmungou Peter Salhus. — Uma imagem nada romântica. Dezesete de Maio é e continuará sendo um inferno. E por que diabos vão escolher... — Nesse instante, sua voz já tinha atingido o tom de falsete e ele apontava para a TV. — Já pensaram se vai ser possível proteger essa mulher?

Madam President estava precisamente nesse momento pisando terras norueguesas.

Na sua frente seguiam três homens de terno escuro. Os caraterísticos fones eram facilmente visíveis. Apesar de o céu estar coberto de nuvens baixas, todos usavam óculos escuros como se exibissem uma caricatura de si mesmos. Atrás da presidente, descendo a escada do Air Force One, vinham gêmeos dos homens frente, grandes como os primeiros, também de óculos escuros e, também, sem qualquer expressão no rosto.

— Eles parecem preparados para fazer o trabalho sozinhos — afirmou Anna Birkeland, secamente, sacudindo a cabeça. — Fora isso, só espero que ninguém esteja ouvindo seu... pessimismo, para

dar uma expressão suave a suas palavras. Na realidade, estou um pouco preocupada. Você não costuma...

Ela se interrompeu. Peter Salhus também se calou com o olhar fixo na TV. De fato, aquela violenta explosão não fazia parte de sua maneira de ser, pelo contrário. Ao ser nomeado dois anos antes diretor-geral do Serviço de Segurança da Polícia Norueguesa, sua natureza calma e agradável, acima de tudo, tornara possível, apesar da formação militar, sua aceitação como chefe de um departamento com história de desonra e ignomínia. Os protestos da extrema-esquerda foram um tanto atenuados quando Salhus resolveu revelar seu passado de jovem socialista. Entrara no partido aos dezenove anos para “denunciar o imperialismo americano”, como explicou, sorrindo, em entrevista na televisão. Mais tarde, quando passou a falar sério e a cada meio minuto mostrava uma imagem ameaçadora que a maioria achava reconhecer, sua sorte já estava decidida. Peter Salhus trocou o uniforme por um terno e se mudou para os edifícios do PST, se não por consenso geral, pelo menos com um sólido apoio político. Os funcionários gostavam dele e seus congêneres estrangeiros o respeitavam. O cabelo cortado curto à maneira militar, o comprimento milimetricamente controlado, e a barba grisalha inspiravam uma confiança viril de outros tempos. Paradoxalmente, Peter Salhus era um chefe popular.

E Anna Birkeland não conseguia nem vê-lo como chefe.

A iluminação do teto lançava reflexos em sua testa suada. O corpo balançava para a frente e para trás, sem que ele parecesse ter consciência disso. Quando Anna Birkeland o olhou de viés, viu que as suas mãos estavam unidas, fortemente apertadas uma na outra.

— O que há? — perguntou ela, em voz baixa, como se não quisesse ouvir a resposta.

— Não é uma boa ideia.

— Por que não mandou parar tudo? Se está tão preocupado, já devia ter...

— Eu tentei. Sabe disso muito bem.

Anna Birkeland dirigiu-se à janela. A primavera parecia ainda suspensa sob a luz azulada da tarde. Encostou a palma da mão no vidro da janela e logo se formou uma nuvem de condensação.

— Você apresentou contra-argumentos, Peter. Esquematizou o cenário e depois apresentou os contra-argumentos. Não é a mesma coisa que tentar evitar que algo aconteça.

— Vivemos numa democracia — disse ele. Tanto quanto Anna pôde perceber, não havia ironia em sua voz. — São os políticos que mandam. Em determinadas situações, como esta, sou apenas um simples conselheiro. Se fosse eu a decidir...

— Nesse caso, fecharíamos as portas ao mundo, é isso?

Ele se virou rapidamente.

— A todos — repetiu ela, agora um pouco mais alto. — A todos os que, de alguma forma, desafiam esse idílio de cidade pequena chamada Noruega.

— Sim — disse ele, concordando. — Talvez seja isso.

Seu sorriso era difícil de interpretar. Na TV, a presidente era levada do enorme avião para um púlpito improvisado. Um dos homens de terno escuro ajeitou o microfone.

— Correu tudo bem quando Bill Clinton esteve aqui — disse Anna, mordendo cuidadosamente uma unha. — Ele foi passear pela cidade, tomou cerveja e beijou todas as crianças. Até entrou numa confeitaria. Tudo contra os planos traçados e os limites predefinidos.

— Mas isso foi antes — comentou Peter.

— Antes?

— Antes do 11 de Setembro.

Anna sentou-se novamente. Levantou o cabelo com as mãos a partir da nuca. Depois, olhou para o chão e respirou fundo como se estivesse para dizer mais alguma coisa, mas conteve-se e acabou por suspirar, um suspiro prolongado, audível.

Do corredor, ouviram-se risos que se afastaram rapidamente em direção ao elevador. A presidente já tinha terminado sua curta saudação, a julgar pela imagem muda da TV.

— É a polícia de Oslo que vai assumir agora a segurança da presidente — disse ela, finalmente. — Portanto, a rigor, a visita da presidente já não é problema seu. Quer dizer, nosso. Além disso — fez um movimento com a mão na direção dos arquivos embaixo da TV — não descobrimos nada. Nenhum movimento, nenhuma atividade. Nada entre os grupos que já conhecemos no país. Nada, também, nos países vizinhos. Nada do que recebemos de fora indica qualquer outra coisa a não ser que esta vai ser uma visita muito agradável da — sua voz assumiu o tom de repórter — presidente que quer honrar o país de seus antepassados e grande parceiro dos Estados Unidos, a Noruega. Não existe nenhum vestígio de que alguém tenha outros planos.

— O que é de estranhar, não é? Essa...

Ele se calou. *Madam President* entrava numa limusine preta. Uma mulher de mãos rápidas ajudou-a com o casaco que pendia do lado de fora do carro e podia ficar preso na porta. O primeiro-ministro norueguês sorriu e acenou para as câmeras um pouco entusiasmado demais, numa atitude infantil face a uma visita tão importante.

— Essa mulher é o alvo número um do ódio mundial — disse ele, acenando para a TV. — Sabemos que todos os dias são feitos planos para acabar com a vida dela. Todo santo dia! Nos Estados Unidos. Na Europa. No Oriente Médio. Por toda parte.

Anna Birkeland falou fanhosamente pelo nariz, que esfregou com o dedo.

— É assim há muito tempo, Peter. Para muitos outros, além dela. Assim como nós e nossos colegas do mundo inteiro denunciemos ilegalidades antes de se tornarem realidade. Eles têm o melhor serviço secreto do mundo e...

— Há controvérsias — interrompeu ele.

— E as mais eficientes organizações policiais — continuou ela, imperturbável. — Não acho que você precise ficar acordado à noite, preocupado com a presidente dos Estados Unidos.

Peter Salhus levantou-se e pressionou seu grosso indicador no botão que desligava o aparelho, justamente no momento em que a câmera dava zoom na pequena bandeira americana na lateral do carro blindado. A bandeira em vermelho, branco e azul esvoaçou fortemente no momento em que o carro acelerou.

E a tela ficou negra.

— Não é com ela que estou preocupado — disse Peter Salhus. — Não mesmo.

— Agora não estou entendendo mais nada. Não sei aonde quer chegar — disse Anna, já impaciente. — Vou embora. Sabe onde me encontrar, se necessário.

Ela levantou do chão uma volumosa pasta de documentos, endireitou-se e avançou para a porta. Com a mão já na maçaneta e a porta meio aberta, virou-se para ele e perguntou: — Se não é com Bentley que se preocupa, com quem então?

Peter Salhus sacudiu a cabeça e levantou um pouco as sobrancelhas, como se não estivesse certo de ter ouvido a pergunta.

— Estou preocupado conosco — respondeu de repente e de maneira incisiva. — Preocupo-me com o que possa nos acontecer.

A maçaneta da porta parecia extremamente fria na mão dela. E Anna a soltou. A porta se fechou lentamente.

— Não a nós dois — murmurou ele para a janela. Peter Salhus sabia que ela tinha corado e não queria notar isso. — Preocupo-me pela... — As mãos desenharam um grande círculo inseguro no espaço. — Noruega — disse ele, prendendo finalmente a atenção dela. — O que vai acontecer com a Noruega se tudo der errado, se a visita for um fracasso?

Ela não estava certa de ter entendido realmente aonde ele queria chegar.

¹ Oficial do exército e político norueguês do século XX.

Colaborou com os alemães na ocupação da Noruega na Segunda Guerra Mundial. Os alemães recompensaram-no fazendo dele o chefe do governo controlado pela Alemanha de Hitler. Após a derrota alemã, o governo norueguês levou-o a tribunal e condenou-o à morte. A expressão “quisling” perdurou, classificando as pessoas que traem seu país cooperando com o inimigo. (N. do T.)

2.

Madam President ficou finalmente sozinha.

A dor de cabeça persistia cravada na nuca como sempre acontecia depois de dias como aquele. Ela sentou-se, cuidadosamente, numa poltrona bege. A dor era uma sua velha conhecida.

Volta e meia, fazia uma visita. Os medicamentos não ajudavam, presumivelmente pelo fato de ela nunca ter falado do seu problema a qualquer médico e, por isso, nunca ter usado senão medicamentos que se podiam comprar sem receita. A dor de cabeça vinha à noite, quando o dia terminava e ela já tinha atirado os sapatos para longe e colocado as pernas para cima. Ler um livro, talvez, ou fechar os olhos para deixar de pensar fosse no que fosse antes de o sono chegar. Não funcionava. Ela tinha de ficar sentada, quieta, com o corpo ligeiramente inclinado para trás, os braços pendentes ao longo do corpo e a planta dos pés diretamente no chão. Os olhos deviam ficar semicerrados, nunca totalmente fechados, o vermelho-escuro por trás das pálpebras aumentava a dor. Tinha de entrar um pouco de luz. Um pouco só, por entre as pestanas. Os braços descontraído, as mãos abertas. O corpo todo relaxado. A atenção tinha de ser desviada para o mais longe possível da cabeça, portanto, para os pés fortemente pressionados contra o chão. Repetidamente, ao ritmo da pulsação lenta. Nada de pensar. Nada de fechar os olhos por completo. Pressionar a planta dos pés contra o chão. Outra vez. Mais uma vez. Ainda outra.

As garras da dor se soltavam lentamente da nuca. Ela nunca conseguia saber quanto tempo duraria o ataque. Normalmente, quinze minutos. Às vezes, olhava aterrorizada o relógio e não acreditava que ele estivesse marcando a hora corretamente. Outras

vezes, era questão de segundos. Como naquele momento. Ela podia ver no despertador.

Com todo o cuidado e prudência, levantou a mão direita e levou-a ao pescoço. Continuou quieta. Os pés pressionavam ainda o chão, da ponta para o calcanhar e de volta.

O frio da palma da mão fez com que a pele dos ombros se contraísse. A dor tinha mesmo desaparecido, totalmente. Respirou com mais facilidade e levantou-se com o mesmo cuidado com que se tinha sentado.

O pior do ataque provavelmente não era a dor em si, mas o estado de alerta, tensão e insônia que se seguia. Helen Lardahl Bentley habituara-se durante quase vinte anos a que o sono, por vezes, pura e simplesmente fosse uma coisa de que ela tinha de abrir mão. Embora em algumas alturas tivesse passado meses sem aquela dor, a sessão na poltrona passara a ser quase um ritual da meia-noite no último ano. E como era uma mulher que nunca desperdiçava nada, muito menos tempo, surpreendia sistematicamente os seus assistentes por estar espantosamente bem preparada, muito cedo, para as reuniões matinais.

Os Estados Unidos, sem o saber, tinham uma presidente que normalmente se contentava com quatro horas de sono por dia. Enquanto dependesse dela, a insônia continuaria a ser um segredo que ela partilhava apenas com o marido, que, após muitos anos, aprendera a dormir de luz acesa.

Neste momento, porém, estava completamente sozinha.

Nem Christopher nem a filha Billie tinham viajado com ela. Custara muito à *Madam President* fazê-lo. Estremecia ainda ao lembrar-se de como os olhos dele escureceram de espantado desapontamento quando ela decidira viajar sem a família. A viagem à Noruega era a primeira da presidente depois da nomeação para o cargo. Tinha o carácter de representação e, além de tudo, era uma visita a um país que a filha com vinte e um anos de idade gostaria de

ver e que lhe seria de grande utilidade. Havia milhares de razões para ser uma viagem com a família e até tinha sido planejada assim desde o início.

No entanto, ambos tiveram de ficar em casa.

Helen Bentley deu alguns passos como se estivesse insegura, como se não soubesse ao certo se o soalho ia aguentar. A dor de cabeça tinha desaparecido definitivamente.

Massageou a testa com o polegar e o indicador e olhou em volta. Pela primeira vez reparou que a suíte era bem decorada. O estilo era escandinavamente frio, com detalhes de madeira clara, tecidos também claros e, talvez, um pequeno exagero em vidro e aço. Sua atenção foi especialmente atraída para os abajures. Eram de vidro areado. Sem serem todos iguais, combinavam uns com os outros de uma forma que não conseguia entender. Apoiou a mão num deles. Vinha um calor fraco da lâmpada de baixo consumo.

Eles estão por toda parte, pensou. Eles estão sempre por perto e olham por mim.

Era impossível se habituar. Independentemente do lugar, do motivo, da pessoa com quem estivesse, eles ignoravam a hora e a boa educação. Estavam sempre por perto.

Naturalmente, ela compreendia que era assim que tinha de ser. Com a mesma naturalidade, mal tinha passado um mês no seu novo cargo, reconheceu que nunca se sentiria à vontade com os seguranças mais ou menos invisíveis. Com os seguranças que trabalhavam de dia era diferente. Rapidamente, aprendeu a ver na sua presença uma constante da sua vida. Eles diferenciavam-se dos outros. Tinham rostos. Alguns tinham até nomes, nomes que ela foi autorizada a usar, ainda que estivesse em aberto a possibilidade de esses nomes serem falsos.

Era pior com os outros. Incontáveis e invisíveis, as sombras armadas, ocultas, que se encontravam à sua volta, sem que ela soubesse realmente onde. Faziam-na sentir-se desconfortável,

vagamente paranoica. Eles tomavam conta dela. Eles queriam o seu bem na medida em que podiam sentir alguma coisa por ela, outra coisa que não o dever.

Ela pensava estar preparada para a vida como objeto, até que, algumas semanas depois de assumir a presidência, percebeu que era impossível preparar-se para um tipo de vida como aquele.

Não completamente.

Ao longo de toda a sua carreira política, tinha-se concentrado nas oportunidades e no poder. Manobrava com precisão para atingir as suas metas. É claro que se tinha deparado com obstáculos no seu caminho. Obstáculos profissionais e políticos, mas também má vontade e rancor, inveja e perversidade. Ela escolhera a carreira política num país com grandes tradições de ódio personificado, de difamação organizada, de revoltante mau uso da autoridade e até mesmo de atentados. No dia 22 de novembro de 1963¹, então com treze anos, apavorada, viu seu pai chorar pela primeira vez, e durante vários dias achou que o mundo ia acabar. Era ainda adolescente quando Bobby Kennedy e Martin Luther King foram assassinados no mesmo decênio tenebroso. No entanto, nunca considerou esses ataques como pessoais. Para a jovem Helen Lardahl, os assassinatos políticos eram ataques inadmissíveis contra ideais, contra valores e comportamentos que ela avidamente fizera seus; quase quarenta anos depois, ainda se emocionava sempre que revia a gravação do famoso discurso “I have a dream”.

Quando os aviões sequestrados atingiram o World Trade Center em Setembro de 2001, ela compreendeu-o, portanto, da mesma maneira que os quase trezentos milhões dos seus compatriotas: o terrorismo era um ataque aos ideais americanos. As quase três mil vítimas, os incompreensíveis prejuízos materiais e a mudança definitiva da linha do horizonte de Manhattan uniram-se para formar uma unidade maior: o ideal americano.

Dessa forma, cada vítima, cada heroico bombeiro, cada criança órfã e cada família desfeita tornaram-se um símbolo muito maior do que eles próprios e, por consequência, tanto a nação como os sobreviventes foram capazes de suportar as perdas.

Fora assim que ela sentira os acontecimentos. Fora assim que ela pensara.

Só agora, no papel de alvo número um, é que começara a suspeitar da fraude em tudo aquilo. Agora, ela era o símbolo. O problema estava no fato de não se sentir um símbolo. Em todo o caso, não apenas. Ela era mãe. Esposa e filha, amiga e irmã. Ao longo de quase duas décadas, trabalhara intensa e conscientemente para a meta que queria atingir, a de ser presidente dos Estados Unidos da América. Ela queria o poder, desejava ter essa possibilidade. E conseguira.

E a fraude ficou cada vez mais óbvia.

Nas noites sem sono podia ser doloroso.

Lembrava-se de um dos funerais a que fora, da mesma forma como foram todos os outros — senadores e congressistas, governadores e outras personalidades proeminentes que queriam partilhar a Grande Dor Americana — a enterros e missas em memória deste e daquele, permanecendo sempre bem visíveis para os fotógrafos e jornalistas.

Naquele caso, a pessoa falecida era uma mulher recém-contratada como secretária de uma empresa instalada no septuagésimo terceiro andar da Torre Norte.

O viúvo teria no máximo uns trinta anos. Estava sentado na primeira fila da capela com um rapazinho em cima de cada joelho. Uma menina de seis, sete anos, estava sentada ao seu lado, acariciando a mão do pai a toda a hora, quase compulsivamente, como se compreendesse que o pai estava prestes a perder a razão e que devia lembrar-lhe a toda a hora que também existia. Os fotógrafos se concentravam nos meninos, os gêmeos, de dois ou três

anos, e na bonita menina toda vestida de preto, cor que nenhuma criança devia usar.

Em contrapartida, ao passar pelo caixão, Helen Lardahl Bentley olhou fixamente o pai. Não foi dor o que ela viu, não a dor como ela própria a sentia. O rosto dele estava contorcido pelo desespero e pela angústia, num estado de pânico total. Aquele homem não entendia como é que o mundo podia continuar a mover-se. Ele não sabia como poderia tomar conta das crianças. Não sabia como arranjar as coisas para que tudo seguisse o seu caminho em frente, como poderia conseguir o dinheiro para pagar a casa e as escolas, como poderia arranjar forças para educar sozinho três crianças. Ele conseguira os seus quinze minutos de fama porque a mulher tinha estado no lugar errado, na hora errada e, absurdamente, fora elevada à categoria de heroína americana.

Nós os usamos, pensou Helen Lardahl Bentley, olhando agora para fora, para o escuro fiorde de Oslo, através de uma janela panorâmica virada para sul. O céu continuava com uma estranha cor azul-escura, como se se recusasse a anoitecer. *Nós os usamos como símbolos para conseguir que o povo se unisse. Conseguimos. Mas o que ele estará fazendo agora? Como está agora? E as crianças? Por que não me atrevi a tentar saber?*

Os seguranças continuavam lá fora. Nos corredores. Nos quartos à sua volta. Nos telhados das casas e nos carros estacionados. Estavam em todos os lugares e mantinham os olhos fixos nela.

Ela tinha de dormir. Era obrigada a dormir. A cama parecia convidativa, com edredões de penas, tal como se lembrava deles no quarto do sótão da casa da avó no Minnesota, quando ainda era criança e, abençoadamente, sabia tão pouco de tudo e podia fechar as portas ao mundo puxando o cobertor axadrezado sobre a cabeça.

Desta vez, o povo não ficaria unido. Por isso mesmo, a situação era pior. Infinitamente mais ameaçadora.

A última coisa que fez antes de adormecer foi marcar a hora de despertar no celular. No momento, eram três da manhã, mas, por estranho que parecesse, já começava a clarear lá fora.

¹ Dia em que John F. Kennedy foi assassinado em Dallas. (N. do T.)

Terça-feira, 17 de maio de 2005

1.

O Dia Nacional da Noruega começou como normalmente muito antes de amanhecer. A polícia de Oslo já tinha prendido vinte adolescentes completamente descontrolados e bêbados, que agora dormiam na cadeia em fase de desintoxicação e à espera de que os pais os viessem libertar com um sorriso indulgente nos lábios. O resto dos muitos milhares de alunos que tinham feito o exame final fazia todo o possível por não dormir demasiado e chegar atrasado para as festas. Camiões baratos com aparelhagens de som caríssimas atroavam as ruas com a sua música. Alguns dos jovens já andavam a passear vestidos a rigor. E corriam como cachorrinhos atrás dos automóveis profusamente enfeitados, pedindo aos colegas cópias das fotos que estes tiravam aos carros. Nos cemitérios, reuniam-se grupos de veteranos de guerra, a cada ano em menor número, para fazer um apelo, calma e tranquilamente, pela paz e Uberdade. As bandas de música passavam pelas ruas sem entusiasmo. O som agudo das trompetas fez com que aqueles que ainda dormiam nas suas casas se levantassem para beber a primeira caneca de café. Nos parques da cidade, um ou outro marginal saía desorientado de baixo do cobertor e de sacos de plástico, sem que realmente chegasse a saber do que se tratava.

O tempo estava como costumava estar. O manto de nuvens quebrava-se lá para sul, mas não havia qualquer sinal de que o dia seria ameno. Pelo contrário, a julgar pelo tom cinza pesado do céu a norte, havia motivos para recear aguaceiros intermitentes. As árvores ainda continuavam semidespidas, embora as bétulas já estivessem cobertas de rebentos e flores cheias de pólen. Em todo o país, os pais já tinham começado a vestir as crianças que, muito antes do pequeno-almoço, pediam gelados e cachorros-quentes.

Por todo parte, as bandeiras flutuavam ao vento forte.

O reino da Noruega estava pronto para celebrar.



Em frente a um hotel de Oslo, uma policial tremia de frio. Tinha permanecido naquele lugar durante toda a noite. Olhava para o relógio tão discretamente quanto possível, cada vez com maior frequência. De vez em quando, permitia a si própria uma curta conversa com um colega que estava de guarda a cinquenta ou sessenta metros de distância, mas de resto a noite tinha sido anormalmente tranquila. Por momentos, tentou matar o tempo adivinhando quantos seguranças estavam a postos.

O número de transeuntes tornara-se reduzido pelas duas horas da madrugada. Pelo que podia ver, não havia seguranças nos telhados. Nem os automóveis pretos, facilmente reconhecíveis, com agentes secretos dentro tinham passado pelo hotel depois de a presidente americana ter chegado e sido acompanhada até o quarto, logo depois da meia-noite. Mas, normalmente, eles estavam lá, vigilantes. Sabia-o, apesar de ser apenas uma mera assistente que servia de decoração no seu uniforme bem engomado e que se arriscava, tremendo com o frio, a contrair uma inflamação na bexiga.

Um cortejo de carros aproximava-se da entrada principal do hotel. Usualmente, o caminho de acesso estava aberto, sem restrições. Mas naquele momento havia grades de metal impedindo a entrada não autorizada no modesto acesso.

A agente da polícia abriu duas das grades, como lhe tinham dito para fazer. Depois, afastou-se para a calçada e deu alguns passos, timidamente, na direção da entrada. Talvez pudesse ver a presidente a curta distância quando viessem buscá-la para o pequeno-almoço de gala. Seria uma recompensa bem-vinda depois de uma noite

infernai. Não que se importasse muito com isso, mas afinal a mulher era a mais poderosa do mundo.

Ninguém a impediu.

Quando o primeiro carro parou diante da entrada, surgiu um homem pela porta giratória do hotel, quase correndo. Não usava chapéu, capa ou sobretudo. Tinha um rádio portátil pendente do ombro por uma alça e a polícia reparou que ele usava um coldre com uma arma por baixo do casaco desabotoado. O seu rosto não apresentava verdadeiramente qualquer expressão definida.

Um homem de terno escuro saiu do lugar ao lado do motorista do primeiro carro. Era baixo e atarracado. Antes de sair, porém, o homem do rádio a tiracolo já se tinha aproximado e segurava-lhe o braço. Ficaram os dois em pé, durante alguns segundos, o mais alto ainda a segurar o mais baixo pelo braço e a conversar em surdina.

— O quê? What?

O norueguês atarracado não tinha o rosto impassível do americano. Manteve a cabeça baixa por momentos, antes de se endireitar. A agente da polícia deu mais alguns passos em direção ao carro, mas continuou sem perceber o que diziam.

Outros quatro homens saíram do hotel. Um deles falava baixo ao celular, olhando para a escultura de uma figura hedionda de homem em aço brilhante que estava de pé como se esperasse um táxi. Os outros três agentes fizeram sinal a alguém que a agente da polícia não podia ver e depois todos, como que obedecendo a uma ordem, olharam na sua direção.

— Hey, vou. Officer! Vou! — Ela sorriu, insegura. Depois, levantou a mão e apontou para si mesma com uma expressão interrogativa. — Yes, vou — repetiu um dos homens, aproximando-se dela em três largas passadas. — Identificação, por favor.

Ela tirou do bolso a carteira de identificação e mostrou-a. O homem olhou de relance para o coldre da arma norueguesa. Antes mesmo de virar a carteira para ver a foto, devolveu-a.

— A porta principal — frisou ele e, tendo já dado meia-volta para se afastar, acentuou: — Ninguém entra, ninguém sai. Compreendeu?

— Sim. Sim. — A jovem polícia engoliu em seco e ficou de olhos arregalados. — Sim, senhor!

O homem já estava demasiado longe para ouvir a frase de cortesia de que ela, finalmente, se lembrou. O colega de serviço durante a noite também se aproximou da entrada principal, tendo aparentemente recebido a mesma ordem e também mostrado a mesma confusão. Rapidamente, os quatro carros do cortejo partiram a toda a velocidade, seguiram em frente e desapareceram.

— O que está acontecendo? — sussurrou a policial, colocando-se na frente da porta dupla de vidro, enquanto o colega parecia totalmente desorientado. — Que diabo aconteceu?

— Temos que vigiar... Temos que vigiar essa porta, acho.

— É claro. Isso entendi. Mas para quê? O que aconteceu?

Uma senhora idosa do lado de dentro tentou acionar a porta giratória. Usava uma capa vermelha, bem escura, e um chapéu azul ridículo com flores brancas nas bordas.

No peito, tinha colocado um crachá comemorativo do 17 de Maio, com fitas tão longas que quase chegavam ao chão. Finalmente, após várias tentativas, conseguiu fazer rodar a porta e sair.

— Lamento, senhora. Vai ter que esperar um pouco.

A agente falou com o sorriso mais amigável que conseguiu armar.

— Esperar — repetiu a senhora, inamistosamente. — Tenho encontro marcado com a minha filha e a minha neta em quinze minutos! Tenho lugar no...

— Não vai demorar muito, certamente — tranquilizou-a a agente. — Se não se importa, podia...

— Eu tomo conta do caso — disse um homem com o uniforme do hotel, que saiu da recepção em passos rápidos. — Se não se importar de me seguir e...

— *Oh say, can you seeeeeeee, by the dawn's early lllllight...*

Uma voz tonitruante fez-se ouvir repentinamente na atmosfera da manhã. A agente da polícia virou-se. De noroeste, de uma rua que ia dar a um estacionamento no lado sul da Estação Central, chegou um homem alto, com sobretudo preto, microfone e uma orquestra pelas costas.

— *... what so prouuuuudly we hailed...*

Ela reconheceu-o de imediato. Os uniformes brancos dos músicos eram facilmente identificáveis e ela recordou-se de repente que a Orquestra da Juventude de Sinsen e o homem com a voz poderosa, segundo os planos feitos, iriam criar uma atmosfera caseira para a *Madam President* precisamente às oito e meia, antes de ela ser levada para o pequeno-almoço no Slotet, o Palácio Real.

Um redemoinho de vento transformou-se em furacão. O cantor inclinou-se para a frente como que para tomar balanço e inspirou fundo: — *...all the twilight's last gleeeeeeeeming...*

A orquestra tentava tocar num ritmo que fazia lembrar o de uma marcha. O cantor, em contrapartida, continuava a inclinar-se para a frente num tom mais elevado. Como se atrasava no ritmo, a apaixonada mímica do corpo fazia um contraste ridículo com o estilo militar dos músicos.

Madam President fazia-se esperar. O cortejo de carros há muito que tinha desaparecido. Os americanos que tinham dado as ordens antes de voltar a correr para dentro do hotel também já não se avistavam por trás das portas. Apenas a velha dama continuava lá, aparentemente furiosa. Ao que tudo indicava, alguém desligara o sistema de abertura das portas. A jovem polícia estava sozinha e sem saber o que fazer. Até mesmo o colega tinha desaparecido. Além do mais, começava a pensar se deveria aceitar ordens de um estrangeiro. Mas também nenhum outro polícia a tinha vindo substituir como combinado.

Talvez devesse telefonar para alguém.

Talvez fosse por causa do frio. Talvez fosse consequência do nervosismo face à importância da missão. De qualquer forma, quarenta músicos e uma estrela musical tinham continuado a apresentar o seu número, *The Starspangled Banner*, numa rua fechada e transformada num malogrado local de festa, com uma única polícia como espetadora.

— Droga, Marianne! Com os diabos!

A agente da polícia virou-se. De uma das portas laterais do hotel saía o seu colega a correr. Não trazia o boné na cabeça e ela, franzindo o nariz, resolveu colocar o seu na posição certa.

— A mulher desapareceu, Marianne. Ele estava ofegante. Respirou fundo.

— O quê?

— Ouvi um casal e... Eu queria apenas saber o que tinha acontecido e...

— Nós recebemos ordens para ficar aqui a guardar a porta!

— Eu não recebo ordens deles! Eles não têm jurisdição sobre este lugar. E já devíamos ter sido substituídos há meia hora. Por isso, fui lá dentro — ele apontava insistentemente a porta lateral — e os funcionários do hotel, sabe, eles não me barraram por causa do uniforme e do resto, e eu...

— Quem desapareceu?

— A mulher! Bentley! A presidente!

— Desapareceu... — repetiu ela, ainda sem entender.

— Desapareceu, sim. Sem que ninguém saiba para onde. De qualquer maneira... Eu ouvi dois deles falando e...

Ele interrompeu a conversa e pegou no celular.

— Para quem está... — começou Marianne, ao mesmo tempo em que ouvia a orquestra que entrava agora num crescendo. — Para quem está ligando?

— VG — sussurrou o colega. — Vai valer no mínimo dez mil... Com uma rapidez incrível, ela tirou o telefone das mãos dele.

— Não vai ligar para a imprensa, não. — Corou. — Temos que encontrar a... encontrar a...

A jovem olhou o aparelho como se esperasse algum tipo de ajuda dele.

— Quem devemos...

— ... *and the laaaaand of the freeeee!*

A canção terminou. O solista fazia uma reverência, agradecendo, inseguro. Alguém na orquestra riu. Depois, todos ficaram em silêncio.

A voz da policial soava fina e aguda e sua mão tremia ao devolver o telefone ao colega, perguntando: — Com os diabos, com quem devemos falar agora?

2.

A secretária do ministro da Justiça estava sozinha na sua sala. Tirou três pastas de mola de um armário metálico da sala dos arquivos, uma amarela, uma azul e uma vermelha.

Colocou-as em cima da mesa do ministro. Em seguida, foi preparar café. Foi buscar, também, canetas, lápis e blocos de papel para a sala de reuniões. Com dedos ágeis, ligou em seguida três dos computadores, o dela, o do ministro e o do gabinete do ministro. Da sua própria escrivaninha, tirou um cronometro antes de voltar para a sala de arquivos. Sem muito esforço, desviou para o lado uma das prateleiras, aparecendo um painel com algarismos em vermelho. Acionou o cronômetro. registrou um número de dez algarismos e verificou o relógio. Trinta e quatro segundos mais tarde, registrou uma nova senha e ficou a olhar para o relógio.

Esperou. Esperou. Passou mais um minuto e meio. Nova senha. A porta abriu.

Ela tirou uma caixa cinzenta e deixou o resto no mesmo lugar. Depois, fechou o arquivo novamente, seguindo o mesmo complicado procedimento.

Tinha levado exatamente seis minutos a chegar ao escritório. Ela e o marido estavam a caminho da casa da sobrinha em Baerum para passar o dia com corridas de sacos e a comer crepes doces na Escola Ejve quando o celular tocou. Assim que viu o número no aparelho, pediu ao marido para mudar de direção e sair da Ringveien. Ele acabou por a levar ao quarteirão do governo, sem mesmo perguntar por quê.

Ela foi a primeira a chegar.

Lentamente, deixou-se cair na cadeira e compôs o cabelo com a mão.

“Código quatro”, dissera a voz no telefone.

Podia ser um exercício, idêntico ao que tinham treinado com regularidade nos últimos três anos. Podia mesmo ser mais um exercício. No dia 17 de Maio?

Um exercício no Dia Nacional da Noruega?

A secretária se assustou quando a porta que dava para o corredor se abriu com estrondo. O ministro da Justiça entrou sem cumprimentar ninguém. Caminhava com passos curtos, rigidamente, como se tivesse de se forçar a não correr.

— Temos rotinas preestabelecidas para esse problema — dizia ele com um tom um pouco alto demais. — Estão todos preparados?

Ele falara tal como andava, em *stacatto*, com severidade. A secretária não tinha a certeza se a pergunta era dirigida a ela ou a um dos três homens que tinham entrado atrás dele. Por uma questão de segurança, acenou com a cabeça, afirmativamente.

— Muito bem — disse o ministro da Justiça, sem parar, a caminho da sua sala. — Temos rotinas. Estamos preparados. Quando chegam os americanos?

Americanos, pensou a secretária, sentindo o calor subir à cabeça. *Os americanos*. Involuntariamente, olhou de relance para a grossa pilha de correspondência sobre a visita de Helen Lardahl Bentley.

O diretor-geral do PST, Peter Salhus, não continuou com os outros três. Em vez disso, aproximou-se da secretária e cumprimentou-a: — Há muito tempo que não nos víamos, Beate. Gostaria que as circunstâncias fossem outras.

Ela se levantou, passou a mão na saia e estendeu-a para ele.

— Não sei exatamente...

Engasgou-se e teve de tossir para clarear a voz.

— Em breve — disse ele. — Em breve, será informada.

A mão dele estava quente e seca. Ela a reteve na sua um nadinha mais do que normal, como se precisasse da segurança que vinha daquele aperto de mão. Depois, acenou afirmativamente com a cabeça.

— Já foi buscar a caixa cinza? — perguntou ele.

— Sim.

Entregou-a. Todas as comunicações no Ministério podiam ser encriptadas ou distorcidas com uma única ação manual, sem necessidade de equipamento especial. Raramente isso era necessário. Ela não se lembrava de alguém o ter pedido nos últimos tempos. Um ou outro telefonema com o ministro da Defesa, talvez, por uma questão de segurança.

Em situações extraordinárias, porém, a caixa era para ser usada. O que nunca tinha acontecido. A não ser em simulações.

— Apenas duas perguntas...

Salhus, distraído, avaliava o peso da caixa.

— Não é um exercício de ginástica, Beate. E se prepare para ficar aqui por algum tempo. Mas... alguém sabe que está aqui?

— Meu marido, claro. Nós...

— Não lhe telefone por enquanto. Espere o mais que puder antes de lhe dar qualquer informação. É um assunto que se espalhará muito rapidamente. Por enquanto, vamos ganhar todo o tempo que pudermos. Já convocamos o Conselho Segurança. De preferência, queremos que todos cheguem e se reúnam antes que o assunto...

O sorriso dele não lhe chegou aos olhos.

— Café? — perguntou ela. — Devo trazer algo para beber?

— Nós cuidamos disso. Por favor, deixe ali mesmo, está bem?

Ele mesmo pegou a cafeteira.

— Há xícaras, copos e água mineral lá dentro — disse a secretária.

A última coisa que ouviu antes de a porta se fechar atrás do diretor-geral do PST do reino foi a voz aguda do ministro da Justiça:

— Temos rotinas para isso! Será que ninguém conseguiu ainda localizar o primeiro-ministro? Ah... Onde foi parar o primeiro-ministro? Temos rotinas para isso!

Depois voltou o silêncio. Através das janelas de vidros duplos, não conseguia ouvir sequer o cortejo de carros com estudantes que tinham decidido estacionar em frente do Ministério da Cultura.

Lá, todas as janelas estavam às escuras.

3.

Johanne Vik não sabia como ia conseguir fazer tudo naquele dia. Nunca sabia ao certo como sobreviver ao 17 de Maio. Tinha na sua frente a blusa do traje folclórico de Kristiane.

Nesse ano, tinha sido previdente e preparado mudas de roupa. A primeira que fora vestida já estava suja pelas sete e meia da manhã. Já tinha geleia no braço e um pedacinho de chocolate derretido no colarinho. Rodopiando no meio do quarto, estava uma menina de dez anos de idade ainda nua, esbelta e delicada, com um olhar que raramente se fixava em alguma coisa ou alguém.

Já eram quase dez e meia e todos estavam com pressa.

— Feliz Natal — cantava a criança. — Santo Natal. Os anjos descem em charretes, alegria total. Bom dia, minha bonita árvore. Que o Senhor levante seu rosto para ti e te dê toda a paz do mundo.

— Você está um pouco enganada quanto à data — disse Adam Stubo, sorrindo abertamente e afagando ternamente os cabelos da enteada. — O dia 17 de Maio tem suas próprias canções. Sabe onde foram parar minhas abotoaduras, Johanne?

Ela não respondeu. Se tivesse lavado a primeira blusa e a tivesse colocado na secadora, a menina teria começado o dia com roupa lavada.

— Olhe para isso — disse ela, segurando a blusa diante dos olhos de Adam.

— Isso não tem importância nenhuma — reagiu ele. E continuou a procurar.

— Kristiane certamente tem várias blusas brancas no armário.

— Várias blusas brancas? — Ela revirou os olhos. — Faz ideia do que meus pais pagaram por essa fantasia? Sabe, por acaso, como minha querida mamãe vai ficar zangada se aparecermos com ela numa blusa comum da H&M?

— Uma criança nasceu em Belém — continuava Kristiane com sua liturgia. — E *hip-hurra* por isso.

Adam pegou a blusa e deu uma olhada nas manchas.

— Resolvo isso já — disse ele. — Em cinco minutos, com um pouco de sabão em pó e um secador de cabelo. Você subestima sua mãe. São poucos os que entendem Kristiane tão bem quanto ela. Vista Ragnhild e podemos sair em quinze minutos.

A criança de dezesseis meses estava profundamente concentrada numa construção com pequenos blocos coloridos num canto do quarto. Parecia que a canção e a dança da irmã não a perturbavam. Com um cuidado extremo, colocou os blocos uns em cima dos outros e sorriu quando a torre atingiu a altura do seu rosto.

Johanne não tinha coragem de interrompê-la. Em momentos como este, espantava-se com o abismo que havia no comportamento das duas meninas. A mais velha, tão esbelta e delicada; a outra, tão incrivelmente robusta. Kristiane era difícil de entender, complicada; Ragnhild, saudável e extrovertida, ao colocar o último bloco em cima, descobria a mãe e sorria, um sorriso rasgado que deixava ver oito dentinhos muito brancos.

— Gastei, mamãe. Olhe.

— Gloriosa é a terra — cantava Kristiane com uma voz muito clara e límpida.

— Glorioso é o céu de Deus.

Johanne pegou a filha mais velha. A criança deixou-se levantar como se fosse um bebê nos braços da mãe.

— Não é Natal — disse Johanne calmamente, dando um beijo na face quente da criança. — É o 17 de Maio, não é?

— Eu sei — disse Kristiane, dirigindo o olhar por um curto momento para a mãe, antes de continuar com voz monótona: — É o Dia da Restauração Nacional. Festejamos nossa independência e liberdade. Este ano, além disso, marca o primeiro centenário da

nossa separação da Suécia, união que durou entre 1814 e 1905. É isso que festejamos.

— Meu amor — sussurrou Johanne, dando-lhe mais um beijo. — Você é tão inteligente. Mas agora precisa se vestir.

— Adam pode fazer isso.

Ela se desprende dos braços da mãe e correu descalça para o banheiro. Ao passar pela TV, parou e ligou o aparelho. O hino nacional da Noruega saiu estrondosamente dos alto-falantes. Kristiane tinha colocado no máximo o som na noite anterior. Johanne pegou o controle remoto e baixou o som daquela algazarra. Quando se virou para procurar a roupa da filha mais nova, alguma coisa chamou sua atenção.

A cena era clássica. O mar de gente bem vestida diante do Slotet. Bandeiras pequenas e grandes, pensionistas em fila para as cadeiras disponíveis logo por baixo do terraço real. Um primeiro plano de uma menina paquistanesa com o traje nacional da Noruega que sorria para a câmera e acenava entusiasticamente. Quando a câmera passou pelos estandartes e focou na repórter, alguma coisa aconteceu. A locutora ajustara o fone de ouvido e parecia desorientada. Sorrindo envergonhada, olhou para o que parecia um manuscrito.

Mas não se ouvia nada. Nesse momento, ela virou-se para os papéis que tinha nas mãos como se não quisesse ser filmada. Transmitiram duas cenas rápidas e sem motivo aparente.

Um relance do alto das árvores a leste do palácio, uma criança chorando e gritando, sentada nos ombros do pai. As imagens estavam desfocadas.

Johanne aumentou o volume de novo.

A câmera encontrou finalmente a repórter que, no momento, estava com a mão na orelha esquerda, ouvindo com toda atenção. Um jovem se ergueu acima do ombro dela e gritou viva.

— E agora... — disse a desorientada locutora por fim. — Agora, vamos fazer um pequeno intervalo aqui da Karl Johan... Voltamos logo em seguida, mas primeiro...

O jovem fazia gestos atrás da cabeça da repórter e ria às gargalhadas.

— Passamos agora para Marienlyst para uma notícia extraordinária — disse a repórter um pouco depressa demais. A imagem foi cortada de imediato.

Johanne olhou o relógio. Dez e trinta e sete.

— Adam — chamou ela, serenamente. — Ragnhild derrubou sua torre. O noticiário voltou. — Adam — gritou Johanne. — Adam, vem aqui depressa!

O apresentador no estúdio vestia terno preto. O cabelo ondulado parecia mais grisalho do que habitualmente e Johanne ficou com a impressão de que ele engoliu em seco duas vezes antes de abrir a boca.

— Deve ter morrido alguém — disse Johanne.

— Como?

Adam entrou na sala com Kristiane já vestida nos braços.

— Quem morreu?

— Shiu!

Ela indicou a TV.

— Repetimos: por enquanto, esta é uma mensagem não confirmada, mas...

A notícia extra na NRK devia ser quente. O experimentado apresentador do noticiário pressionou o indicador no fone de ouvido e ficou escutando, tenso, por alguns segundos, antes de encarar de novo a câmera e prosseguir: — Vamos ligar para... — Mas franziu a testa e hesitou. Depois, retirou o fone do ouvido, juntou as mãos e resolveu continuar por conta própria. — Temos uma série de repórteres em campo e, como os telespectadores podem entender, estamos com alguns problemas técnicos. Vamos voltar em alguns

momentos com nossos repórteres na rua. Até lá, vou repetir o que se sabe. A presidente americana, Helen Lardahl Bentley, não apareceu no café da manhã previsto para este 17 de maio no Slotet. Nenhum motivo oficial para sua ausência foi dado até agora. Nem por parte do Stortinget. O parlamento norueguês deveria ser visitado pela presidente americana e ela devia seguir de lá num desfile de crianças, acompanhada pelo presidente da instituição, Jorgen Kosmo. E... Um momento...

— Ela está... está morta?

— Morta, esfolada e enterrada — disse Kristiane.

Adam colocou-a cuidadosamente no chão.

— Eles ainda não sabem — comentou Johanne. — Mas, ao que parece, ela...

Um som agudo veio da TV, antes de a imagem ser cortada e passar para um repórter que ainda não tinha tido tempo para retirar o crachá do 17 de Maio da lapela.

— Estou aqui diante da sede da polícia de Oslo — disse ele, ofegante, esbaforido, com o microfone tremendo na mão. — Mas é certo que aconteceu alguma coisa. O chefe Bastesen, do Departamento de Polícia, que normalmente seguiria na frente do desfile comemorativo do 17 de Maio, acaba de subir pelo caminho aqui atrás de mim, com... — virou-se um pouco e apontou uma leve ladeira que levava à entrada principal do Polishuset, a sede da polícia — com várias outras pessoas. Ao mesmo tempo, uma série de carros da polícia saíram dos fundos, alguns com as sirenes ligadas.

— Harald — interrompeu um dos homens no estúdio. — Harald Hansen, está me ouvindo?

— Sim, Christian, estou ouvindo...

— Alguém deu alguma explicação para o que está acontecendo?

— Não, nem sequer é possível chegar na entrada. Mas os rumores andam no ar com força. Devemos ser agora uns doze ou treze jornalistas aqui e ao que tudo indica é absolutamente claro que

aconteceu alguma coisa com a Presidente Bentley. Ela não compareceu a nenhum dos compromissos previstos para a manhã, nem à entrevista coletiva que devia ter dado no parlamento, antes do desfile das crianças. A entrevista foi simplesmente cancelada. O serviço de imprensa do governo parece que desmoronou totalmente e por enquanto...

— Que diabos está acontecendo? — sussurrou Adam, deixando-se cair num dos braços do sofá.

— Céus...

— Temos gente dentro e fora do Rikshospitalet e do Ullevål — continuou o repórter, ainda ofegante —, onde Bentley, naturalmente, teria dado entrada caso sua ausência fosse devida a problemas de saúde. No entanto, pelo que se sabe, ela não está aqui e nada, eu repito, absolutamente nada dá a entender que haja movimentações extraordinárias em qualquer desses hospitais. Não há segurança reforçada, não há movimentação fora do normal, nada. E...

— Harald! Harald Hansen!

— Estou ouvindo, Christian.

— Fui obrigado a interromper porque acabamos de receber...

A imagem voltou para o estúdio. Johanne não se lembrava de já ter visto algum apresentador da TV receber o texto do noticiário no ar. O braço do mensageiro ainda era visível quando a imagem passou para o apresentador, que procurava os óculos de que não precisara até então.

— Recebemos um comunicado do gabinete do primeiro-ministro — disse, clareando a voz. — Passo a ler...

Nesse momento, Ragnhild resolveu começar uma gritaria infernal. Johanne foi de costas até o canto onde a menina, agitando os braços, gritava como se estivesse possuída pelo demônio.

— Essa mulher desapareceu — disse Adam, como que em transe.
— Diabos me levem se essa mulher não desapareceu.

— Quem desapareceu? — perguntou Kristiane, dando-lhe a mão.

— Ninguém — respondeu ele num tom de voz quase inaudível.

— Mas você disse que uma mulher tinha desaparecido — insistiu Kristiane.

— Ninguém que nós conhecemos — disse ele, escondendo a verdade.

— De qualquer forma, não foi a mamãe. A mamãe está aqui. E nós vamos para a festa na casa da avó e do avô. A mamãe nunca vai embora.

Ragnhild se acalmou assim que a mãe a pegou no colo. Pôs o polegar na boca e aninhou a cabeça no peito de Johanne. Kristiane continuava com a mão na do pai e balançava o corpo, lentamente, para a frente e para trás.

— *Dam-di-rum-ram* — sussurrava ela.

— Está tudo bem — disse ele, distraído. — Não há perigo nenhum, meu amorzinho.

— *Dam-di-rum-ram*.

Agora, ela vai se fechar, pensou Johanne, desesperada. De fato, Kristiane começou a se alhear, como fazia sempre que sentia alguma ameaça no ar ou se via confrontada com um acontecimento imprevisto.

— Está tudo bem, minha querida. — Ela afagou a cabeça da filha com carinho. — Agora, vamos todos nos arrumar para sair. Vamos à casa da vovó e do vovô, dos meus papais. Como tínhamos combinado.

Mas não conseguia desviar os olhos da tela da TV.

As imagens vinham agora do ar, do helicóptero que circulava lentamente acima do centro de Oslo. A câmera subiu do Stortinget pela Karl Johan. E daí, com a mesma lentidão, para o Slotet.

— Mais de cem mil pessoas — sussurrou Adam, que estava como que preso à televisão e nem notara que Kristiane tinha largado sua mão. — Talvez o dobro disso. Como vão poder...

Kristiane se levantou e bateu com a cabeça num armário.

— A mulher desapareceu — murmurava ela. — *Dam-di-rum-ram*.
A mulher desapareceu.

Depois, começou a chorar de mansinho, inconsolável.

4.

Abdallah al-Rahman tinha comido bem. Afagou com a mão a barriga que parecia que ia explodir. Pensou por um momento em adiar a sessão de exercício. Realmente, tinha comido demais. Por outro lado, havia muito para fazer naquele dia. Se não treinasse naquela hora, não teria tempo mais tarde. Por isso, fechou-se no enorme ginásio. Um vento frio atingiu-o como um agradável sopro. Fechou bem a porta antes de se despir, peça por peça. Finalmente, ficou como sempre, descalço e com seu largo short branco.

Começou pela esteira. Primeiro, lentamente, num programa de treinamento com intervalo de quarenta e cinco minutos, o que lhe daria quase meia hora com os halteres. Um pouco menos do que gostava. Mas era melhor do que nada.

Naturalmente, não tinha recebido nenhuma comunicação. Nenhuma confirmação, nada de mensagens, telefonemas ou e-mails encriptados. Os meios de comunicação modernos eram uma espada de dois gumes. Eficientes, mas ao mesmo tempo cada vez mais perigosos. Decidiu ir encontrar-se com um homem de negócios francês durante o pequeno-almoço e foi rezar a oração da manhã. Durante uma curta visita à criação de cavalos, foi examinar uma poldra nascida durante a noite e já uma belíssima estampa. Ninguém incomodara Abdallah al-Rahman com nada além do que era normal no seu dia a dia. Nem teria sido necessário.

A CNN já lhe tinha dado todas as garantias de que precisava. Aparentemente, tudo andava como planejado.

5.

As coisas funcionaram.

Foi a conclusão a que ela chegou quando, finalmente, teve tempo para fumar um cigarro. A secretária do ministro da Justiça, Beate Koss, não era uma fumante inveterada, mas tinha sempre um maço de dez cigarros na na bolsa. Já tinha vestido o casaco e descido de elevador para a entrada, fechada ao público, com dois homens montando guarda. Beate estremeceu ligeiramente com o frio no saguão, mas fez sinal ao policial, que imediatamente abriu a porta para ela sair.

Atravessou a rua.

As coisas tinham funcionado bem, sim. Tudo o que até então eram apenas diretivas fechadas a sete chaves e pura teoria naquela manhã tinha se tornado realidade no espaço de duas horas. O equipamento de comunicações e as rotinas de emergência funcionaram como deviam. As pessoas-chave foram chamadas e o centro de comando montado.

Até mesmo o ministro da Defesa, que estava em Svalbard por causa do Dia da Restauração Nacional, voltou a tempo. Todos sabiam qual era seu papel e conheciam o seu lugar na engrenagem de um grande mecanismo que supostamente devia funcionar por si próprio uma vez posto em movimento. Com uma ou duas horas de atraso, segundo Peter Salhus, reconheceu ela. Mas não podia deixar de sentir uma espécie de orgulho por ter participado num acontecimento tão importante e verdadeiramente histórico.

— Devia ter vergonha do que está pensando — murmurou, acendendo o cigarro.

A notícia do desaparecimento da presidente americana ainda não tinha surgido nem em surdina durante os festejos. Gritos, berros e urros na Karl Johan faziam eco entre os edifícios do quarteirão do

governo. As pessoas que passavam por ela, apressadas, riam e sorriam. Talvez nem soubessem de nada, apesar de a notícia já ter sido trazida a público há muito tempo e de os dois grandes canais de televisão terem feito várias interrupções na sua programação normal, durante toda a manhã, para noticiarem o caso. Era como se a nação se recusasse a ser importunada na sua grande festa anual.

O cigarro fez com que se sentisse bem.

Hesitou por um momento antes de acender outro cigarro. O seu olhar vagueou de um grupo de jornalistas diante do edifício para os vidros esverdeados e blindados do sétimo andar. Estes distinguiam-se facilmente dos outros no mesmo edifício. Nos seus momentos de ócio, muitas vezes se perguntara por que razão o ministro da Justiça tinha vidros blindados na sua sala, quando ia a pé e sozinho para o supermercado e não tinha senão um alarme vulgar da Securitas em casa. Mas, aparentemente, tinha de ser mesmo assim, pensou ela. Como sempre e por uma questão de lealdade, as normas definidas e estabelecidas satisfaziam-na.

Um homem olhava-a lá de cima.

Insegura, ainda assim levantou a mão e acenou. Ele cumprimentou-a também. Era Peter Salhus. Um bom homem. Um homem em quem se podia confiar. Sempre simpático, quando se encontravam. Atento e prestativo. Tão diferente de tantas outras personalidades proeminentes que entravam e saíam da sala do ministro da Justiça e mal se davam conta de que ela existia.

Beate Koss deixou cair a beata no chão e esmagou-a levemente com o pé. Ao voltar a olhar para cima, pareceu-lhe ter visto Salhus dizer alguma coisa antes de correr as cortinas e virar-se para dentro da sala.

Um carro da polícia passou lentamente pela rua, em silêncio, mas com as luzes azuis a piscar.

— Agora que estamos sozinhos — disse Peter Salhus —, acho que quase me devo permitir uma pergunta... — Na sala, estavam apenas

o ministro da Justiça e o chefe de polícia de Oslo. Salhus cofiou a barba e engoliu em seco. — Hotel Ópera — disse ele de repente, olhando para o chefe Bastesen. — Hotel Ópera!

— Sim. E daí?

— Por quê?

— Não estou a perceber a pergunta, realmente — disse Bastesen, um tanto ou quanto irritado e franzindo o sobrolho. — Foi depois...

— Temos nesta área o Continental e o Grand — interrompeu Salhus, num tom de voz que se esforçava por manter baixo. — Hotéis tradicionais, fantásticos. Temos quartos para VIPs muito bons e temos... — Salhus baixou mais um pouco o tom de voz e apontou com o indicador para um mapa colossais do centro de Oslo. — Aqui ficaram reis.

Princesas e presidentes. Até o raio do Albert Einstein... — Ficou em silêncio por momentos e respirou fundo. — E só Deus sabe quantas outras celebridades, estrelas de cinema e prêmios Nobel, todos dormiram bem e em segurança nas suas camas, aqui. — O indicador quase furava o mapa, tanta era a pressão. — E escolheu-se alojar a presidente dos Estados Unidos num diabo de casebre entre uma estação de comboios cheia de drogados e um maldito edifício em construção. Por amor do Senhor, meu Criador...

Endireitou as costas fazendo uma careta. O débil ruído do ar-condicionado era o único som na sala. O ministro e Bastesen debruçaram-se sobre o mapa como se procurassem encontrar a *Madam President* escondida entre os nomes das ruas e os dos bairros.

— Como é que vocês dois puderam escolher um lugar desses?

O ministro da Justiça recuou alguns passos. O chefe de polícia, Bastesen, tentava sacudir o pó da parte da frente do uniforme.

— Nenhum de nós merece esse tom de voz — disse ele, calmamente. E talvez me possa permitir observar que agora somos nós quem tem a responsabilidade da segurança.

Isso significa toda a segurança das personalidades, tanto norueguesas quanto estrangeiras. Posso assegurar-lhe que...

— Terje Bastesen — interrompeu Salhus, enchendo o peito de ar, antes de, lentamente, expeli-lo. — Peço desculpas. Tem razão, não devia me exaltar. Mas...conhecemos bem o Grand! Treinamos para garantir a segurança no Continental. Como foi possível...

— Mas deixe que eu responda, então! — insistiu Bastesen.

— Sugiro que nos sentemos — disse o ministro, ríspido. Nenhum dos outros dois parecia querer seguir a sugestão.

— Eles acabaram de inaugurar uma suíte presidencial — disse Bastesen. O hotel está a preparar-se para receber a elite cultural. Grandes estrelas. Até agora há rumores de que... Tudo bem, não será do nível do Grand, podemos dizer assim, mas, quando a nova ópera ficar pronta, a sua localização será fortemente competitiva e... — O indicador marcou um círculo em volta de Bjorvika. — Neste preciso momento, este é um cruzamento sem nada de especial, tenho de admitir. Mas os planos são... A suíte presidencial satisfazia todas as nossas exigências. Tanto estéticas quanto práticas, e ainda mais sob o ponto de vista de segurança.

Uma vista fantástica. Foi ligada uma suíte já existente com duas outras salas no décimo andar que se tornou... Além disso... — Sorriu disfarçadamente. — O preço era razoável...

Fez-se um silêncio de morte. Salhus olhou boquiaberto para Bastesen que fixou o seu olhar insistentemente no mapa.

— Razoável — irrompeu o diretor-geral do PST, finalmente. — A presidente dos Estados Unidos vem à Noruega. As medidas de segurança são acionadas. Talvez as mais importantes de todos os tempos. E vocês escolhem um hotel por ser... Barato! Barato!

— Como certamente é do conhecimento do seu departamento — disse Bastesen, ainda perfeitamente calmo —, é missão de todas as chefias pouparem os recursos públicos tanto quanto possível. Fizemos uma análise completa do Hotel Opera comparando-o com

os hotéis que mencionou. O Ópera foi considerado a melhor opção. Sob todos os pontos de vista. Talvez lhe deva lembrar que a *Madam President* também está rodeada de um aparato de segurança relativamente grande. Os seus serviços, obviamente, também examinaram a fundo a localização. Levantando poucas objecções, pelo que pudemos entender.

— Sendo assim, acho que devemos deixar as coisas como estão — disse o ministro da Justiça. — Temos de ver a realidade como ela é e não nos devemos ater ao que podia, devia ou tinha de ser feito de outra maneira. Sugiro que agora...

Dirigiu-se para a porta e abriu-a.

— Onde estão as plantas? — perguntou Peter Salhus, olhando para o chefe de polícia.

— Do hotel?

Salhus acenou afirmativamente.

— As plantas estão conosco. Posso fornecer-lhe cópias de imediato.

— Obrigado.

Salhus estendeu a mão num gesto conciliador. Bastesen hesitou, mas acabou por lhe apertar a mão.

Já passava das duas horas. até o momento, ninguém tivera qualquer notícia sobre Helen Lardahl Bentley. Nem sequer se sabia quando ela tinha desaparecido. E o diretor-geral dos serviços de segurança e o chefe de polícia de Oslo ainda não estavam a par de que as plantas que tinham em mãos do edifício curvo do número 44 da Granlandsleiret estavam incompletas e não eram exatas.

6.

O homem acordou com a orelha cheia de vomitado.

O mau cheiro incomodava-o e tentou se levantar. Os braços não lhe obedeciam. Resignado, resolveu deitar-se de novo. Fora longe demais. Recomeçou a vomitar. Nem se lembrava da última vez em que fora obrigado a fazer sair pela boca toda a merda que tinha engolido. Várias décadas de treino tinham tornado o seu estômago imune a tudo. A única coisa que não bebia era metanol. O metanol era a morte. Dois anos antes, depois de encher o bucho com uma boa quantidade de álcool contrabandeado, fora parar ao hospital com dois parceiros de bebedeira. Todos envenenados com metanol. Um deles morreu. O outro ficou cego. Ele próprio só se levantou cinco dias depois e foi direto para casa, sóbrio como nunca tinha estado. O médico disse que teve sorte.

Treino, pensou ele. É preciso ter treino.

Mas desistiu do metanol.

O apartamento parecia um pesadelo. Sabia-o. Tinha de fazer alguma coisa. Os vizinhos começavam a reclamar. Do mau cheiro, primeiro que tudo. Tinha de fazer alguma coisa antes que o expulsassem.

Mais uma vez, tentou levantar-se.

Merda. O mundo parecia girar à sua volta.

Os testículos doíam-lhe intensamente. Tinha vomitado nos cabelos. Se conseguisse fazer descer as pernas do sofá para o chão, talvez pudesse levantar-se. Se não fosse por causa do maldito câncer, tudo teria corrido bem. Não teria vomitado. E teria tido forças para se levantar.

Lentamente, para poupar o que restava de musculatura no corpo magro e seco, apoiou as pernas contra a mesa de centro. Dali a

pouco, conseguiu ficar com os joelhos no tapete e o corpo encostado ao sofá como se estivesse a rezar.

O televisor estava ligado e o som alto demais.

Nesse momento, começou a lembrar. Tinha ligado a TV quando chegara à casa pela manhã. Como num sonho letárgico, lembrou-se de que alguém batera na porta. Alguém irritado e aos berros. Os malditos vizinhos faziam-no sofrer de manhã à noite. Felizmente, não aconteceu nada além disso. A polícia tinha mais que fazer naquele dia do que pôr na cama um pobre velho.

— Viva o 17 de Maio — exclamou ele, com esforço, conseguindo depois subir e sentar-se no sofá.

Ainda não se sabe quando a Presidente Bentley desapareceu do hotel...

O som cortava o seu cérebro cansado. Tentou encontrar o controle remoto no caos que era a mesa de centro. Havia um saco de batatas fritas aberto e batatas por todo lado em cima de jornais velhos. Uma parte das batatas estava molhada de cerveja de uma lata virada. Havia também o resto de uma pizza dada por um amigo e que ele tinha guardado para o dia da festa nacional, mas alguém tinha comido quase toda e ele não sabia quem.

Pelo que Dagsrevyen conseguiu saber, o vice-presidente americano...

Sob muitos aspetos, tinha sido uma noite formidável.

Bebida de marca, nada da porcaria de sempre. Conseguira meia garrafa de Upper Ten só para si. Mais algumas outras bebidas, verdade fosse dita. Aviara-se com os copos dos outros, quando percebia que não estava a ser visto e apenas uma única vez provocou um pequeno tumulto. Mas tudo correu como se todos fossem bons amigos.

Além disso, algumas garrafas pequenas acabaram dentro dos seus bolsos quando tudo terminara. Hairymary não se importaria. Hairymary era uma boa garota. Ficara bem de vida ao ser contratada por uma agente da polícia e a sua amiga lésbica e rica, tornando-se uma boa empregada doméstica na zona oeste da cidade de Oslo.

Mas Hairymary não era daquelas que se esqueciam de onde tinham vindo. Evidentemente, não queria sair do apartamento onde se entrincheirara, mas mandava dinheiro duas vezes por ano. No 17 de Maio e no Natal. Era festa para toda a antiga turma. Com comida e bebidas de verdade.

Não podia de forma alguma ter passado mal depois de uma noitada tão fina.

Não fora pela bebida, mas por causa do maldito câncer nas bolas.

Quando saiu passear pela cidade de manhã, deviam ser mais ou menos quatro horas, havia uma bela luminosidade acima do fiorde. Os estudantes divertiam-se e comportavam-se adequadamente de momento, e, naquele silêncio da madrugada, arranjava tempo para descansar num dos banco da rua ou num muro junto dos contentores do lixo, onde acabara por encontrar uma garrafa cheia de cerveja ainda por abrir.

A luminosidade na primavera era fantástica. As árvores pareciam mais protetoras e nem mesmo os condutores dos carros buzonavam zangados quando ele atravessava as ruas aos tropeções, às vezes demasiado depressa, obrigando-os a travar.

Oslo era a sua cidade.

A polícia exorta todos os que tenham visto algo a...

Onde foi parar o diabo do controle remoto?

Ah, finalmente. Estava embaixo da pizza. Baixou o volume da TV e deixou-se cair de novo no sofá.

— Jesus — disse, cansado.

Estavam mostrando algumas roupas. Uma calça azul. Um casaco vermelho. Um par de sapatos que se parecia com outro par de sapatos qualquer.

... segundo a polícia, esta é a roupa que a presidente provavelmente vestia quando desapareceu. É importante que...

O relógio marcava quatro e dez.



Ele tinha reparado na hora que o relógio marcava na torre junto da estação de metrô quando ela passou por ele. Ela e dois homens. O casaco era vermelho, como o da nova turma de estudantes, mas ela era velha demais para ser estudante.

Droga, como ardiam os testículos.

Desapareceu alguém?

Tinha sido uma noite muito boa. Tinha gostado muito do passeio pela cidade, sentira-se saciado e alegre. Grinaldas coloridas ornamentavam as ruas. E tinha notado que a cidade estava limpa.

O mau cheiro do vomitado continuava presente e era realmente desagradável. Tinha que fazer alguma coisa. Tinha que fazer uma limpeza. Deixar tudo limpo, antes que fosse despejado.

Fechou os olhos.

Droga de câncer. Mas acabamos sempre morrendo de algum coisa. Tinha apenas sessenta e um anos, mas, na realidade e pensando bem, já era suficiente.

Depois, deslizou lentamente para o lado e adormeceu profundamente, mais uma vez com a orelha em cima do seu próprio vômito.

7.

— ... E é tudo.

O primeiro-ministro recostou-se na cadeira. Fez-se silêncio na grande sala. Uma névoa fina e úmida pairava no ar. O local tinha estado fechado por muito tempo.

Peter Salhus cruzou as mãos por trás da nuca e deixou o olhar passear pela sala. Ao longo de uma das paredes havia um móvel que mais parecia um balcão. De resto, a sala era dominada por uma grande mesa de reuniões com catorze cadeiras à sua volta. Noutra parede, havia uma grande tela de plasma. Os alto-falantes estavam em prateleiras de vidro rentes ao chão. E na parede em frente havia um mapa-múndi já meio amarelado.

— Assim, vamos ter esses — o chefe de polícia de Oslo, Terje Bastesen, esteve tentado a dizer gorilas, mas continuou — agentes em cima de nós. Com controle sobre tudo o que encontrarmos, tudo o que fizermos, tudo o que acreditarmos e pensarmos. Precisamente.

Antes de o primeiro-ministro poder falar, Peter Salhus respirou fundo e inclinou-se bruscamente sobre a mesa, com os braços sobre o tampo.

— Em primeiro lugar, acho que devemos definir bem uma coisa — disse ele em voz baixa, calmamente. — É que os americanos de forma alguma vão deixar que a presidente desapareça no ar sem fazerem absolutamente tudo para que: um — Salhus levantou um dedo —, ela seja encontrada. Dois — levantou outro dedo em direção ao teto —, seja preso aquele ou aqueles que a levaram. E três — com um princípio de sorriso —, mover céus e terra, e até o inferno se for preciso, para os punir. E isso não vai acontecer aqui no nosso país.

A punição, claro.

O ministro da Justiça tossiu, clareando a voz. Todos olharam para ele. Era a primeira vez que abria a boca desde o início da reunião.

— Os americanos são nossos amigos e aliados — disse ele em tom solene, mas com um indício de pânico, o que fez com que Peter Salhus fechasse os olhos para não o interromper.

— E nós, é claro, vamos estar aqui para os ajudar neste caso. Mas também vamos deixar claro como água — e aqui o ministro bateu na mesa com o punho com um pouco de força a mais — que nos encontramos na Noruega. Sob jurisdição norueguesa. É a polícia norueguesa que será responsável pelas buscas e pela investigação. É bom que isso fique bem claro.

E quando os criminosos forem apanhados, vão ser os tribunais noruegueses...

Estava a gritar e notou-o. Interrompeu-se. Tossiu novamente e preparou-se para continuar.

— Com todo o respeito... — A voz de Peter Salhus, comparativamente, surgiu grave. Levantou-se da cadeira. O ministro da Justiça continuou sentado, boquiaberto. — Primeiro-ministro — continuou Salhus, sem sequer se dignar a olhar para o principal responsável político pelas forças policiais norueguesas. — Acho que está na hora de uma linha condutora baseada na realidade.

A diretora da polícia, uma mulher magra de uniforme, que se tinha limitado a ouvir até então, recostou-se na cadeira e cruzou os braços sobre o peito. Parecera ausente da reunião durante grande parte do tempo e em duas ocasiões chegara a deixar a sala para atender o telefone. Agora, porém, fixou o olhar no chefe do PST e pareceu mais interessada.

— Penso que — tentou continuar, irritado, o ministro da Justiça — existem motivos para direcionar a nossa atenção para...

— Acho que temos de ter tempo para avaliar a questão — interrompeu o primeiro-ministro, com um movimento da mão que,

provavelmente, servia para tranquilizar os presentes, mas que mais parecia destinar-se a dar uma repreensão a uma criança. —

Continue, Salhus. Onde é que estamos a precisar de orientação realista? O que é que você viu que nós ainda não entendemos?

Os olhos dele, que já antes eram realmente pequenos, pareciam agora ter de ser abertos com um bisturi.

— Sou eu apenas... — começou Salhus, abrindo os braços. — Sou eu apenas que vejo esta situação como sendo completamente absurda? — Sem esperar resposta, continuou: — Uma pequena esquadrilha de jatos mais o Air Force One. Cerca de cinquenta agentes do *Secret Service*. Dois carros blindados. Cão de busca de bombas. Inúmeros conselheiros que, se alguém quiser saber, são agentes do FBI...

Salhus tentou não olhar para o ministro da Justiça que agora estava sentado e mexia com uma caneta o café na sua xícara.

— Essa é a comitiva de viagem da presidente americana durante a vista à Noruega. E querem saber de uma coisa? É uma comitiva espantosamente pequena. — Nesse momento, Salhus inclinou-se sobre a mesa com as duas mãos sobre o tampo. — Pequena!

Deixou que a palavra pairasse no ar como que a provar o seu efeito de choque.

— Estou com um pouco de dificuldade em perceber onde é que quer chegar — disse a diretora da policia, calmamente. — Todos nós sabemos, certamente, com que comitiva é que a presidente chegou e não é por aí...

— É mesmo muito pequena a comitiva — repetiu Peter Salhus. — Não é raro o presidente americano levar um exército de duzentos, trezentos agentes. Cozinheiros, carros para encher um estacionamento inteiro. Um caminhão fechado cheio de equipamento moderno de comunicação. Ambulância militar. Coletes de proteção para apresentações em público, equipamento de

informática, um canil inteiro de cães para procurar pistas e bombas e outros de guarda.

Fez novamente uma careta ao endireitar as costas.

— Mas aqui e agora, a senhora chega com uma força reduzida, avaramente pequena. Desculpem... — A desculpa chegou instantaneamente e ele levantou a mão na direção do primeiro-ministro, com um gesto evasivo. — A presidente, quero dizer, *Madam President*. E por que, todos devem estar se perguntando, certamente? Por quê? Por que, em nome de todos os céus, a presidente americana na sua primeira viagem ao exterior vem acompanhada de uma equipe de segurança tão reduzida, justamente a seu país de origem?

Não parecia que os ouvintes estivessem muito preocupados com a questão. Pelo contrário, estavam preocupados, isso sim, com a enorme quantidade de funcionários americanos que, de momento, lhes batiam à porta, entravam nos escritórios, confiscavam material e, de uma maneira geral, atrapalhavam o trabalho da polícia norueguesa.

— Porque este é um país seguro. — As palavras saíram com extrema lentidão e ele ainda as repetiu: — Porque a Noruega é um país seguro. Acreditávamos. E vejam onde estamos agora. — Bateu no peito, com todo o cuidado. — O caso é absurdo — prosseguiu num tom de voz mais baixo. Agora, tinha mais ouvintes interessados. — Este pequeno intestino no mapa. Esta é... Salhus desviou o olhar para o mapa do mundo. O canto estava desgastado. A palavra Jugoslávia estava escrita em letras gordas sobre os Balcãs. Peter Salhus sacudiu a cabeça.

— A boa e velha Noruega — continuou, passando o dedo sobre o seu país, de norte a sul. — Durante muitos anos, temos falado alternadamente da comunidade que recebemos, tão rica em cores, e da comunidade multicultural em que nos tornamos, para logo a

seguir nos colocarmos sob a segurança de uma ideia de paz, inocência e caráter.

O mundo aproximou-se de nós, é o que dizemos constantemente. Ao mesmo tempo, ficamos ofendidos por esse mesmo mundo não nos considerar, precisamente, da mesma maneira como nós nos consideramos. Nós somos um lugar idílico no mapa. Um recanto pacífico do planeta, rico, generoso e bem comportado em relação a todos.

Salhus molhou os lábios.

— Estamos diante de uma colisão violenta e terrível e gostaria que os senhores o compreendessem. Este país está preparado para uma ou outra crise na medida em que qualquer um o pode estar. Estamos preparados para epidemias e outras catástrofes. Existem aqueles que afirmam que estamos preparados até para a guerra...

Ele sorriu vagamente na direção do ministro da Defesa, que não retribuiu o sorriso.

— Para o que não estamos absolutamente nada preparados é para isto. Para o que está a acontecer agora.

— Como assim? — inquiriu a diretora de polícia com uma voz áspera e clara.

— Assim, da maneira que fizemos, perdendo a presidente americana.

O ministro da Justiça emitiu um soluço inconveniente que podia ser considerado como uma gargalhada abafada.

— E isso eles pura e simplesmente não podem admitir — continuou Salhus, sem se deixar perturbar e voltando para o seu lugar. — É certo que os americanos já perderam um ou outro presidente na sua história em atentados. Mas nunca, repito, nunca perderam um presidente em território estrangeiro. E posso assegurar uma coisa...

Salhus sentou-se, pesadamente.

— Cada agente do *Secret Service* que está aí dificultando a vida de nossos funcionários assume o desaparecimento da presidente como questão pessoal. Muito pessoal. Aconteceu no turno deles, o que eles simplesmente não podem admitir. Porque isso para eles é pior que... Para eles é...

Sua hesitação permitiu que o primeiro-ministro fizesse uma pergunta.

— Quem... Com quem podemos realmente compará-los?
— Com ninguém.
— Com ninguém? Mas é uma força policial e...
— Sim. Evidentemente, eles também têm uma série de outras missões a cumprir, mas é a manutenção da segurança que forma a identidade da força desde o atentado contra o Presidente McKinley em 1901. Com o que aconteceu esta noite, essa identidade está seriamente ameaçada. Ainda mais porque houve incontestavelmente uma falha. Uma falha que eles mesmos cometeram.

O ministro da Justiça continuava a bater na sua xícara. De resto, não se ouvia qualquer outro som. Desta vez, ninguém aproveitou a pausa para fazer perguntas.

— Os americanos avaliaram a situação erradamente — disse Peter Salhus. Grosseiramente. Não somos apenas nós que consideramos este país um recanto pacífico num mundo perigoso.

Os americanos também o consideram assim. E o mais preocupante nesta história toda, não considerando o fato de a presidente ter desaparecido, é que os americanos também acharam que a Noruega era um país seguro. Eles estavam, inclusive, em melhor posição para o avaliar. Eles deviam, pura e simplesmente, saber isso melhor que nós, visto que...

— Visto que estão na posse de muito mais informações confidenciais completou lentamente a diretora de polícia.

— Sim.

— Estou a ver — acrescentou o primeiro-ministro.

— Exatamente — concordou o ministro da Defesa, acenando com a cabeça.

— Sim — repetiu Peter Salhus.

Depois, fez-se silêncio. Até mesmo o ministro da Justiça deixou a sua xícara em paz. A tela de plasma na parede exibia apenas a cor azul e não tinha mais nada para contar. Uma lâmpada de mercúrio no teto começou a piscar intermitentemente, sem ruído. Quando uma mosca quebrou o silêncio, Peter Salhus seguiu-a com os olhos até que o silêncio começou a pesar.

— Os americanos, portanto, não fazem nenhuma ideia do que se passa resumiu o chefe do Governo, reunindo a papelada que estava à sua frente, sem dar outros sinais de querer terminar a reunião. — Quero dizer, estão como nós.

— Devo talvez afirmar que eles não faziam ideia — corrigiu Salhus, hesitante.

— Anteriormente, quero dizer. O desafio para os americanos agora é analisar a grande quantidade de material que têm nas suas mãos. Novamente. Vão lançar as cartas de outra maneira e ver o que encontram.

— Mas o problema é que eles têm demasiadas cartas para lançar — disse a diretora da polícia, abanando a mão para afastar uma mosca que se aproximara demasiado.

Salhus concordou. .

— A senhora nem faz ideia — reforçou ele, concordando. Sentia os olhos secos e mordeu o polegar. — É difícil para nós imaginar as cartas com que estão a jogar e quais as informações que recebem. A cada minuto, a cada hora, o dia inteiro. Depois do 11 de Setembro, o FBI aumentou de tamanho e de orçamento. Depois de ter sido uma organização muito tradicional, com missões policiais bem definidas e, principalmente, internas, o FBI desenvolve atualmente atividades antiterroristas e é a instituição que mais aumenta a sua participação

tanto em dinheiro quanto em número de efetivos. E isso, senhoras e senhores...

Salhus pegou no retrato oficial de Helen Lardahl Bentley.

— Sequestrar a presidente insere-se, definitivamente, dentro do conceito de terrorismo dos americanos. Agora, vão chegar em força, podem estar certos. Como disse, certamente que já há gente do FBI atrás da presidente. Mas ainda não vimos nada.

Ele esboçou um sorriso pálido e passou o indicador por dentro do colarinho, olhando distraidamente para a foto da presidente.

— Segundo as informações que tenho, vai chegar um avião especial dentro de três horas — confirmou a diretora de polícia. — E vários outros vão chegar, certamente.

O primeiro-ministro deixou que as pontas dos dedos caminhassem pelo tampo da mesa, até que pararam diante de uma mancha de café. Duas rugas formaram-se na prega da pele em que apenas um reflexo de luz revelava a existência de um par de olhos.

— Não falamos de uma verdadeira invasão — disse ele, notoriamente irritado. — Faz com que pareça que estamos completamente nas mãos dos americanos, Salhus. É bom que não exista a mínima sombra de dúvida de que — elevou um pouco a voz — aquilo que aconteceu, aconteceu em terras norueguesas. Obviamente, não vamos poupar diligências nem recursos e os americanos devem ser tratados com o devido respeito. Mas esta é e continuará a ser uma questão norueguesa. Para a polícia e a justiça norueguesas.

— Boa sorte — murmurou Peter Salhus, passando os nós dos dedos pela testa.

— Agradeço-lhe essa espécie...

O primeiro-ministro interrompeu-se e levou o copo de água à boca. A sua mão tremia ligeiramente e ele acabou por pousar o copo sem beber. Antes de ter tempo para continuar, a diretora da polícia inclinou-se sobre a mesa: — Peter, o que é que tem realmente em

mente? Devemos transferir todo o problema para os americanos? Desistir da nossa soberania? Não pode estar falando sério.

— Evidentemente que não quero dizer isso — disse Salhus, que parecia surpreso com o tratamento familiar e hesitou. — O que quero dizer é que... Quero dizer exatamente o contrário. Toda a experiência política, policial, histórica, para não falar da militar, mostra que neste caso temos uma vantagem enorme sobre os americanos.

Alguém bateu na porta e uma luz vermelha acendeu-se por cima desta.

Ninguém reagiu.

— Nós somos noruegueses — disse Peter Salhus. — Conhecemos este país. Entendemos a língua. A infraestrutura. A geografia, a topografia. A arquitetura e a cidade. Nós somos noruegueses. Eles são americanos.

Bateram novamente na porta, agora com mais insistência.

— Estamos trabalhando — continuou Salhus, encolhendo os ombros. — Estão nesta sala todos os que deviam estar. Os procedimentos diante da crise funcionaram. Convocamos os homens.

A engrenagem há muito tempo que está em movimento em todas as instâncias. O Departamento de Relações Internacionais e o Departamento de Justiça tentam seguir o protocolo até ver. O meu ponto de vista é apenas...

Interrompeu-se ao ver entrar na sala uma mulher de meia-idade, bastante gorda. Em silêncio, deixou um papel diante do primeiro-ministro, que não parecia querer lê-lo.

Em vez disso, fez um sinal incentivando Peter Salhus a prosseguir.

— Continue — disse ele abruptamente.

— O meu ponto de vista é que devemos reconhecer quais as forças com que temos de lidar. Não podemos ter ilusões de que os

americanos se vão deixar dirigir numa situação como esta. Eles vão passar dos limites vezes sem conta. Ao mesmo tempo, devemos reconhecer que possuem todas as qualificações, equipamentos e serviços secretos que podem ser decisivos na resolução do caso. Precisamos deles, pura e simplesmente. O mais importante de tudo é convencê-los a...

Salhus levantou o copo e olhou distraidamente para a água. A mosca tinha entrado para dentro do copo, caíra na água e já estava semimorta, sem conseguir levantar voo.

— Eles precisam de nós, no mínimo, em igualdade de circunstâncias disse ele, com ênfase, ao mesmo tempo que rodava o copo na mão. — Caso contrário, vão passar-nos por cima. E se queremos essa confiança recíproca, penso que é necessário, em primeiro e último lugar, tentar evitar o uso exagerado de palavras como jurisdição, território norueguês e soberania.

— Exatamente como Vidkun Quisling¹ teria dito — afirmou o ministro da Defesa. — Em Abril de 1945.

O silêncio que se seguiu foi praticamente absoluto. Até mesmo a mosca ficou de pernas para o ar no fundo do copo. O primeiro-ministro parou de mexer nos papéis.

A diretora de polícia se endireitou na cadeira apoiar as costas. O ministro dos Negócios Estrangeiros, que mal levantara a voz durante toda a reunião, ficou petrificado e semicerrou os olhos com uma expressão idiota, de boca aberta.

— Não — disse Peter Salhus, finalmente. Falou tão baixo que o primeiro-ministro, do outro lado da enorme mesa, quase não o ouviu. — Não dessa maneira. Não. De maneira nenhuma.

— Rígida e lentamente, levantou-se. Suponho que esta reunião terminou — disse ele sem olhar para o primeiro-ministro.

Em seguida, dirigiu-se para a porta com os seus documentos em desordem e sem olhar para ninguém. Todos o olharam fixamente.

Ao passar pela cadeira mais perto da porta, o primeiro-ministro colocou familiarmente a mão no seu braço: — Obrigado por tudo — disse ele. Salhus não respondeu.

O primeiro-ministro não retirou a mão.

— O senhor... admira realmente aqueles homens do FBI. — Peter Salhus não conseguiu entender onde o homem queria chegar.

Continuou sem responder. — E os agentes do *Secret Service*.

O senhor admira-os realmente, não é verdade?

— Admirar — repetiu Peter Salhus, lentamente, como se não entendesse corretamente o que essa palavra implicava. — Retirou o seu braço e encarou o primeiro-ministro.

— Talvez admire — respondeu, acenando com a cabeça.

— Mas, acima de tudo... tenho respeito por eles. Isso também todos os senhores deviam ter.

Depois, deixou o quartel-general secreto do governo para situações de crise, com um vago cheiro de mofo no nariz.

8.

O homem na bomba de gasolina estava mortalmente aborrecido. Era o segundo ano consecutivo em que tinha de trabalhar no dia 17 de Maio. Na verdade, com dezenove anos, era o mais novo dos empregados, mas mesmo assim não era justo que ficasse a trabalhar num dia em que quase ninguém precisava de gasolina. A bomba ficava longe demais do centro para que alguém aparecesse para comprar cachorro-quente. Deviam fechar aquela merda. Se, por uma questão de vida ou morte, alguém necessitasse de gasolina, existiam as bombas que funcionavam com cartões.

— O mais novo fica de serviço — rosnara o chefe, quando, duas semanas antes, tinham discutido a questão.

O mais novo ficava de serviço. Estava decidido. Como se o chefe fosse seu pai ou algo parecido.

Dois rapazes de uns dez anos chegaram de rompante. Usavam uniformes da banda em vermelho escuro, chapéus pretos e bandoleiras brancas. Já tinham deixado os tambores em qualquer lado. Lutavam como selvagens com as baquetas.

— *En garde* — gritava um deles, acertando um golpe.

— Ai, que inferno!

O menor largou as baquetas e investiu com o ombro.

— Que raio de invasão é esta? — disse o funcionário do posto. — O que vocês querem?

Sem esperar resposta, os dois correram para a máquina de sorvete, que era um pouco alta demais. Um deles usou a prateleira de chocolates como escada.

— Cones de sorvete — gritou o outro.

— Esqueça isso, está bem?

O empregado bateu com a mão no balcão.

O menino mais atrevido, que tinha subido na prateleira, era negro.

Eles podiam se disfarçar com os uniformes da orquestra ou trajes folclóricos o quanto quisessem. De qualquer maneira, eram negros. Na realidade, era ridículo tentarem transformar-se em noruegueses. Antes, nesse mesmo dia, chegara um bando de rapazitos negros. Tagarelavam e divertiam-se, enchendo o quiosque como se estivessem em casa no Paquistão ou em África ou de onde tivessem vindo. Também não queriam nada em especial. Mas todos usavam os seus crachás em vermelho, branco e azul nos casacos e capas. Faziam caretas e riam muito. E estragaram todo o dia da festa nacional.

— Ei, você!

O balconista avançou na direção dos meninos. Pegou um paquistanês pelo pescoço.

— Largue isso!

— Eu vou pagar! Eu vou pagar, claro!

— Largue esses sorvetes, porra!

— Ah, vai pro inferno!

A sua voz tornara-se mais aguda. O balconista podia jurar que o menino estava prestes a começar a chorar. Resolveu afrouxar.

— Olá!

Um homem entrou na loja. Parou por um momento e olhou inquisitivamente para os dois rapazes. O empregado retribuiu o cumprimento.

— Lamento ter estacionado justamente aqui diante da vitrine — disse o homem, acenando para o Ford azul do outro lado do vidro.

— Não vi o cartaz antes de sair do carro. Será que posso comprar água mineral?

O empregado indicou um frigorífico e voltou para seu lugar atrás do balcão. O mais novo dos meninos, com algumas mechas de

cabelo louro saindo do gorro, atirou uma nota de cinquenta na frente dele.

— Dois sorvetes — expeliu ele entre dentes. — Dois cones de sorvete, seu filho da mãe.

O homem do Ford já estava atrás do menino, que recebeu o troco sem dizer palavra e se virou. Depois, estendeu um dos sorvetes ao amigo, que procurou pôr-se a salvo indo para a saída.

— Filho da puta — gritaram os dois, fazendo coro, antes de fecharem a porta.

— Três águas — pediu o adulto.

— Pagamento com cartão? — perguntou o empregado, azedo.

— Não. Aqui está.

Recebeu o troco para uma nota de cem e meteu-o no bolso.

O empregado lançou um olhar ao carro. Estava estacionado com o lugar do motorista virado para a vitrine, a menos de um metro de distância. Pareceu-lhe ver alguém no banco do passageiro. Uma coxa e uma mão estendida para receber alguma coisa. No banco de trás, uma mulher dormia. A cabeça estava inclinada para trás e em parte apoiada no vidro da janela. O casaco estava preso acima dos ombros, obrigando o pescoço a ficar numa posição angular não natural. A garganta quase tão vermelha quanto o casaco.

— Até logo — disse o homem, ajeitando o boné na cabeça e desaparecendo.

Maldito 17 de Maio. Eram já quase quatro horas. De qualquer maneira, seria substituído em pouco tempo. Se é que o chefe se dignaria aparecer. Nunca se sabe.

Maldito dia.

Lentamente, colocou uma salsicha no pão, acrescentou salada de camarão, molho de hambúrguer e uma quantidade imensa de mostarda, antes de engolir tudo quase de uma vez.

Era seu nono sanduíche desde a manhã e não estava nada saboroso.

9.

— O Palácio Real fica lá em cima — disse o embaixador George A. Wells acenando para o parque do outro lado da avenida, a Drammensveien. — E não é apenas um monumento. Eles vivem lá, de fato. O rei e a rainha, o casal real. Gente muito simpática. Aliás, muitíssimo simpática.

Os dois homens se pareciam. Naquela posição, de costas para a sala e os rostos virados para a cidade que se estendia além da fortaleza que circundava o edifício de três faces, podiam ser tomados por irmãos. O embaixador, na realidade, tinha de suportar as críticas diárias da mulher exigindo que ele emagrecesse alguns quilos na barriga, mas os dois homens que estavam em frente da janela da embaixada americana em Oslo, a ver passar as pessoas que se divertiam para lá da vedação de ferro, faziam dieta e jogavam golfe, encarando o problema com a máxima seriedade. George Wells já estava perto dos setenta, mas continuava a ser abençoado com uma espessa cabeleira prateada. O visitante era mais jovem e tinha a mesma cabeleira exuberante, ainda que um pouco menos alinhada. Os dois mantinham as mãos nos bolsos. Há muito que tinham tirado os casacos.

— A família real parece menos segura que nós — disse o visitante, acenando para o parque do palácio. — Será que, de fato, qualquer pessoa pode realmente se aproximar do palácio?

— Não só pode, como se aproxima. Esse desfile heterogêneo que passa por aqui todo 17 de Maio passa também embaixo do terraço, onde está a família real acenando ao povo. Nunca houve problemas, mas também eles são — sorriu, cansado, e passou os dedos pelos cabelos — um pouco mais populares do que nós.

Fez-se silêncio entre os dois. Olhavam para a rua onde era difícil saber quem ia e quem vinha. De repente e ao mesmo tempo, viram

um rapazinho com uma bandeira americana.

Podia ter uns cinco, seis anos, e usava calça azul escuro e suéter vermelha com decote em V em cima da camisa branca. O garoto parou e olhou para cima. Era-lhe impossível vê-los. A distância era muito grande e os vidros da janela eram fumados, de forma que seria impossível ver para dentro. No entanto, sorriu e acenou com a bandeira. A mãe virou-se irritada e pegou nele por um braço. Mas a criança continuou a acenar até desaparecer de vista.

— Ele pode fazer isso porque ainda é pequeno — disse o embaixador. — Um pequeno e engraçadinho afro-americano e, por isso, é permitido acenar com a Starspangled Banner no 17 de Maio. Daqui a alguns anos, será diferente.

Silêncio, novamente. O visitante parecia fascinado com a animação na rua e deixou-se ficar à janela. O embaixador também não parecia querer sentar-se. Um numeroso grupo de jovens surgiu do lado inferior da rua onde funciona o Instituto Nobel. Cantavam de forma tão estridente e dissonante que o som penetrava o vidro blindado da janela.

Uma garota de uns dezoito anos estava bêbada, precisando do apoio de dois amigos. Um deles segurava-a com o braço e tinha as mãos nos seios dela, sem que a garota parecesse importar-se com isso. Na direção contrária, surgiu um grupo de crianças de escola todas em formatura e de mãos dadas. O par da frente era formado por duas meninas de tranças loiras, que começaram a chorar quando um dos jovens gritou junto da cara delas. Chegaram logo os pais, furiosos, em sua defesa. Um dos jovens de macacão, porém, jogou cerveja no pai mais zangado.

Um carro da polícia tentava avançar entre a multidão. Desistiu a meio caminho e parou. Dois dos jovens sentaram-se em cima do capô. Uma garota apareceu logo para beijar o polícia que saiu do carro para restabelecer a ordem. Outras vieram em seguida, todas

vestidas de vermelho, um verdadeiro bando, que cercou o polícia para o abraçarem.

— O que na realidade está acontecendo? — murmurou o visitante. — Que espécie de país é este?

— Isso, efetivamente, você já devia saber — disse o embaixador — antes de mandar *Madam President* para cá. Num dia como este.

O visitante suspirou alto, quase acintosamente. Dirigiu-se a uma mesa onde havia água mineral e copos, tudo meticulosamente disposto em cima de uma bandeja de prata. Pegou numa das garrafas e olhou para o embaixador, inquisitivo.

— Fique à vontade, sirva-se.

Até mesmo o embaixador parecia ter visto o suficiente da festa popular lá em baixo. Pressionou o controle remoto e uma persiana desceu sobre a janela.

— Peço desculpa pelo comentário, Warren.

O embaixador sentou-se. Os seus movimentos, agora, eram muito mais pesados, como se o dia tivesse sido demasiado longo e a idade também começasse a fazer sentir o seu peso.

— Está tudo bem — disse Warren Scifford. — Além disso, você tem razão. Eu devia saber. A questão é que sei. Sei tudo o que pode ser lido e ouvido. Você conhece a nossa maneira de atuar, George. Sabe como trabalhamos.

Ele segurou numa garrafa de água Farris à distância de um braço esticado e olhou cético para o rótulo. Depois, encolheu os ombros e colocou um pouco da água num copo.

— Trabalhamos nisto dois meses — disse. — E achamos, de fato, que era uma boa ideia quando *Madam President* sugeriu a Noruega como destino de sua primeira viagem ao exterior. Uma — levantou o copo fazendo um brinde silencioso — ideia brilhante. E naturalmente você sabe por quê.

O embaixador não se manifestou.

— Temos uma ordem de prioridades — disse Warren Scifford. — Totalmente oficiosa, claro, mas ainda assim uma ordem de prioridades muito séria. E se deixarmos de lado um par de nações no Oceano Pacífico com alguns milhares de habitantes amigos, onde o único perigo contra a presidente seria, evidentemente, o surgimento inesperado de algum tsunami... — Bebeu um pouco mais de água e limpou a boca no braço da camisa. — Tirando esses países, a Noruega é a nação mais segura para se visitar. Na vez anterior... Abanou ligeiramente a cabeça. — Quando o Presidente Clinton veio aqui, comportou-se como se estivesse num acampamento de férias em Little Rock. Isso aconteceu antes de você chegar aqui e antes...

Levou rapidamente a mão às têmporas.

— Está se sentindo bem? — perguntou o embaixador. Warren Scifford franziu a testa e passou a mão pela nuca.

— A viagem de avião foi cansativa — murmurou. — Realmente, não dormi nada nas últimas vinte e quatro horas. Aconteceu tudo muito rapidamente, por assim dizer. Quando é que o tipo vai chegar? E quando é que posso...

O telefone pousado em cima da grande mesa de trabalho tocou.

— Sim?

O embaixador manteve o aparelho a alguns centímetros de distância do ouvido.

— Sim — disse de novo. E desligou.

Warren Scifford pousou o copo na bandeja de prata.

— Ele não vem — disse o embaixador, levantando-se.

— Como assim?

— Temos de ir lá.

Pegou o casaco e vestiu-o.

— Mas temos um acordo...

— Na realidade, foi muito mais do que um acordo — interrompeu o embaixador, apontando para o casaco de Scifford. — Foi uma ordem nossa para eles. Vista o casaco.

Eles não aceitaram. Querem que vamos lá.

Antes de Warren Scifford ter tempo para protestar mais uma vez, o embaixador pôs a mão paternalmente no braço do visitante mais jovem.

— Você teria feito a mesma coisa, Warren. Nós somos visitas neste país. Eles querem que joguemos no campo deles. E, apesar de serem em menor número, você tem de se preparar para... —
Conteve-se e riu-se, um riso surpreendentemente cristalino. Depois, dirigiu-se para a porta antes de colocar ponto final na discussão: — Não existem muitos habitantes neste país, mas eles são incompreensivelmente persistentes. Todos em conjunto e cada um individualmente. Vá-se habituando a isso. Vá-se habituando!

10.

— Mamãe, é verdade! Basta perguntar a Caroline!

Ela investiu furiosa sobre a mesa, batendo no tampo com a mão esquerda. Os olhos estavam vermelhos e a maquiagem escorrera em linhas negras sobre as faces. O cabelo, que na noite anterior tinha sido penteado com fitas coloridas e laços numa evocação da década de 1980, pendia pelas costas, depois de uma festa não muito divertida.

Tinha o vestido rasgado. Os braços estavam cruzados na cintura e tinha presa no cinto uma garrafa de Coca-Cola de meio litro.

— Por que não acredita em mim? Nunca acredita no que eu digo!

— Acredito — disse a mãe calmamente, colocando um tabuleiro no forno.

— Não. Acha que eu bebo e me drogo...

— Atenção, menina!

A voz da mãe soou mais áspera ao fechar a porta do forno com uma pancada.

— Você vai sair de casa no outono, menina. A partir daí, pode fazer o que quiser. Mas até lá...

A mulher virou-se para a filha. Pôs a mão na cintura e abriu a boca para dizer mais alguma coisa. Fechou-a novamente e resignada passou a mão nos cabelos.

— Pelo menos, pergunte a Caroline — reclamava a filha, levantando um copo de leite. — Estávamos lá as duas. Não sei de onde eles vieram, mas estavam sentados num carro. Um carro azul. É verdade! É verdade, mamãe!

— Não duvido de que esteja dizendo a verdade — disse a mãe com voz tensa. — Tento apenas fazer com que entenda que não pode ter sido a presidente americana que você viu. Só pode ter sido outra pessoa. Não entende isso? Não entende que...

Com um gemido, sentou-se à mesa e tentou pegar na mão da filha.

— Se alguém sequestrou a presidente americana, não vai ficar passeando tranquilamente com ela, sem a menor cerimônia, no estacionamento da Estação Central, à luz da manhã do dia 17 de Maio e à vista de todos. Tem que parar com...

A jovem retirou a mão.

— À vista de todos? Não tinha mais ninguém. Só Caroline e eu...

— Tem que parar de ser sempre tão dramática! Tem que compreender...

— Vou telefonar mesmo para o tira. A mulher usava precisamente a mesma roupa que eles mostraram na televisão. Exatamente a mesma. Juro! Vou telefonar, mamãe.

— Então, faça isso, sim. Se quer mesmo passar vergonha. Mas lembre-se de que não se diz tira, e sim policial. Agora telefone.

A mãe se levantou. O cheiro de fritura era desagradável. Foi abrir um pouco a janela.

— E com mil demônios, quem vai ser convidado para o jantar do dia 17 de Maio? — murmurou a filha, tomando mais um gole de leite.

— Atenção, menina, faça o favor de parar com essa maneira de falar!

— No 17 de Maio, tomamos café da manhã e um bom almoço, se for o caso. Mas nunca ouvi falar de ninguém que tenha tido um raio de...

Uma panela bateu com força na bancada da cozinha. A mulher mais velha tirou o avental e deu dois passos decididos na direção da filha. Em seguida, apoiou as mãos no tampo da mesa.

— Nós vamos jantar no 17 de Maio, Pernille. Nós, a família Schou. É uma coisa que várias gerações da nossa família sempre fizeram e você — ela levantou o indicador que tremia — vai estar na

sala de jantar exatamente às seis e em bem melhores condições do que agora. Entendido?

A mãe interpretou o sussurro dela como uma concordância.

— Mas eu vi a presidente — insistiu a filha, falando quase inaudivelmente. — E nem vem que ela parecia ter sido sequestrada.

11.

A maquete do Hotel Opera era feita na escala de um para cinquenta e montada sobre um suporte com pernas estáveis. Os pormenores eram impressionantes. As pequenas portas giratórias da entrada movimentavam-se. As janelas eram feitas de vidro finíssimo e até mesmo as cortinas tinham o exato padrão das originais. Quando Warren Scifford fletiu os joelhos e deu uma olhadela à entrada, verificou que havia sofás amarelos, colocados uns em frente dos outros, com miniaturas de mesas entre eles. Havia abajures com iluminação própria e as poltronas azul-real pareciam tentadoramente confortáveis.

— Isto não foi feito hoje — murmurou ele, cofiando a barba.

— Não — disse o chefe de policia Terje Bastesen. — Foi feito na altura da reconstrução. A direção do hotel, em especial, foi particularmente... — Calou-se à procura da palavra em inglês. — Cooperante. E pode-se tirar o telhado. As suas mãos eram grossas e tremiam um pouco. Quando tentou cuidadosamente colocar os dedos no telhado, este escorregou e o som irritante chamou a atenção do jovem polícia de pé a um canto da sala, que logo ocorreu. Com cuidado, foi ele que retirou o telhado, deixando a descoberto o décimo andar do hotel.

— Ora vejam — disse Warren Scifford. — Quer dizer, foi aqui que ela ficou alojada.

A suíte da presidente na Ala Oeste do hotel dava para sul. Quando o telhado foi retirado da maquete, verificaram que até havia vidro nas janelas que davam para o fiorde.

As portas que abriam lateralmente davam acesso a um terraço decorado nos cantos com vasos de flores artificiais. A suíte era bonita, mobilada até os mínimos pormenores, como se fosse uma casa de bonecas de qualquer filha mimada de pais ricos.

— Portanto, entra-se por aqui — apontava Bastesen com uma caneta laser, a ponta vermelha dançando e tremendo — diretamente para o quarto. Depois, pode-se seguir para aqui — o raio vermelho saltou para leste — para a sala de trabalho. É uma espécie de escritório. Encontramos aqui... — Curvou-se para a maquete. Miopia. — Aqui existe um computador e uma pequena impressora. Como pode ver, a cama fica no quarto. Nós supomos que a *president* devia estar a dormir quando os sequestradores entraram.

— Os sequestradores — repetiu Warren Scifford, passando o dedo indicador pela cobertura da cama. — Pelo que entendi, não há nenhuma informação de quantos eram.

O chefe de polícia, Bastesen, confirmou com um aceno, voltando a meter a caneta laser no bolso da camisa.

— Não há, realmente. Baseio-me apenas na mensagem. “Nós daremos notícias” é o que diz. “Nós”, não “eu”. “Nós a temos em nosso poder. Nós daremos notícias.”

Warren Scifford endireitou as costas e pegou no papel protegido por um saco plástico.

— Parto do pressuposto de que isto aqui é uma cópia — disse ele.

— Claro. O original está sendo analisado em detalhe. Foram seus homens que o encontraram e eles... Eles foram muito competentes e deixaram a mensagem onde a encontraram até que fosse recolhida por quem de direito.

— Times New Roman — constatou Scifford, rápido. — A tipologia mais usada. Parto da suposição de que não há impressões digitais, certo? E de que o papel é de um tipo que existe em todos os escritórios e em todas as casas!

Nem se deu ao trabalho de levantar o olhar para o chefe de polícia e muito menos de esperar uma resposta. Devolveu-lhe o papel e concentrou-se de novo na maquete.

— Não eram meus homens — continuou, desviando-se lentamente para a esquerda a fim de ver a porta de entrada da suíte presidencial sob um outro ângulo.

— Perdão?

— Você disse que “meus homens” tinham encontrado a mensagem.

— É...

— Não são meus. São do *Secret Service*. Eu sou, como acho que sabe — o cabelo caiu na testa quando ele se inclinou e fechou um olho, espreitando ao longo do corredor que dava acesso à suíte presidencial — do FBI. São duas organizações diferentes.

O tom da sua voz era frio. Continuava a não olhar de frente o chefe de polícia. Levou as costas da mão ao braço, como que afastando um recalcitrante bichinho.

— Dê-me um pouco mais de espaço aqui — murmurou, mostrando-se novamente mais interessado na maquete do Hotel Opera. — A reprodução é mesmo tão precisa quanto parece?

O chefe de polícia não respondeu. O rubor de seu rosto se intensificou. Piscou os olhos várias vezes, antes de sacudir a poeira do uniforme e tossir para clarear a voz.

— Mr. Scyfford — disse ele, agora em voz forte e grave.

— Scifford — corrigiu o agente do FBI. — “Ski” como as pranchas de andar na neve. Não “Sky”, como em céu.

Apontou o teto.

— Peço desculpas e anoto a correção — disse o chefe de polícia lentamente. — Mas, antes de continuarmos, gostaria de esclarecer duas coisas. Em primeiro lugar...

— Um momento apenas.

Warren Scifford levantou a mão.

— Aqui existe uma câmera, certo?

Pescou uma caneta do bolso do paletó e apontou o corredor.

— Sim — disse Bastesen, hesitante. — Ali. Precisamente onde o corredor faz uma curva. Dessa maneira, tem-se o controle do corredor todo. De ambos os lados. Além disso, há uma câmera aqui...

Apontou uma área em frente ao elevador.

— E aqui, perto da escada. Saída de emergência. Mas, antes de continuarmos, gostaria de...

— Espere um pouco. Um momento apenas.

Warren Scifford, profundamente concentrado, andava em torno da maquete. De vez em quando, parava, colocava a cabeça junto à parede externa e olhava o corredor. O cabelo grisalho, escuro e um pouco ondulado, caía constantemente na testa. Comprimia os lábios e os umedecia antes de uma nova volta, andando lentamente.

— É claro que tenho que ver o hotel por dentro, ao vivo — disse, antes de desviar os olhos da maquete. — De preferência, hoje à noite. Mas você tem razão. Todo o corredor parece estar coberto pelas câmeras. E o terraço?

— Agora não é possível chegar lá pelo lado de fora, a não ser...

— Nada é impossível — interrompeu Warren Scifford, exibindo um sorriso difícil de interpretar. — Minha pergunta é sobre o local das câmeras.

— Ah, sim. *Madam President* não quis câmeras na suíte. Foi mesmo muito peremptória nesse ponto. Tanto nós quanto...

Warren Scifford ergueu as mãos. O chefe de polícia Bastesen deixou-se interromper mais uma vez. Seu jovem assistente retirou-se para um canto perto da porta e baixou a cabeça, constrangido. A sala tinha começado a aquecer, estava quase quente demais. Bastesen já suava em seu uniforme. O rubor das faces já tinha se espalhado por todo o rosto. Os cabelos finos começavam a colar na testa. Há muito que Scifford tinha tirado o paletó e arregaçado as mangas da camisa. A gravata pendia solta e desapertara o botão do colarinho. Os olhos castanho-escuros eram profundos e as pestanas anormalmente

longas. O cabelo encaracolado e um pouco comprido demais fazia com que parecesse mais jovem do que era. Naquele momento, olhava diretamente para o chefe da polícia de Oslo.

— Eu conheço a presidente — disse Warren Scifford, lentamente.
— Conheço-a muito bem. Por isso, é perfeitamente desnecessário que me informe dos hábitos dela. Creio que todos teríamos a ganhar se limitássemos esta nossa... conversa... ao que eu preciso saber. Basta que você, pura e simplesmente, responda às minhas perguntas. Está bem?

O chefe de polícia Bastesen respirou fundo. De súbito e inesperadamente, sorriu. Tomou todo o tempo necessário para desabotoar o uniforme e despir a túnica. Sem se deixar constranger pelas manchas de suor sob os braços, alisou o cabelo com as mãos. A seguir, sorriu ainda mais abertamente e colocou as mãos atrás das costas. Começou a andar lentamente de um lado para o outro como nos velhos tempos de polícia. Os sapatos rangiam.

— Não senhor — disse ele, suavemente. — Não está bem, não. — Warren Scifford levantou o sobrolho. — Acho que o mais importante agora — continuou Bastesen — é você saber qual é seu papel. E eu vou dizer qual é o meu.

Elevou o corpo, ficando na ponta dos pés por momentos, antes de voltar à posição inicial e continuar: — Sou chefe da polícia de Oslo. Foi cometido um crime na minha cidade, no meu país. Na Noruega, uma nação independente. A investigação deste crime é da minha responsabilidade. Como acontece que a vítima é uma... proeminente cidadã de outro país...

As suas mãos já não tremiam quando ele, cuidadosamente, passou o indicador pelas pequenas flores do terraço, do lado de fora da suíte presidencial. O silêncio era tão grande que o delicado contato da pele com o papel das flores pôde ser ouvido.

— ... Por cortesia e por respeito à importância do caso para um aliado, que merece nossa amizade, nós o mantivemos informado.

Então, estamos diante da palavra-chave: informações. Você nos assiste com as informações necessárias para solucionar este caso tão rapidamente e tão bem quanto possível. Nós o mantemos informado sobre o andamento de nossas diligências, desde que isso não prejudique nossa investigação.

A subida do seu tom de voz fez com que o assistente no canto desse um salto. Depois, fez-se silêncio.

Warren Scifford o ouviu. Estava bronzado para a época do ano. Via-se uma faixa branca no pulso esquerdo, onde, certamente, usava o relógio.

— Entendo — disse ele, acenando conciliador com a cabeça.

— É o que espero — disse Bastesen, que desta vez não retribuiu o sorriso.

— E agora posso chegar ao centro da questão?

Scifford contentou-se em acenar afirmativamente.

— Ela não quis estar sujeita a nenhuma forma de vigilância dentro da própria suíte. Por esse motivo, aumentamos a vigilância no corredor. — Ligou de novo a caneta laser e apontou. — Como já é do seu conhecimento, as câmeras não acusaram nenhum movimento de entrada ou saída do quarto na noite em que *Madam President* chegou, depois do seu jantar oficial, no espaço de tempo entre a uma menos vinte e as oito menos vinte, quando os seus homens... — Interrompeu-se um instante e continuou: — Oito menos vinte, quando os homens do *Secret Service* acharam necessário entrar na suíte. Ela devia tê-los contatado às sete horas. A delegação que ia buscá-la para o pequeno-almoço no Palácio Real era esperada precisamente às sete e meia. E quanto ao terraço...

Deu alguns passos em volta da maquete e apontou para as portas de correr envidraçadas.

— Foi difícil, evidentemente, montar câmeras no terraço sem contrariar o desejo manifestado com insistência pela presidente de

não ter câmeras de vigilância na sua suíte. Portanto, estávamos com um problema e, para o resolver, colocamos sensores nas portas.

Bastesen fez uma curta pausa antes de continuar.

— O alarme soaria se as portas fossem abertas. Não soou nunca. Os sensores foram testados depois, evidentemente. Funcionam sem problemas. Podemos, portanto, chegar à conclusão de que ninguém saiu e ninguém entrou.

— Ninguém entrou, ninguém saiu.

Warren Scifford passou os dedos novamente pelo cabelo.

— À parte o fato de *Madam President* ter desaparecido e de alguém ter deixado uma mensagem em seu quarto.

Se o inglês do chefe de polícia Bastesen fosse melhor, ele teria percebido a ponta de sarcasmo nessas palavras. Não o sendo, concordou de boa vontade.

— À parte esse fato, claro.

— Os dutos de ventilação — disse Warren Scifford mecanicamente, não deixando de olhar para a maquete. — Saídas de emergência. Outras janelas.

— As investigações continuam. Foi tudo passado a pente fino, naturalmente. Já falamos com o responsável técnico do hotel e ele afasta qualquer hipótese de os dutos de ventilação terem sido usados para sair ou entrar na suíte. Não são suficientemente grandes, diz ele, e, além disso, são bloqueados com grades a intervalos relativamente pequenos. No que diz respeito às janelas, todas estavam equipadas com sensores de alarme, como disse. Simplesmente, não foram abertas. Saídas de emergência?

Deixou que o ponteiro vermelho marcasse a porta da sala de trabalho para o corredor.

— A fechadura está selada com uma dessas capas de plástico verde que têm de ser levantadas antes que possa ser aberta. O mecanismo está completo. A porta não foi aberta. Além disso, a saída está coberta pelas câmeras do corredor e como disse...

— Ninguém entrou — disse Warren Scifford. — E ninguém saiu. Bateram à porta. O assistente interrogou Bastesen com os olhos, que acenou afirmativamente.

— O embaixador Wells e o ministro dos Negócios Estrangeiros esperam Scifford — disse uma jovem em norueguês. — Tive a impressão de que estão bem impacientes.

— Esperam você — traduziu Bastesen, estendendo a Scifford o paletó.

Ele não o pegou. Em vez disso, aliviou um pouco mais o nó da gravata e pegou um bloco de anotações no bolso de trás.

— Sugiro três reuniões por dia — disse ele. — Além disso, gostaria que me arranjasse um oficial de *liaison*. — Se isso... — Seu sorriso foi quase infantil, como se pedisse desculpas sem que realmente o fizesse. E continuou: — Se você e sua equipe não tiverem nada contra. E se achar que essa é uma maneira conveniente para trocar informações.

Bastesen assentiu, encolhendo os ombros. Continuava com o casaco de Scifford na mão.

— E gostaria imenso que fosse... — Scifford escreveu um nome no papel que entregou ao chefe de polícia. — Essa garota. Conhece-a de nome?

Bastesen levantou as sobrancelhas e olhou para o papel.

— Sim, mas é impossível. Ela não trabalha conosco. Nunca trabalhou, apesar de... — Bastesen largou o casaco de Scifford em cima das costas de uma cadeira. — Ela ajuda a polícia de vez em quando — continuou ele. — Informalmente, sempre. Mas na situação que agora surgiu, está fora de questão poder usá-la...

— Devo insistir — disse Warren Scifford.

O tom da sua voz era diferente agora. A arrogância tinha desaparecido. A maneira arrastada e despreocupada de falar tinha sido substituída por um tom quase implorante.

— Não — disse Bastesen, tentando novamente impingir o casaco ao americano. — Não é possível. Mas vou providenciar imediatamente outra pessoa. Penso que é melhor ir agora.

Esperam-no e já devem estar muito impacientes.

— Espere — disse Scifford, escrevendo outro nome no bloco. — Pode ser ele? De qualquer forma, ele devia...

— Adam Stubbor — leu Bastesen lentamente, sacudindo ligeiramente a cabeça. — Não conheço ninguém com esse nome. Mas...

— Adam Stubbo — soou vindo da porta.

Os dois homens viraram-se ao mesmo tempo. O polícia corou.

— Ele quer dizer, certamente, Adam Stubbo — gaguejou o polícia. — Trabalha no SNIC. Foi nosso professor em...

— Adam Stubbo — repetiu Bastesen, acenando com o primeiro papel que Scifford lhe tinha dado. — De fato, ele é casado com Johanne! Conhece-os?

Warren Scifford colocou a gravata no lugar. E, finalmente, vestiu o casaco.

— Encontrei com Stubbor em duas ocasiões — respondeu. — Mas não o conheço. Johanne Vik, em contrapartida... Conheci bem Johanne há muito tempo. Posso contar com Stubbor?

— Stubbo — corrigiu Bastesen. — Stubbo. Como *bird*. Vou ver o que posso fazer.

Dirigiram-se os dois para a porta. Bastesen parou de repente. O seu rosto revelava alguma curiosidade. Retendo com a mão o visitante americano, exclamou: — Confere! Johanne Vik tem algum tipo de experiência no FBI. Alguma coisa de que realmente não me lembro. É daí que vocês dois se conhecem?

Warren Scifford não respondeu. Ajeitou melhor a gravata, abotoou o casaco e foi-se embora ao encontro do embaixador americano.

12.

Abdallah al-Rahman continuava a ser um bom nadador. Avançava pela água com braçadas regulares. O seu ritmo era lento, mas a eficiência dos braços compridos e das palmas das mãos largas fazia com que a velocidade fosse boa. A água não tinha cloro. Ele dava-se mal com produtos químicos e, como ninguém tinha autorização para usar a grande piscina, esta era cheia com água salgada. A água era substituída com tanta frequência que ele nunca sofrera qualquer problema de saúde na sequência da prática da natação.

O homem sentado à beira da água numa confortável cadeira cheia de almofadas sorria para a beleza dos trabalhos em mosaico na piscina e à sua volta. Minúsculos pedacinhos de mosaico numa miríade de matizes de azul brilhavam à luz dos archotes colocados ao longo da parede de pedra do lado leste. A brisa da noite era amena em comparação com o calor intenso que o tinha feito sofrer o dia inteiro. Nunca se habituaria ao calor, mas gostava do que restava dele, um calor solar armazenado que tornava as noites agradáveis e fazia com que o seu joelho lesionado deixasse de doer.

O corpo do árabe deslizava pela superfície da água. O homem perto da piscina bebia chá e seguia o seu amigo com o olhar.

O seu nome era Tom Patrick O'Reilly, nascido num meio desfavorecido numa pequena cidade da Virgínia, em 1959. Com o tempo, tornou-se ainda pior. O pai desapareceu quando ele fez dez anos. Uma tarde, dirigiu-se a uma bomba de gasolina para encher o depósito e a família nunca mais o viu, nem a ele nem à velha carrinha que usava, o único carro da família. A mãe esgotou-se literalmente para sustentar sofrivelmente quatro crianças. Morreu quando Tom tinha dezesseis anos. Estava-se em 1975 e Tom decidiu, ainda durante o simples funeral da mãe, investir tudo no único

trunfo que tinha. Sendo um bom jogador da equipe de futebol americano da escola local, conseguiu tornar-se durante os seus dois últimos anos de liceu o mais promissor *quarterback* que a Virgínia tivera nas últimas décadas. Assim, obteve uma bolsa para estudar na Universidade de Stanford e deixou a sua cidade natal com uma mochila cheia de roupa, trezentos dólares no bolso de trás das calças e a absoluta convicção de que jamais voltaria a pôr os pés na sua cidade.

No primeiro ano, lesionou o joelho. Ligamentos laterais, cruzados e menisco. Tom Patrick O'Reilly tinha vinte anos e pensou que o seu futuro tinha acabado. Como os seus resultados académicos eram medíocres, não podia prosseguir os estudos a não ser pagando com as suas jogadas espetaculares.

E foi sentado no seu quarto a chorar que Abdallah, entrando sem bater, o encontrou. O tipo com quem Tom tinha apenas falado algumas vezes sentou-se num banco e ficou a olhar pela janela sem dizer palavra.

Tom Patrick O'Reilly lembrava-se de limpar as lágrimas, sorrir e vestir uma camisola já demasiado pequena. O treino de Tom fazia com que ele se tornasse fisicamente maior. O dinheiro da bolsa dava apenas para pagar o necessário, a universidade e um estilo de vida modesto. A roupa era um luxo. O jovem, que sem ser convidado entrara no quarto, avaliava a roupa que Tom metia na mochila. Vestia jeans dos mais caros e camisa de seda. Só os sapatos custavam mais do que todo o orçamento anual de Tom para roupas.

Agora, porém, sentado num palácio nos arredores de Riad, tomando chá doce e administrando uma fortuna com que jamais tinha sonhado, embora estivesse a caminho de fazer uma carreira brilhante como esportista, Tom sentiu que o que acontecera naquele dia quente da primavera de 1978 fora um absurdo.

Ele não conhecia Abdallah. Ninguém na Stanford o conhecia. Ainda que fosse convidado para algumas das festas mais populares,

a que comparecia, por vezes, com passos lentos e um sorriso que ninguém conseguia entender. O jovem era riquíssimo. Petróleo, foi o que todos pensaram ao ver os cabelos escuros e o perfil aquilino. Era certamente petróleo, embora ninguém se atrevesse a perguntar. Abdallah al-Rahman não dava azo a que se fizessem perguntas a respeito de si próprio. É claro que era simpático e, além disso, um nadador talentoso da equipe da escola. Ainda que não procurasse estar com os da sua idade como todos faziam, também não era nenhum eremita. As garotas procuravam-no.

Tinha ombros largos, era alto e possuía olhos anormalmente grandes. Mas não dava em nada, ele era estrangeiro. Parecia que ele queria que fosse assim. De repente, estava sentado num caótico quarto de estudante que cheirava a meias sujas, estendendo a Tom Patrick O'Reilly uma tábua de salvação que o paupérrimo rapaz da Virgínia agarrou com ambas as mãos.

Depois disso, nunca mais a largou.

O chá estava tão doce que o açúcar parecia se acumular na língua. Tom Patrick O'Reilly pousou a xícara. Passou os dedos pelos cabelos de um louro-avermelhado e sorriu para o árabe que, com movimentos suaves, saía da água.

— Que bom ver você — disse Abdallah, estendendo a mão. — Desculpe tê-lo feito esperar.

Sempre aquela mão, pensou Tom. Nunca um abraço ou um beijo. Nada mais, nada menos, sempre a mão. Estava molhada e fria e Tom O'Reilly estremeceu ligeiramente.

— Tomou sol demais — disse Abdallah, pegando uma toalha para secar o cabelo. — Como sempre. Espero que não tenha se aborrecido. Eu tenho tido muito pouco para fazer.

Tom limitou-se a sorrir.

— Como está Judith? E as crianças?

— Bem — disse Tom. — Muito bem, obrigado. Garry está ficando bem bom. Mas nunca vai ser um bom *quarterback*. Grande e pesado

demais. Como jogador da defesa pode ter um bom futuro. Estou tentando puxar alguns cordõezinhos.

— Não tente demais — disse Abdallah, vestindo um caftã pela cabeça antes de se sentar. — As crianças, em geral, conseguem sempre se sair bem. Mais chá?

— Não, obrigado.

Os dois ficaram sentados em silêncio. Tom se lembrava de observar Abdallah quando ele achava que não estava a ser visto. O árabe possuía uma calma peculiar que Tom nunca se cansava de admirar. Conheciam-se há quase trinta anos. Abdallah sabia tudo o que se podia saber a respeito de Tom. O americano tinha-lhe contado a sua triste história logo na primeira noite e, desde então, mantinha-o informado a respeito dos pequenos e dos grandes acontecimentos da sua vida: garotas e casos, trabalho, amores e preferências políticas. Por vezes, quando ficava deitado na cama sem dormir, Tom costumava olhar para a mulher e pensar que Abdallah sabia muito mais a seu respeito do que ela. Mesmo considerando os quase vinte anos de casamento.

Assim rezava o trato.

Mesmo naquela altura, naquela tarde quente em que a primavera finalmente chegara em força e em que recebera a carta onde lhe anunciavam que a bolsa lhe seria retirada a partir do ano escolar seguinte, na sequência de circunstâncias físicas, Tom apercebeu-se claramente do preço que teria de pagar pelo fantástico presente.

Abdallah queria saber tudo sobre ele.

Nessa época, como agora, Tom achava que o preço era baixo. A convivência com Abdallah fora sempre agradável. Na universidade, encontravam-se de vez em quando, mas nunca foram amigos íntimos. Pelo menos para os outros. Depois da universidade, nunca mais se encontraram nos Estados Unidos. Às vezes seus caminhos se cruzavam-se nas estradas da Europa. Tom ia habitualmente a

reuniões nas grandes cidades onde acontecia que Abdallah também tinha negócios.

Então os dois jantavam num restaurante árabe de bairro em Londres ou davam um passeio no Champ-de-Mars, perto da Torre Eiffel, ou pelas margens do Tibre depois de um café numa esplanada romana.

Uma vez ou outra, Tom era chamado a Riad.

— A viagem correu bem? — Abdallah serviu-se de mais chá.

— Sim.

Tom O'Reilly gostava de estar em Riad. Levavam-no sempre àquele lugar, embora soubesse que havia outros palácios. Aquele era o maior e o mais imponente, pelo que percebia das vagas descrições de Abdallah. Os convites chegavam de repente e raramente com mais de três horas de antecedência. Sempre de um número de telefone local. E havia sempre um jato particular à espera dele no aeroporto mais próximo. Tudo o que Tom tinha de fazer era comparecer. Podia estar em Madrid ou no Cairo ou ainda em Estocolmo quando a mensagem chegava. O trabalho como diretor da ColonelCars exigia a sua presença no mundo inteiro. Na época em que tinha uma posição inferior na firma, podia haver problemas em alterar o seu esquema de trabalho sem aviso prévio. Era mais fácil agora e os convites também chegavam cada vez com menor frequência.

Fazia ano e meio desde o último convite.

— Esta será a última vez que nos vemos — disse Abdallah de repente, sorrindo.

Tom O'Reilly tentou acomodar-se melhor no mar de almofadas macias. O joelho doía-lhe novamente. Tinha ficado demasiado tempo na mesma posição. Não sabia o que havia de dizer, mas sentia que tinha de dizer alguma coisa.

— Lamento — disse por fim, sentindo-se um idiota.

Abdallah al-Rahman arvorou um sorriso ainda mais aberto. Os dentes brancos brilharam no rosto queimado pelo sol. Bebeu o resto do chá de um gole e pousou a xícara.

— Tem sido uma grande satisfação, Tom. Uma verdadeira alegria.

A ternura na sua voz surpreendeu Tom. Era como se Abdallah estivesse falando com uma criança amada.

— Igualmente — murmurou ele, pegando na sua xícara, a fim de ter alguma coisa para fazer.

Mais uma vez, calaram-se. O ladrar longínquo de um cão foi o único som que quebrou o silêncio quente do palácio. A água na piscina permanecia lisa como um espelho e a brisa fresca que soprara ao pôr do Sol tinha parado por completo. Pelo menos ali dentro, por trás dos muros altos e antigos que rodeavam o jardim.

Quando Tom O'Reilly aceitou a generosa oferta de Abdallah em 1978, tinha-o feito sem muita relutância. Conseguiu reprimir rapidamente a vaga sensação de má consciência.

Seria burrice questionar a situação, não sabendo exatamente a proposta que Abdallah lhe ia fazer. Conseguiu o financiamento de todos os estudos contra a prestação de pequenos favores. Esse financiamento cobria não apenas todas as propinas escolares, mas também todas as outras despesas. Pôde deixar todos os trabalhos extraordinários e concentrar-se exclusivamente nos estudos. Como já não tinha de empregar quatro horas por dia no treino esportivo, os resultados puramente escolares melhoraram muito. Completou os exames com boas notas, uma valiosa rede de contatos na Universidade de Stanford e uma vontade imensa de ter sucesso, que é rara naqueles que não passaram por dificuldades.

À medida que foi ficando mais velho, foi sendo assediado pela dúvida.

Não muito. Mas o suficiente para, já com trinta anos, tentar saber mais a respeito da fundação que tornara possível a um estudante

pobre e não especialmente promissor estudos numa das universidades de maior prestígio do mundo. Como estudante, praticamente não se preocupou com mais nada, a não ser em cada verão e em cada Natal verificar em sua conta bancária a entrada de um valor bem alto cujo remetente se ocultava sob a designação quase anônima de “Student Achievement Foundation”.

A fundação não existia.

Isso fez com que ele ficasse preocupado e custou-lhe algumas noites de inquietação. Após algum tempo, tranquilizou-se com o pensamento de que a fundação podia ter deixado de funcionar. Nada de estranho nisso, considerou ele. Não havia razão substancial para perder tempo continuando a investigação.



Tom O'Reilly era um homem inteligente. Quando Abdallah al-Rahman começou a procurá-lo na Europa, compreendeu que isso, naturalmente, podia ser mal interpretado. Pelos outros. Pelos que não entendiam como eles podiam ser bons amigos. Colegas de universidade. Por aqueles que não sabiam que as conversas que eles tinham eram completamente inocentes.

— A vida foi o que esperava? — perguntou Abdallah, calmamente, quase desinteressadamente.

— Sim.

Tom tinha conseguido tudo. Tinha ficado fiel à mulher, apesar de todas as tentações. Já como estudante, tinha jurado não permitir que a lembrança do pai lançasse sombras sobre a sua vida. A família fora abençoada com quatro crianças e um rendimento que lhe deu a possibilidade de acomodá-la numa mansão de doze divisões num dos subúrbios mais elegantes de Chicago. Trabalhara duramente e

muito, mas tinha conseguido chegar a um nível suficientemente alto no sistema para ter férias e feriados. Tom O'Reilly era um homem respeitado. Nos momentos de tranquilidade, como naqueles em que as crianças eram pequenas e ele as deitava na cama antes de ir dormir, Tom sentia-se o próprio sonho americano personificado. Estava satisfeito.

— Sim — repetiu ele, clareando a voz. — Fico muito grato.

— Só tem que agradecer a si mesmo. Eu me limitei a ajudá-lo quando o sistema virou-lhe as costas. O resto foi por sua conta. Foi inteligente, Tom.

— Obrigado. De qualquer maneira, fico... muito grato. Obrigado.

Sentiu alguma inquietação com a preferência de Abdallah pela palavra *sistema*.

Era um conceito de que Tom não gostava. Em especial, da maneira como Abdallah o tinha usado. Apontar o sistema numa situação como aquela parecia...

Abdallah não é como eles. Ele compreende. Age de acordo com o nosso sistema, a nossa economia, e nunca, nem uma única vez, disse qualquer coisa que desse a entender ser como eles. Pelo contrário. Ele me respeita. Ele respeita a maneira de ser dos americanos. Ele é quase... americano.

— O sistema é duro — concordou Tom. — Mas é justo. Não quero de forma alguma minimizar o que fez por mim. Como disse, estou profundamente agradecido. Mas com todo o respeito...

Hesitou e observou os pequenos motivos que decoravam as xícaras.

— Com todo o respeito, acho que eu acabaria por me sair bem de qualquer maneira. Eu tinha vontade. Estava disposto a trabalhar duramente. O sistema premia quem trabalha.

Era impossível adivinhar o que ia na cabeça de Abdallah. Obviamente, ele descontraíra. Os olhos estavam semicerrados e a

boca sorria vagamente, como se estivesse pensando em alguma coisa divertida que não tinha nada a ver com a conversa.

— Disso nós somos exemplo — disse ele, finalmente, concordando. — O sistema recompensa quem trabalha duramente e com determinação. Quem se propõe atingir metas a longo prazo e não pensa apenas nos ganhos imediatos.

Tom ficou mais tranquilo. Encolheu os ombros e sorriu.

— Justamente!

— E agora gostaria de pedir um favor — disse Abdallah, ainda com aquela expressão longínqua, como se, na realidade, pensasse em outra coisa.

Fez um sinal a um empregado que Tom ainda não tinha notado. Esperava meio escondido atrás de três palmeiras e de um vaso gigantesco na entrada do terraço, uns vinte metros afastado. O empregado aproximou-se sem ruído e estendeu a Abdallah um envelope. Depois, retirou-se em silêncio.

— Um favor — murmurou Tom. — O quê?

Nunca me pediu nada. Apenas minha vida. A minha pessoa e o que eu fizesse. Foi o trato. Eu devia manter contato. Encontrar você quando pedisse. Não disse nada sobre favores, Abdallah. Em quase trinta anos, fiz o que prometi. Não prometi nada mais do que isso: me comportar bem.

— É uma coisa muito fácil — disse Abdallah, sorrindo. — Tem que levar esse envelope para os Estados Unidos e colocá-lo no correio. Depois disso, estamos quites, Tom. Depois disso, terá pago tudo o que me deve. E para que não pense, de forma alguma, que é perigoso...

Tom ficou como que paralisado enquanto Abdallah abria o envelope. Dentro havia outro envelope menor. Também não estava fechado. Ele pôs o nariz na abertura e inspirou. Profundamente.

Sorriu e entregou o envelope aberto a Tom.

— Nada de venenos. Vocês são, ousado dizer, com toda razão, um pouco histéricos em se tratando de remessas pelo correio. Isto é pura

e simplesmente uma carta.

Tom viu o papel dobrado. Pareciam várias folhas. Estavam dobradas com o texto voltado para dentro. O papel era branco e comum. Abdallah umedeceu a cola do envelope e fechou. Depois, meteu-o dentro do outro envelope maior que também fechou.

— Tudo o que tem que fazer é levar o envelope para casa. Depois, basta procurar uma caixa de correio. É totalmente indiferente o local. Em seguida, abra o envelope maior e ponha o menor na caixa de correio. Jogue fora o maior. É tudo.

Tom O'Reilly não respondeu. Sentia-se asfixiar. Era quase como se estivesse para chorar. Engoliu em seco. Tentou tossir.

— Por quê? — disse ele, ofegante.

— Negócios — disse Abdallah, indiferente. — Não confio nos correios. E não confio em absoluto em todos esses modernos meios de comunicação. Olhos demais, ouvidos demais. Por toda parte. É importante que isso chegue ao destino. Puro negócio.

Como é que pode mentir na minha cara?, pensou Tom O'Reilly, tentando recuperar o autocontrole. *Como é que pode me humilhar dessa maneira? Depois de trinta anos. Tem toda uma frota aérea e um exército de colaboradores à disposição. E me escolhe para mensageiro, para levar uma carta. O que é que ela contém? O que devo fazer?*

— Vai ter que fazer — disse Abdallah, calmamente. — Primeiro, porque me deve isso. E como se não fosse suficiente...

Ele fitou o americano sem terminar a frase...

Sabe tudo a meu respeito, pensou Tom, esfregando as palmas das mãos suadas uma na outra. *Mais do que ninguém. Durante vinte e oito anos, temos falado sempre a meu respeito, raramente a seu respeito. Tem sido meu confidente em tudo. Tudo. De hábitos bons e maus, sonhos e pesadelos. Conhece minha mulher sem nunca tê-la encontrado e sabe que meus filhos...*

— Compreendo — disse Tom rapidamente, aceitando a carta. — Está decidido.

— Então, estamos quites. O avião está pronto para levá-lo a Roma amanhã de manhã cedo. Sete horas é cedo demais? Não é. Agora, estou com fome. Vamos comer, Tom. Ficou uma temperatura bem amena para jantarmos.

Ergueu-se e estendeu a mão para ajudar o americano a levantar da posição baixa nas almofadas. Tom aceitou a ajuda automaticamente. Quando ficou em pé, o árabe passou o braço pelo ombro de Tom e o beijou.

— Foi um prazer tê-lo como amigo — disse ele, com suavidade.
— Um verdadeiro prazer.

E à medida que o americano andava, cambaleante, atrás de Abdallah, pisando o chão de pedra em direção às portas de vidro do bonito palácio, surgiu-lhe um pensamento, absolutamente, pela primeira vez.

“Quantos Tom O'Reilly você tem na realidade, Abdallah?
Quantos como eu?”

13.

O inspetor Adam Stubo voltou para casa a pé depois de uma festa muito longa e muito especial, por conta do dia nacional, em casa dos sogros.

Naturalmente, podia ter aproveitado a oportunidade quando Johanne, pelas dez horas, finalmente, conseguira autorização da mãe para se retirar. Ragnhild há muito que dormia.

Ela devia ficar em casa dos avós maternos até o dia seguinte. Kristiane ficara totalmente arrasada e desorientada quando Isak, o seu pai biológico, a viera buscar pelas sete horas. Embora todos eles estivessem sob a influência dos acontecimentos do dia, Kristiane fora a que mais alterada ficara. Tinham conseguido acalmá-la durante a manhã e a menina achou que seria divertido tomar parte do desfile das crianças, ainda que não tivesse largado a sua mão nem por um segundo. No decorrer do dia, a situação piorara. Estava obcecada com a mulher que desaparecera e agarrava-se à mãe, aterrada, até que o pai, finalmente, chegou e atraiu a atenção dela ao falar-lhe sobre um novo brinquedo, um comboio sobre carris que ela mesma podia controlar.

Adam podia ter voltado de carro com Johanne, mas preferiu ir a pé.

Em vez de seguir pela avenida, a Kjelsåsveien, e cruzar Storo em direção ao Tåsen, escolheu um desvio pelo Grefsenplatået. A atmosfera estava fria e fresca e a luz de Maio chegava pálida pelo oeste. Os sapatos rangiam no asfalto. O município admitia não ter ainda recursos para retirar a areia aplicada sobre a neve durante o inverno.

Tinha chovido durante o dia. Dos jardins vinha um cheiro úmido de folhas secas em decomposição, caídas durante o outono. Nos

canteiros, o sono das tulipas cantava o seu último verso. Por trás de cada janela das salas de estar, tremulavam os televisores.

Ele parou junto a uma pequena cerca pintada de branco.

A casa também era branca, mas adquirira um tom azulado sob a luz do anoitecer. As cortinas estavam abertas. Um casal idoso via um programa na televisão. Ele viu a mulher erguer uma xícara de café. Ao voltar a pousar a xícara na mesa, ela deu a mão ao homem. E assim ficaram os dois, sentados, em silêncio e de mãos dadas, enquanto viam o noticiário que, provavelmente, não contava mais nada além do que já tinha sido noticiado dezenas de vezes durante o decorrer da tarde.

Adam ficou parado.

Sentia um pouco de frio, mas ainda assim estava agradável. O frio ajudava-o a clarear as ideias. Ficou contemplativo, sem vontade de continuar. O casal idoso na casinha branca com tulipas por baixo das janelas e noticiário na televisão tornara-se uma imagem daquilo em que a Noruega se transformara naquele dia estranho que começara festivo e que terminava com uma ameaça cuja amplitude se desconhecia.

“Paradoxalmente, um atentado seria mais simples de investigar”, pensou ele. “Um caso de morte é um final inapelável, mas é também o início de algo diferente. A morte é lamentável, mas também uma situação a partir da qual se pode investigar. O desaparecimento é um purgatório sem tempo definido para acabar e quase impossível de suportar.”

O marido dentro da casa levantou-se com dificuldade. Arrastou-se até a janela e, durante um momento doloroso, Adam achou que tinha sido descoberto. Deu dois passos para trás. O homem correu as cortinas de tecido pesado e florido, fechando a janela para o mundo, pelo menos durante a noite que chegava.

Adam escolheu continuar o caminho a pé até Stilla e seguir depois pela avenida ao longo do rio. A água corria fresca pelas

margens. Os patos tinham voltado com a chegada da primavera. Um ou outro pato selvagem nadava persistentemente contra a corrente, mergulhando constantemente à procura de comida, a refeição do final da tarde. Adam apressou o passo, quase correu.

“Eles não escolheram levar a cabo um atentado”, pensou, ofegante. “Se ‘eles’ existem, então, escolheram não matar. Era isso que queriam? O purgatório? E se é um vácuo desorientador que procuram criar, o que é que farão...”

Agora, Adam corria o quanto podia, de sapatos finos, terno completo e sobretudo um pouco apertado. Tropeçava aqui e ali, recuperava o equilíbrio e seguia em frente.

Queria chegar a sua casa. Corria e tentava pensar em algo diferente, no verão que o esperava em breve e no cavalo que achava poder comprar, caso Johanne continuasse irredutível na ideia de não permitir mais animais em casa além daquele vira-lata, sempre babando, que Kristiane chamava de Jack, o Rei da América.

Para que eles vão usar esse vácuo?

14.

O ponteiro do relógio se aproximava do onze. Johanne Vik estava demasiado cansada para se levantar do sofá, mas também demasiado preocupada para dormir. Tentou imaginar o que seria um feriado, uma noite e uma manhã sem ter a filha por perto, mas não conseguia fazer outra coisa senão ver o noticiário que fornecia repetições inúteis e especulações já mastigadas. A única coisa que era clara para o público em geral, quase dezesseis horas depois de a presidente americana ter desaparecido do seu quarto de hotel na Noruega, é que ela ainda não tinha aparecido em lugar nenhum. Os representantes da Noruega ainda evitavam falar oficialmente em sequestro, mas os jornalistas estavam muito mais à vontade. Os comentaristas, em geral, lançavam-se em teorias mais ou menos fantasiosas. A polícia continuava em silêncio. Nenhum dos responsáveis pelas investigações se deixara entrevistar desde o início da tarde.

— Eu estou com eles — disse Adam, sentando-se ao lado dela. — Há limites para o número de vezes que são obrigados a dizer exatamente a mesma coisa. Que, de uma maneira geral, não é muito. Bastesen parecia bem cansado nas suas últimas aparições.

— Espero que eles estejam mentindo.

— Mentindo?

Ela dirigiu-lhe um breve sorriso e acomodou-se melhor no sofá.

— Sim, espero que eles saibam mais do que dizem. E é isso, certamente, o que está acontecendo.

— Não esteja tão certa. Raramente tenho visto um grupo tão grande de gente importante como aquele que foi filmado saindo do...

Johanne mudou várias vezes de canal e terminou na CNN.

Wolf Blitzer permanecia no estúdio, como estivera nas últimas quatorze horas. O programa *The Situation Room*¹ transmitia ao vivo e a julgar pela atividade não havia nada que indicasse que planejavam pôr um ponto final à emissão. O apresentador estava impecavelmente vestido como sempre, a gravata ligeiramente mais desapertada que ao longo do dia. Transferiu habilmente a palavra de um correspondente em Washington DC para Nova York, antes de cortar delicadamente a palavra do enviado para a transferir de novo para Christiane Amanpour. A mundialmente famosa jornalista estava em Slottsbacken, tendo por pano de fundo o Palácio Real iluminado. Vestia roupa leve. Parecia até que tremia de frio.

— É impressionante como tudo muda tão rapidamente — murmurou Adam.

— Eles aparecem nos lugares-chave em poucas horas.

— Não compreendo bem o que o Palácio Real tem a ver com o caso — comentou Johanne, dissimulando um bocejo. — Mas concordo com isso. Tudo é feito com mais clareza e maior rapidez. Você correu? Está todo suado, meu querido.

— Dei um pouco mais de corda na máquina. Senti-me muito bem. É bom correr.

— De terno completo?

Ele sorriu e a beijou, evitando responder. Ela entrelaçou os dedos nos dele.

— Na realidade, é estranho...

Pensativa ela estendeu a mão para pegar o copo de vinho.

— Nota a diferença?

— Que diferença?

— Entre a transmissão norueguesa e a americana. A atmosfera, quero dizer. Os americanos se mostram eficientes, rápidos, quase agressivos. Aqui, na Noruega, parecem mais... na expectativa. De certa forma, parecem estar paralisados. Quase passivos. Pelo menos,

os entrevistados. É como se tivessem medo de falar demais e, então, chega a ser cômico o pouco que dizem ao público, é quase uma paródia. Olhe os americanos, como são muito mais competentes.

— Mas é preciso considerar que têm mais treino — disse Adam, tentando esconder a ligeira irritação que sentia sempre que batia de frente com a posição especial de Johanne em relação a tudo que era americano.

Por um lado, ela se recusava a conversar sobre o período em que estudara nos Estados Unidos. Já se conheciam há muitos anos. Eram casados. Tinham filhos e empréstimo para habitação, sonhos e uma vida em comum. No entanto, havia um longo período na vida de Johanne que ela mantinha ferozmente em segredo. Na noite anterior ao casamento, obrigara o futuro marido a jurar que em nenhuma circunstância lhe perguntaria a razão por que interrompera os seus estudos de Psicologia na academia do FBI em Quântico. Ele jurara pela alma da sua falecida filha e perante a sua sepultura. Tanto a forma quanto as consequências desse juramento fizeram com que Adam se sentisse mal das poucas vezes em que o assunto viera à tona, provocando uma reação furiosa por parte de Johanne, reação nada habitual nela noutras circunstâncias.

Ao mesmo tempo, o fascínio de Johanne por tudo o que era americano chegava a ser obsessivo. Ela lia quase exclusivamente ficção dos Estados Unidos e tinha uma coleção de filmes de baixo orçamento que comprava pela Internet ou recebia através de amigas em Boston, amigas essas que ele nunca conheceu e de quem não sabia nada. As prateleiras no seu pequeno gabinete de trabalho estavam cheias de livros sobre fatos da história americana, política e vida comunitária. Adam nunca teve permissão para ler qualquer deles e sofria sempre que ela fechava à chave a porta do gabinete quando viajava sozinha.

— Na realidade, não — disse ela, depois de uma longa pausa.

— O quê?

- Disse que eles tinham mais treinamento.
- Eu quis dizer...
- Eles nunca perderam um presidente fora de suas fronteiras.

Os presidentes americanos foram mortos por ações aleatórias em seu próprio país. Nunca no exterior. E nunca em consequência de conspiração. Sabia disso?

Alguma coisa em seu tom de voz fez com que ele não respondesse. Conhecia-a suficientemente bem para saber que, se fizesse daquilo um diálogo, ela poderia transformar rapidamente a conversa em algo diferente. Mas, se pudesse falar à vontade, continuaria no mesmo tom.

— Quatro dos quarenta e três presidentes foram assassinados em atentados — disse Johanne refletindo, como se na realidade falasse consigo mesma. — Não são apenas dez por cento?

Ele evitou contradizê-la.

— Kennedy — disse ela, com um sorriso cansado, antecipando-se a ele. Esquece. Lee Harvey Oswald era um cara estranho que possivelmente tinha uns dois parceiros de ocasião que o ajudaram a planejar a operação. Mas é de acreditar que não. De qualquer maneira, não se pode falar de uma grande conspiração. A não ser no cinema.

Ela se esticou para a garrafa de vinho. Mas estava longe demais. Foi Adam que a pegou e encheu seu copo. A TV continuava ligado. A testa de Wolf Blitzer tinha ficado um pouco úmida e, quando ele passou para um repórter na Casa Branca, podiam ver algumas sombras embaixo de seus olhos. Seguramente, iam disfarçá-las no próximo intervalo de publicidade.

— Lincoln, Garfield e McKinley — continuou Johanne, sem tocar no copo. — Todos foram mortos por fanáticos que agiram sozinhos. Um apaniguado da confederação, um doente mental e um anarquista louco, se a memória não me falha. Cidadãos doidos. O mesmo aconteceu com as tentativas fracassadas. No atentado contra

Reagan, o homem queria impressionar Jodie Foster, e na tentativa contra Theodore Roosevelt, o sujeito acreditava que se livraria de suas dores de estômago matando o presidente. Só aqueles dois porto-riquenhos que...

Christiane Amanpour estava de novo na tela. Agora, usava um casaco mais quente. Talvez a gola de pele contribuísse um pouco para uma atmosfera polar.

Ela a puxava constantemente para o pescoço. Desta vez, estava na frente do edifício da polícia, na Granlandsleiret. Também, nada de novo ali. Johanne olhava para a televisão. Adam baixou o volume. E perguntou: — O que houve com os porto...

— Esquece — interrompeu ela. — A intenção não era dar conhecimentos elementares sobre a história americana.

— Qual era a intenção, então? — perguntou ele, tentando manter um tom amigável.

— Você insinua que eles estão preparados. E estão, de muitas maneiras. De qualquer forma, as emissoras de televisão estão preparadas.

Ela apontou Christiane Amanpour que tinha problemas no microfone. Atrás dela, subindo a rua para a Granlandsleiret, chegava um grupo de homens em ternos escuros, que levantaram as golas dos casacos para evitar as câmeras de TV, não se deixando atrasar pelos gritos de uns trinta jornalistas que, provavelmente, tinham acampado no local durante a noite. Adam reconheceu imediatamente o chefe de polícia. Terje Bastesen se afastava dos jornalistas e puxava o quepe para a testa, mesmo contra o regulamento, e se apressava para uma fila de carros que esperava na calçada.

— Mas o povo americano — recomeçou Johanne, fixando o olhar num ponto longínquo atrás da TV — não está preparado. Não totalmente e não para isto. Toda a sua história lhes diz que é contra indivíduos desorientados que têm de estar atentos quando se trata

de ataques contra o próprio presidente. Não me admiro se o *Secret Service* já tiver esquematizado um sem-número de cenários para o atentado, incluindo, em especial, adversários do aborto, antifeministas e os defensores mais duros da guerra no Iraque. É aí que Helen Bentley tem os mais encarniçados adversários no seu país. E é aí que encontrarás combustível para o fanatismo que, empiricamente, é a causa. A história mais recente da América.

Ela hesitou um momento.

— É claro que a história mais recente criou outros cenários. Depois do 11 de Setembro, imagino que o *Secret Service* gostaria de considerar, seriamente, a colocação dos seus presidentes em *bunkers* de cimento e a hipótese de os deixar por lá. Possivelmente, os Estados Unidos nunca foram tão impopulares no resto do mundo desde a Guerra Civil. E como a definição de terrorismo passou a ter um novo conteúdo nos últimos anos, pelo menos para os americanos, o seu medo diante do que pode acontecer à presidente também mudou, obviamente. O fato de ela ter desaparecido no nada durante uma visita a uma pequena nação tida como amiga é uma coisa que fica muito além do que se poderia imaginar. Mas — o copo de vinho quase virou quando ela estendeu o braço para pegá-lo — quem sou eu para saber tudo? — concluiu ela jovialmente, fazendo um brinde. — À sua, amigo. Está na hora de dormir.

— O que está acontecendo realmente na *Situation Room* neste momento, Johanne?

Ela se libertou do abraço dele.

— Não sei. Não tenho nenhum controle...

— Mas é claro que tem. Se não por outro motivo, por ter um livro que, ainda por cima, tem o título *The Situation Room* e que — de súbito, era Adam que não aguentava conter a irritação que estava quase virando fúria — está na sua mesa de cabeceira! Com os diabos, Johanne, deve haver uma maneira de poder compartilhar...

Num instante, ela estava em pé e a caminho do quarto. Segundos depois, voltava com o rosto transfigurado, vermelho.

— Aqui está — disse ela. — Lembrou do título errado. Mas já que está tão interessado, pode muito bem ler. Não é exatamente um segredo, já que estava ao lado da nossa própria cama. Faça o favor.

Seus óculos ficaram ligeiramente embaciados. Gotas de suor apareciam em seu nariz.

— Johanne — exclamou Adam, suspirando. — Está na hora de desistir. Nós, simplesmente, não podemos continuar...

Começo a ficar cansado, pensou ele. Tenha cuidado, Johanne. Não sei quanto tempo vou aguentar atitude dúbia. O contraste entre aquela mulher inteligente, amiga e esperta que eu amo e aquela que fica zangada com tudo e com nada, que se fecha em si mesma, mostrando as garras sem uma razão compreensível, está me cansando. Tem segredos demais, Johanne. Para mim e, acima de tudo, demasiados para você.

A campainha da porta tocou.

Os dois sobressaltaram-se. Johanne deixou cair o livro como se tivesse sido apanhada de surpresa com contrabando ilegal.

— Quem pode ser? — murmurou Adam, olhando para o relógio. Eram onze e vinte da noite.

Tenso, ergueu-se e foi abrir a porta.

Johanne ficou em pé, virada para a televisão. Na tela passavam imagens que, naquele mesmo momento, eram vistas também em todas as partes do mundo, independentemente de fuso horário e regimes políticos, religião e etnias. A CNN não tinha tão grandes audiências desde a catástrofe em Manhattan e parecia aproveitar a oportunidade. O relógio aproximava-se das seis da tarde na Costa Leste. Sedentos de notícias, os americanos chegavam a casa depois do trabalho, como se se sentissem obrigados a voltar depois do angustiante noticiário da manhã. E na emissora trabalhava-se rapidamente, editando o material dos repórteres e analistas, comentadores e peritos. Todos pareciam mais agitados que

cansados, como se o aproximar do horário nobre da programação desse a todos novas energias. Homens e mulheres com títulos respeitáveis discutiam, com a maior seriedade e alternadamente, as consequências constitucionais e a segurança nacional, os cenários da crise a curto e longo prazo, as organizações terroristas e a ausência, repetidamente criticada, do vice-presidente. Pelo que Johanne podia entender, ele estaria escondido num avião em algum lugar sobre o estado do Nevada. Ou num *bunker* no Arkansas, como um dos peritos aventou, enquanto um terceiro insistiu em dizer saber que o vice-presidente já estava em segurança numa longínqua base da marinha americana fora das fronteiras do país. Discutiram a vigésima quinta emenda da Constituição, estando todos de acordo que o mais escandaloso de tudo era o fato de a Casa Branca ainda não ter esclarecido se a emenda teria entrado em vigor.

É dessa maneira que eles veem a questão na verdadeira Situation Room, pensou Johanne.

Ela viu as telas de plasma nas paredes de um local apertado na Casa Branca no andar térreo da Ala Oeste, com gerânios vermelhos na janela.

Nesse momento, a mais de seis mil e duzentos quilômetros da sua casa no Tåsen em Oslo, um grupo de pessoas trabalhava num ritmo acelerado de crise e em caótica ignorância, observando precisamente o mesmo programa de televisão que o resto do mundo, enquanto tentava evitar que o globo fosse profundamente mudado bem cedo, na manhã seguinte.

Diariamente, os muitos departamentos e agências ligados à segurança nacional recebiam mais de meio milhão de mensagens eletrônicas de embaixadas, bases militares e outros serviços secretos do mundo inteiro. Surgiam avisos de vital importância para a segurança da nação, misturados com comentários insignificantes que seria preferível evitar. Relatórios rotineiros chegavam lado a lado com mensagens sérias sobre atividades inimigas. Desde a CIA ao

FBI, NSA e Ministério dos Negócios Estrangeiros, todos tinham as suas próprias centrais de operações que fazia a triagem, separando o trigo do joio entre o fluxo de informações que nunca parava de chegar. As insignificantes eram enviadas para onde menos danos podiam fazer. As preocupantes, relevantes e perigosas eram enviadas para aqueles que estavam habilitados a tratar dos assuntos mais prementes e que se encontravam numa outra sala: a equipe da Situation Room. Um grupo homogêneo que tinha autoridade para dar prioridade a certas informações e desvalorizar outras, exigir mais relatórios sobre áreas especialmente preocupantes e, o mais importante, estava em contato direto com a assessoria do presidente.

Sob George W. Bush, todos os aparelhos eram sintonizados na Fox News. Agora, estavam ligados novamente na CNN, e o programa era *The Situation Room*.

Isso era o que todos faziam, pensou Johanne, sentando-se.

Os americanos nadavam num mar de informações com correntes subterrâneas que a toda a hora ameaçavam puxá-los para baixo. A corrente de informações numa crise como esta era inimaginável. Vinha de agências e departamentos, de centros de comando e de bases no exterior, de unidades militares e civis. Todo o sistema americano estava agora de pé, no país e no exterior, em Washington DC e em inúmeras outras cidades. Enquanto Johanne fechava os olhos e sentia um cansaço terrível, fazendo com que lhe fosse difícil abri-los de novo, pareceu-lhe ouvir um zumbido fraco como o de um enxame de abelhas no verão, dezenas de milhares de funcionários americanos que tinham uma única meta diante de si: trazer de volta para casa em segurança a presidente.

E estavam vendo a CNN.

Ela desligou.

Sentia-se tão pequena. Dirigiu-se à janela da cozinha que, finalmente, tinha sido substituída. Já não sentia frio quando passava a mão pelo parapeito interno. Estava quase escuro lá fora, mas não

por completo. A primavera trazia consigo essa abençoada luminosidade que tornava a noite menos ameaçadora e a manhã mais célere.

Ela se virou de súbito.

— Quem era?

— Do trabalho — murmurou Adam.

— Trabalho? No meio da noite do 17 de Maio?

Ele se aproximou. Johanne já tinha se virado e olhava pela janela. Lentamente, ele passou os braços pelos ombros dela, que sorriu e sentiu o calor do corpo dele em suas costas. Descontraiu. Fechou os olhos.

— Quero ir dormir — murmurou Johanne, afagando com um dedo o braço dele. — Leve-me para a cama, por favor.

— Warren está em Oslo — sussurrou ele, não deixando que Johanne se libertasse, embora sentindo que ela se contraía. — Warren Scifford.

— O quê?

— Ele está aqui por causa...

Johanne já não o ouvia. A sua cabeça parecia leve e distante como se não fosse a dela. Um calor percorreu-lhe os braços até as mãos, que ela levantou e encostou à vidraça da janela. Viu as luzes de um avião no céu que se deslocava para norte e não podia compreender o que fazia ele lá em cima, àquela hora, naquele dia. Notou que sorria, mas não entendia a razão do seu sorriso.

— Não quero ouvir — disse ela, rápida. — Sabe disso. Não quero ouvir.

Adam recusou-se a soltá-la. O corpo dela parecia agora menor. Estava efetivamente mais magra. E totalmente paralisada.

Warren Scifford, o Chefe, tinha sido professor de Johanne na academia do FBI. Um pouco mais do que professor, compreendeu logo Adam. Johanne eram muito nova na época, vinte e três anos, enquanto Warren já estaria bem entrado nos quarenta. Um caso de

amor para toda a eternidade. Adam não sentira o menor ciúme nas ocasiões em que Warren e ele se encontraram por acaso. Da última vez, uns três, quatro anos antes, numa reunião da Interpol em Nova Orleans, chegaram até a jantar juntos.

Por algum motivo que não pudera explicar, sentira um certo mal-estar com as muitas perguntas que Warren tinha feito sobre Johanne. Evitara o assunto e, pelo resto da refeição, só falaram de trabalho e futebol. Warren Scifford era o elemento mais importante no grande segredo da vida de Johanne. Falar dele era absolutamente proibido, uma proibição que apenas lhe dizia o que era claro: Warren devia tê-la ferido profundamente.

Isso acontece, pensou Adam, mantendo-a firmemente apertada nos braços. É difícil e pode ser esmagador. Mas pode-se sobreviver a isso. Com o tempo. Já se passaram quase quinze anos, meu amor. Esquece. Passa por cima, por amor de Deus. Ou existe algo mais?

— Fale comigo — sussurrou ele ao ouvido dela. — Será que não pode, finalmente, contar o que houve?

— Não.

A voz dela era apenas um gemido.

— Vou trabalhar com ele — disse Adam. — Lamento.

Ele tentou mantê-la em seus braços, mas com uma força inesperada ela se libertou. Seu olhar o assustou quando ela perguntou: — O que disse?

— Ele precisa de um oficial de ligação.

— E precisa ser você? Entre centenas... Vai recusar, não?

De certa forma, ela parecia estar mais perto, como se tivesse acordado no momento em que ele a largou.

— Recebi ordens, Johanne. Eu trabalho num sistema hierárquico. Não existe possibilidade de um não.

Ele fez no ar o sinal de aspas.

Johanne virou-lhe as costas e dirigiu-se à sala de estar. Ele retirou a rolha do saca-rolhas e colocou-a na garrafa ainda pela metade.

Depois, ela pegou nos copos e voltou para a cozinha onde deixou tudo em cima da bancada. Ao descobrir que a máquina de lavar loiça estava cheia, ela colocou detergente, fechou a porta e ligou-a. Pegou num pano, molhou-o, espremeu-o e limpou a bancada da cozinha. Cuidadosamente, espremeu novamente o pano e pendurou-o na torneira.

Adam ficou a olhar para ela sem dizer palavra.

Por fim, Johanne o fitou.

— Uma coisa tem que ficar clara antes de nos deitarmos — disse ela com voz calma e bem articulada, como se estivesse admoestando Kristiane. — Se você aceitar ser o oficial de ligação de Warren Scifford, está tudo terminado.

Ele não conseguiu responder.

— Deixo você, Adam. Se aceitar eu me separo. — Depois, foi embora e se deitou.

O Dia Nacional da Noruega, finalmente, tinha terminado.

¹ Programa da CNN cujo nome faz referência à *Situation Room* da Casa Branca, em que se reúne o secretariado do National Security Council (NSC), o gabinete de crise do Presidente dos Estados Unidos. (N. da R.)

**Quarta-feira, 18 de maio de
2005**

1.

Quando Warren Scifford acordou, não sabia se era por causa da diferença de fuso horário, horas de sono a menos ou gripe a caminho, mas não se sentia nada bem. Ainda ficou deitado na cama por momentos, olhando para o teto. A cortina azul-clara muito fina deixava passar o sol. A luz da manhã invadia o quarto até a cama. Quando finalmente conseguiu levantar a cabeça e olhar para o relógio digital da TV, não quis acreditar no que viu e franziu a testa.

Quatro e meia.

Só então compreendeu a finalidade da persiana feia, plastificada, espessa e escura, que tinha ignorado quando caíra na cama por volta de uma hora. Lutou para sair da cama e correu para a janela a fim de puxar para baixo a tal persiana. Rapidamente, percebeu o funcionamento do mecanismo. A escuridão dominou. Através de pequenos orifícios na persiana, o sol infiltrava seus raios e tornava possível ver alguma coisa no quarto.

Acendeu o abajur na mesa de cabeceira e deitou-se novamente, sem se tapar. A pele nua encrespou-se ao receber em direto a aragem fria do ar-condicionado. O seu pescoço estava rígido e uma dor de cabeça ainda que fraca espreitava entre os olhos. Estava cansado e desperto ao mesmo tempo. Sabia que seria impossível voltar a dormir.

Mais ou menos um minuto mais tarde, levantou-se de novo e vestiu um roupão de seda azul-pavão. Havia um aquecedor de água numa prateleira perto da TV. Em três minutos, tinha feito uma xícara de café amargo, forte demais, que bebeu o mais rapidamente possível. Ajudou, mas se sentia ainda tão abatido que, em outras circunstâncias, teria ficado preocupado.

Depressa concluiu que eram vinte para as onze em Washington DC. O seu humor melhorou um grau. Poderia contar ainda com

umas duas horas sem problemas, caso fosse necessário contatar alguém. Rapidamente, instalou seu escritório portátil em cima da mesa que tinha pedido que colocassem no quarto. A mesa rococó com uma enorme jarra de flores que tinha encontrado no quarto na tarde do dia anterior não servia a seus propósitos. A que trouxeram depois era simples e despretensiosa, mas colossal. Da mala metálica que tinha colocado ao lado da cama, retirou um computador portátil anormalmente grande, quatro celulares e um monte de papéis de tonalidade creme. Dispôs tudo numa linha, de uma forma exageradamente pedante. Em cima do papel, colocou três canetas a igual distância umas das outras. Uma preta, uma vermelha e outra azul. Os quatro telefones eram de fabricantes e formas diferentes e foram colocados como em exposição à esquerda do computador. Finalmente, montou as três partes separadas, retiradas da mala, de uma pequena impressora que conectou ao computador, ligando a ficha numa tomada por baixo da janela. O portátil ficou logo a funcionar. O hotel oferecera uma conexão complementar sem fios, mas ele, em vez da conexão de cortesia, preferiu discar um número americano. Alguns segundos mais tarde, acedia a uma das caixas de entrada de que só quatro pessoas conheciam o endereço. O criptograma surgiu durante momentos, como acontecia sempre, mostrando-lhe sinais caóticos, antes de se definir e apresentar uma imagem bem conhecida.

Warren Scifford bocejou e pestanejou para se livrar das lágrimas que afluíam aos seus olhos. Tinha recebido resposta para a mensagem que enviara antes de adormecer.

Com um clique, abriu a mensagem.

Leu lentamente. Depois, leu tudo mais uma vez, antes de pressionar o ícone de impressão e ficar à espera do conteúdo passar para a máquina que, com voz automática, indicou que ia começar a impressão do documento. Rapidamente, desligou e fechou o computador. Depois disso, dirigiu-se à porta para verificar se o

dispositivo de segurança da fechadura continuava no lugar. Ninguém tinha mexido nela.

Precisava de um banho.

Durante vários minutos, ficou de pé sob a água que jorrava demasiado quente. De início, chegava quase a queimar na pele, antes de se tornar suportável, descendo constante sobre os ombros e as costas. O pescoço ficou mais relaxado e os poros abriram-se. Ensaboou-se e lavou também o cabelo. Por fim, fechou a água quente e ficou arquejando sob a cascata de água gelada.

De qualquer maneira, agora estava bem acordado. Enxugou-se rapidamente e procurou na mala a roupa que queria vestir, depois de ter dado uma olhadela por trás da cortina e constatado que ia ser mais um dia de sol. Vestiu-se, tirou a transcrição do texto da impressora e atirou-se para cima da cama, pondo três almofadas por baixo da cabeça.

A pista Troia continuava não só quente como em ebulição.

Tinha acontecido seis semanas antes. Um dos agentes especiais entrara na sua sala com um pequeno monte de papéis e uma ruga de preocupação na testa. Quando o homem saíra de lá meia hora mais tarde, Warren Scifford apoiara os cotovelos na mesa, cruzara as mãos atrás do pescoço e ficara uma eternidade a fitar o tampo, enquanto maldizia a sua própria vaidade.

Devia ter ficado onde se sentia à vontade. Warren Scifford era um dos melhores na sua área. Era perito em Psicologia de Comportamento, que o FBI tinha desenvolvido e aperfeiçoado durante mais de dez anos. Podia ter continuado a ser um super-herói no seu próprio universo. Na caça a criminosos em série e a violadores anormais, havia paradoxalmente algo de seguro e de manobrável. Warren Scifford tinha dedicado tanto tempo e visto tanta coisa que os crimes já não lhe causavam uma particular impressão. Os sentimentos já não lhe embaraçavam o caminho para uma visão cada vez mais nítida e uma compreensão cada vez maior.

Ele era o caçador mais competente.
E então se deixara tentar.



A Presidente Bentley, já depois da eleição em novembro e bem antes da cerimônia de posse, ligara-lhe pessoalmente para o convencer. Warren lembrava-se ainda da sensação inebriante quando ela o contatara. O doce gosto do sucesso fizera com que amolecesse. Rira alto e levantara os punhos acima da cabeça quando a conversa terminou.

Não apenas era desejado pela Comandante em Chefe da América para um importante posto, como também ela tinha feito o convite num tom de súplica. Mesmo atendendo a que Helen Bentley tivesse sido, como fora, uma amiga íntima durante mais de seis anos, ele sabia que isso não lhe dava a mínima primazia no amplo jogo de paciência que ela começara a montar assim que George W.

Bush, finalmente e contra vontade, aceitara sua vitória no seu discurso de reconhecimento.

Antes pelo contrário. Os comentaristas louvaram *Madam President* quando os nomes começaram a ser indicados para os vários postos. A um nível digno da maior admiração, ela afastou amigos e apoiadores de muita confiança, dando preferência a candidatos com indiscutível competência e sólida independência.

Warren fora um deles, tornando-se uma visita diária da Ala Oeste da Casa Branca.

O grupo que ele passou a liderar era em parte do FBI. No entanto, Warren foi instruído a responder diretamente à presidente, o que resultou num sério conflito com o diretor do FBI antes mesmo de o grupo de segurança ter sido formado e nomeado. O processo

violava todas as regras do Bureau. O chefe teve de ceder, mas a alegria de Warren quanto à missão muito prestigiada esfriou quando soube que já não era inteiramente considerado um homem do Bureau. Chegou mesmo a pensar, por um curto período, em recusar a nomeação. Mas compreendeu rapidamente que era impossível.

Depois do 11 de Setembro de 2001, quase tudo mudou dentro do FBI. O Bureau, em tempo mínimo, deixou de ser uma organização policial, concentrada principalmente na criminalidade tradicional e interna, para ser a própria ponta de lança na luta contra o terror. A reorganização, que em períodos anteriores seria difícil de realizar e levaria anos, foi feita numa questão de algumas semanas. Um furacão de eficiência patriótica invadiu todas as organizações, instituições e departamentos estatais, mesmo os que não tinham a menor ligação com a segurança nacional. O processo recebeu um forte apoio de recursos quase ilimitados e de uma autoridade legislativa que se mostrou significativamente mais flexível do que qualquer americano poderia imaginar antes da manhã catastrófica de Setembro.

A imagem do inimigo tinha mudado.

Continuava a haver nações que ameaçavam o país mais poderoso do mundo. Após o declínio da União Soviética e sua posterior dissolução, o medo de um ataque tradicional ficou praticamente descartado. Como havia interesses americanos em todo o planeta, era importante ainda assim manter a vigilância sobre nações e estados hostis que insultavam os Estados Unidos por motivos ideológicos, económicos e territoriais.

Isso acontecia. Como sempre aconteceu.

Mas não foi uma nação que atacou os Estados Unidos em 11 de Setembro. Na realidade, não havia nenhum país para contra-atacar. Os homens que sequestraram quatro aviões e com eles atingiram solo americano com a intenção de matar eram pessoas, apenas. Indivíduos com origens diferentes e antecedentes variados.

Enquanto a engrenagem política em volta do Presidente Bush construía um inimigo clássico na forma de um eixo do mal e atacava nações, Helen Lardahl Bentley estava convencida de que os agressores eram mais perigosos.

Eram seres humanos.

Não eram convocados para a guerra como soldados amedrontados que em todos os tempos encontraram a morte em defesa da bandeira e da pátria que nunca mais voltariam a ver. O campo de batalha já não era definido pelos generais que, de ambos os lados, no fundo, se orientavam segundo os mesmos parâmetros de vitória e derrota: solo conquistado ou batalha perdida.

Os novos inimigos dos Estados Unidos eram indivíduos com experiências diferentes de vida, forças e fraquezas variadas. Não viviam em nenhum lugar em especial, em nenhum sistema, e não empunhavam nenhuma bandeira visível. Não entravam na guerra por obediência a uma ordem, mas de moto próprio. Não estavam unidos pela cidadania ou por pertencerem a determinada nacionalidade, mas pela fé ou falta dela, pelo ódio ou amor.

Os novos inimigos dos Estados Unidos estavam por toda a parte e Helen Lardahl Bentley estava convencida de que só se poderia expô-los e neutralizá-los aprendendo a conhecê-los. A sua primeira ação como presidente fora instalar uma unidade, a Behavioral Science Counter Terror Unit, cuja missão era transformar fatos secos e informações aleatórias obtidos pelo *Secret Service* em imagens vivas. A BS-Unit devia ver e estudar as pessoas, enquanto o resto do grande sistema da segurança nacional via apenas possíveis ataques e potenciais terroristas, bombas e armamentos de alta tecnologia. Por meio da análise, da compreensão e da explicação do que levaria homens de origens diferentes e diversas nacionalidades a escolher a morte de mártires na sequência do ódio contra os Estados Unidos, a América ficaria em melhor posição para evitar os seus atos.

Warren Scifford pôde escolher entre a nata do Bureau. Entre os quase quarenta agentes especiais do grupo, estavam os melhores *profilers* que o FBI tinha a seu serviço. Eles ficaram entusiasmados e agradeceram a convocação. Todos eles.

Mas Warren começou a se arrepender.

Quando um dos seus agentes especiais, seis semanas antes, invadira sua sala com quatro folhas de papel na mão para mostrar suas ideias ao chefe, pela primeira vez em sua vida de sessenta e cinco anos Warren Scifford ficou realmente com medo.

A Operação Troia não se encaixava em lugar nenhum.

Não fazia sentido. Não era um ataque espetacular nem simbólico. Não criaria imagens terríveis e indelévels como aviões se lançando contra as torres do World Trade Center. Nenhuma multidão fugiria com lágrimas nos olhos, em pânico e descrença, criando na fuga imagens televisionadas inesquecíveis. A Operação Troia não chamaria atenção para o inimigo, não haveria honra alguma a ganhar, por muito desvirtuada que fosse.

O resto do sistema fez todo o possível para atrelar a Operação Troia à al-Qaeda ou a qualquer organização aparentada. Warren Scifford e seus homens e mulheres protestaram veementemente. Não combinava, argumentaram com insistência. Não era assim que a al-Qaeda operava. Não era assim que essa organização pensava. E não era assim, em absoluto, que pretendia castigar os Estados Unidos. Como a BS-Unit já estava mal vista por todos, à exceção da presidente, falava praticamente para ouvidos moucos.

Depois de duas semanas de trabalho intenso e consciente para encontrar a conexão com a rede de terrorismo ~conhecida sem descobrir o mínimo sinal, chegou-se à conclusão de que o grupo de Warren Scifford tinha razão. A al-Qaeda não estava por trás do caso. As informações incompletas e vagas passaram a ser, por isso, sem interesse.

O imenso *Secret Service* dos Estados Unidos recebeu quantidades enormes de material, registros intermináveis para estudar. Enquanto continuava todos os dias a incomensurável e caótica entrada de informações sobre novos atentados, a Operação Troia foi posta de lado.

Mas Warren Scifford continuava preocupado.

Madam President também.

Agora Warren estava deitado na cama de um quarto de hotel na Noruega, com uma sensação de vazio no diafragma. Leu a mensagem pela quarta vez. Depois, levantou-se e foi ao banheiro. Tirou um isqueiro do bolso. Segurou o documento acima do vaso e tocou fogo.

O que mais o incomodava era a sensação de estar sendo enganado.

Uma vaga suspeita de que as informações tinham sido plantadas o fizera sofrer por várias semanas. A partir do momento que analisou as informações sobre a operação que ele chamava de Troia, nas últimas vinte e quatro horas, que se contradiziam de tal maneira que nada mais fazia sentido, tinha sérias dúvidas.

As chamas consumiram o documento. Os pequenos restos negros desciam lentamente para a porcelana branca.

Se tudo tivesse sido plantado, só podia ser uma manobra diversionista. E, se fosse, a presidente seria o verdadeiro alvo. Nesse caso, estariam diante de um inimigo que desconheciam. Não Osama bin Laden, não as muitas organizações terroristas com base em...

— Isso não pode estar acontecendo — disse Warren em voz alta para interromper sua própria linha de pensamento. — Ninguém tem recursos para plantar uma coisa semelhante. É boa demais para ser plantada.

Tinha de soltar a última ponta que restava do documento. Acionou a descarga. Ainda ficaram presos alguns restos negros no vaso e teve que usar o chuveirinho para se livrar deles.

Depois, voltou para a escrivaninha e pegou a cópia do bilhete deixado no quarto da presidente.

— Nós daremos notícias — murmurou Warren Scifford. — Mas quando?

Largou o papel como se de repente ele o queimasse.

Precisava comer alguma coisa.

O relógio da TV indicava que o desjejum acabava de ser servido. Demorou ainda três minutos para meter na mala seu equipamento, guardando-a no armário.

Na mesa, ficou apenas um monte de folhas de papel com as três canetas em cima como se fossem três soldadinhos de chumbo. Antes de sair, meteu no bolso um dos telefones. Ainda não tinha sido necessário telefonar para ninguém. Na realidade, nem sabia para quem telefonar.

2.

Na alfândega do aeroporto Gardermoen de Oslo, o fiscal mal podia acreditar nos seus olhos. Na realidade, chegara uma força de choque de americanos num avião fretado, mas o que se passou a seguir ultrapassava a sua compreensão. Não acreditava que fosse possível demonstrar uma tal arrogância diante da segurança do aeroporto e das leis de outros países.

— Desculpe.

Ele estendeu a mão e deu uns passos no corredor por trás do balcão onde há uma hora se aborrecia.

— O que é que o senhor tem aí? — perguntou em inglês, com um sotaque que provocou um sorriso no americano.

— Isto aqui?

O homem abriu o casaco a fim de deixar a arma de serviço à mostra.

O fiscal sacudiu a cabeça resignado. Os americanos chegavam com a característica saliência à altura do peito. Pressionavam o botão de “nada a declarar” e queriam passar pelo fiscal de braços levantados e que gritava: — Pare! Espere um pouco!

Um murmúrio irritado soou entre os recém-chegados que deviam ser uns quinze ou dezesseis homens e duas mulheres.

— *No guns* — disse o fiscal, decidido e apontando para o balcão largo e baixo. — Devem deixar as armas aqui. Ponham-se em fila e daremos um recibo a cada um.

— Ouça — disse o homem que chegara em primeiro lugar. Devia ter uns cinquenta anos e era uma cabeça mais alto do que o pequeno, mas corpulento fiscal. — A nossa chegada está de acordo com o combinado com as autoridades norueguesas, acordo de que você deve ter conhecimento. Segundo a mensagem que recebi, devia vir ao nosso encontro um funcionário assim que...

— Não faz diferença nenhuma — disse o fiscal, pressionando por segurança a campainha sob o balcão que impedia o funcionamento das portas automáticas uns quatro metros mais à frente. — Aqui dentro a responsabilidade é minha. Vocês têm os documentos dessas armas?

— Documentos? Ouça...

— Sem documentos, as armas ficam. Ponham-se em fila e eu...

— Acho melhor eu falar com o seu superior — disse o americano.

— Ele não está aqui — disse o fiscal, que tinha grandes olhos azuis e agora sorria amistosamente. — E vamos acabar com isto o mais depressa possível.

O americano virou-se para os colegas cada vez mais impacientes e falou com eles em voz baixa. Uma das mulheres pegou num celular e digitou um número.

— Não há rede aqui dentro — disse o fiscal, satisfeito. — Pode desistir.

A mulher, mesmo assim, ainda ouviu a mensagem vinda do outro lado. Depois, encolheu os ombros e olhou com uma expressão resignada para o outro homem que devia ser o chefe.

— Agora, devo realmente protestar — disse o homem ao fiscal com um olhar que levou o funcionário a abster-se de o interromper de novo. — É óbvio que estão a ser ignorados uma série de protocolos. Primeiro, nós devíamos ter sido recebidos no avião por colegas noruegueses. Em vez disso, fomos encaminhados para este... labirinto, sem escolta e sem saber para onde na verdade devemos ir.

— O senhor deve sair por ali — disse o fiscal, apontando para a porta fechada.

— Então, proponho que abra a porta. Agora. Há aqui um lamentável mal-entendido da sua parte e eu estou cansado desta história.

— Proponho... — disse o fiscal, que se interrompeu o tempo suficiente para saltar para cima do balcão baixo com uma rapidez

que ninguém poderia adivinhar. — Proponho que os senhores façam como eu digo. Lá fora — a sua voz tornou-se tonitruante e ele apontou para a sala de espera — são outros que decidem. Mas aqui dentro, neste corredor, ao lado deste balcão onde os senhores se encontram, sou eu quem administra as regras. E as regras dizem que é totalmente proibido introduzir armas no meu país... — agora, ele já estava quase gritando — sem os necessários esclarecimentos. Por isso, com os diabos, ponham-se em fila!

As últimas palavras foram ditas em norueguês. O seu rosto estava vermelho e suava. Os americanos ficaram a olhar uns para os outros. Alguém murmurou qualquer coisa.

A mulher do celular fez uma nova tentativa, também sem êxito, para chamar por auxílio. Passou-se meio minuto. O fiscal desceu do balcão e cruzou os braços sobre o peito.

Mais meio minuto se passou.

— Aqui está — disse de repente o chefe, entregando a arma. — Posso assegurar-lhe que esta história vai ter consequências.

— Estou apenas fazendo meu trabalho, *sir*.

O fiscal sorriu de orelha a orelha. Levou quase meia hora para passar recibo para cada uma das armas que colocou em caixas de plástico numa prateleira ao longo da sala. No fim, fez um cumprimento levando dois dedos à testa e pressionou novamente o botão que abria a porta.

— Tenham uma boa estadia — disse ele, rindo quando ninguém lhe respondeu.

Ele fazia apenas seu trabalho. Isso eles tinham que entender.

3.

Quando Johanne acordou, foi no trabalho que pensou em primeiro lugar. Sem se mexer, olhou a luz do dia. Talvez tivesse sido uma asneira ter pedido mais um ano de licença. Como tinha terminado um projeto de pesquisa antes de dar à luz e ainda não tinha começado outro novo, nem a universidade nem Johanne sofreriam qualquer prejuízo se ela tirasse os dois anos de licença a que tinha direito. Tinham chegado a acordo, Adam e ela, logo que, como receavam, não conseguiram lugar na creche para Ragnhild. Como cada um tinha a sua própria casa, quando se juntaram o empréstimo para habitação podia ser suportado por um dos salários que recebiam. Viviam bem, calmamente, muito tranquilos. Kristiane fazia progressos. Tudo corria cada vez melhor para todos.

Ela gostava das rotinas do ambiente caseiro. A convivência com as crianças entrou num outro ritmo. De fazer comida, ela sempre gostara, e as longas manhãs permitiam-lhe fazer pessoalmente a maioria das coisas. Demitiram a faxineira e até a limpeza virou uma parte do aborrecimento contemplativo que Johanne tinha aprendido a valorizar. Ragnhild dormia umas duas horas a meio do dia e, de vez em quando, Johanne sentia que pela primeira vez tinha verdadeiramente tempo para pensar.

Tratava-se de uma vida boa. Durante um certo período.

Talvez já tivesse terminado.

A ideia de uma manhã em silêncio na casa trouxe-lhe subitamente uma surpresa. Esperava ouvir a tagarelice de Ragnhild, quando caiu em si. Ela tinha ficado em casa dos avós maternos. Johanne sentia o corpo anormalmente tenso. Estendeu os braços por cima da cabeça, num movimento lento, e virou-se na cama.

Adam não estava.

Não era costume ela ter um sono tão pesado. Costumava, sim, acordar várias vezes durante a noite e qualquer ruído da criança fazia com que ela ficasse acordada instantaneamente.

Sentou-se na cama. Sacudiu a cabeça e prendeu a respiração para ouvir melhor. Os únicos sons que ouviu foram o de um carro ao longe em ponto morto e o chilrear primaveril dos pássaros na árvore em frente do quarto.

— Adam?

Levantou-se, vestiu o roupão de seda e dirigiu-se diretamente à cozinha. O relógio no forno indicava 08:13. O silêncio era absoluto. Em cima da bancada da cozinha havia uma xícara meio cheia de café. Ao pegar nela, verificou pelo calor que não podia ter passado muito tempo desde que ele saíra. Ao lado da xícara, um papel.

Minha querida. Como deve compreender, sou obrigado a fazer meu trabalho. Quando você nem sequer me dá um bom motivo para tentar evitar a convocação, não vejo outra saída senão comparecer. É difícil dizer com precisão quando vou voltar para casa. Nem sequer sei ao certo qual é o meu trabalho. Telefone assim que puder.

Teu,

A.

Johanne viu-se tomando o café morno da xícara. Adam seria o oficial de ligação de Warren. Ela tinha pedido a ele para não aceitar. Tinha-o ameaçado com o que achava ser o maior pesadelo dele. E ainda assim Adam se levantara enquanto ela dormia, fizera o café em silêncio e escrevera uma mensagem simples e fria antes de sair de casa.

Deixou-se ficar por muito tempo com a xícara em uma das mãos e o papel na outra.

Também não podia se mudar para casa dos pais. A mãe ficaria histérica e o pai teria problemas de coração como acontecia sempre que alguma coisa ia mal. Johanne pensava muitas vezes que seus

pais gostavam mais de Adam do que dela. De qualquer maneira, era dele que a mãe falava bem sempre que alguém se dispunha a ouvir.

Adam recebia os maiores elogios dos sogros e era ele que recebia todos os louros sempre que Ragnhild fazia suas gracinhas.

“Na verdade sou eu que fico em casa com ela”, costumava Johanne dizer, suspirando e dissimulando a irritação por trás de um sorriso.

A irmã também estava descartada. O perfeccionismo de Marie aumentara ao longo dos anos e se formara uma barreira intransponível entre elas. Marie era bonita, vestia-se com esmero e não tinha filhos. Só o pensamento de invadir o apartamento no Aker Brygge com fraldas e comida para bebê fazia com que a respiração de Johanne ficasse alterada.

Leu a curta mensagem mais uma vez. As letras ficaram embaciadas. Tentou conter as lágrimas, pestanejando. Mas elas desceram, lenta, lentamente, ao longo do nariz, onde limpou uma gota com o braço.

Quando os dois tinham se deitado na noite anterior, Johanne teve certeza de que ele tinha compreendido. Adam se deitara a seu lado, bem perto dela, terno.

Sem palavras, mas com as mãos fortes e quentes, as mãos que ela sempre tinha amado. Adam sentia que ela precisava de proteção e que Warren Scifford não poderia ameaçar o ambiente seguro, tranquilo e íntimo da casa na Haugesvei. Estava convencida de que Adam tinha compreendido a sua posição no momento em que ele a acariciara, passando a mão carinhosamente pelo cabelo dela. No seu olhar, ela pensou ter visto o reconhecimento de que a presença de Warren ameaçava tudo o que era bom, verdadeiro e puro. Ela tinha adormecido sentindo-se profundamente abençoada.

Depois, Adam se limitara a ir para o trabalho.

Não tinha levado a ameaça a sério. Nem a tinha levado a sério. Ele ia ver o quanto ela podia ser séria.

Johanne fez a mala com o essencial: roupa para alguns dias para si e para a filha mais nova.

— Kristiane pode ficar na casa de Isak — murmurou para si mesma, tentando engolir as lágrimas. Tinha que buscar Ragnhild. A mãe notaria imediatamente os olhos vermelhos, como notava sempre todas as alterações nos sentimentos da filha.

— Contenha-se — ordenou Johanne a si mesma, fungando.



Ainda não sabia para onde ir. Mas continuou a fazer a mala. No final, a mala estava tão cheia que foi difícil fechá-la. Com um palavrão e mais força, acabou por conseguir fazer correr o fecho.

Tinha de procurar refúgio em casa de alguém que a deixasse em paz. Não na casa de familiares, não na casa de qualquer amiga. Não podia ficar em casa de alguém que passasse a vida dizendo que a sua atitude era infantil e o seu comportamento irresponsável. Não queria morar com alguém que lhe dissesse o que era claro para si própria: que o dramatismo da situação iria passar dentro de alguns dias, que ela pensava perdoar a Adam e que, portanto, podia voltar imediatamente para casa. Sob nenhuma circunstância podia ir para casa de Lina, a sua melhor amiga, tagarela, que iria fazer uma festa na crença de que não havia qualquer problema no mundo que não pudesse ser resolvido com boa comida, bons amigos e uma boa quantidade de bebidas.

Quando Johanne saiu e fechou a porta da casa, sentindo que o vento ainda continuava frio apesar de o jardim estar banhado de sol, a ideia surgiu-lhe de repente: só havia um lugar para onde ir.

Limpou as lágrimas mais uma vez, obrigando-se a sorrir para uma vizinha que a cumprimentava da rua. Depois, respirou fundo e

sentou-se no carro. Tinha de ir buscar Ragnhild. E no curto trajeto teria de inventar uma boa mentira para a mãe.

Ainda que Johanne não se sentisse mais aliviada, pelo menos já sabia para onde ir.

4.

O relógio marcava duas e meia da madrugada em Farmington, no Maine, Estados Unidos.

Al Muffet acordara de um sonho que já esquecera. Era impossível adormecer de novo. Sentia os lençóis úmidos contra o corpo e o cobertor estava enrolado aos pés da cama. Mudou de posição. Não adiantou.

Tinha seguido as emissões da televisão o dia inteiro. O desaparecimento da presidente tinha-o chocado, tanto quanto tinha chocado o resto da nação, mas, além disso, ele sentia uma ferroadada de inexplicável preocupação.

O seu irmão tinha telefonado.

A última vez que o irmão telefonara fora três anos antes. A mãe deles estava às portas da morte. Um derrame tinha abatido aquela mulher enérgica e o seu fim era uma questão de horas. Al Muffet embarcara no primeiro avião de volta para Chicago. Chegara tarde demais. A mãe já estava no caixão, bem maquilhada e vestida com a sua melhor roupa.

Ainda que ela, assim como o marido, se tivesse mantido fiel à sua fé muçulmana da infância, a religião da família Muffasa era flexível e bem adaptada a uma vida numa zona em que, praticamente, não havia outros árabes. Na igreja episcopal, a um quarteirão de distância da sua casa, a senhora Muffasa era muito respeitada. Os melhores bolos para as grandes festas da igreja, principalmente as festas da colheita, vinham do seu forno. Ela formou um grupo de jovens para ajudar os menos favorecidos.

Ninguém sabia fazer ramos de flores como a senhora Muffasa e era ela que tomava conta da filharada do pastor sempre que a sua mulher dava à luz outra criança e ficava recolhida umas duas semanas.

Mas a família Muffasa nunca compareceu a qualquer serviço religioso.

Às escondidas, tentavam respeitar o Ramadão. Festejavam o banquete do fim do Ramadão com a família de Los Angeles, que encontrava sempre tempo para estar presente.

Se o senhor Muffasa não costumava rezar virado para Meca cinco vezes por dia, não era raro reservar algum tempo à noite para uma oração durante os momentos de tranquilidade, quando a oficina de automóveis estava vazia e ele ainda não tinha fechado as portas da garagem e voltado para casa.

O senhor e a senhora Muffasa liam o Alcorão de maneira inteiramente pacífica. Homenageavam o profeta Maomé, que a paz estivesse com Ele, sem que isso os impedisse de fazer a árvore de Natal para que as crianças não se diferenciassem muito das outras.

Quando morreu, os filhos encontraram uma espécie de testamento numa caixa dentro da gaveta da sua mesa de cabeceira. A missa de corpo presente da senhora Muffasa devia ser realizada na Church of the Epiphany e conduzida pela mulher do pastor.

Os parentes protestaram vagamente e a irmã mais velha chorou sobre o cadáver da senhora Muffasa, que jazia no caixão de mãos cruzadas sobre o peito e com cruces de ambos os lados. O viúvo, no entanto, foi firme. A sua mulher, na posse de todas as suas faculdades, tinha determinado como devia ser o ritual da sua despedida.

Ninguém o impediria de concretizar o último desejo manifestado por ela e, portanto, a senhora Muffasa acabou por ser enterrada em solo sagrado, diante de uma assistência predominantemente cristã.

O funeral fora a última vez em que Al Muffet vira o seu irmão mais velho.

Três anos de silêncio. E, de súbito, ele tinha telefonado na noite anterior.

Al Muffet levantou-se da cama e vestiu-se rapidamente e em silêncio. Tinha de tratar de alguns papéis e para isso podia usar o resto da noite. Qualquer coisa seria melhor do que ficar acordado, atormentado por uma preocupação que não compreendia.

Fayed e ele nunca tinham sido amigos. Suportavam-se um ao outro como irmãos que eram, mas nunca se tinham entendido. Enquanto o pequeno Ah' se pendurava nas saias da mãe e caía nas boas graças dos amigos episcopais dela, Fayed andava sozinho pelas ruas, com saudades da grande família de Los Angeles. Lá, ia todos os dias à mesquita com o tio. Alimentava-se com comida tradicional e aprendia mais árabe do que aqueles poucos versos que ouvia durante as orações murmuradas pelo pai. Em adulto, mal podia ser considerado um muçulmano ativo, mas, de uma maneira geral, seguia as tradições árabes e casara-se segundo as regras do islamismo. E quando AU Shaeed Muffasa, na década de 1970, se tornou Al Muffet, o irmão insultou-o por ser um Pai Tomás árabe. Depois disso, os dois irmãos pouco se falaram.

Al Muffet não fazia ideia do que Fayed queria. Tinha-lhe perguntado discretamente, não querendo ser indelicado. Apesar de tudo, eram irmãos e, como o pai ainda vivia, Al Muffet não o queria magoar com um corte de relações dramático.

Fayed, que era chefe de departamento numa grande empresa de eletrônica com sede em Atlanta e mal tinha tempo para se encontrar com os filhos, telefonou e disse que tencionava ir a casa dele no dia 18 de Maio. A explicação mais provável a que Al chegou fez com que comentasse, irritado, que certamente não era nada estranho que o irmão quisesse ver como ele e as filhas viviam naquela terra de ninguém.

“Vou passar por aí”, ele tinha dito.

Al Muffet deslizou silenciosamente pelo quarto das filhas. Agora, já conhecia bem a velha casa e assim podia evitar as tábuas do chão que rangiam. Lá em cima na escada, parou e ficou a ouvir. A

respiração ritmada de Catherine e Louise fez com que sorrisse. Sentiu-se, então, mais tranquilo. Aquela era a sua casa e a sua vida. É claro que Fayed podia passar por ali quando quisesse.

Nada podia prejudicar Al Muffet e as suas filhas. Desceu as escadas em silêncio e acendeu todas as lâmpadas da cozinha. Antes de tirar da pasta os papéis que trouxera do trabalho, colocou ao lume uma panela com água e retirou da máquina de lavar louça um bule.

— Papai — exclamou Louise assomando à porta. Ele sobressaltou-se e deixou cair o bule no chão.

— Aconteceu alguma coisa? — perguntou a filha, que tinha os cabelos espetados e usava um pijama grande demais para seu corpo.

— Não, querida. Acordei e não consegui voltar a dormir. Foi buscar a vassoura e a pá ao armário da cozinha.

— Por que se vestiu, papai?

Louise parecia angustiada e se aproximou.

— Atenção com os vidros — avisou ele. — Não está acontecendo nada. Pensei apenas em aproveitar uma noite sem sono para terminar trabalho do escritório. Vou esquentar leite para nós, o que acha? E podemos conversar um pouco antes de voltar para a cama. Está bem?

Ela dirigiu-lhe um grande sorriso e sentou-se à mesa da cozinha.

— Que bom — disse ela, pegando uma maçã. — É como quando eu era pequena. Quase sou obrigada a contar o que aconteceu quando Jody e eu...

Al Muffet prestou pouca atenção nela, ocupado em varrer os vidros do chão. De qualquer forma, Louise já parecia tranquila. Gostaria de poder dizer o mesmo de si próprio.

5.

O jovem advogado da polícia estava cansado. Durante quase três horas, aplicara multas a fim de esvaziar a cadeia que estava cheia demais. Metade dos detidos eram jovens que ainda não tinham se recuperado dos festejos do 17 de Maio e passavam pela sua frente, um a um, ainda de ressaca, olhando para o chão, pedindo desculpas e prometendo melhorar. Uns dois ou três desses jovens ainda tentaram argumentar, mas foram logo chamados à ordem e ameaçados com a prorrogação de sua estadia na cadeia, em vez de serem liberados para esperar o julgamento em liberdade.

Os demais eram velhos conhecidos. A maioria deles, no fundo, até apreciava passar a noite num local que, pelo menos, era quente e seco. O advogado da polícia nunca tinha compreendido a vantagem de aplicar multas em gente que, depois, procuraria a ação social do governo para pagá-las. No entanto, tinha que fazer seu serviço e em breve já teria terminado.

— Como vai?

Estendeu a mão para Snurre¹ Sprätt. Normalmente, só cumprimentava os presos com um ligeiro aceno, mas Snurre era um caso especial. Era ladrão de profissão.

Antigamente, era realmente bom nisso. Uma infeliz explosão de um cofre na década de 1970 levava os dedos da mão esquerda e depois o álcool acabara com o resto do corpo magro. Snurre, na verdade, chamava-se Snorre. Quando ainda tinha dentes, eles eram tão grandes que ele acabou por receber o apelido e nunca mais conseguiu se livrar dele.

Agora, contentava-se em roubar comida de caminhões de carga deixados abertos, de armazéns com cadeados simples e, uma vez ou outra, de algumas lojas. Nessa época, era sempre apanhado. Nunca

tinha conseguido compreender os modernos equipamentos de segurança. Na maior parte das vezes, ficava parado com as mercadorias roubadas embaixo do braço, enquanto o alarme estridente tocava e a polícia chegava correndo.

Snurre Sprätt nunca tinha levantado um dedo contra outra pessoa.

— Estou mal — reclamou ele, sentando-se cuidadosamente numa cadeira pequena.

— Mas não parece — disse o policial.

— Câncer. Lá embaixo. Está tudo muito mal.

— E recebe ajuda?

— Ah, não há muita coisa a fazer, sabe.

— Mas por que tentou roubar uma farmácia?

— E que dói. É um inferno. Dói muito.

— Mas não conseguiria arrombar uma farmácia, Snurre. Há alarmes e outros equipamentos. E os medicamentos fortes estão fechados em armários que, sinceramente, não conseguiria arrombar mesmo que conseguisse entrar no local. Realmente, é uma burrice o que você fez.

Snurre acomodou-se melhor na cadeira e passou a mão esquerda pelo pescoço.

— É verdade — murmurou ele. — Mas, com os diabos, dói demais!

O policial ajeitou a cadeira. Havia silêncio na sala apertada, mas da sala de detenção vinham vozes ásperas. Alguém lá fora estava chorando. Parecia ser de mulher jovem. O advogado da polícia observou o rosto de Snurre e podia jurar ter visto lágrimas nos olhos cansados do homem.

— Aqui está — disse ele, de repente, tirando a carteira do bolso do casaco. — Hoje, as lojas de bebidas voltam a abrir. Compre alguma coisa forte.

Pôs uma nota de quinhentas coroas em cima da mesa. Snurre ficou de boca aberta, sem dentes, surpreso. Deu uma olhada de relance no homem uniformizado perto da porta, que se limitou a sorrir e a desviar os olhos para o outro lado.

— Obrigado, obrigadíssimo — sussurrou Snurre. — Vocês são uns caras realmente especiais.

— Mas não posso esquecer isso aqui — disse o advogado da polícia, pegando um monte de formulários. — Suponho que vai comparecer ao interrogatório como sempre, certo?

— Meu Deus, claro que sim. Eu respondo pelo que fiz, sabe. Muito obrigado.

E acariciou a nota recebida.

— Agora, pode ir embora. Esqueça o roubo. Não vai conseguir. Está bem?

Snurre levantou-se cuidadosamente, como tinha se sentado. Meteu o dinheiro no bolso. Normalmente, desaparecia da cadeia tão depressa quanto suas pernas finas permitiam. Mas desta vez ficou em pé, balançando-se ligeiramente, ao que parecia em seu próprio mundo interior.

— Eram quatro e dez — disse ele de repente — quando essa moça presidente se sentou no carro.

— O quê?

— Eu vi ontem na televisão. E, então, compreendi que a moça que vi de manhã, de madrugada, era a que vocês estão procurando.

O advogado da polícia olhou para ele como se não tivesse compreendido o que Snurre dissera. O policial uniformizado no canto também deu um passo na direção do cliente habitual da cadeia.

— Sente-se novamente — ordenou o advogado.

— Você disse que eu podia ir embora...

— Disse, mas agora vamos falar disso primeiro. Sente-se.

O velho sentou-se novamente, contrariado.

— Mas já disse o que tinha para contar — afirmou ele, num queixume.

— Mas eu preciso de mais alguns esclarecimentos. Onde você estava ontem de manhã?

— Eu tinha estado numa festa na casa da Berit. Ela mora na Skippergatan. Eu ia para casa, entendeu? E quando passava pela torre do relógio, perto da Central, eu vi. Eram quatro e dez. Eles estavam sentados num carro. Ela era loura da maneira que as mulheres adultas costumam ser. Cabelos louros, mas pintados. E usava um casaco vermelho, precisamente como aquele que se via na televisão.

O advogado da polícia não disse nada. Pegou uma caixa de rapé e pôs um pedaço na boca. Depois, estendeu a caixa para Snurre, que meteu metade do conteúdo nas gengivas sem dentes. O homem de uniforme tinha colocado a mão no ombro dele como se tentasse evitar que fugisse.

— E isso aconteceu ontem — disse o advogado da polícia, lentamente. — Dezesete de maio.

— Sim — disse Snurre irritado e cusbindo o tabaco negro. — Estou doente, mas, diabos me levem, não estou tão mal que não me lembre do Dia Nacional da Noruega!

— E o relógio marcava quatro e dez. Da manhã. Está certo disso?

— Sim, já disse que sim. Mas agora estou mesmo com vontade de ir comprar uma pinga na loja.

Tirou do bolso a nota de quinhentas coroas. Colocou-a sobre a perna e alisou-a. Depois, dobrou-a cuidadosamente, antes de colocá-la em outro bolso. O advogado piscou o olho para o outro policial.

— Acho que vai demorar mais um pouco — disse ele. — Mas enquanto isso vamos dar um jeito de lhe trazer alguma coisa para suportar melhor a dor...

Ao pegar o telefone, teve alguma dificuldade em acertar os números.

¹ *Snurre*, na Noruega, é o nome da personagem de animação *Bugs Bunny*, o Pernalonga. (N. da R.)

6.

— Eles começam a ficar bem zangados.

— Quem?

— Os tipos do FBI. Ou seja lá o que esses americanos são. Peter Salhus, do Serviço de Segurança norueguês, torceu o nariz.

— O que é que foi agora? — perguntou resignadamente.

O chefe de polícia Bastesen encolheu os ombros e estendeu-lhe uma xícara de café.

— Pelos vistos, houve um problema no aeroporto de Gardermoen. Primeiro, algum mal-entendido sobre a hora de ir buscar um grupo de uns vinte agentes que chegou hoje de manhã. E depois eles...

Sorriu brevemente. Quando Salhus não se conteve e sorriu também, Bastesen levou a mão à boca, tossiu e continuou, agora sério.

— Um fiscal da alfândega muito zeloso reteve todas as armas, o que em si foi uma medida correta. Qual era a ideia de entrarem com armas na Noruega? Esses tipos do *Secret Service* andam sempre armados e veja-se para o que é que isso serve! Mas esse tal fiscal, no mínimo, foi pouco diplomático.

Não havia janelas no ginásio do edifício da polícia em Oslo. O chefe Bastesen já tinha começado a desapertar o colarinho. Umas cinquenta pessoas estavam sentadas, profundamente concentradas diante das suas mesas dispostas em forma de ferradura, com uma enorme mesa redonda no centro. Nos espaldares das cadeiras havia lugar para recados e mapas. O equipamento tecnológico expelia um cheiro úmido a pó que se misturava com o mau cheiro do suor e dos tênis.

— Eles também não estão nada satisfeitos com os gabinetes que lhes foram atribuídos.

Bastesen esvaziou a sua xícara de café com um último gole.

— Demos-lhes três salas no terceiro andar, na zona vermelha. Pelo que sei, eles não as usam. Estou-me nas tintas para isso. Aqui reunimos os seus homens do PST, os melhores do SNIC, mais os meus homens. E...

— Homens e mulheres — interrompeu Salhus.

— E mulheres — concordou Bastesen. — Era apenas uma maneira de falar. Na minha opinião, não podemos deixar que os americanos andem por aqui a importunar-nos. Não vejo que isso possa desferir um golpe mortal nas investigações. Só o problema da língua é... Até agora, de fato, eles ainda não nos deram nada. Fechados como ostras.

— Segundo me informaram, eles decidiram escolher a embaixada para se instalarem — disse Salhus. — Como era de se esperar. O trânsito de entrada e saída da avenida, a Drammensveien, aumentou substancialmente, ao mesmo tempo que eles mandaram suspender todos os serviços ao público. Na embaixada, fazem como lhes aprouver. Nós teríamos feito a mesma coisa. E quanto ao silêncio deles... — Virou-se para o chefe de polícia e, após um momento de hesitação, colocou a mão no braço do outro, num gesto inesperado, mas amistoso. — Os americanos não cedem em nada, a não ser quando têm algo a ganhar com isso — continuou Salhus. — E só se confiarem no interlocutor. Para dizer a verdade, até compreendo em parte por que não confiam em nós.

Sem esperar resposta, desceu de uma espécie de estrado que existia no canto sul da sala. Com a xícara ainda na mão, parou diante de um homem de uns quarenta anos e peso a mais que olhava para o monitor de um computador.

— Nada por enquanto? — perguntou Salhus em voz baixa.

— Não.

O policial esfregou os olhos já ligeiramente vermelhos. Pegou uma garrafa de água Farris e bebeu metade. Depois, abafou um

arroto e enroscou a tampa, fechando a garrafa.

— Vi todas as gravações três vezes. Na velocidade lenta, normal e acelerada. Não aconteceu nada. Ninguém entrou, ninguém saiu. A mulher deve ter voado pela janela.

— Não — disse Salhus, calmamente. — Ela não faria isso. O *Secret Service* tinha um agente... aqui.

Uma fotografia aérea da área à volta do Hotel Ópera estava pendurada na parede por trás do monitor. Salhus apontou para o telhado da casa anexa.

— E tecnicamente estava tudo bem? Ninguém adulterou nada? Nada de curtos-circuitos ou cabos?

— Só se foi uma coisa muito bem feita — suspirou o polícia, coçando a nuca.

— Não encontramos absolutamente nada. Não entendo...

Olhou para cima, obviamente surpreso com o som de saltos de sapato batendo rapidamente no chão. No local de reuniões provisório, todos mantinham atitude reservada. A maioria andava quase na ponta dos pés. Até mesmo o som sussurrante dos grandes equipamentos tecnológicos era reduzido com revestimentos de borracha.

Uma mulher ruiva quase corria, apressada, agitando alegremente um telefone na mão como se fosse um prêmio.

— Testemunha — exclamou ela ao chegar junto do chefe Bastesen que tinha seguido Salhus e fixava o olhar num corredor vazio no décimo andar do Hotel Opera. — Finalmente, chegaram pistas e são muitas!

— Testemunha — disse Bastesen, duvidoso. — Testemunha de quê?

A mulher respirou fundo e puxou o cabelo ruivo para trás da orelha.

— Do sequestro — disse ela, sem fôlego.

O corpulento policial olhou fixamente para ela como se tivesse dificuldades em entender a língua.

— Não há testemunhas — disse ele, agressivamente, apontando o monitor. — Não se consegue ver um ser humano!

— Não aí — disse a mulher. — Fora. Quero dizer, depois. Em frente ao hotel.

— Onde?

Salhus colocou a mão no ombro dela, mas retirou-a imediatamente ao aperceber-se de um ligeiro franzir de sobrolho.

— Uma jovem — disse ela, agora mais tranquila. — Uma estudante. Estava com uma amiga no estacionamento do lado do mar da Estação Central, quando dois homens e uma mulher, que corresponde à descrição de Helen Bentley, chegaram... — ela olhou em volta e dirigiu-se energicamente para a foto aérea — daqui. Subiram num Ford azul.

— Ah, é? — exclamou o chefe Bastesen.

Bastesen cruzou os braços sobre o peito, olhando para um ponto indefinido na parede. Peter Salhus ficou-se pensativo, coçando a orelha. O policial que estava à frente do monitor não conseguiu disfarçar um esgar de desdém.

— Acreditamos mesmo nisso, blablablá — murmurou ele.

— Ela não é a única — disse a mulher rapidamente. — Ela e a amiga. Esta noite foi preso um ladrão conhecido da polícia que, quando acordou de manhã, foi interrogado e antes de ser libertado disse que estava no mesmo lugar, na mesma hora. E contou exatamente a mesma coisa.

— Mesma hora — repetiu Peter Salhus, largando a orelha. — E quando foi?

— Lá pelas quatro da manhã, segundo disseram as garotas. O bêbado diz quatro e dez, precisamente, verificado no relógio da torre. E depois... — Ela procurou febrilmente um bloco de anotações no bolso do casaco. — Três testemunhas, independentes umas das

outras, telefonaram e falaram de um Ford azul, com dois homens e uma mulher de casaco vermelho, a dormir, a caminho de Svinsund. Eles foram vistos na...

Ela folheava o bloco. Por essa altura, já havia um grupo de ouvintes, todos reunidos à sua volta. Ninguém se manifestava. A mulher ruiva lambeu o dedo e virou mais uma folha.

— Na estrada E6, perto de Moss, numa bomba de gasolina. Perto de uma zona de descanso, pouco antes de Fredrikstad e... —
Conteve-se, de súbito, abanando lentamente a cabeça.

— Em Larvik — continuou, desapontada. — Em Larvik. Não é bem a caminho da Suécia.

— Não exatamente — disse o homem do monitor, troçando.

— Mas já estamos habituados a isso — disse Bastesen. —
Algumas testemunhas veem qualquer coisa, outras querem chamar a atenção ou se enganam.

De qualquer maneira, é alguma coisa que temos e que devemos investigar. Deixe-me ver esse papel.

Deu uma palmada encorajadora no ombro da mulher e saiu com ela do ginásio. Peter Salhus continuava de pé, olhando com uma expressão neutra para o monitor, enquanto o funcionário avançava a gravação para as quatro horas da manhã à porta do quarto da presidente.

— Nada — disse, cruzando os braços no peito. — Será que é um episódio de *Star Trek*? Será que ela foi levada para o estacionamento por teletransporte?

— Volte atrás para as... Quando a presidente voltou para o quarto? Às vinte e duas horas?

O homem confirmou o horário e inseriu-o no computador.

A presidente parecia cansada. Andava lentamente e ficou massageando a nuca enquanto esperava que a porta fosse aberta. O sorriso rápido que dirigiu aos dois homens não passou para os seus olhos. Depois, concordou com alguma coisa que um dos homens

disse e entrou. A porta fechou-se atrás dela. Os agentes aproximaram-se da câmara e acabaram por desaparecer.

O corredor voltou a ficar vazio.

— Isso lhe diz alguma coisa?

— O quê?

Peter Salhus encolheu os ombros.

— Essas imagens significam alguma coisa para você?

Duas estudantes e um bêbado, pensou Salhus. Testemunhas que telefonam de bombas de gasolina e de zonas de descanso na autoestrada, de cada um dos lados do fiorde de Oslo. Todos viram a mesma coisa, independentemente uns dos outros. Um Ford azul, dois homens e uma mulher de casaco vermelho.

Outras testemunhas mais vão telefonar, apercebeu-se ele de repente. Não apenas da margem oriental como da margem ocidental. Várias testemunhas vão dar um ar da sua graça, algumas dignas de confiança, outras por sensacionalismo, mas todas vão jurar que viram dois homens e uma mulher vestida de vermelho num Ford azul.

Essa ideia fez com que sentisse uma onda de calor no rosto. A atmosfera estava úmida e pesada. Ele afrouxou a gravata e o colarinho, sentindo que a sua respiração acelerava.

— Estas imagens dizem-lhe alguma coisa? — repetiu o polícia.

— Não — disse Peter Salhus. — Desorientam-me. Estou completamente desorientado com tudo o que está a acontecer neste caso.

Depois, meteu a gravata no bolso e saiu para ir buscar mais café e um par de comprimidos para a dor de cabeça.

7.

A pequena Ragnhild adormecera no carro. Johanne passou por um lugar de estacionamento vago logo ao lado do portão junto ao muro baixo. Um quarteirão mais abaixo, na avenida, a Lille Frogner, encontrou outro lugar vago e estacionou, ficando ao lado de um pequeno caminhão com o tubo de escape roto. Ragnhild mexeu-se ligeiramente quando ela fechou a porta. Mas não acordou.

Johanne sentia-se segura e insegura ao mesmo tempo.

Seria bem-vinda. Sabia-o. O apartamento tinha uma forte atmosfera de conforto e isolamento, como se fosse uma ilha banhada de sol, longe do continente. Parecia que a família passava a maior parte do tempo em casa. Na realidade, a velha e singular empregada doméstica nunca saía de casa, literalmente falando, e Johanne sabia que as mercadorias chegavam por entrega ao domicílio. Nos últimos seis meses, passara por lá bastantes vezes, talvez a cada três semanas. No início, vinha porque precisava de ajuda. Mais tarde, a visita àquela casa, na Krusesgate, tornou-se um hábito agradável. Era algo que ela reservava para si, umas horas para respirar, longe de Adam e do resto da família. Ragnhild ficava sempre por conta da empregada. E as duas mulheres podiam conversar em paz.

Elas sentavam-se para conversar sobre assuntos sérios como duas velhas amigas.

Johanne nunca teve outra impressão que não fosse a de ser bem-vinda. No entanto, desta vez, ainda hesitava. Deixaria a mala no carro. Assim, não estaria a impor-se.

Poderia situar-se melhor. Fingir que era mais uma curta visita e sentir o ambiente. Ver se a ocasião se prestava. Se não haveria problema de ela chegar com uma menina a reboque para ficar em casa de pessoas que conhecia há tão pouco tempo.

Johanne decidiu-se rapidamente.

Desligou o motor e tirou a chave da ignição. Ragnhild acordou como fazia sempre que o silêncio imperava dentro do carro. E ficou calma quando a mãe a tirou da cadeira.

— Agni dormiu — disse ela, satisfeita, deixando-se levantar pela mãe.

Johanne subiu rapidamente a rua ao longo do muro de pedra, passou pelo portão e dirigiu-se para a porta da casa. Lançou uma olhadela ao andar superior. As cortinas estavam semiabertas na sala de estar. As luzes estavam apagadas, mas também a luminosidade era a do meio-dia. As sombras dos grandes carvalhos projetavam-se no asfalto. Quando se aproximou da casa, por um momento, quase ficou cega com o forte reflexo do sol numa das janelas.

Subiu no elevador e tocou a campainha sem hesitar. Passou uma eternidade antes que a porta se abrisse. Finalmente, ouviu o ruído da corrente de segurança. E a porta abriu-se.

— Meu Deus, não é que a minha doçura está aqui!

A empregada nem sequer cumprimentou Johanne. Resolutamente, pegou logo em Ragnhild ao colo e levou-a. A menina em breve se divertia com as bijutarias de bolas bem grandes de madeira colorida de Mary, que entrou na cozinha e fechou a porta, continuando sem trocar uma palavra com Johanne.

No grande hall de entrada, a parede do fundo era de vidro. Uma mulher numa cadeira de rodas surgiu da sala de estar, uma silhueta contra a luz do dia que entrava pela janela.

— Olá — cumprimentou Johanne.

— Olá — disse a outra mulher, fazendo deslizar a cadeira para mais perto dela.

— Posso ficar aqui por algum tempo?

— Sim, entra.

— Quero dizer... — corrigiu Johanne, engolindo em seco. — Posso ficar... Será que Ragnhild e eu... poderíamos morar aqui? Por alguns dias apenas?

A mulher aproximou-se mais. As rodas da cadeira rangeram um pouco, talvez fosse apenas o contato da borracha das rodas no chão de madeira. Os seus dedos tocaram um painel na parede e, com leve som sussurrante, as persianas fecharam-se. No hall, instalou-se uma penumbra agradável.

— Claro que podem — disse ela. — Entra e fecha a porta.

— Apenas uns dois ou três dias.

— Vocês serão sempre bem-vindas.

— Obrigada.

Alguma coisa tinha ficado presa na garganta de Johanne, que não se mexeu. A mulher na cadeira de rodas aproximou-se ainda mais e estendeu a mão para ela.

— Presumo que ninguém morreu — disse ela, calmamente. — Senão, não terias vindo para aqui.

— Ninguém morreu — respondeu Johanne, chorando em silêncio. — Ninguém morreu, não.

— Podes ficar o tempo que quiseres — disse a mulher. — Mas entra e fecha a porta. Eu mesma estou com fome e estava a pensar ir comer qualquer coisa.

Hanne Wilhelmsen virou a cadeira e deslizou lentamente na direção da cozinha, onde se ouviam as gargalhadas de Ragnhild que pairava feliz.

8.

O olhar de Warren Scifford vagueava do velha TV com antena interior até o quadro de cortiça com a moldura estragada. O seu olhar parou na cadeira de escritório a que faltava um braço. Depois, cheirou discretamente o ar. No cesto de lixo, havia o resto amarelado de três maçãs.

— Sou um pouco supersticioso — disse Peter Salhus. — Tenho feito diversos serviços arriscados desde os vinte anos. Nunca aconteceu alguma coisa correr verdadeiramente mal. Por isso, conservo a cadeira. Quanto ao resto do escritório... — Encolheu os ombros. — vou mudar todo o departamento para um novo local em Junho. Não há vantagem nenhuma em gastar mais energia nesta sala. Sente-se.

Warren Scifford hesitava ainda, como se tivesse medo de estragar o terno caríssimo. No meio do assento, notava-se uma mancha recente. Esfregou com as costas da mão a mancha escura antes de se sentar. Adam Stubo sentou-se ao lado dele, tamborilando com os dedos numa pequena caixa prateada com dois charutos.

— Ainda mantém os seus vícios — disse Warren, sorrindo. Adam sacudiu a cabeça.

— Não. Na realidade, não. Um na noite de Natal. E talvez umas duas baforadas no meu aniversário.

É tudo. Todos nós temos os nossos sonhos. Cheirar ainda é permitido.

Abriu a caixa e passou um charuto por baixo do nariz. Com um suspiro audível, fechou a tampa do cilindro duplo que guardava os charutos e colocou a caixa no bolso interior do casaco.

— Essas testemunhas — disse dirigindo-se a Peter Salhus, que despejara uma garrafa de água Farris em três copos sem perguntar se alguém queria. Você ouviu alguma coisa da polícia sobre elas?

O diretor-geral do PST lançou-lhe um olhar indefinido. Talvez fosse um aviso, talvez não significasse nada.

— Estou bem certo de que o senhor Scifford tem...

— Warren. Por favor, Warren. Continue.

Scifford estendeu a mão diante de si como se honrasse Salhus com um presente. O diretor-geral do PST sentou-se. Os copos continuavam intocados em cima da grande escrivaninha. O silêncio era tão grande que até se ouvia a efervescência da água gasosa.

— Estou feliz por ver que acabou por conseguir o oficial de ligação que desejava — disse Peter Salhus, finalmente. — Adam Stubo é definitivamente o homem indicado para o ajudar. Pode também estar certo de que compreendo perfeitamente a sua... impaciência face às investigações. O problema é, como deve entender...

— O problema é a falta de resultados — interrompeu Warren Scifford com um débil sorriso. — Além disso, ao que parece, a investigação é mal dirigida, totalmente desorganizada e... — Agora, não sorria. Empurrou a cadeira um pouco para trás e corrigiu a posição dos óculos, pequenos e finos. — Além do mais, estou a sentir uma má vontade por parte da polícia que tenho dificuldade em aceitar.

Voltou o silêncio à sala. Peter Salhus pegou numa pedra polida em forma de ovo que estava em cima da mesa. Deixou que a pedra ficasse na palma da sua mão enquanto o polegar esfregava a superfície lisa. Adam limitou-se a tossir e acomodou-se melhor na cadeira. O diretor-geral do PST olhou para cima e depois fixou o olhar no americano.

— A sua presença no meu escritório neste momento é uma demonstração de que nós estamos a desenvolver todos os esforços, realmente todos os esforços, para o satisfazer e satisfazer todos os seus homens — disse ele, cordialmente. — Não é minha obrigação falar consigo e nem sequer tenho tempo para isso. Mas você queria

vir e eu optei por ir ao encontro do seu desejo. Neste momento, poderia naturalmente dar-lhe um curso rápido sobre o funcionamento das autoridades norueguesas e dos nossos serviços secretos...

— Eu não tenho...

— Um momento!

Peter Salhus elevou a voz, precisamente o suficiente para poder continuar.

— E talvez isso não fosse uma má ideia. Mas para simplificar e para o acalmar, espero eu... — Lançou um olhar ao relógio de pulso. A boca moveu-se em silêncio e quase sem se notar como se fizesse contas. — Passaram-se apenas vinte e sete horas desde que foi descoberto o desaparecimento da presidente — disse ele, inclinándose sobre a mesa.

— Um pouco mais de um dia. E num dia montamos uma operação como este país nunca viu. A polícia de Oslo disponibilizou todos os seus recursos. E um pouco mais.

Neste ponto, Salhus resolveu arregaçar as mangas da camisa, antes de pegar o indicador da mão esquerda com a mão direita.

— Eles estão a trabalhar conosco — disse ele, sacudindo o dedo como se fosse o próprio PST, o Serviço de Segurança da Noruega, que ele segurava porque existem razões para recear que este caso tenha ligações com nosso trabalho diário e nossa área de responsabilidade. Além disso — Salhus segurou com toda a mão direita dois dedos da esquerda — a central da polícia criminal está também a trabalhar com os seus peritos. Para não falar da área técnica. Em outras palavras, todos os homens disponíveis foram encaminhados para este caso. E esses homens são todos muito competentes, se é que me permite vangloriar-me nesta situação. Além disso, o governo está atuante na crise com tudo o que isso implica, inclusive, em termos de ministérios e autoridades que nada

têm a ver com policiamento. E os nossos dois governos estão em contato permanente ao mais alto nível. Altíssimo nível.

— Mas...

Warren Scifford ajeitou a gravata. E sorriu mais cordialmente. Peter Salhus levantou a mão, defensivamente.

— Não vai chegar nenhum Jack Bauer — disse ele muito sério. — O seu tempo terminou há — olhou para o relógio de novo — três horas. Vamos ter de confiar no bom e moderno, ainda que não tão espetacular, trabalho da polícia. No trabalho da polícia norueguesa.

O silêncio durou vários segundos. Depois, Warren Scifford começou a rir. O seu riso era caloroso, profundo e contagioso. Adam riu à socapa. E Peter Salhus riu abertamente.

— Além disso, você está errado — acrescentou. — Tal como será informado numa reunião marcada com o chefe de polícia dentro de menos de uma hora. Já se fizeram progressos, realmente.

— Ah, sim?

— A questão é se...

O diretor-geral do PST inclinou-se para trás na cadeira, entrelaçando os dedos atrás da nuca. Parecia que examinava um ponto no teto. Demorou tanto nessa posição que Adam levantou os olhos para ver se realmente havia alguma coisa diferente. Sentiu-se opressivamente desnecessário.

Ninguém lhe tinha explicado, verdadeiramente, o que tinha de fazer. O chefe de polícia parecera distraído quando, rapidamente, fizera a apresentação dos dois homens uma hora antes. Era óbvio que se tinha esquecido de que os dois já se conheciam e passados alguns minutos deixou-os sem qualquer instrução precisa. Adam tinha a sensação de funcionar como álibi, um pedaço de carne lançado aos americanos para os tornar mais complacentes.

E não tinha tido tempo para telefonar para casa.

— A questão é se me decidirei ou não a dizer a verdade — disse Peter Salhus, de repente, fixando e mantendo o olhar nos olhos do

americano.

Warren não cedeu. Não pestanejou.

— Sim — disse Peter Salhus, finalmente. — Acho que sim.

Salhus ofereceu um dos copos de água a Warren Scifford. O americano não tocou nele.

— Antes de mais nada — disse Salhus —, devo salientar que tenho o maior respeito pela polícia de Oslo. Terje Bastesen já está na polícia há quase quarenta anos e era policial antes de ser chefe. Ele pode parecer...

Balançou a cabeça, procurando uma expressão apropriada.

— Muito norueguês — sugeriu Warren.

— Talvez isso — reagiu o diretor-geral do Serviço de Segurança sem sorrir.

— Mas não o subestime. Acredito, de fato, que é da polícia que podemos esperar uma solução para este caso. Aqui, no PST, passamos em revista nas últimas vinte e quatro horas todo o material confidencial que tínhamos recolhido tendo em vista a visita da presidente. Viramos tudo de pernas para o ar, todos os relatórios e todas as análises, para ver se nos tinha escapado algum pormenor, alguma coisa a que não tivéssemos dado a devida importância, mas que nos pudesse ter despertado a atenção.

Ou alertado. Recolhemos todas as informações relevantes e imagináveis do resto da Europa sobre os grupos conhecidos, outros insignificantes, indivíduos... — Pôs as mãos no topo da cabeça. — Nada. Pelo menos até agora.

Warren Scifford tirou os óculos e retirou do bolso das calças um lenço de papel. Lentamente, quase com amor, limpou os óculos.

— Nós tínhamos algo — disse ele, em voz baixa. — Antes do 11 de Setembro, quero dizer. As informações estavam lá. Existiam e nós as tínhamos. Simplesmente, não notamos. O material do *Secret Service* que podia ter salvo quase três mil vidas e todo o resto. Tudo o que...

Voltou a pôr os óculos sem completar a frase.

— As coisas são como são, neste ramo — concordou Salhus. — Devo confessar que, ontem de manhã, preocupava-me acima de tudo com uma coisa: o momento em que um dos meus subordinados me trouxesse informações que tivéssemos deixado passar sem notar. Aquele pedaço do *puzzle* que tivéssemos posto de lado só porque não se encaixava na imagem. Estava certo de que esse momento viria. Mas, até agora, nada. — Jogou os braços para a frente e repetiu: — Nada.

Depois de uma breve pausa, fez uma pergunta que era, ao mesmo tempo, uma tentativa de conciliação: — E vocês? Encontraram alguma coisa?

Seu tom de voz era ligeiro e a pergunta cordialmente apresentada. Warren respondeu com um quase despercebido elevar das sobrancelhas. Logo depois, pegou no copo com água mineral ainda sem beber.

— Você disse algo sobre testemunhas — sugeriu Warren, olhando para Adam Stubo.

— Vocês têm, portanto, alguma coisa — comentou Salhus.

Warren esvaziou o copo. E levou todo o tempo necessário para o fazer. Ao terminar, limpou a boca com um lenço e repôs o copo sobre a mesa. A sua expressão facial era neutra ao levantar os olhos para o chefe dos serviços secretos noruegueses.

— As testemunhas — lembrou Warren Scifford.

— Eu pedi que confiasse em nós.

— Você tem a minha confiança.

— Não.

— Sim, absolutamente. No nosso ramo, a diferença entre confiar e ser relaxado é muito grande. Você sabe-o muito bem. No momento em que eu vir que você e os seus homens precisam de informações que talvez nós possuamos, vocês vão recebê-las. Você. Pessoalmente.

Isso posso prometer. Neste momento, precisamente, tenho de saber o que há a respeito dessa conversa sobre testemunhas.

Salhus levantou-se e dirigiu-se à janela. A manhã nascera com promessas de sol, apenas com algumas nuvens esparsas, muito leves, habituais antes da chegada do verão.

Naquele momento, porém, essas nuvens já tinham ficado mais escuras e aglomeravam-se a sul, prontas para o ataque. Salhus já podia ver um manto de chuva a aproximar-se sobre o fiorde de Oslo. Ficou algum tempo parado a observar o movimento das nuvens.

A impressão de Adam de ser desnecessário era tão forte que ele chegou a pensar em demitir-se. Já devia ter telefonado para casa há muito tempo. Ao decidir-se de manhã, estava convencido de que a única coisa certa a fazer era obedecer às ordens. Sentira-se invadido por uma sensação estranha ao levantar-se da cama sem acordar ninguém. O estômago parecia ter dado um nó. Nem conseguira comer nada. Adam não se lembrava de ter alguma vez saltado uma refeição voluntariamente. Por isso, o seu estômago protestava por baixo da camisa. Tudo o que queria era ir-se embora. Queria ir para casa. O assunto em questão naquela sala estava tão longe do que fizera até então que a sua contribuição seria mínima. Se a ideia era ele servir de guia a Warren Scifford no vaivém do americano entre as várias autoridades públicas na Noruega, então, a sua missão era um insulto.

O bilhete que deixara a Johanne talvez pudesse ter sido mais delicado.

Tinha de telefonar imediatamente para casa.

— Stubo — disse o diretor-geral do PST de repente, virando-se.
— Isto é uma coisa para si.

Adam olhou para ele. Mexeu-se na cadeira ligeiramente desorientado, como se fosse um aluno na escola apanhado a sonhar acordado.

— Sim?

Peter Salhus dedicou cinco minutos a fazer o ponto da situação sobre as testemunhas que os tinham contatado. Quase trinta pessoas tinham ligado à polícia e todas contavam a mesma coisa. Dois homens e uma mulher que se parecia com a *Madam President* e um carro azul. Mais ou menos metade dessas pessoas dissera que era um Ford. As outras estavam certas apenas quanto à cor. No conjunto, todas informaram que o motorista do carro azul não se esforçava muito para evitar ser visto.

— E aí temos um problema — concluiu, apontando para um mapa que desenhara.

O esboço da Noruega fazia lembrar uma luva usada estendida para secar. Peter Salhus largou a caneta e cruzou os braços sobre o peito. Os outros dois homens debruçaram-se sobre o desenho.

— Isso não pode estar certo — disse Adam.

— Oh, sim — afirmou Salhus. — Está correto. — Depois, inclinou-se para a frente e acrescentou: — Isto foi o que obtivemos das testemunhas. Mesmo com as habituais restrições de que algumas se tenham enganado e de que outras tenham propositadamente mentido, isto, naturalmente, não pode estar certo. Você tem razão.

Adam percorreu de novo com o olhar, ponto por ponto, o desenho simples. O diretor do PST tinha marcado a hora indicada pelas testemunhas ao lado dos pontos vermelhos.

— Esta aqui é a estrada E6 em direção à Suécia — disse Adam, passando o dedo por Ostfold. E esta aqui é a E18 na direção de Kristiansand. E aqui...

O dedo resvalou na direção de Trondheim.

— Esta região não pertence à minha área de responsabilidade — disse Salhus, em voz baixa, coçando a barba. — A polícia, evidentemente, está a controlar tudo. Pelo que sei, talvez já o tenham feito. É óbvio.

— Isso é uma pista cega — exclamou Adam. — Apenas conversa fiada!

— Sim. — Warren Scifford não se pronunciara enquanto Salhus desenhava o esboço e falava. Naquele momento, pegou no desenho com a mão direita. Enquanto seguia com o olhar os pontos a vermelho por todo o sul da Noruega, disse: — Você conhece as distâncias. Contou quantos carros Ford com mulheres vestidas de vermelho foram avistados?

— No mínimo, dois — disse Salhus. — Possivelmente, três. É fisicamente possível sair dali — voltou a apropriar-se do mapa e apontou — e chegar aqui dentro de um período de tempo razoável. Pode-se também percorrer de carro o trajeto entre as duas cidades — o dedo resvalou de Larvik até Hamar — em três horas e meia. Na melhor das hipóteses, visto que, sendo o dia nacional, é sempre possível que haja um pouco mais de trânsito.

— Dois veículos — murmurou Warren Scifford. — Talvez três.

— Que deram voltas pela Noruega, fazendo o possível para serem vistos — disse Adam. — Por que diabos alguém faria uma coisa dessas? Devem saber que é apenas uma questão de tempo para se esclarecer tudo, certo?

A luz do dia já não era tão forte. O vento tinha aumentado e, de repente, abateu-se uma chuva pesadíssima contra os vidros das janelas. Uma gaivota veio pousar no parapeito. Os seus olhos negros de azeviche apontavam fixamente para alguma coisa na sala. Depois, abriu o bico para gritar.

— Tempo — disse Salhus em voz alta. — Eles querem ganhar tempo e nos desorientar.

A gaivota levantou voo e desapareceu em direção ao solo. Tinha começado a chover granizo. As pedras de gelo eram grandes como grãos de pimenta, atingindo com força os vidros das janelas.

— Mas tudo tem um lado bom — disse Salhus de repente e com forçada jovialidade. — Há várias fotos boas do motorista. Ou motoristas. Em pelo menos dois postos de gasolina, segundo ouvi dizer. E mesmo que toda a manobra não seja mais que um embuste,

será muito interessante saber quem os mandou. Vai poder perguntar isso ao chefe de polícia, Warren. Essa parte da investigação não é do meu departamento. Fale com a polícia. Mas, antes de sair... — Peter Salhus mordeu o lábio e hesitou antes de continuar: — Por que realmente veio aqui?

Warren Scifford olhou para ele e levantou imperceptivelmente as sobrancelhas.

— Por que mandaram justamente você? Pelo que pude perceber, você chefia uma espécie... de grupo de peritos que determinam o perfil psicológico dos terroristas. Não é verdade?

O americano confirmou, indiferente.

— Você não é chefe do FBI. Não é chefe de nenhum grupo operacional. E, no entanto o mandaram...

— Você está errado. Somos operacionais, sim, do mais alto nível.

— Mas ainda assim não entendo — insistiu Peter Salhus, curvando-se sobre a mesa. — Por que não mandaram um...

— Bem observado — interrompeu Warren Scifford. — Muito bem observado. Você encontrou aí uma boa questão.

Pela primeira vez, Adam achou ter visto em Warren um vestígio de impotência sob a aparência sempre tão segura. Seu olhar vagueou e um esgar na boca fez com que parecesse ter mais idade, quase velho. Mas não disse nada. A chuva de granizo parou tão de repente como tinha chegado.

— E qual é a questão? — perguntou Peter Salhus calmamente.

— A questão é que meus colegas não acreditam que a resposta a este enigma esteja na Noruega — respondeu Warren Scifford, respirando fundo.

— O centro da questão é que me mandaram porque não queriam que eu ficasse nos Estados Unidos. Estão convencidos de que podemos encontrar a solução do enigma no caos em que se encontram as informações do nosso *Secret Service* combinado com a

investigação que fazemos agora. Uma investigação... intensiva. Para usar uma expressão suave. Dura, diriam talvez vocês, europeus.

Pegou o copo, olhou-o demoradamente e voltou a colocá-lo na mesa. Estava vazio.

— O FBI considera que o desaparecimento da presidente é um ataque terrorista que só os Estados Unidos podem controlar — continuou. — A Noruega, neste caso, é apenas um pequeno... muito pequeno e insignificante...

Sorriu, um sorriso rápido, quase culpado, e encolheu os ombros.

— Vocês compreendem, certamente. E como eu e o meu grupo temos uma visão um pouco diferente do que é um terrorista e de sua liderança, do que os terroristas pretendem e como...

Novamente, fez uma pausa. Endireitou as costas e recompôs rapidamente o casaco, antes de se inclinar para a frente e fitar Salhus.

— Os conflitos internos no FBI, com certeza, não são do seu interesse — disse ele. — E eu também não preciso discuti-los. Mas acho que não falo demais se disser que a maior suspeita dos Estados Unidos neste caso recai sobre a al-Qaeda. Eles têm dinheiro. Têm redes de comunicação. Têm motivo. E, como é do conhecimento de todos... já nos atacaram anteriormente.

— Mas essa não é a sua... — interrompeu Salhus.

— O quê?

— A sua suspeita não recai na al-Qaeda, certo?

Warren Scifford não respondeu. Passou a mão pelos cabelos. Um leve cheiro de champô espalhou-se à sua volta.

— Você é o chefe do PST, do Serviço de Segurança — recomeçou ele, finalmente, num tom de voz um pouco mais elevado. — O que acha?

Agora, era Peter Salhus que não queria se manifestar. Tamborilou com a caneta em cima da mesa.

— Foi o que pensei — disse Warren Scifford.

— Eu não disse nada.

— Certo. E tanto eu como você sabemos que este caso está bem longe da al-Qaeda. Osama bin Laden quer espalhar o medo, Salhus. A al-Qaeda é composta por guerreiros religiosos movidos por um ódio feroz. Eles querem cenas espetaculares de puro... terror. São terroristas, no sentido original da palavra.

— O terrorismo — disse Salhus, colocando a caneta numa gaveta — é definido, grosseiramente, como uma ação ilegal em que a vítima da violência ou da ameaça de violência não é o alvo principal, mas um meio de atingir um grupo maior de pessoas. Pelo receio e pelo medo. Será que o sequestro da presidente americana não é um ato de terrorismo? Pelo que pude entender do noticiário — apontou a TV desligada — é o medo que neste momento domina seu país.

— Ou a insegurança — disse Adam, depois de tossir e clarear a voz. — Uma dolorosa insegurança. O que é talvez pior. Para mim, este caso parece-me demasiado diferente para que possa considerá-lo como ato de terrorismo. Parece mais que alguém... — Adam respirou fundo, procurando a palavra certa e olhando para o mapa que Salhus desenhara grosseiramente com pontos vermelhos espalhados aqui e ali. — Está brincando conosco — acrescentou finalmente. — Parece que alguém está nos gozando. E esse não é, certamente, o estilo de Osama bin Laden.

Os outros dois olharam para ele. Salhus concordou surpreendido, encolhendo os ombros. Ia dizer alguma coisa quando Warren Scifford se levantou repentinamente.

— Temos que continuar nas investigações.

Adam se sentia ainda inseguro quando Salhus lhe estendeu a mão, já na porta. O americano digitava um número no seu celular, a caminho do elevador.

— Você tem toda razão — disse Salhus, agora em norueguês. — Eles estão a brincar conosco. Alguém tem motivos, meios e possibilidades de estar a gozar em grande conosco. E iria jurar que

aquele seu companheiro ali já suspeita de quem seja. Se conseguir saber de quem se trata, por favor, entre em contato comigo.

Imediatamente. Está de acordo?

Adam concordou vagamente, notando surpreendido que a mão do diretor-geral do Serviço de Segurança norueguês estava fria e úmida ao contato.

9.

Abdallah al-Rahman adorava a poldra recém-nascida. O seu pelo era negro como o da mãe, mas uma área mais clara entre os olhos dava-lhe a esperança de que herdaria a marca branca do pai. As pernas eram desproporcionalmente longas para uma égua com um dia de vida. O corpo prometia, o pelo já reluzia. Ela recuou ainda vacilante quando ele entrou na cocheira. A égua mãe relinchava agressivamente, mas ele acalmou-a com palavras suaves e festas no focinho.

Abdallah al-Rahman estava satisfeito. Tudo corria bem. até aquele momento, ainda não tinha tido contato direto com ninguém. Também não era necessário. Ele nunca tinha feito qualquer coisa desnecessária em toda a sua vida de adulto. Atendendo a que a existência representava um espaço de tempo determinado, era importante mantê-la em equilíbrio, seguindo uma estratégia. Abdallah via a vida como via os tapetes magníficos que ornamentavam o chão dos três palácios que até então lhe pareciam ser necessários.

Uma tecedeira tinha sempre um plano. Ela não começava num dos lados para depois trabalhar ao acaso até chegar à obra de arte pronta. Ela sabia sempre onde, e isso leva tempo.

De vez em quando, sobrevêm a inspiração e ela pode, então, introduzir os pormenores mais bonitos por impulso. A perfeição de um tapete feito à mão está nas suas pequeníssimas discrepâncias em relação ao previsto, à sua permanente simetria e ordem.

No seu quarto estava o mais fino de todos os tapetes. Tinha sido a sua mãe que o fizera, um trabalho de oito anos. Quando ficou pronto, Abdallah já tinha treze anos e recebeu-o de presente. Ninguém tinha visto um tapete igual. A tonalidade dourada modificava-se consoante a incidência da luz. E era difícil saber qual

era a cor que, na realidade, tinha. Nunca ninguém tinha visto nós tão justos e sentido a seda tão incompreensivelmente macia.

A poldra aproximou-se. Os seus olhos eram negros de azeviche. E ela abriu-os mais quando cambaleou para o lado e teve de levantar a cabeça para manter o equilíbrio.

Relinchou indefesa, pressionando o corpo contra o flanco da mãe antes de ensaiar alguns passos na sua direção.

A vida de Abdallah era como um tapete. Quando o seu irmão morrera, ele decidira o seu padrão. Tinha feito várias mudanças pelo caminho, apenas ajustes, mas nada diferente do que a sua mãe fazia, um fio mais escuro aqui e ali ou uma nova tonalidade para que o tapete ficasse mais belo e perfeito.

O irmão, três anos mais velho, tinha sido assassinado em Brooklyn no dia 20 de Agosto de 1974. Estava a caminho de casa, vindo de um encontro com uma amiga americana, cujos pais não conhecia, e já era muito tarde. Ao ser encontrado no dia seguinte por uma mulher idosa, os seus órgãos genitais eram uma massa de sangue de tanto terem apanhado murros e pontapés. O seu pai viajou imediatamente para os Estados Unidos e voltou um mês depois velho e arrasado.

O crime nunca foi esclarecido. A proeminente posição do pai na sua pátria e também a sua indiscutível autoridade, mesmo nas reuniões com os vários poderes americanos, não fizeram qualquer diferença. O investigador responsável encolheu os ombros após duas semanas e olhou para o lado, lamentando que os culpados não pudessem ser encontrados e presos. Havia tantos assassinatos, tantos jovens que não percebiam que deviam afastar-se das ruas perigosas e ficar em casa depois da meia-noite. Havia também tão poucos recursos, reclamou ele. E assim fechou conclusivamente a pequena pasta da investigação.

O pai conhecia o homem que muito tempo depois se tornaria o primeiro Bush a ser presidente. O árabe tinha-lhe prestado vários

serviços e estava na hora de exigir alguma coisa de volta. No entanto, não conseguiu entrar em contato com o seu influente amigo. Richard Nixon, alguns dias antes, tinha sido obrigado a demitir-se das suas funções. E na mesma noite em que um jovem estrangeiro foi espancado até a morte numa rua escusa de Brooklyn, o Presidente Ford proclamava na Casa Branca ser Nelson Rockefeller o quadragésimo primeiro vice-presidente da América. Profundamente decepcionado e consternado, George Bush sênior tinha mais em que pensar do que no seu já esquecido amigo árabe e viajara mais tarde para a China a fim de lamber as suas feridas políticas.

Abdallah tornou-se adulto naquele outono. Tinha apenas dezesseis anos, mas nunca mais foi a mesma pessoa. O velho pai continuava a dirigir a sua empresa sem problemas.

Tinha gente boa em volta. E apesar de a primeira metade da década de 1970 ter sido bem turbulenta no ramo do petróleo, a fortuna da família aumentou acentuada e constantemente.

Mas o pai também nunca mais foi o mesmo. Escondeu-se durante períodos imensos por trás de maquinações religiosas e praticamente deixou de comer. Nem sequer conseguiu protestar quando Abdallah deixou os pais e seis irmãs para estudar no mundo ocidental, tal como o seu irmão mais velho tinha feito.

Pessoas competentes continuaram a dirigir a firma. Com o tempo, eram cada vez em menor número. Abdallah confiava neles, mas já como homem nos seus vinte e tantos anos punha o seu cunho em tudo o que acontecia. Voltava para casa sempre que lhe era possível. No verão em que completou vinte e cinco anos, o pai morreu de dor por um filho que tinha sido morto há quase dez anos.

Abdallah já esperava o que aconteceu e já tinha inserido tudo na textura da sua vida. Nunca mais nada o surpreenderia. Ele era o presidente e o único proprietário de um conglomerado que ninguém tinha uma visão suficientemente ampla para avaliar. Apenas ele

podia calcular um possível valor, que nunca deu a conhecer a qualquer outra pessoa.

A única coisa que aconteceu de inesperado foi a ausência de fúria.

Meio ano depois da morte do irmão, ele estava, realmente, exausto de tanto desespero. Ficou doente. Acabou por recuperar numa casa de saúde na Suíça e em vez de fúria sobreveio uma tranquilidade calculada com a qual ele achou muito mais fácil conviver. Enquanto a fúria tinha acabado em relação a tudo e a todos e deixado de o consumir por dentro, assim como a dor tinha consumido o pai, o cinismo consciente passou a ser algo que ele conseguia controlar. Abdallah descobriu o valor do planejamento a longo prazo e da estratégia bem pensada. Mandou transferir o tapete recebido como presente da mãe para o seu quarto, a fim de poder estudá-lo antes de dormir e quando algumas vezes acordava de noite sonhando com o irmão.

A poldra era a coisa mais linda que ele tinha visto. O focinho era perfeito, com narinas inusitadamente pequenas, mas vibrantes. Os olhos já não revelavam mais o medo de antes e as pestanas eram longas como as asas das borboletas. Ela dirigiu-se a ele, que estava sentado num banco de palha, esperando a confiança da égua.

— Papai!

Abdallah virou-se lentamente. Pela porta meio aberta, viu a franja do filho mais novo que tentava se erguer para ver a nova potra.

— Espere um pouco — disse o pai, com afeto. — Vou sair.

Com muito cuidado, acariciou a poldra no pescoço. Ela inclinou-se para a frente e estremeceu ligeiramente. Abdallah sorriu e colocou a mão no pequeno focinho da égua. Esta recuou nervosa. O homem levantou-se e saiu devagar da cocheira, fechando a porta.

— Papai — disse o menino, esfuziante de alegria. — Nós íamos ver um filme hoje! Prometeu!

— Não prefere cavalgar um pouco? Está fresquinho?

— Não. O pai disse que íamos ver um filme.

Abdallah pegou o filho de seis anos e levou-o num dos braços, passando pela porta da cavalaria. Na falta de cinemas legalmente estabelecidos na Arábia Saudita, Abdallah criara seu próprio salão com dez poltronas e uma tela prateada.

— O pai prometeu que eu ia ver — reclamou o rapazinho.

— Mais tarde. Hoje à noite. Prometo.

O cabelo do menino tinha cheiro de lavado e fez cócegas no seu nariz. Sorriu e beijou-o antes de o pôr no chão.

O filho mais novo chamava-se Rashid como o tio morto. O nome não tinha sido considerado para qualquer dos seus quatro irmãos mais velhos. Todos tinham traços da família da mãe. Depois, veio o quinto filho. Imediatamente depois do nascimento, Abdallah notou o queixo largo com uma pequena depressão no centro. Quando o rapaz tinha dois dias e, finalmente, abriu os olhos, viu-se que o esquerdo era um tudo-nada estrábico. Abdallah sorriu feliz e deu-lhe o nome de Rashid.

Abdallah nunca pensou em vingar-se da morte do irmão. Pelo menos, não depois que as primeiras dores esmoreceram e ele voltou da Suíça. Não sabia também contra quem se vingar.

Os criminosos nunca foram presos. Para qualquer árabe, seria impossível investigar um assassinato nos Estados Unidos por conta própria, por muito dinheiro que tivesse.

O policial que arquivara o caso era ele próprio uma vítima do sistema e não valeria a pena perder tempo e dinheiro a castigá-lo.

O ódio, o único ódio real que Abdallah al-Rahman se tinha permitido alimentar ao longo do tempo, era dirigido contra George Bush sênior. O homem que mais tarde se tornou chefe da CIA era devedor ao seu pai de um favor nos idos de 1974 e tinha grande influência. Poderia ter dado andamento a uma investigação séria sobre a morte do irmão apenas com um único telefonema. Tudo

levava a crer que Rashid teria sido morto por um bando de jovens racistas que não aceitavam o convívio de negros com garotas louras.

Por isso, não teria sido o maior problema do mundo dar uma solução ao caso, se tivesse havido vontade e permissão para dar prioridade à questão.

Mas George Herbert Walker Bush estava demasiado ocupado com o fato de ter sido ofendido ao não ser nomeado vice-presidente para atender o pedido de um parceiro de negócios que ele tinha preferido esquecer.

À medida que o tempo foi passando, Abdallah compreendeu que a lição mais importante a tirar das circunstâncias em torno da morte do irmão era que o favor de um não valia nada para o outro. Isso era pior do que não ter nenhuma carta na manga. Tornava impossível esquecer a dívida, quer a pessoa quisesse quer não. Muitas pessoas deviam bastante a Abdallah pelo fato de ele ter sido muito complacente durante quase trinta anos, sem nunca ter pedido nada em troca.

A hora nunca tinha chegado. Não antes de Helen Lardahl Bentley lhe fornecer a confirmação real de uma experiência de vida: nunca confiar num americano.

— Posso ver um filme de ação, papai? Posso ver...

— Não. Sabe disso. Não é bom para você.

Abdallah confortou o filho com uma festa nos cabelos. O rapaz fez beicinho, antes de correr, de cabeça baixa, para junto dos irmãos. Tinham chegado de Riad na noite anterior e ficariam em casa a semana inteira.

Abdallah ficou no mesmo lugar e viu o filho seguir em frente até desaparecer ao virar a esquina para a grande cavalaria. Depois, encaminhou-se para o jardim, ao encontro de boas sombras e da piscina. Estava na hora de nadar.

10.

Hanne Wilhelmsen era uma pessoa sem amigos.

Era uma situação escolhida por ela e sempre fora assim.

Tinha quarenta e cinco anos de idade e vinte e cinco de polícia. A sua carreira terminara quando nos feriados do Natal de 2002 levou um tiro ao prender um criminoso com quatro assassinatos nas costas. Uma bala de revólver de grande calibre acertou-lhe entre a décima e duodécima vértebra. Por algum motivo que os médicos não conseguiam entender, a bala ficou alojada naquele lugar. Quando o objeto estranho foi retirado, o cirurgião ficou fascinado com o estado, parecido com uma papa, em que ficaram os restos daquilo que antes tinham sido nervos, tanto que mandou tirar uma fotografia. Sinceramente, ele nunca tinha visto coisa pior. Mas o chefe de polícia suplicou a Hanne que continuasse a trabalhar na corporação.

O chefe de polícia visitou-a muitas vezes durante a convalescença, se bem que ela ficasse cada vez mais contrariada. Ele ofereceu-lhe condições específicas e equipamento especial. Ela podia escolher os casos e nada lhe faltaria em termos de ajuda e assistência.

Hanne recusou e pediu a demissão dois meses depois da operação.

Nunca ninguém tinha duvidado do excepcional talento de Hanne Wilhelmsen. Em especial, os polícias mais jovens admiravam-na. Não a conheciam e mesmo assim não se cansavam de admirar a sua conduta cada vez mais notoriamente distante e estranha. até o momento do catastrófico tiro, acontecia que ela tinha o que se poderia chamar protegidos. Sabia como administrar os elogios dos discípulos, visto que elogio significava distância e distância era o mais importante para Hanne Wilhelmsen. E ela era uma boa mestra.

Os colegas da mesma idade e os mais velhos, porém, há muito que estavam fartos. Mas também não podiam negar que ela estava entre os melhores investigadores que a polícia de Oslo já tinha visto.

Com o decorrer dos anos, a sua obstinação e a taciturna má vontade em trabalhar em equipe acabaram por cansar os colegas. E ainda que toda a corporação ficasse consternada ao ver uma colega ser atingida por um tiro durante uma operação e ficar em perigo de vida, começou a haver conversas em surdina pelos corredores de que era até bom que ela se afastasse. Depois as águas acalmaram e a maioria até já a tinha esquecido. Quem não aparece, esquece.

Em todos aqueles anos na polícia, ela conservara apenas um verdadeiro amigo, que tinha salvado a sua vida uma vez, quando ela jazia inconsciente e sangrando dentro de uma casa de campo em Nordmarka. O homem, alto e forte, zelou por ela no hospital durante três dias seguidos, ao todo setenta e duas horas, até que começou a cheirar tão mal que uma das enfermeiras resolveu expulsá-lo porta fora, dizendo que todos se sentiriam melhor se ele fosse para casa. Quando se tornou claro que Hanne ia sobreviver, ele abraçou-se a ela e chorou como se fosse uma criança.

Até mesmo desse amigo Hanne manteve distância. Já passara mais de um ano sobre o dia em que ele a tinha visitado para ver se havia um último vestígio de amizade sobre o qual construir um futuro entre os dois. Quando a porta da casa se fechou atrás das suas costas largas um quarto de hora mais tarde, Hanne Wilhelmsen bebeu uma garrafa inteira de champanhe, ficou bêbada, fechou-se no quarto e cortou o uniforme da polícia em tiras, que depois queimou na lareira.

Hanne Wilhelmsen sentia-se bem pela primeira vez na sua estranha e tortuosa vida.

Vivia com uma mulher que há muito aceitara dividir a vida com ela. Nefis tinha o seu trabalho na universidade, os seus próprios amigos e, fora do apartamento, uma vida na qual a sua companheira

não participava nem um pouco. Na casa onde moravam, na Krusesgate, Hanne esperava, sempre questionando, sempre tranquilamente satisfeita, vê-la de novo. E elas dividiam a felicidade de ter Ida.

— Onde está Ida? — perguntou Johanne.

Sentada no sofá, ela tinha as pernas dobradas sob o corpo. Na grande tela da TV apresentavam agora o noticiário da NRK.

— Está na Turquia com Nefis. De visita aos avós, os pais da mãe. Johanne não disse mais nada.

Hanne gostava dela. E ela gostava de Hanne por não ser uma amiga e não se esforçar para ser. Johanne não sabia nada sobre Hanne, a não ser o que tinha ouvido e indagado de outros. Certamente, havia muito mais a saber, mas ela nunca se deixara levar pela tentação de desenterrar o passado, exigir ou sequer perguntar. Ela falava muito, mas nunca sobre Hanne. Como Johanne era a pessoa mais genuinamente curiosa que Hanne tinha encontrado, sua aparente falta de interesse era uma façanha que mostrava o quanto Johanne conhecia sua profissão. Era uma verdadeira *profiler*.

Johanne entendia Hanne Wilhelmsen e sabia deixá-la em paz. E parecia, também, apreciar os momentos que passava na casa de Hanne.

— Ah, não — disse Johanne em voz baixa e fechando os olhos. — Ela, não.

Hanne, que lia um romance, levantou os olhos para a tela.

— Ela não vai saltar da TV para te pegar — disse Hanne, continuando a leitura.

— Mas por que fazem sempre isso? — resmungou Johanne, respirando fundo. — Por que ela virou o grande oráculo em todas as questões de crime e criminosos?

— Porque você não quis ser — disse Hanne, sorrindo. Johanne, uma vez, tinha abandonado o estúdio de TV em protesto, durante

um debate ao vivo. E nunca mais foi convidada.

Wencke Bencke era a autora de romances policiais mais conhecida do país. Depois de ter vivido anos como excêntrica, apagada e intratável, tinha atraído as atenções gerais um ano antes, quando várias celebridades foram assassinadas, num caso que a polícia nunca conseguiu decifrar. Johanne foi chamada para a investigação do caso contra vontade, mas até para ela a série de crimes parecia por muito tempo sem motivação e sem correlação uns com os outros. E Wencke Bencke tornou-se a perita favorita dos media. Ela brilhava com as suas opiniões sobre o caráter dos criminosos e a sua lógica absurda, ao mesmo tempo que mantinha distância da polícia com comentários irônicos. No conjunto, ficava bem na televisão.

Naquele mesmo outono, fez o lançamento de seu décimo oitavo romance, considerado o melhor, sobre um autor de romances policiais que assassinava por tédio. O livro vendeu cento e vinte mil exemplares em três meses e os direitos de tradução foram comprados rapidamente por editoras em mais de vinte países.

Apenas uma mão-cheia de pessoas, entre elas, Johanne e Adam, sabia que o livro, no fundo, tratava da própria Wencke Bencke. Não podiam provar, mas sabiam. Tudo tinha sido montado pela própria autora. As pistas que ela deixou eram impossíveis de usar como prova, mas suficientes para Johanne Vik se convencer de que deixara as pistas para irritá-la.

Wencke Bencke conseguira se livrar.

De vez em quando, nas noites de insônia, depois de ter visto o sorriso largo de Wencke Bencke atrás dos congelados do supermercado Maxi ou de tê-la visto acenando na rua, a Haugesvei, numa noite bem tarde, Johanne não podia esquecer os homicídios que tinham sido cometidos para provocá-la. Só não conseguia entender por quê. No outono anterior, ao dirigir-se para a casa de

campo com as duas crianças no banco de trás, um outro carro passou por ela num cruzamento iluminado em Ullerchaussen.

A motorista fez um gesto com o polegar para cima, tocou a buzina e virou para a direita. Era Wencke Bencke. “Foi por acaso”, dissera Adam, repetidamente. Oslo era uma cidade pequena e Johanne precisava esquecer rapidamente toda aquela maldita história.

Em vez de esquecer, Johanne procurou Hanne Wilhelmsen. Para começo de conversa, foi a curiosidade que a levou a fazer a visita. Hanne era uma lenda entre aqueles poucos que ainda falavam dela. Se alguém podia ajudá-la a perceber Wencke Bencke, esse alguém era ela. A natureza tranquila, quase indiferente, da investigadora criminal aposentada a acalmava. Ela era friamente analista, enquanto Johanne era intuitiva; ela era desapaixonada enquanto Johanne se deixava provocar. Hanne sabia esperar e ouvir, ouvia sempre antes de falar.

— A polícia, no entanto, agiu com toda rapidez — dizia a autora de romances policiais no estúdio, endireitando os óculos. — É raro ver a polícia tão perplexa. Pelo que sei, eles têm um problema que pertence mais à época dos livros policiais antigos do que à realidade de hoje.

O apresentador do programa curvou-se para a frente. A câmera mostrava agora os dois, um em frente ao outro, como se ambos naquele momento pensassem partilhar um segredo.

— Ah, bem — disse o homem.

— Existia, claro, um grande aparato de segurança em volta da presidente, como muitas reportagens nos mostraram nas últimas vinte e quatro horas. Entre outras coisas, câmeras de vigilância nos corredores em volta...

— Não ligue — disse Hanne em voz baixa. — Podemos desligar. Johanne abraçava uma almofada sem pensar.

— Não — retorquiu num tom ligeiro. — Quero ouvir.

— Tem certeza?

Johanne acenou afirmativamente e continuou a olhar fixamente para a tela. Hanne olhou para ela durante alguns segundos e, depois, com um leve encolher de ombros, recomeçou a sua leitura.

— Em outras palavras, uma espécie de “mistério da sala fechada” — disse Wencke Bencke, sorrindo. — Ninguém saiu e ninguém entrou...

— Como ela sabe uma coisa dessas? — disse Johanne. — Como, em nome de Deus, ela sabe sempre o que a polícia faz? Eles não gostam dela lá na polícia e...

— A sede da polícia vaza por todos os lados — disse Hanne, parecendo agora verdadeiramente interessada na conversa da TV. — Foi sempre assim.

Johanne a observou. Hanne tinha fechado o livro que começava a escorregar de seus joelhos sem que ela se desse conta. Deslizou a cadeira um pouco para a frente e segurou o controle remoto para aumentar o volume. O corpo ficou curvado para a frente como se estivesse com medo de perder as palavras da autora. Lentamente, retirou do nariz os óculos de leitura, sem deslocar os olhos da tela.

Ela devia ser assim antes, pensou Johanne com surpresa. Perspicaz e intensa. Diferente do ser apático que se fechava em casa, voluntariamente, num bairro da zona oeste de Oslo, lendo romances. Hanne parecia agora mais nova, quase jovem. Os olhos brilhavam, ajeitava os cabelos atrás das orelhas. Um diamante no peito refletia a luz da janela com brilhos fugazes. Quando Johanne abriu a boca para dizer alguma coisa, Hanne fez um sinal com o dedo para ela parar.

— Temos que voltar ao prédio do governo — disse o apresentador do programa, finalmente, acenando agradecido para a autora. — O primeiro-ministro vai se encontrar...

— Tem que telefonar — disse Hanne Wilhelmsen, desligando a TV.

— Telefonar? Telefonar para quem?

— Tem que telefonar para a polícia. Acho que eles cometeram um erro.

— Mas... Telefone você, então! Eu não sei o que dizer... Não conheço...

— Ouça!

Hanne voltou a cadeira para ela.

— Telefone para Adam.

— Não posso fazer isso.

— Vocês discutiram. Foi o que entendi quando chegou aqui pedindo para ficar. O caso deve ser sério, ou não teria trazido o bebê e a mala. Mas não quero saber. Não estou interessada em saber.

Johanne descobriu que tinha a boca aberta e fechou-a com um estalido bem audível.

— De qualquer maneira, isso é mais importante — continuou Hanne. — Se Wencke Bencke recebeu a informação certa, e tudo leva a crer que sim, então eles cometeram um erro tão grande que...

Fez uma pausa como se não se atrevesse a acreditar na própria teoria.

— Você é que conhece a policia de Oslo — disse Johanne debilmente.

— Não. Eu não conheço ninguém. Tem que telefonar. Se falar com Adam, ele saberá o que fazer.

— Posso saber, então, do que se trata? — perguntou Johanne, ainda em dúvida e afastando a almofada do peito. — O que é assim tão importante? O que a polícia fez de errado?

— É antes uma coisa que não fez — respondeu Hanne. — O que normalmente é muito pior.

11.

Adam Stubo esperava um dos elevadores no quarto andar da sede da polícia, imensamente aflito. Ainda não tinha tido a possibilidade de telefonar para casa. A cada hora que passava, mais sentia ter feito um disparate ao sair de casa de manhã sem falar com Johanne.

Warren Scifford devia ter tomado um bom pequeno-almoço. Por duas vezes, tinha recusado o convite para almoçar. Adam estava esfomeado e começou a ficar irritado pelas passagens, ao que parecia sem plano determinado, entre os vários departamentos do número 44 da Gralandsleiret. O homem comunicava cada vez menos com o contato norueguês. Por vezes, pedia desculpa e afastava-se para telefonar. E telefonava tão longe dele que Adam não conseguia ouvir nada da conversa. Como não fazia ideia do tempo que Warren ficava ocupado, não podia aproveitar a ocasião para telefonar a Johanne.

— Temos que ir — disse Warren, fechando o celular, quase correndo ao seu encontro.

— Aonde vamos?

Adam tinha esperado por ele quase quinze minutos. Ainda assim tentou ser cordial.

— Não preciso de você. Não agora. Tenho que voltar ao hotel. Você tem um número?

Adam procurou e encontrou um cartão de visita.

— O celular está aqui — disse, apontando. — Telefone para este número quando precisar de mim.

— Quer que eu vá junto? Que lhe arranje um carro?

— A embaixada já mandou um — disse Warren, num tom de voz ligeiro. — Obrigado pela ajuda. Até agora!

Correu para a escada e desapareceu.

— Adam. Adam Stubo!

Uma mulher esbelta e bonita vinha a seu encontro. Adam reparou imediatamente nos sapatos dela. Os saltos eram tão altos que chegava a ser incompreensível como conseguia ficar em pé. O rosto dela iluminou-se ao constatar que, efetivamente, era ele. Como se precisasse, ela ficou na ponta dos pés para lhe dar um leve beijo no rosto.

— Que prazer — disse Adam, sorrindo abertamente. — Há muito tempo que não nos víamos, Silje. Como vai?

— Bah... — Ela encheu os pulmões de ar e deixou-o sair lentamente. — Aqui estamos loucos, como sabe. Todos no caso da presidente. Eu já estou aqui há vinte e quatro horas e vou ter muita sorte se ficar só mais meio dia antes de poder ir em casa. E você?

— Bem, obrigado. Eu...

Silje Sorensen, de repente, olhou para ele como se tivesse descoberto algo totalmente novo naquela figura alta, de ombros largos, que parecia metida num sobretudo apertado demais.

Adam interrompeu o que ia dizer e levou a mão ao nariz.

— Trabalhou no caso do roubo dos quadros de Munch — disse ela rapidamente. — Não foi? E também no roubo NOKAS?

— Sim e não — respondeu Adam, olhando em volta. — No roubo dos quadros de Munch, mas não diretamente no NOKAS. Mas eu...

— Tem experiência em roubos, Adam. Mais do que a maioria, não é?

— Sim, trabalhei com...

— Venha!

A sargento de polícia Silje Sorensen deu-lhe o braço e começou a andar. Ele deixou-se levar, muito contra vontade. A sensação de ser tratado como um vira-latas abandonado tornou-se cada vez mais forte. Na verdade, tinha trabalhado na sede da polícia quando era mais novo, mas não se sentira à vontade por lá. E também não sabia aonde Silje o levava.

— O que está fazendo aqui? — perguntou ela, quase sem fôlego, enquanto se apressava pelo corredor batendo sonoramente os saltos no chão.

— Para ser verdadeiramente honesto, nem eu sei ao certo.

— Hoje em dia, ninguém está certo de nada — disse ela, sorrindo. Acabaram por chegar, finalmente, a uma porta azul sem placa indicativa. Silje Sorensen bateu, mas entrou sem esperar resposta.

Adam seguiu seus passos e entrou também. Um homem de meia-idade estava sentado diante de três telas e de algo parecido com uma mesa de mixagem de um estúdio de gravação. Virou-se rapidamente e murmurou um olá antes de voltar a se concentrar no trabalho.

— Este é Stubo, inspetor do SNIC — disse Silje.

— Do “Novo SNIC” — corrigiu Adam, sorrindo.

— Que nome ridículo — resmungou o homem da mesa de mixagem. — Frank Larsen, sargento de polícia.

Nem sequer estendeu a mão. Seu olhar estava preso nos monitores. Na tela, em velocidade acelerada, passavam as imagens em preto-e-branco de um posto de gasolina e do vaivém dos clientes.

— Poucos conhecem os meios marginais melhor do que Adam — disse Silje Serensen, puxando duas cadeiras para junto da mesa. Virando-se para Adam, acrescentou: — Sente-se.

Nesse momento, o sargento Larsen ficou mais interessado. Sorriu brevemente para o colega, enquanto os dedos martelavam o teclado. A tela ficou preta, mas em segundos surgiu nova imagem. Um homem saía pela porta automática. A câmera devia estar montada no teto: o homem era visto de cima. Quase bateu em uma prateleira de jornais, no momento em que puxou o boné para a testa.

— Ainda não tivemos tempo de estabelecer um sistema para interrogar as testemunhas — disse Silje em voz baixa, enquanto o colega manipulava a imagem, tornando-a mais nítida. — Até agora, de qualquer maneira, há uma coisa que me surpreende. Esse

homem, ou esses homens — até agora achamos que são dois —, queria ser visto pelos empregados. Falava com eles e se fazia notar. Mas não queria ser filmado pela câmera. Não temos uma imagem nítida do rosto. Ou rostos.

Frank Larsen escolheu outra imagem no monitor ao lado.

— Aqui, veja — apontou ele. — Obviamente, ele sabe onde estão as câmeras. E puxa o boné para baixo aqui... — Todos olharam para o monitor marcado com a letra A. — E desvia o olhar aqui.

O monitor B mostrava o homem quando ele, andando de lado, se aproximou do caixa para pagar.

— Se sabem onde as câmeras estão é porque estiveram lá antes.

Adam falara em voz baixa, olhando fascinado para o monitor C, onde a imagem pontilhada de um homem, gradualmente, se tornava mais nítida. Era uma imagem de lado e por trás. O boné cobria a maior parte do rosto, mas tanto o queixo quanto o nariz proeminente eram visíveis. Ainda era cedo para ter certeza, mas Adam achou ter visto os contornos de uma barba curta.

— E como eles devem ter feito antecipadamente um reconhecimento — continuou Adam —, deve haver imagens melhores da visita anterior.

— Pouco provável — disse Frank Larsen, azedamente, como se a simples ideia de ter que ver todo o resto do material o deixasse desanimado. — Os postos de gasolina costumam regravar as fitas a cada duas semanas. Todos os marginais sabem disso. Estes certamente também sabem. Basta se informarem antes. É fácil. E isso foi feito neste caso *também*.

Um dedo categórico apontava o monitor C.

O homem na imagem tinha ombros largos e o queixo estava efetivamente coberto por uma barba curta e bem tratada. A curva do nariz e os olhos estavam escondidos, mas por baixo do boné via-se um nariz invulgarmente grande e pontiagudo. O cabelo por baixo do

boné, pelo volume, também estava cortado curto. E da orelha direita pendia uma pequena argola de ouro.

— Acho que já o vi antes — murmurou Silje. — E alguma coisa me diz que esse aí é marginal. Mas...

— Cortou o cabelo — disse Adam, puxando a cadeira para mais perto da mesa. — A barba é recente e a argola também é coisa nova. O problema é que... — Nesse momento, Adam sorriu francamente, passando o dedo pelo monitor. — Ninguém consegue esconder um nariz assim.

— Sabe quem é?

Frank Larsen fez a pergunta em tom cético.

— É Gerhard Skrader — respondeu Adam, recostando-se na cadeira. É chamado de *Chanceler*. Ele se gabava tanto pela cidade que, durante algum tempo, achamos que estivesse envolvido no caso NOKAS. Mas depois verificou-se que era apenas conversa fiada. Em contrapartida, no caso Munch...

Frank Larsen fez deslizar os dedos enquanto Adam falava. Logo uma impressora num canto começou a zumbir.

— Nunca conseguimos nada contra ele. Mas, se me perguntassem, diria que ele esteve envolvido, sim.

Silje Sorensen foi buscar o papel que saía da impressora e deu uma olhada ao texto antes de passar a Adam.

— Tem certeza de que é ele?

A imagem era de fato precária, mas, depois de tratada, tornara-se mais nítida. Adam acenou afirmativamente, passando o dedo pela fotografia. O enorme nariz, partido durante uma luta na prisão em 2000 e partido novamente numa rusga com a polícia dois anos mais tarde, não enganava.

Gerhard Skrader, ao que se sabia, vinha de uma boa família e era um notório marginal. O pai era o chefe todo-poderoso de um organismo público. A mãe tinha assento no parlamento, o Stortinget, representando o Partido Socialista de Esquerda. A irmã de Gerhard

era advogada especializada em direito comercial e o irmão mais novo acabava de ser convocado para a equipe nacional de atletismo. O próprio Gerhard tentava fugir da polícia desde os treze anos, em geral, sem sucesso.

O assalto à NOKAS em Stavanger, no ano anterior, fora o maior na história da Noruega e custara a vida a um polícia. Nunca foram usados tantos recursos num único caso, o que dera resultados. Foi levado a tribunal logo depois do Natal. Gerhard Skrader ficou muito tempo no topo da lista, mas mais tarde, no fim do inverno, livrou-se mais uma vez. No entanto, como a investigação no caso NOKAS revirou todos os registros de assaltos no país, o nome dele veio à tona noutros casos quase tão interessantes quanto o da NOKAS. Quando os quadros *O Grito* e *Madona*, de Munch, foram roubados à luz do dia em Agosto de 2004, Gerhard Skrader estava nas ilhas Maurícias com uma loura de dezoito anos e um passado intocável. Isso foi testemunhado. Adam estava convencido de que o homem tinha sido o cérebro da operação. O que não pôde ser provado.

— Deixe ver — disse Frank Larsen, estendendo a mão para a imagem impressa. — Examinou-a por um bom tempo. — Escolho acreditar no que você diz — concluiu ele, finalmente, esfregando os olhos com os nós dos dedos. — Mas pode explicar como um marginal está envolvido numa manobra de cobertura relacionada ao sequestro da presidente americana?

Fixou os olhos já com os cantos avermelhados em Adam. E insistiu: — Pode dizer por quê? Então? Sequestrar a presidente americana fica muito longe do que esses ladrões fazem usualmente. Ou não? Esses caras pensam apenas numa coisa e essa coisa é dinheiro. Pelo que sei, não houve até agora nenhuma exigência, nenhuma maldita...

— Aí é que você está enganado — disse Adam. — Eles não pensam apenas em dinheiro. Eles querem também... prestígio. Mas num ponto, provavelmente, você tem razão. Não acredito de modo

nenhum que eles tenham sequestrado a presidente americana. Não acredito, de fato, que Gerhard Skrader tenha qualquer coisa a ver com isso. Suponho, sim, que ele apenas assumiu uma missão muitíssimo bem paga. Mas vocês dois podem perguntar-lhe isso. Esses caras... — Olhou mais uma vez a foto. — Eles fazem questão de que saibamos do local exato em que estão. O tempo todo. Vai demorar menos de uma hora para prendê-lo.

Depois, Adam tocou o estômago e fez uma careta, dizendo: — Agora, preciso comer alguma coisa. Boa sorte!

Seu celular tocou. Ele olhou de relance para o número indicado e saiu apressado para o corredor, sem sequer se despedir.

12.

Uma mulher aproximou-se do lago. Não estava vestida adequadamente para aquele tempo. Um céu de chumbo pairava sobre a água e as ondas já se encrespavam apenas a uns cem metros da margem. A manhã prometia bom tempo e ela achou que podia aproveitar a oportunidade para evitar a roupa de lã. Tudo correu bem até Ullevålseter, mas lamentou ter tomado um desvio por Oyungen na volta.

Tinha de chegar a Skar, onde deixara estacionado o seu pequeno Fiat que o filho tentava evitar que ela conduzisse. A mulher acabara de festejar o seu octogésimo aniversário.

Quando a festa terminou, descobriu que as chaves do carro tinham desaparecido do gancho por cima da estante na entrada. Naturalmente, o filho só queria o bem dela.

No entanto, irritava-a que ele se achasse no direito de ajuizar as condições da sua saúde melhor do que ela própria. Felizmente, tinha a chave sobressalente na caixa das joias.

Ainda se sentia em forma, tal qual uma poldra, e eram as suas caminhadas pelos bosques e prados que a mantinham assim. As ligeiras depressões que de vez em quando a atacavam faziam-na um pouco esquecida, mas com as pernas não havia nada de errado.

Estava gelada e, infelizmente, com vontade de urinar.

Já se habituara a urinar no chão, mas o simples pensamento de tirar as calças sob aquele vento agressivo fazia com que se apressasse para evitar o pior.

Não podia esperar. Tinha de encontrar um lugar abrigado.

Logo antes da barragem, caminhou para norte, passando por um bosque de bétulas de troncos grossos e folhas pegajosas de um magnífico verde-claro. Um barreira natural de vegetação tornou difícil o seu avanço. A velha senhora experimentou o terreno com as

botas de cano alto. Depois, apoiada num ramo, desceu meio metro num declive.

Ao desabotoar as calças, viu-o.

Estava deitado no chão e dormia tranquilamente. Um dos braços protegia-lhe o rosto. O musgo por baixo do corpo era espesso e macio e os rebentos verdejantes da bétula cobriam-no como se fosse um cobertor.

— Olá — disse a mulher em voz alta, segurando as calças. — Olá, o senhor aí!

O homem não respondeu.

Ela teve de se esforçar para passar por cima de uma grande pedra, chapinhando num charco. Bateu com o rosto num ramo. Abafou um grito ao ver o corpo do homem sob os gravetos. Chegou mais perto dele, quase sem fôlego.

O ritmo do seu pulso aumentou. Sentia-se tonta, mas conseguiu levantar-lhe o braço. Os olhos que pareciam fixar-se nela eram castanhos. Estavam bem abertos e num deles passeava uma pequena mosca.

Ela não sabia o que fazer. Não tinha celular, apesar da insistência do filho. O aparelho iria estragar-lhe a vida ao ar livre. Além disso, podia provocar um tumor no cérebro.

O homem vestia terno preto e usava sapatos de boa qualidade com solas muito gastas. A velha senhora estava à beira das lágrimas. Ele era tão novo, pensou, de certeza que tinha menos de quarenta anos. O rosto estava tão tranquilo. As sobrancelhas eram bonitas, parecendo dois pássaros em fuga por cima dos grandes olhos abertos. A boca apresentava uma coloração azulada, mas por um momento ela chegou a pensar que seria boa ideia tentar reanimá-lo. Abriu o casaco para chegar ao coração, imaginando que era ali que devia atuar. Uma coisa resvalou do bolso de dentro. Era uma espécie de carteira que ela apanhou. Depois, endireitou-se como se finalmente tivesse chegado à conclusão de que aquele cadáver estava

a muitas horas de poder ser salvo com massagens no coração. Ela ainda não tinha notado o buraco de bala na têmpora do homem.

A mulher sentiu uma forte indisposição subir pelo seu corpo. Lentamente, levantou a mão direita que parecia muito longe, fora do seu controle. O medo fez com que quisesse fugir dali, correr para a estrada onde havia gente a passar. Por puro reflexo, voltou a colocar a pequena carteira de couro no bolso do casaco e regressou pelo caminho por onde viera. A sua perna direita começou a doer. Parecia paralisada e inútil. A velha senhora conseguiu atravessar o bosque e entrar na estrada de brita por pura e férrea força de vontade, a mesma que a mantinha forte e saudável há oitenta anos e cinco dias.

Depois, inclinou-se para a frente e desmaiou.

13.

— Não há nada a discutir — disse Johanne.

— Mas...

— Para. Eu avisei, Adam. Eu disse ontem à noite. Estava certa de que tinha compreendido que era sério, mas você nem ligou. Mas não é por isso que estou telefonando.

— Não pode pura e simplesmente ir embora e levar a...

— Adam, não me obrigue a levantar a voz. Ragnhild fica com medo.

Era pura mentira. Ele não ouvia nada do outro lado do fio. E a filha nunca ficaria em silêncio se não estivesse dormindo.

— Você me deixou realmente? Sério? Ficou doida ou quê?

— Talvez um pouco.

Ele imaginou um vestígio de sorriso e começou a respirar normalmente.

— Estou realmente desapontada — disse Johanne calmamente.

— E com raiva. Mas disso podemos falar mais tarde. Agora, o assunto é outro. Ouça.

— Tenho o direito de saber onde está Ragnhild.

— Ela está comigo e está bem. Ouça agora e prometo telefonar mais tarde para falarmos de tudo. E uma promessa minha vale um pouco mais do que uma sua, como sabe.

Adam cerrou os dentes. Fechou a mão com vontade de bater em alguma coisa. Não encontrou nada a não ser a parede. Uma aspirante a policial, já uniformizada, parou de repente a uns três metros de distância. Adam baixou a mão, encolheu os ombros e, contra vontade, sorriu.

— É verdade o que Wencke Bencke disse na televisão? — perguntou Johanne.

— Não — reagiu Adam, em voz baixa. — Outra vez ela, não. Por favor.

— Agora, ouça!

— Está bem.

— Está rangendo os dentes.

— O que quer?

— Confirma que as câmeras mostram que não houve nenhuma movimentação, ninguém entrou nem saiu do quarto da presidente? Quer dizer, desde a hora em que ela entrou para se deitar e a hora em que se descobriu que ela tinha desaparecido.

— Sobre isso não posso dizer nada.

— Adam!

— Como sabe, sou obrigado a manter segredo.

— Vocês viram os filmes que mostram o que aconteceu depois?

— Eu não vi nada. Sou o funcionário de ligação de Warren, não investigador do caso da presidente.

— Ouviu o que eu disse?

— Sim, mas não tenho nada a ver com...

— Qual é o momento de maior caos no local do crime, Adam?

Ele mordeu a unha do polegar. A voz dela estava diferente agora. Aquele tom de voz ofensivo, implacável, tinha amainado, quase desaparecido. Ele ouvia Johanne justamente como ela era. Ela nunca deixava de fasciná-lo com sua quase socrática maneira de conseguir que ele visse as coisas com outros olhos e sob um ponto de vista diferente do que se habituara nos quase trinta anos de carreira na polícia.

— Quando o crime é descoberto — disse ele sinteticamente.

— E?

— E no momento logo a seguir — continuou ele, hesitante. — Antes de a cena do crime ser selada e as responsabilidades distribuídas. Enquanto tudo é apenas... um caos.

Ele se conteve.

— Isso mesmo — disse Johanne suavemente.

— Droga — disse Adam.

— A presidente pode não ter desaparecido durante a noite. Pode ter desaparecido mais tarde. Depois das sete, quando pensavam que ela já estava longe.

— Mas... Ela não estava lá! O quarto estava vazio e havia um bilhete dos sequestradores...

— Wencke Bencke conhecia esse detalhe também. Agora, a Noruega inteira sabe disso. Qual era o objetivo desse bilhete? O que acha?

— Dizer...

— Uma mensagem dessas é um engodo para o cérebro tirar conclusões — interrompeu Johanne, que agora falava mais depressa.

— Leva todo mundo a acreditar que alguma coisa já aconteceu. Posso imaginar que os caras do *Secret Service* deram uma olhada em volta assim que leram a mensagem. É uma suíte enorme, Adam. Devem ter ido ao banheiro e abriram alguns armários. Mas a mensagem era uma coisa mais destinada a tirá-los de lá. O mais depressa possível. E se a situação é caótica normalmente, imagino o quanto mais caótica foi no Hotel Ópera ontem de manhã. Com as autoridades dos dois países e...

De repente, fez-se silêncio entre os dois.

Naquele momento, ele pôde ouvir Ragnhild. Ela ria e alguém falava com ela. Adam não conseguia entender as palavras. Era até difícil saber a que sexo pertencia a voz que ouvia. Era uma voz grossa e áspera, mas mesmo assim nada parecida com a voz de um homem.

— Adam?

— Sim, estou aqui.

— Precisa fazer com que eles vejam as gravações depois que o alarme foi dado. Acho que alguma coisa aconteceu nos quinze ou vinte minutos seguintes.

Ele ficou em silêncio.

— Ouviu?

— Sim — disse ele. — Onde você está?

— Volto a telefonar. Prometo.

Depois, ela desligou. Adam ficou parado no mesmo lugar por alguns segundos, olhando para o telefone. A fome já não o atormentava. Tinha perdido o apetite.

14.

Fayed Muffasa era quatro anos mais velho que o irmão. Mas os dois eram extremamente parecidos. Sem dúvida, o irmão mais velho tinha o cabelo mais curto e usava roupa mais elegante que a de Al Muffet, que andava sempre de jeans e camisa de flanela xadrez. Al preparava-se para entrar no carro a fim de levar a filha mais nova para a escola, quando o irmão chegou. Fayed saiu do carro alugado com um sorriso aberto.

Ele é tão parecido comigo, pensou Al, estendendo a mão. Esqueço sempre como nós dois somos parecidos.

— Bem-vindo — disse ele, com expressão séria. — Chegou mais cedo do que eu esperava.

— Não faz diferença — assegurou Fayed, como se isso não fosse para ele um inconveniente. — Fico esperando. Olá, Louise!

Ele se inclinou para a janela lateral do carro e olhou para dentro.

— Como está crescida — exclamou, fazendo-lhe sinal para baixar o vidro. — Você é a Louise, não é?

Mas, em vez de baixar o vidro, ela resolveu sair do carro.

— Olá — disse ela timidamente.

— Como está bonita — exclamou Fayed, abrindo os braços. — E como é bonito este lugar! A atmosfera é maravilhosa!

Dizendo isso, respirou fundo e sorriu.

— Estamos bem aqui — disse Al. — Pode...

Nessa altura, já se dirigia de novo para casa. Girou a chave na porta que ficou aberta de par em par.

— Entre e fique à vontade — disse, apontando para a cozinha. — Se estiver com fome, pode procurar algo para comer. Ainda há café na garrafa térmica.

— Ótimo — reagiu Fayed, satisfeito. — Trouxe alguma coisa para ler. Vou ficar confortavelmente sentado e descontraindo. Quando

acha que estará de volta?

Al olhou para o relógio e demorou um pouco a responder.

— Em pouco menos de uma hora. Primeiro, vou deixar Louise na escola e depois resolver um problema na cidade. Talvez três quartos de hora.

— Então, está bem — disse Fayed, entrando na casa.

A porta de mola com rede anti-insetos fechou-se atrás dele.

Louise já tinha voltado ao carro. Al Muffet virou-se lentamente para a estrada.

— Ele parece muito simpático — disse Louise.

— Claro.

A estrada estava em mau estado. Ninguém tinha consertado os buracos provocados pelo desgaste do inverno. Para Al Muffet tanto fazia. O estado irregular do caminho obrigava os eventuais motoristas a reduzir a velocidade. Freou numa colina a uns cem metros de casa e parou.

— O que vai fazer, papai?

— Pôr uma máquina para funcionar — disse ele, com um sorriso rápido, e saiu. Saltou por cima do guard-rail e avançou para uma faixa de terra não lavrada. Lentamente, entrou no mato procurando andar junto aos enormes áceres, e olhou.

Fayed tinha saído da casa e estava perto da estrada, olhando em volta. Parecia hesitar antes de descer na direção da cerca. A tampa da caixa do correio estava aberta e ele verificou que o carteiro ainda não tinha passado. Fayed examinou a caixa, que Louise tinha sido autorizada a pintar um ano antes. Ela a pintara de vermelho vivo, com o desenho de um cavalo azul galopando de cada lado.

Fayed endireitou as costas e começou a voltar para casa. Estava agora mais consciente do que fazer, andando mais depressa. Ao passar pelo carro alugado, resolveu entrar e se sentar nele. Parecia usar o celular, mas era difícil dizer por causa da distância.

— Papai? Vem?

Al voltou, hesitante.

— Já vou — murmurou ele, abrindo caminho pelo mato rasteiro.

— Já vou! Antes de entrar no carro, sacudiu o mato preso na roupa.

— Vou chegar tarde — reclamou Louise. — É a segunda vez este mês. E a culpa é sua!

— Calma — resmungou Al Muffet, distraidamente, ligando o motor.

O irmão devia estar esticando as pernas. Talvez estivesse com fome. Não era de estranhar que precisasse de ar fresco depois da longa viagem de carro. Mas por que voltar para dentro do carro? E mais, por que viera e por que, pela primeira vez desde que Al conseguia se lembrar, tinha se mostrado tão simpático?

— Cuidado, pai!

Ele virou rapidamente o volante para a direita e quase saiu da estrada. O carro deslizou e ele acelerou por puro reflexo, mas as rodas traseiras ficaram presas no profundo acostamento da estrada. Al Muffet soltou o freio de novo e acelerou mais uma vez, mas o carro continuou atravessado na estrada.

— Papai, o que você fez? — gritou Louise.

É apenas um pequeno ataque de paranoia, pensou Al Muffet, ao tentar mais uma vez tirar o carro da vala, enquanto dizia: — Está tudo bem, minha querida. Fique calma. Está tudo sob controle.

15.

A presidente americana queria reagir de alguma maneira.

Tentou concentrar-se no tempo.

Tinham-lhe tirado o relógio de pulso e colocado um capuz na cabeça ao entrarem no carro. Tanto uma coisa como a outra a apanharam de surpresa, de tal maneira que não conseguira reagir. Só quando ligaram o motor conseguiu acalmar-se e calcular o tempo da viagem em cerca de meia hora. Os homens não tinham falado uma única vez, nem sequer durante a viagem, de modo que ela pôde calcular o tempo em paz. Tinham amarrado as suas mãos à frente e não atrás das costas. Como ficou sozinha no banco traseiro do carro, pôde usar os dedos para contar. Sempre que contava até sessenta, mudava para o dedo do lado. Assim que se passavam dez minutos e ela tinha usado todos os dedos, raspava as costas da mão deixando um traço com a sua unha bem tratada. A dor ajudava-a a lembrar-se. Três traços. Trinta minutos. Mais ou menos meia hora.

Oslo não era uma cidade muito grande. Um milhão de habitantes? Mais?

A única coisa que tornava possível ver algo na sala era uma lâmpada fraca e de cor vermelha que parecia estar instalada na parede, precisamente ao lado da porta fechada. Ela acabou por fixar o olhar na lâmpada vermelha e nessa altura respirou fundo.

Já devia estar ali há bastante tempo. Teria dormido? Fez as suas necessidades num canto. Foi difícil tirar as calças com as mãos amarradas, mas conseguiu. Era pior vesti-las. Quantas vezes é que ela foi ao canto onde estava a caixa de papelão com jornais dentro? Tentou lembrar, recontou. Tinha de contar o tempo. Deve ter dormido.

Oslo não era muito grande.

Não muito grande. Nem um milhão de habitantes.

A Suécia era maior. Estocolmo era maior.

Concentre-se. Respire e pense. Pode fazer isso. Sabe que pode.

Oslo era uma cidade pequena.

Meio milhão? Meio milhão.

Não achava que tivesse dormido no carro. E depois?

O corpo parecia de chumbo. Era doloroso mudar de posição.

Devia ter ficado demasiado tempo na mesma posição.

Cuidadosamente, tentou levantar as coxas. Surpreendida, verificou que tinha feito as necessidades ali mesmo. O cheiro não a incomodava. Não conseguia cheirar nada.

Respire. Calma. Você dormiu. Concentre-se.

Lembrou-se do voo, do pouso.

A cidade crescera sobre os montes que a rodeavam. O fiorde forçara o seu caminho até o coração da cidade.

Helen Lardahl Bentley fechou os olhos na obscuridade vermelha. Tentou relembrar-se da impressão que tivera quando o Air Force One se aproximara do aeroporto, ao sul de Oslo.

Ao norte. De repente, lembrou-se de que o aeroporto ficava ao norte da cidade.

Fechar os olhos ajudava.

As áreas cobertas de florestas à volta da cidade pareciam longínquas de tão bravias e assustadoras, era o que ela, sentada nos joelhos da avó, ouvia contar. A velha senhora nunca tinha posto os pés na pátria dos seus antepassados, mas as imagens que passara para os filhos e os netos eram vivíssimas. A Noruega era bonita e assustadora e havia montanhas por toda a parte.

Não era verdade.

Pela janela do Air Force One, Helen Lardahl Bentley viu um país diferente. A paisagem era simpática e agradável. Havia montes e montanhas com restos de neve para o lado norte. As folhas das árvores tinham começado a despontar com aquele tom verde-claro que fazia parte da época do ano.

Qual seria o tamanho de Oslo?

Não podiam ter ido muito longe.

O hotel, pelo que percebera, ficava no centro da cidade. Em meia hora, não podiam tê-la levado para muito longe.

Tinham virado várias vezes. Talvez fossem curvas necessárias da mesma estrada, mas também podiam servir para a desorientar.

Podia continuar no centro da cidade.

Mas também podia estar errada. Ter contado mal. Teria dormido? Não teria dormido, na realidade?

Ela não dormira no carro. Mantivera a cabeça fria, contando os segundos. Nas costas das mãos, tinha três traços feitos com a unha. Três traços, meia hora.

O capuz que tinham posto em sua cabeça estava úmido e tinha um cheiro estranho.

Teria dormido?

Seus olhos estavam cheios de lágrimas. Ela, porém, não queria chorar. Não devia chorar. Uma gota desprende-se do canto do olho e correu ao longo do nariz, chegando à boca.

Não chore. Pense. Abra os olhos e pense.

— Você é a presidente americana — murmurou, mordendo os lábios. — A presidente dos Estados Unidos, *goddammit!*

Era difícil se concentrar num único pensamento. Tudo lhe surgia fragmentado. Era como se o cérebro tivesse sido cortado em fatias e aparecesse numa fita de vídeo sem sentido, com imagens que nada tinham a ver umas com as outras, numa colagem cada vez mais desorientadora.

Responsabilidade, pensou ela, mordendo a língua até fazer sangue. *Sou responsável. Devo me controlar. O medo é algo que conheço bem. Sei o que o medo significa. Já cheguei onde qualquer ser humano pode chegar. E muitas vezes fiquei angustiada. Nunca mostrei isso a ninguém. Os inimigos assustam-me. Os meus adversários ameaçam tudo o que sou e tudo o que*

represento. O medo mantém-me alerta, faz com que pense com clareza e inteligência.

O sangue era doce e tinha gosto de ferro quente.

Helen Lardahl Bentley estava habituada a dominar o medo.

Mas não o pânico.

Estava ficando cansada. Nem mesmo a velha e habitual garra de ferro que costumava atacar-lhe a nuca podia fazê-la sofrer o suficiente para a tirar da situação desorientadora de medo paralisante que se mantinha nela desde que a tinham sequestrado da suíte do hotel. A adrenalina não a tinha feito ficar mais desperta e sagaz como costumava acontecer durante os confrontos em reuniões e diante das câmeras de TV. Pelo contrário. Quando o homem ao lado da cama lhe sussurrara a ordem curta, o ar em volta gelara e a ordem provocara uma dor tão intensa que o homem precisou ajudá-la a se levantar.

Só uma vez anteriormente tinha sentido o mesmo pavor.

Tinha acontecido há muito tempo e tudo devia estar esquecido.

Devia estar esquecido. Finalmente, eu tinha esquecido.

Nesse momento, ela começou a chorar silenciosamente. As lágrimas eram salgadas e misturavam-se com o sangue que corria do corte na língua. Era como se a luz perto da porta aumentasse e criasse sombras ameaçadoras por todo o lado. Até mesmo quando fechava os olhos, sentia-se envolvida por uma escuridão vermelha e perigosa.

Preciso pensar. Tenho que pensar com clareza.

Teria dormido?

A sensação de ter perdido totalmente a noção de tempo desorientava-a mais do que podia imaginar. Por momentos, sentiu que tinha estado fora por vários dias, mas voltou à linha de pensamento anterior, tentando raciocinar mais uma vez.

“Ouve. Procura ouvir algum som.”

Esforçou-se. Nada. O silêncio era absoluto.

O primeiro-ministro norueguês tinha-lhe dito durante o jantar tardio que os festejos seriam ruidosos. Que toda a população iria fazer muito barulho.

É o dia das crianças, ele tinha dito.

Reconstruir um acontecimento que de fato se passara era essencial. Uma coisa a ligar os pensamentos para que nunca mais se perdessem e se espalhassem ao vento como folhas de papel. Ela queria lembrar-se. Abriu os olhos e concentrou-se intensamente na lâmpada vermelha.

O primeiro-ministro hesitara e concluía: “Nós não exibimos as nossas forças militares”, dissera ele, com forte sotaque. “Como as outras nações fazem. Nós mostramos ao mundo as nossas crianças.”

Não tinha ouvido quaisquer vozes de crianças desde que entrara naquele *bunker* com a horrível luz vermelha. Nada de fanfarras. Nada a não ser o silêncio absoluto.

A enxaqueca não se deixou vencer. Da maneira como estava sentada, com as mãos amarradas com tiras de plástico, bem finas, que feriam a pele à volta dos pulsos, ela ficara impedida de efetuar o ritual habitual. Desesperada, reconheceu que a única coisa a fazer era deixar a dor vencer e esperar que alguém a salvasse.

Warren, pensou ela, apática.

Depois, adormeceu no meio do pior ataque de todas as dores de cabeça que alguma vez experimentara.

16.

Tom Patrick O'Reilly estava na esquina da Madison Avenue com a East 67th Street com saudade de casa. A viagem de avião tinha sido longa e não dormira.

De Riad para Roma, viajara sozinho. Tinha-se sentido como se fosse transportado por um robô. Só quando aterraram em Roma é que o piloto saiu da cabine e o cumprimentou com um aceno antes de abrir a porta do avião. Faltavam exatamente vinte minutos para a próxima partida, um voo regular para Newark. Tom O'Reilly estava certo de que teria tempo suficiente. No entanto, apareceu uma mulher de uniforme, ele não sabia bem de onde, que o fez passar por todas as portas como num passe de mágica.

A viagem de Riad para Nova York tomou-lhe exatamente catorze horas e a diferença de fuso horário deixou-o atordoado e maldisposto. O corpo parecia pesar mais do que habitualmente e já não se lembrava de outra ocasião em que o joelho lhe tivesse doído daquela forma. Tentou sem sucesso adiar duas reuniões marcadas para aquela tarde em Nova York.

Queria ir para casa.

A última refeição com Abdallah realizara-se sob silêncio quase total. A comida era boa como sempre. Abdallah manteve o seu sorriso inescrutável enquanto comia, lenta e sistematicamente, todos os pratos servidos. Como de costume, a família não estava presente. Eram apenas eles, Abdallah e Tom e um silêncio que não parava de aumentar. Até os empregados desapareceram quando a fruta foi servida. As velas apagaram-se. Apenas as grandes luminárias de terracota ao longo das paredes iluminavam a sala. No fim, Abdallah levantara-se limitando-se a dar as boas-noites em voz baixa. Na manhã seguinte, um empregado acordou Tom e chegou uma

limusine para o levar. Ao sentar-se no carro, o palácio parecia completamente deserto.

Agora, acabado de chegar, já Tom O'Reilly se encontrava numa esquina da Upper East Street com um envelope bem seguro na mão. Uma estranha impressão de insegurança fazia com que se sentisse angustiado, quase assustado. A águia medonha pintada na caixa do correio parecia prestes a atacá-lo. Ainda assim, ele pousou a pequena mala de viagem no chão.

Claro que Tom podia abrir o envelope.

Tentou olhar em volta sem se tornar demasiado óbvio. Os passeios estavam cheios de gente. Os carros tocavam as suas buzinas com raiva. Uma velhota com um cachorrinho ao colo deu-lhe um leve empurrão ao passar. Usava óculos escuros, apesar do céu pesado e sombrio e do cheiro a chuva que pairava no ar. Do outro lado da rua, reparou em três jovens que conversavam com vivacidade uns com os outros. Tom suspeitou que estavam a vigiá-lo. Os lábios deles moviam-se, mas era impossível ouvir o que diziam no meio do barulho da grande cidade. Uma garota sorriu-lhe quando os seus olhares se cruzaram. Ela empurrava um carrinho de bebê e usava roupa imprópria para o tempo frio que fazia. Um homem parou ao seu lado, olhou para o relógio e abriu um jornal.

Não seja paranoico, pensou Tom, afagando o queixo. Está rodeado de pessoas comuns. Não estão vigiando você. São americanos. Americanos completamente normais e você está em seu próprio país. Este é seu país. E aqui está em segurança. Não seja paranoico!

Podia abrir o envelope.

Podia jogá-lo fora.

Talvez devesse ir à polícia.

Com quê? Se a mensagem fosse ilegal, ele ficaria refém de todas as investigações do mundo e seria confrontado com a situação de ter, de fato, entrado no país com ela. Se tudo estivesse certo e se

Abdallah tivesse dito a verdade, então, ele teria traído o homem que o sustentara durante anos.

Lentamente, abriu o primeiro envelope. Pegou o segundo. A carta estava fechada, colada de modo normal. Faltava o remetente.

Deteve-se quando ia virar o envelope para ver quem era o destinatário.

O que desconhecia não lhe podia fazer mal.

Ainda podia jogar fora o envelope. Alguns metros adiante havia até uma lixeira. Podia jogar fora o envelope, ir para suas reuniões e esquecer tudo.

Mas nunca poderia esquecer, pois sabia que Abdallah também nunca esqueceria.

Decidido, jogou o envelope na caixa azul do correio. Pegou a mala e começou a andar. Ao passar pela lixeira, amarrotou o envelope exterior sem destinatário e deixou-o cair lá dentro.

Não era crime nenhum pôr uma carta no correio. Não era crime nenhum prestar um serviço a um amigo. Tom descontraíu-se e respirou fundo. Iria tentar despachar as reuniões o mais rapidamente possível e apanhar o avião no início da noite para Chicago. Iria para casa, para Judith e as crianças, sem cometer qualquer crime. Estava apenas extremamente cansado.

Na rua, parou diante da passagem de pedestre, esperando o sinal verde. Três táxis buzinavam loucamente, disputando a faixa mais perto da calçada na Madison Avenue.

Um cão latia asperamente e os pneus chiavam no asfalto. Uma menina chorava alto, protestando, enquanto a mãe a pegava pelo braço e avançava, ficando ao lado de Tom. Ela lhe dirigiu um sorriso como quem pede desculpa. Ele retribuiu com outro sorriso, demonstrando toda a compreensão. E deu dois passos à frente, pisando na rua.



Quando a polícia chegou ao local do acidente apenas alguns minutos mais tarde, já havia um sem-número de testemunhos diferentes. A mãe com a criança no colo estava quase histérica e incapaz de contribuir para esclarecer o que se passara quando o homem adulto, forte e de meia-idade fora atropelado por um Taurus verde. Ela apertava a criança no peito e chorava. O homem do Taurus também estava nos limites da sanidade e gaguejava qualquer coisa como “de repente” e “atravessar com o sinal vermelho”. Alguns dos pedestre encolhiam os ombros e murmuravam que não tinham visto nada, enquanto disfarçadamente olhavam para o relógio e seguiam o seu caminho assim que a polícia os dispensava.

Duas testemunhas, no entanto, pareciam ter certeza do que tinham visto. Uma delas era um homem de uns quarenta anos que estava do mesmo lado da rua que Tom O'Reilly.

Ele podia jurar que o homem a seu lado tinha cambaleado e caído na rua antes de o sinal verde estar aberto. Não se sentia bem, disse ele. Voluntariamente, deu nome e endereço à policial já exausta e lançou um olhar furtivo ao corpo que jazia imóvel no meio do cruzamento.

— Está morto? — perguntou, recebendo um aceno afirmativo como resposta.

A outra testemunha, um jovem de terno e gravata, estava do outro lado da rua, na East 67th Street. Sua descrição do acontecido, estranhamente, coincidia em tudo com a da primeira testemunha. A policial também anotou o nome e endereço dele e ficou aliviada por poder dizer ao motorista desesperado que tudo levava a crer ter sido um terrível acidente. O motorista respirou mais tranquilo e cerca de

uma hora mais tarde, graças às duas testemunhas extremamente seguras do que tinham visto, voltou a ser um homem livre.

Também uma hora depois da morte de Tom O'Reilly, o local do acidente já tinha sido limpo. O cadáver foi identificado e levado. O trânsito voltou a fluir como antes.

Os restos de sangue no chão, é certo, levavam um ou outro transeunte a olhar e a tentar imaginar o que acontecera, mas o temporal que caiu pelas seis daquela tarde acabou por apagar todos os vestígios da tragédia.

17.

— De quem partiu essa ideia?

O polícia em frente do monitor no ginásio da sede da polícia, que tinha passado trinta e seis horas a ver as gravações dos corredores do hotel sem encontrar absolutamente nada, olhava para Adam Stubo com uma expressão cética.

— Não é lógico — acrescentou ele, com um tom de voz agressivo.

— Não passa pela cabeça de ninguém que possa haver alguma coisa interessante para ver depois de a presidente ter desaparecido.

— Tem toda a lógica e foi um erro colossal não termos pensado nisso! disse o chefe de polícia, Treje Bastesen. — Faça o favor de nos mostrar.

Finalmente, Warren Scifford chegou. Levava meia hora para Adam conseguir contatar com ele. O americano não respondia no celular e na embaixada ninguém atendia.

Ao chegar, sorriu e encolheu os ombros, sem fornecer qualquer explicação sobre o seu paradeiro. Tirou logo o sobretudo ao entrar no ginásio onde a atmosfera era insuportavelmente quente.

— Ponha-me a par — disse, puxando uma cadeira para perto do monitor. Os dedos do polícia saltaram sobre as teclas. O monitor ficou cinzento antes de a imagem se tornar nítida. Já tinham visto aquele excerto várias vezes: dois homens, agentes do *Secret Service*, a aproximarem-se da porta da suíte da presidente.

Um deles batia à porta.

Os números no lado esquerdo superior do monitor indicavam 07:18:23.

Os agentes ficaram parados diante da porta até que um deles levou a mão à maçaneta.

— É estranho que a porta estivesse aberta — murmurou o polícia, com os dedos prontos para continuar a digitar.

Ninguém disse nada.

O homem entrou e desapareceu da área coberta pela câmera.

— Deixe o filme continuar — disse Adam, rápido, anotando o horário.

07:19:02.

07:19:58.

Dois homens saíram correndo.

— Foi aqui que paramos — disse o polícia, resignado. — Aqui, parei e voltei para vinte minutos depois da meia-noite.

— Cinquenta e seis segundos — disse Adam. — Eles demoraram cinquenta e seis segundos na suíte antes de sair e dar o alarme.

— Um minuto para mais de cem metros quadrados — disse Bastesen, afagando o queixo. — Não é muito tempo para se fazer uma busca.

— Podem falar em inglês? — reclamou Warren Scifford, sem tirar os olhos do monitor.

— Desculpe — disse Adam. — Como pode ver por si mesmo, não foi feita nenhuma busca intensiva. Os agentes se depararam com o que parecia ser uma suíte vazia, viram a mensagem e foi tudo. Mas espere um pouco. Olhe... Olhe aqui!

Inclinou-se para o monitor e apontou. O policial que operava o computador avançou para a imagem em que havia um movimento na parte inferior.

— Uma... Uma funcionária da limpeza?

Warren olhou melhor.

— Um funcionário da limpeza — corrigiu Adam.

O homem era relativamente jovem. Estava vestido com um uniforme prático e empurrava um carrinho de limpeza, enorme, na sua frente. Havia prateleiras com detergentes e outras coisas pequenas e um cesto grande para a roupa suja. O homem hesitou um momento, antes de abrir a porta da suíte e entrar, levando o carrinho.

07:23:41.

Adam leu os números devagar.

— Temos algum levantamento do que acontecia no momento?
No resto do hotel?

— Não exatamente — disse Bastesen. — Mas posso afirmar com segurança que, de uma maneira geral, se tinha instalado... o caos. O mais importante é que ninguém estava monitorando as imagens de vigilância. Tinha sido disparado o alarme e tínhamos problemas com...

— Nem sequer seu pessoal? — interrompeu Adam, questionando. E olhou para Warren.

O americano não respondeu. Seu olhar estava fixo no monitor. O contador marcava 07:25:32 quando o homem da limpeza voltou. Estava com dificuldades para transpor com o carrinho a soleira da porta, as rodas batiam em alguma saliência e a parte da frente ficou presa por alguns segundos antes de ele conseguir fazer deslizar o carrinho para o corredor.

O saco da roupa suja era grande e estava cheio. Por cima, podia-se ver um lençol e uma toalha enorme, com uma ponta caída para fora. O carrinho se aproximou da câmara e o rosto do homem da limpeza tornou-se mais nítido.

— Esse homem trabalha lá? — perguntou Adam em voz baixa. — Quer dizer, de verdade. É mesmo funcionário do hotel?

Bastesen confirmou.

— Já mandamos alguém detê-lo — sussurrou. — Mas aquele homem ali...

Apontou o homem que ia atrás do jovem paquistanês da limpeza, de estatura forte, ombros largos, de terno e sapatos pretos. O cabelo era espesso e cortado curto.

Colocara a mão nas costas do paquistanês como que para apressá-lo. Na outra mão, segurava o que parecia ser uma pequena escada desmontável.

— ... dele não temos informação nenhuma. Mas só se passaram vinte minutos desde que o vimos pela primeira vez. Por isso, as investigações ainda...

Adam não quis ouvir. Olhava fixamente para Warren Scifford. O rosto do americano estava pálido, cinzento, e uma fina camada fina de suor cobria a sua testa. Mordia o nó de um dos dedos e continuava sem dizer palavra.

— O que é que há de errado? — perguntou Adam.

— Merda — disse Warren, contrito. E levantou-se tão rapidamente que a cadeira quase tombou.

Pegou o sobretudo na cadeira e fez uma breve pausa antes de repetir em voz tão alta que todos na sala se viraram para ele: — Merda! Merda!

Pegou o braço de Adam com toda a força. O suor colava as pontas dos cabelos na testa dele.

— Tenho que ver outra vez a suíte do hotel. Agora.

Depois, desatou a correr para a porta. Adam trocou um olhar com o chefe de polícia, encolheu os ombros e correu atrás.

— Ele não contou quem lhe deu a ideia — disse o policial junto ao monitor, irritado. — É uma coisa para verificar mais tarde. Alguém sabe quem foi o gênio?

A mulher na mesa ao lado encolheu os ombros.

— De qualquer maneira, já mereço algum descanso — disse o homem do monitor, retirando-se para encontrar alguma coisa que pudesse ser usada como cama.

18.

Helen Lardahl Bentley dormiu pesadamente. Não fazia a menor ideia do tempo que estivera inconsciente, mas lembrava-se de estar sentada numa cadeira de baloiço junto à parede quando viera o ataque. Neste momento, porém, estava deitada de lado no chão. Os músculos doíam-lhe e formigavam. Ao tentar sentar-se, verificou que o braço e o ombro direitos estavam doloridos. E uma pressão sobre as têmporas tornava difícil abrir os olhos.

Ela devia ter acordado com a queda. Talvez a pancada contra o chão a tivesse feito desmaiar. Devia ter ficado muito tempo inconsciente. Nem sequer conseguia levantar-se.

O corpo não lhe obedecia. Tinha de se esforçar para conseguir respirar.

Os pensamentos rodopiavam. Era impossível fixar as ideias em qualquer coisa. Num relance, viu a filha diante de si, em criança, uma menina de três anos de cabelos dourados, a mais bonita de todas, que logo desapareceu da sua mente. Billie foi sugada pela luz da parede para um buraco vermelho-sangue. E Helen Lardahl Bentley lembrou-se do funeral da avó e da rosa que ela tinha colocado sobre o caixão. Era vermelha e morta. E a luz penetrava dolorosamente nos seus olhos.

“Respira. Inspira. Expira.”

O quarto estava mergulhado num silêncio absoluto. Anormalmente silencioso. Tentou gritar. O único som que conseguiu emitir foi um grunhido que se desvaneceu como se fosse proferido contra uma almofada. Das paredes, não veio nenhum eco.

Tinha de respirar. Respirar como devia ser.

O tempo corria. E ela pensava ver algarismos e mostradores de relógios por toda a parte e fechava os olhos diante de uma chuva de ponteiros.

— Quero levantar-me — gritou ela, rouca, e conseguiu finalmente sentar-se. Os ossos da bacia pareciam entrar-lhe pelas costas.

— Juro solenemente — disse ela, dobrando a perna direita sobre a esquerda — que cumprirei fielmente...

Virou o corpo sobre si mesmo. Sentia os músculos das coxas fraquejarem ao conseguir, finalmente, ficar de joelhos. Encostou a cabeça na parede, procurando apoio, e verificou que era macia. Fez pressão com os ombros e, num último esforço, conseguiu ficar pé.

— ... o cargo de Presidente dos Estados Unidos da América.

Teve que dar um passo para o lado para não cair. As tiras de plástico tinham penetrado ainda mais na pele dos pulsos. De repente, a cabeça parecia leve como se o cérebro estivesse vazio, exceto pelo eco dos batimentos do seu próprio coração. Como estava a poucos centímetros da parede, conseguiu manter-se de pé.

Havia apenas uma porta no quarto, situada na parede oposta. Tinha de atravessar para o outro lado.

Warren a tinha traído.

Ela precisava saber por que, mas sua cabeça estava vazia, era impossível pensar e tinha que atravessar para o outro lado. A porta estava fechada, lembrou-se de repente.

Já tinha experimentado antes. As paredes macias absorviam o pouco som que ela emitia e era impossível abrir a porta. Mas essa era a sua única esperança, já que atrás da porta haveria sempre a possibilidade de alguma coisa acontecer. Tinha de sair daquela caixa insonorizada que ameaçava tirar-lhe a vida.

Cuidadosamente, tentou colocar um pé diante do outro em cima de um chão escuro e oscilante.

19.

Adam Stubo começou a compreender por que Warren Scifford era chamado de Chefe.

Não lembrava muito Geronimo. Sem dúvida, as maçãs do rosto eram salientes, mas os olhos profundos, o nariz pequeno e a barba forte e grisalha contrariavam o aspeto de chefe índio. Os cabelos cor de aço caíam em ondas naturais e suaves, um pouco compridos demais nas têmporas.

— Não! — exclamou Warren Scifford, ao parar diante da porta da suíte presidencial do Hotel Ópera. — Não sei quem é o homem que vimos nas câmeras de vigilância.

Seu rosto mantinha-se impassível e não pestanejou. Não havia indignação na expressão diante da pergunta feita, nenhum fingimento ou espanto pela insinuação indelicada de Adam.

— Achei que sim — insistiu Adam, já com a chave na mão. — Foi evidente que você reconheceu o homem.

— Dei uma impressão errada — disse Warren, sem pestanejar. — Vamos entrar?

No ginásio, a explosão do americano não se assemelhara em nada ao comportamento de um chefe índio, mas, naquele momento, ele estava obviamente calmo. Com as mãos nos bolsos das calças, entrou na suíte presidencial e ficou parado no meio do quarto. E lá permaneceu durante bastante tempo.

— Partimos do princípio de que ela saiu da suíte dentro do cesto da roupa suja — resumiu ele, finalmente, como se estivesse falando para si mesmo. — O que significa que estava escondida em algum lugar quando os dois agentes entraram pouco depois das sete horas.

— Ou se escondeu — comentou Adam.

— Como?

Warren virou-se para ele, sorrindo espantado.

— Ela pode ter sido escondida — disse Adam. — Mas também pode ter acontecido que ela mesma tenha se escondido. Num dos casos, ela foi menos passiva do que no outro.

Warren dirigiu-se lentamente à janela, onde ficou de pé e de costas para Adam. Arvorou uma atitude pensativa, embora descontraída, encostado na ombreira da janela como se estivesse a observar a vista sobre o fiorde de Oslo.

— Você quer dizer que ela pode estar por dentro do seu próprio desaparecimento — disse ele, de repente, sem se virar. — Que a presidente dos Estados Unidos contribuiu para seu próprio desaparecimento em terras estrangeiras. É isso?

— Não. Não foi isso que eu disse — corrigiu Adam. — O que eu quis dizer é que há muitas explicações. E que todas as possibilidades devem estar em aberto numa investigação como esta.

— Isso está fora de questão — disse Warren, calmamente. — Helen nunca colocaria o país numa situação como esta. Nunca, jamais.

— Helen — disse Adam surpreso. — Você conhece-a assim tão bem?

— Sim.

Adam ficou à espera de uma explicação mais consistente, que não veio. Em vez disso, Warren começou a andar pela grande suíte, ainda bem devagar, ainda com as mãos nos bolsos das calças. Era difícil dizer o que procurava, mas o seu olhar corria por toda a parte.

Adam olhou disfarçadamente para o relógio. Faltavam vinte para as sete. Ele queria ir para casa. Queria telefonar a Johanne, a fim de saber o que a sua saída de casa, na realidade, significava e, acima de tudo, onde ela estava. Se pudesse ir-se embora imediatamente, ainda haveria a possibilidade de as trazer, a ela e a Ragnhild, para casa antes do anoitecer.

— Podemos portanto partir do pressuposto que os agentes fizeram uma verificação rápida da suíte antes de correrem para fora

— disse Adam, na tentativa de obrigar o americano a ser mais comunicativo. — Há muitos esconderijos possíveis. O armário ali, por exemplo. Aliás, já falou com os agentes? Já lhes perguntou o que fizeram aqui dentro?

Warren parou diante das duas portas do armário de carvalho claro. Mas não as abriu.

— Na verdade, esta é uma suíte muito bem mobilada e bonita. Gosto muito da maneira como os escandinavos trabalham a madeira. E a vista... — Levantou o braço direito e aproximou-se novamente da janela. — A vista é maravilhosa, apesar das obras lá em baixo. O que é que vai ser?

— Uma ópera — informou Adam, avançando alguns passos na direção do americano. — Daí o nome deste hotel. Mas ouça, Warren, estes secretismos todos não servem ninguém.

Compreendo que este caso possa ter implicações para os Estados Unidos que nós desconhecemos ou não percebemos. Mas...

— Nós dissemos tudo o que precisavam saber. Basta que fiquem quietos.

— Deixe-se de merdas — sibilou Adam.

Warren virou-se como um relâmpago. Contraiu os lábios como se a explosão de Adam o divertisse.

— Não nos subestime — disse Adam, enquanto uma invulgar irritação coloria as suas faces de vermelho. — Seria um disparate da sua parte. Não me subestime. Já o devia ter percebido.

Warren encolheu os ombros e abriu a boca para dizer alguma coisa.

— Você reconheceu o homem no filme — sibilou Adam. — Nenhuma das pessoas que estavam perto de si duvidou disso. Não é preciso ser-se polícia há quase trinta anos para perceber que aquele tipo ficou na suíte a noite inteira. Você não está à procura de um eventual esconderijo da presidente. Ela poderia esconder-se em qualquer lugar. Em baixo da cama, no armário.

Adam apontava em volta para toda a suíte.

— Ela podia até esconder-se atrás das cortinas — continuou. — Se tomarmos em consideração a péssima... — Uma chuva de saliva descia sobre o rosto de Warren que nem por um momento alterou a sua expressão. Adam avançou mais um passo na direção dele, recuperou o fôlego e continuou: — ... o incompreensível mau desempenho que esses seus superagentes tiveram no lugar do crime, a pessoa podia até estar pendurada no lustre do teto sem que fosse descoberta.

— Eles ficaram com medo — disse Warren.

— Eles quem?

— Os agentes. Não disseram nada, claro. Mas que ficaram com medo, ficaram. As pessoas com medo funcionam mal.

— Medo! Medo! Você fica dizendo aí que os melhores agentes de segurança do mundo... que os seus bonecos *ghurkas*¹ ficaram com medo!

Warren deu um passo para trás, finalmente. A expressão despreocupada deu lugar a outra, que mais parecia de cepticismo. Adam interpretou a nova expressão como de arrogância.

— Essa atitude não parece sua — disse Warren.

— Você não me conhece.

— Eu conheço a sua capacidade de discernimento. Por que razão acha que o escolhi para ser meu oficial de ligação?

— Já pensei muitas vezes e seriamente sobre isso — disse Adam, agora um pouco mais calmo.

— Os *ghurkas* eram soldados. O *Secret Service* não é nenhum exército.

— Se você o diz — murmurou Adam.

— Mas você tem razão. Estou a tentar fazer uma lista dos lugares em que o homem de preto poderia ter-se escondido.

— Mas então vamos procurar, com os diabos!

Warren apontou para a sala anexa. Adam concordou e avançou na direção da porta aberta. Parou por momentos para dar passagem a Warren. O americano parou no meio da sala e ficou a olhar para um ponto no teto.

— O sistema de ventilação foi investigado. Há uma grade metálica de dois metros no duto, que evita que alguém passe por lá. Ninguém mexeu na grade.

— Mas este ventilador... — disse Warren, com uma voz que pareceu mais clara por ter virado a cabeça para trás. — As cabeças dos parafusos têm marcas bem visíveis.

Está a ver?

— Claro que as marcas estão lá — disse Adam, que continuava junto da porta que dava para o escritório da suíte. — A polícia desmontou tudo para ver se o sistema de ventilação tinha sido usado para a fuga.

— Mas agora já sabemos como saíram — disse Warren, puxando por uma cadeira. — Não estamos à procura de caminhos de fuga, mas de um esconderijo. Não é?

Subiu para cima de uma poltrona e colocou cada um dos pés em cima dos largos braços desta, ao mesmo tempo que tirava do bolso um canivete suíço.

— O *Secret Service* não utiliza cães? — perguntou Adam.

— Sim.

Warren tinha tirado do canivete vermelho uma pequena chave de parafusos.

— Esses cachorros não teriam reagido ao cheiro de uma pessoa escondida no teto?

— A *Madam President* é alérgica — exclamou Warren, desaparafusando os quatro parafusos que sustentavam a placa perfurada no teto. O *Secret Service* usa os cães bastante tempo antes de ela chegar. Dessa maneira, dá tempo para usar depois o aspirador. Ajude-me aqui, por favor.

Soltou o último parafuso da placa metálica. Era quadrada e tinha um pouco menos de meio metro de largura. Warren conseguiu agarrá-la no momento preciso em que a placa, repentinamente, se soltou.

— Aqui está — disse ele, entregando-a a Adam. — Suponho que as impressões digitais e outros pormenores já foram recolhidos no devido tempo deste lugar, certo?

Adam confirmou. Warren saltou então para o chão, de modo notavelmente ágil.

— Preciso de alguma coisa mais alta em que possa me apoiar — disse ele, olhando em volta. — Prefiro não mexer em nada lá em cima.

— Olhe para isto — disse Adam em voz baixa, ao mesmo tempo que segurava a placa metálica diante dos olhos. — Olhe isso, Warren.

O americano inclinou-se para ele. As duas cabeças quase se tocavam, com Warren olhando por cima dos óculos.

— Fita? Fita adesiva?

Encaixou no canivete a chave de parafusos e puxou um furador. Com cuidado, picou a massa quase transparente e notoriamente pegajosa que mal tinha um milímetro de largura e talvez meio centímetro de comprimento.

— Cuidado agora — avisou Adam. — Vou mandar isso para análise.

— Cola — repetiu Warren, corrigindo a posição dos óculos. — Talvez restos de fita adesiva dupla face?

Adam olhou automaticamente para o teto onde uma moldura de metal esmaltado circundava a abertura do buraco. A iluminação na sala tornava impossível ver os pormenores do buraco. Apenas o reflexo de uma lâmpada de mesa deixava ver que o duto de ventilação era de alumínio. Mas duas manchas muito pequenas na

moldura branca despertaram muito mais interesse do que o espaço interior do duto.

— Precisamos de algo que nos levante — disse Warren, dirigindo-se para o quarto anexo. — Talvez possamos...

O resto da frase desapareceu num murmúrio.

— Vou telefonar e chamar gente — disse Adam. — Isso é da alçada da polícia de Oslo e eu...

Warren não respondeu.

Adam seguiu-o para dentro da sala menor. Havia uma escrivaninha enorme colocada de viés no meio da saleta. Em cima do tampo, estava apenas um arranjo de flores e uma pasta encadernada de couro. Adam supôs que tivesse papel de carta. Em frente das portas corridas que davam para o terraço, havia uma cadeira de descanso com bonitas almofadas de seda em vários tons de rosa e vermelho. As almofadas combinavam com as cortinas e a parede do fundo, coberta com papel com um padrão inspirado em motivos japoneses.

Na parede oposta, por trás de um pequeno sofá, via-se uma estante de livros, robusta, feita de madeira maciça. Devia ter uma altura de um metro e meio. O americano tentou mover a estante.

— Está solta — disse ele, esvaziando as prateleiras de uns dez livros e de uma travessa de cristal. — Ajude-me.

— Esse trabalho não é para nós — disse Adam, pegando o celular.

— Ajude-me aqui — disse Warren. — Quero apenas ver. Não quero mexer.

— Não. Vou telefonar para chamar a polícia.

— Adam — disse Warren, resignado e deixando cair os braços ao longo do corpo. — Você foi o primeiro a dizer. Esta suíte foi passada a pente fino e todas as pistas foram verificadas. No entanto, eles... Alguém deixou passar este pequeno detalhe. Você e eu, nós somos policiais com muita experiência. Não vamos comprometer nenhuma

pista. Vamos apenas dar uma olhada, está bem? Depois, sua equipe pode vir e fazer seu trabalho.

— Não são minha equipe — resmungou Adam.

Warren sorriu e começou a deslocar a estante. Adam ainda hesitou mais um instante antes de, contrariado, pegar também o outro lado da estante. Juntos, levaram-na para a sala maior e a colocaram diretamente embaixo do duto.

— Você aguenta?

Adam assentiu e Warren fez um teste, colocando um pé e apoiando-se na prateleira mais baixa. Elevou-se sem problemas e, com a mão direita no ombro de Adam, subiu o resto, ficando de pé em cima da estante. Teve de baixar a cabeça para ver as pequenas manchas.

— Cola aqui, também — murmurou ele, sem tocar em nada. — Parece ser o mesmo material que vimos na placa.

Meteu a cabeça dentro do buraco do duto.

— Há muito espaço aqui — constatou ele, com uma voz que soou cavernosa e áspera contra as paredes metálicas. — É totalmente possível para uma...

Não foi possível entender o resto.

— O que disse?

Warren tirou a cabeça do buraco no teto.

— Como eu pensava — disse ele. — Há espaço suficientemente grande para um adulto se esconder. E seus colegas... — Dobrou os joelhos e saltou para o chão. — Espero que tenham verificado as pistas no duto antes de examinar a grade lá dentro.

— Fizeram isso com toda certeza.

— Mas deixaram escapar isto — disse Warren, curvando-se novamente sobre a placa retirada da entrada do duto de ventilação.

— Ainda não sabemos se deixaram.

— Teríamos achado restos, caso eles os tivessem descoberto? Não deviam ter levado esta placa para análise?

Adam não respondeu.

— E isto aqui — continuou Warren, apontando com o canivete para um ponto na placa. — Está vendo? Está arranhado.

Adam apurou os olhos para o que parecia ser um arranhão praticamente invisível na superfície branca do metal. Alguém tinha arranhado o esmalte sem quebrar.

— Genial em toda a sua simplicidade — disse ele, tranquilamente.

— Isso mesmo — confirmou Warren.

— Alguém desaparafusou a placa, colocou um gancho na ponta de uma corda ou fio de alguma espécie e enfiou pelo meio do buraco. Depois, prendeu o gancho com fita dupla face nas bordas da grade...

— E subiu para dentro do buraco — continuou Warren. — Depois, restava apenas fixar a placa puxando-a. E ficou lá. O que explica a pequena escada que transportava. — Apontou com o polegar para o teto. — Restava apenas descer quando...

— Mas, com os diabos, como é que o homem, para começo de conversa, conseguiu entrar na suíte? — interrompeu Adam. — Pode explicar como um ser humano consegue entrar na suíte que seria usada pela presidente dos Estados Unidos e instalar toda essa... — apontou o teto e depois a placa em cima da mesa — esconder-se comodamente num duto de ventilação, sair de lá, levar a presidente e não ser apanhado?

Clareou a voz antes de continuar num tom de voz menos atreador e mais resignado.

— E tudo isso numa suíte de hotel que foi revistada nos mínimos detalhes pela polícia norueguesa e o *Secret Service* poucas horas antes de a presidente se deitar? Como isso aconteceu? Como foi possível?

— Há muitas pontas soltas — disse Warren, colocando a mão no ombro do norueguês.

Adam fez um movimento de recuo quase imperceptível e Warren retirou a mão.

— Temos que saber quando as câmeras foram ligadas — disse ele, de repente. E se em algum momento foram desligadas. Temos de saber quando foi feita a última verificação da suíte antes de a *Madam President* ter chegado do jantar. Temos...

— Nós, não — disse Adam, pegando novamente o celular. — Eu devia ter chamado a polícia há muito tempo. Isto é uma missão para os investigadores. Não para você. Nem para mim.

Olhou fixamente para Warren, esperando uma resposta. O americano continuava impassível, tal como ao entrar na suíte meia hora antes. Quando Adam conseguiu a ligação, Warren virou-lhe as costas e dirigiu-se devagar para a janela que dava para o fiorde. Enquanto isso, Adam falava ao telefone.

Warren Scifford deixou o corpo abater-se sobre uma poltrona. E ficou a olhar para o chão. Os braços caíram para os lados como se não soubesse o que fazer com eles. O vestuário já não estava tão elegante quanto antes. Estava amarrotado e o nó da gravata estava de lado.

— Aconteceu alguma coisa grave? — perguntou Adam, quando terminou a conversa ao telefone.

Warren corrigiu logo a posição da gravata e levantou-se. O momento de distração passou tão rapidamente que Adam chegou a duvidar dos seus olhos.

— Tudo — disse Warren, com um sorriso rápido. — Tudo o que está acontecendo hoje é grave. Vamos?

— Não. Vou esperar até meus colegas chegarem. Não vai demorar muito.

— Muito bem — reagiu Warren, estendendo-lhe a mão e limpando de leve o braço do casaco. — Espero que não se importe se eu me retirar.

— Não seja por isso — disse Adam. — Basta telefonar quando precisar de mim.

Tinha vontade de perguntar a Warren para onde ia, mas alguma coisa evitou que fizesse a pergunta. Se o americano pretendia guardar segredo, que o fizesse.

Adam tinha outras coisas em que pensar.

¹ Os *ghurkas* eram uma força de elite de soldados nepaleses incorporados aos exércitos britânico ou indiano. (N. do T.)

20.

— Tenho outras coisas para resolver — disse ele, mudando o telefone da mão direita para a esquerda e sentando-se ao lado do motorista na viatura de serviço do distrito policial de Oslo. — Estou a trabalhar desde as sete e meia da manhã. E agora preciso ir para casa.

— Você é o melhor — disse a voz do outro lado do fio. — Você é o melhor, Adam, e a situação agora é o mais próximo que já estivemos de uma solução.

— Não.

Adam Stubo estava muito calmo quando, por um momento, tapou o microfone com a mão e disse ao motorista: — Haugesvei 4, se faz favor. Entre na Maridalsveien antes de chegar a Nydalen.

— Alô? — insistiu a voz do outro lado da linha.

— Alô. Vou para casa. Deram-me a missão de oficial de ligação e tento desempenhá-la o melhor possível. Não é simplesmente... profissional me chamar de repente para entrar...

— Pelo contrário, é muito profissional — disse o chefe de polícia Bastesen.

— Este caso exige que usemos as pessoas mais competentes do país. Completamente. Independentemente de esquemas de vigilância, de graduação e de horas extras.

— Mas...

— Foi tudo combinado com seus superiores, evidentemente. Deve considerar isso como uma ordem. Venha.

Adam fechou os olhos e respirou lentamente. Abriu os olhos de novo quando o motorista usou os travões na rotunda perto da Oslo City. Um rapaz a guiar um Golf, quase a cair aos pedaços, passou por eles a toda a velocidade.

— Mudei de planos — disse Adam, cansado, desligando o telefone. — Vamos para a sede da polícia. Há alguém que acha que o meu dia ainda não foi suficientemente longo.

A barriga roncava alto e bom som dentro do carro. Adam apertou o estômago com a mão e sorriu para o motorista, desculpando-se.

— Por favor, pare numa bomba de gasolina qualquer — acrescentou ele.

— Tenho que comer umas duas ou três salsichas.

21.

Abdallah al-Rahman estava com fome, mas ainda tinha algumas coisas para fazer antes de pensar na última refeição do dia. Primeiro, queria ver o seu filho mais novo.

Rashid dormia profundamente com um cavalo macio de brincar debaixo do braço. O rapazinho vira finalmente o filme de que tanto tinha falado e estava deitado de costas, de pernas abertas, totalmente descontraído. Afastara o cobertor com as pernas. Os cabelos negros que nem carvão tinham crescido muito. Os caracóis caíam como fios de petróleo em contraste com a brancura dos lençóis.

Abdallah ajoelhou-se e ajeitou cuidadosamente o cobertor sobre o rapazinho. Beijou-o na testa e pôs o cavalo ao seu lado.

Tinham visto *Duro de matar* com Bruce Willis.

Esse filme antigo, quase com vinte anos, era o favorito de Rashid. Nenhum dos irmãos mais velhos entendia por quê. Para eles, o filme era datado demais, com efeitos especiais já ultrapassados e um herói que nem sequer era *duro*. Para Rashid, de seis anos, as cenas de ação eram perfeitas. Pareciam desenhos animados e não o assustavam, eram cenas irreais. Além disso, os terroristas eram europeus do Leste de 1988. Nem tinha havido tempo para se tornarem árabes.

Abdallah levantou o olhar para a grande tela acima da cama. A lâmpada de presença, que Rashid insistia em ter acesa por medo do escuro, lançava uma luminosidade fraca e avermelhada sobre o rosto retalhado de Bruce Willis. Estava meio encoberto pela Nakatomi Plaza, uma torre em chamas.

A boca do ator estava aberta de espanto e o olhar fixo diante do impensável, um ataque terrorista a um arranha-céu.

Abdallah levantou-se para ir embora. Na penumbra, a boca de Bruce Willis era um grande buraco negro. Nos seus olhos, Abdallah

via os reflexos dourados e vermelhos da violenta explosão e uma raiva crescente.

Assim reagem eles, pensou. Exatamente assim, treze anos depois de o filme ter sido feito. Choque e desconfiança, impotência e medo. E, depois, ao ver o impensável se tornar realidade, a comunidade americana sentiu medo.

O ataque terrorista de 11 de Setembro de 2001 tinha sido levado a cabo por loucos. Foi isso que Abdallah reconheceu de imediato. Tinha recebido uma chamada transtornada de um contato na Europa e tivera tempo de ver em seguida o voo 175 da United Airlines se esmagar contra a Torre Sul. A Torre Norte já estava em chamas. Passava um pouco das seis da tarde em Riad e Abdallah, simplesmente, nem conseguiu se sentar.

Durante duas horas, ficou em pé diante da televisão. Quando, finalmente, conseguiu se desligar da transmissão para responder a algumas ligações, refletiu e chegou à conclusão de que o ataque ao World Trade Center poderia ser tão fatal para o mundo árabe quanto o ataque a Pearl Harbour tinha sido para os japoneses.

Abdallah fechou a porta do quarto do filho. Tinha ainda muito que fazer antes de comer. E encaminhou-se para a área dos escritórios do palácio, na ala leste, que recebia o sol da manhã no início do dia de trabalho, antes de ficar quente demais.

Naquele momento, o edifício estava em silêncio e às escuras. Os poucos empregados de que ele podia precisar ficavam num complexo adjacente, que mandara construir dois quilômetros mais perto de Riad. Apenas o pessoal do serviço particular ficava no palácio depois do horário de trabalho. Até mesmo os guardas-noturnos ficavam a uma boa distância do edifício principal, numa casota baixa, cor de areia, junto ao portão de entrada.

Abdallah atravessou o jardim entre as alas. A noite estava clara e, como sempre, parou diante do lago das carpas para ver as estrelas. O palácio estava situado tão longe das luzes da grande cidade que o

céu parecia furado por milhões de pontos brancos, algumas pontas de agulhas muito finas e muitas grandes estrelas tremulando.

Sentou-se num banco baixo e ficou a sentir a brisa da noite no rosto.

Abdallah era pragmático em termos de religião. A família seguia as tradições muçulmanas e ele procurara dar aos filhos conhecimentos sobre o Alcorão, paralelamente aos exigentes estudos académicos. Acreditava nas palavras do Profeta. Tinha feito seu *haji* e pago o *zakah* com orgulho. Para ele, a questão era exclusivamente pessoal, uma relação entre ele e Alá. Fazia as suas cinco orações diárias, mas não quando estava muito ocupado. Isso acontecia cada vez com mais frequência, o que não lhe agradava. Abdallah al-Rahman estava convencido de que Alá, se é que Ele se preocupava com isso, tinha a maior compreensão pelo fato de ele considerar mais importante resolver os seus negócios do que seguir à risca as regras do *salah*.

E ele era absolutamente contrário a misturar política e religião. Honrar Alá como o único Deus e reconhecer Maomé como seu Profeta era um exercício divino. A política e até os negócios não tratavam de espiritualidade, mas de realidade. Abdallah achava que diferenciar entre política e religião não era apenas uma necessidade por parte dos políticos. Era mais importante separar a fé pura e elevada dos necessários processos políticos, processos esses cínicos e muitas vezes brutais.

Nos negócios, ele agia sem fé e sem a ajuda de outros deuses a não ser ele mesmo. Quando a al-Qaeda atingiu violentamente os Estados Unidos no dia 11 de Setembro de 2001, ele ficou tão indignado quanto a maioria dos seis bilhões de habitantes do planeta. Designou o ataque como abominável.

Abdallah al-Rahman considerava-se um guerreiro. O seu desprezo pelos Estados Unidos era tão forte quanto o ódio dos terroristas pelo país. O assassinio, além disso, era um método que

Abdallah aceitava e por vezes adotava. Mas devia ser usado com precisão e apenas em caso de necessidade.

Errar o alvo era sempre deplorável. Ele próprio conhecia várias das pessoas mortas em Manhattan. Três delas estavam mesmo na sua lista de assalariados. Naturalmente, sem saberem disso. A maioria das suas empresas americanas pertencia a uma companhia administradora que, por sua vez, estava ligada a conglomerados internacionais que, eficientemente, escondiam os seus verdadeiros donos. Através dos rodeios tradicionais, Abdallah evitou que as famílias dos que morreram sofressem dificuldades económicas. Eram todas famílias americanas que não faziam a menor ideia de que os generosos cheques recebidos e enviados pelos empregadores dos familiares mortos provinham de um homem da mesma pátria de Osama bin Laden.

Ferir às cegas não era apenas deplorável, mas também incompreensivelmente estúpido. Abdallah tinha dificuldade para entender como um homem inteligente e instruído podia se dedicar à prática de um terrorismo estúpido.

Abdallah conhecia muito bem o líder da al-Qaeda. Os dois tinham a mesma idade e ambos nasceram em Riad. Conviveram e cresceram nos mesmos ambientes, um grupo de filhos de homens ricos em volta dos inúmeros príncipes da corte de Saud. Abdallah gostava de Osama, um rapaz normal, equilibrado, educado e muito menos presunçoso do que os outros jovens que chafurdavam na riqueza e raramente faziam qualquer esforço criativo para administrar a fortuna da família, que jorrava dos enormes desertos do país. Osama era inteligente e capaz na escola e os dois rapazes, muitas vezes se retiravam para um canto e conversavam em voz baixa sobre filosofia e política, religião e história.

Quando o irmão de Abdallah morreu e sua vida sem responsabilidades de filho caçula terminou, ele perdeu o contato com Osama. Melhor assim. O futuro líder do terrorismo atravessou

um momento de revelação político-religiosa no final da década de 1970, um processo que se acelerou quando a União Soviética decidiu invadir o Afeganistão.

Cada um seguiu seu caminho e não se encontraram mais depois disso.

Abdallah levantou-se do banco, estendeu os braços para o céu e sentiu os músculos se alongando até o limite. O ar fresco da noite fazia-lhe bem.

Lentamente, dirigiu-se para a ala esquerda do palácio.

O ataque da al-Qaeda aos Estados Unidos tinha sido uma ação impregnada de puro ódio, pensou ele, ao mesmo tempo em que voltava a sentir o mesmo espanto de sempre perante a falta de discernimento do amigo de infância sobre a maneira de pensar e reagir dos ocidentais.

Abdallah conhecia as limitações do ódio. Durante a convalescença na Suíça, depois da morte do irmão, compreendeu que o ódio era um sentimento que nunca cultivaria. Já nessa altura, com dezesseis anos, reconheceu que a racionalização era a arma mais importante na guerra e que o racional era incompatível com o ódio. O ódio, inclusive, reproduzia-se a si mesmo.

A destruição de três edifícios, quatro aviões e a morte de cerca de três mil pessoas fora o suficiente para acender um ódio e um medo tão grandes que o povo passou a aceitar qualquer abuso de suas próprias autoridades. *Na esperança de nunca mais sofrer um ataque semelhante, o povo americano dispôs-se a enterrar sua própria Constituição*, pensou Abdallah. Os americanos passaram a aceitar as escutas não autorizadas, detenção sem culpa formada, julgamentos sumários e vigilância das pessoas numa dimensão absolutamente impensável por mais de duzentos anos. *Os americanos tinham unido forças*, pensou Abdallah, *da mesma maneira que outros povos, em todos os tempos, tinham unido forças contra qualquer invasor.*

Abriu a grande e bonita porta lavrada do escritório. A lâmpada em cima da mesa estava acesa e espalhava uma luz amarelada sobre os muitos tapetes espalhados pelo chão. Ouvia-se o tênue ruído do computador a funcionar e havia um aroma a canela, que fez com que ele abrisse um armário perto da janela onde havia uma jarra cheia de chá sobre uma placa de prata. Era um chá que o último empregado deixava sempre pronto antes de deixar a ala de trabalho em que Abdallah ficava a resolver os seus problemas em completo isolamento.

Encheu a xícara.

Desta vez, não haveria nenhuma união de forças.

Sorriu àquele pensamento e tomou metade do chá, antes de se sentar diante do computador. Levou apenas alguns segundos para entrar em contato com o site da ColonelCars.

Leu, então, que a direção da empresa lamentava a morte do seu chefe, o diretor Tom Patrick O'Reilly, num trágico acidente. A administração apresentava as suas mais sentidas condolências à família e acrescentava poder informar que as atividades internacionais da empresa iriam continuar dentro do mesmo espírito do falecido e que o ano de 2005 já se mostrava com resultados excepcionais. Um verdadeiro recorde.

Abdallah tinha obtido a confirmação que queria e desligou a máquina.

Nunca mais pensaria no seu velho camarada de estudos, Tom O'Reilly.

22.

O homem que tinha acabado de ir buscar os objetos pessoais da sua mãe recém-falecida no hospital entrou na sua própria casa e fechou a porta atrás de si. Durante um curto momento, ficou indeciso diante do pacote anônimo com o vestuário e a mochila da mãe. Ainda continuava com o pacote na mão, sem saber o que devia fazer.

O médico demorou muito tempo falando com ele. Tudo tinha acontecido rapidamente, consolou-o ele. A mãe mal tivera tempo de compreender o que lhe estava a acontecer antes de passar para o outro mundo. Fora encontrada por alguns excursionistas no bosque, contou ele, mas a velha senhora já estava morta antes mesmo de chegar ao hospital.

O médico sorriu, um sorriso cheio de calor humano, dizendo qualquer coisa no sentido de que ele próprio gostaria de vir a morrer assim tão rapidamente, na posse de todos os seus sentidos, no meio da natureza e num dia de Maio, como um velhote de oitenta anos ainda em forma.

“Oitenta anos e cinco dias”, pensou o filho, passando as costas da mão pelos olhos. Nada a reclamar em relação a uma idade daquelas.

Pousou o pacote em cima da mesa de jantar. De certa maneira, parecia uma ignomínia desfazer o pacote. No entanto, tentou vencer o desconforto de mexer nos objetos pessoais da mãe. Era como se fosse contra a regra número um da mãe que costumava dizer-lhe quando ele era criança: nunca mexas nas coisas dos outros.

A mochila estava em cima. Cuidadosamente, abriu o fecho. Havia uma marmita de alumínio. Pegou nela. Antes, a tampa da marmita tinha uma fotografia do fiorde Geiranger banhado pelo sol e a imagem de um velho barco a vapor no meio do mar. Agora, porém, havia apenas alguns restos de uma tonalidade de azul-sujo

na água e uma mancha acinzentada representando o céu. Ele tinha-lhe oferecido uma marmita de plástico vermelho alguns anos antes, que ela trocou logo por uma batedeira, visto não haver necessidade nenhuma de deitar fora uma marmita que ainda continuava a servir muito bem para os fins em vista.

Sorriu, lembrando o rosto severo da mãe sempre que tentava oferecer-lhe alguma novidade. Por fim, despejou o resto do conteúdo da velha mochila em cima da mesa. Uma garrafa térmica, papel de embalar chocolate. Um mapa já muito usado da região de Nordmarka. Uma bússola que, de qualquer forma, já não apontava para o norte, com o ponteiro vermelho a girar para um lado e para outro como se tivesse bebido o álcool em que girava.

O anoraque dela contra a chuva e o vento estava por baixo da mochila. Pegou nele e levou-o ao rosto. O cheiro da velha senhora e de bosques fez com que as lágrimas voltassem aos seus olhos. Suspendeu o anoraque à sua frente e sacudiu algumas folhas e pequenos ramos que tinham ficado presos numa das mangas.

De um dos bolsos caiu qualquer coisa.

Dobrou carinhosamente o anoraque e colocou-o ao lado das outras coisas retiradas da mochila. Depois, baixou-se para apanhar o que tinha caído no chão.

Uma carteira?

Era de couro fino e muito pequena. Inesperadamente, era muito pesada. Abriu-a e acabou por dar uma sonora gargalhada.

Mas não era caso para rir. Suspirou, fungou e abriu muito os olhos para não chorar.

O riso não parecia ceder e ele acabou por ter dificuldade em respirar.

A sua mãe de oitenta anos tinha encontrado a morte com um crachá do *Secret Service* no bolso.

Era uma espécie de carteira que se abria como se fosse um livrinho. O lado direito exibia um emblema dourado com uma águia

de asas abertas sobre um escudo com uma estrela no meio, o que lhe lembrou um crachá de xerife que recebera do pai quando tinha oito anos. Parou de rir.

Do lado esquerdo, dentro de uma bolsinha transparente, estava a identificação. Pertencia a um homem chamado Jeffrey William Hunter. Um tipo simpático a ajuizar pela foto. Tinha bastante cabelo, cortado curto, e uma expressão séria nos olhos.

O homem de meia-idade que acabara de perder a mãe era motorista de táxi. O seu dia de trabalho já tinha começado há muitas horas e o carro estava livre diante da porta da casa. Não tinha informado da sua indisponibilidade. Andar a conduzir pela cidade era a mesma coisa que ficar sentado em casa a lamentar-se. Mas, de momento, não tinha certezas de nada. Por muito que pensasse no caso, não conseguia compreender como é que a mãe tinha no bolso uma coisa daquelas. A única conclusão a que podia chegar era que ela encontrara aquilo no bosque. Alguém deixara cair o crachá no chão.

Havia muitos desses agentes na cidade. Vira muitos deles a rondar o castelo de Akershus na véspera do dia nacional.

Olhou novamente para o rosto desconhecido do homem.

Estava tão sério que até parecia triste.

O motorista de táxi levantou-se rapidamente, deixou os pertences da mãe em cima da mesa de jantar e pegou nas chaves do carro do gancho perto da porta.

Uma carteira de identidade do *Secret Service* não podia ser mandada pelo correio. Podia ser importante. Iria diretamente à polícia.

Já.

23.

— Você nunca vai mudar — disse Adam Stubo.

Gerhard Skrader parecia mais deitado do que sentado na cadeira com as pernas abertas, a cabeça lançada para trás e o olhar concentrado em algo no teto. As olheiras escuras faziam um forte contraste com a pele pálida do rosto e tornavam o seu nariz ainda maior. O homem, cuja alcunha era Chanceler, não tocou no café nem na água mineral que Adam Stubo colocou na sua frente.

— Fico imaginando... — continuou o inspetor, mexendo no lóbulo da orelha. — Fico imaginando, realmente, como vocês, meus caros, não compreendem como é idiota essa posição. Continue!

As pernas da cadeira arrastaram-se no chão.

— Que posição? — perguntou o homem, contrariado, cruzando os braços sobre o peito e olhando para chão.

Até o momento, ainda não tinham cruzado os olhares.

— Toda essa conversa fiada que os advogados dizem: que devem ficar de bico calado ao prestar declarações na polícia. Não percebe como isso é idiota?

— Já funcionou antes. — O homem riu discretamente e continuou meio deitado na cadeira. — Além disso, diabos me levem se eu fiz alguma coisa. Não é crime nenhum andar de carro pela Noruega.

— Aí está!

Adam sorriu brevemente. Pela primeira vez, surgiu no seu rosto uma expressão que poderia ser tomada como interesse ao fitar Gerhard Skreder.

— O que é que quer dizer com isso? — perguntou este, pegando na garrafa de água mineral.

Agora, olhava diretamente para Adam Stubo.

— Vocês têm mania de ficar calados. Por isso sabemos logo que são culpados. E é isso que nos leva a insistir, é bom que saiba. Sabemos que não vamos conseguir nenhuma informação de graça, mas é seu silêncio que nos leva a insistir. E você não percebe... — Adam inclinou-se por cima da velha mesa de interrogatórios que os separava.

— Num caso como este, em que a sua fantasia o leva a acreditar que não fez nada de criminoso, então, não vale a pena ficar em silêncio. Não por muito tempo. Passaram — deu uma olhadela ao relógio de parede — vinte e três minutos antes que você se dispusesse a falar. Não compreende que já quebramos esse código há muito tempo? Quem é inocente fala sempre. Aquele que fala é algumas vezes culpado. Aquele que fica em silêncio é sempre culpado. Para lhe explicar melhor a situação, eu sei sempre qual é a estratégia que devo usar.

Gerhard Skreder passou o dedo sujo pelo nariz. A unha estava azul e roída. Começou a balançar-se na cadeira para a frente e para trás. Estava mais nervoso agora e puxou o boné para cima dos olhos. Adam pegou num bloco de anotações no formato A4 e numa caneta e começou a escrever qualquer coisa, sem dizer mais nada.

Gerhard Skreder não foi difícil de encontrar. Estava com uma prostituta da Lituânia num prédio da Grünerløkka. O edifício estava sob vigilância da polícia como covil de marginais de Oslo e a patrulha encarregada acertou em cheio logo à terceira tentativa. Poucas horas depois de Adam o ter reconhecido numa gravação de péssima qualidade, feita numa bomba de gasolina que funcionava vinte e quatro horas por dia, já ele estava preso numa cadeia onde foi deixado em banho-maria por umas duas horas, desatando a gritar impropérios quando avistou Adam que o vinha buscar.

Depois, ficou em silêncio. até aquele momento.

O silêncio, aparentemente, era mais difícil de suportar do que as perguntas e as acusações de Adam. E havia a prova das gravações.

Gerhard Skroder roía a unha do polegar, de tal forma que, praticamente, nada mais restava para roer. Uma das suas pernas tremia, remexia-se e pegava a garrara de água a todo o momento. Adam continuava a desenhar um monstro psicadélico com estrelas e riscas vermelhas de sangue à volta.

— De qualquer modo, quero esperar pelo meu advogado — disse Gerhard Skroder finalmente, endireitando-se na cadeira. — E tenho o direito de saber o que é que você pensa que eu fiz. Eu andei apenas de carro pela cidade com dois amigos. O que há de ilegal nisso?

Adam colocou a tampa na caneta com todo o cuidado e colocou esta sobre a mesa. E continuou em silêncio.

— E, com os diabos, onde está o meu advogado? — reclamou Gerhard que, nitidamente, resolveu desistir da sua atitude inicial. — Você sabe que não pode falar comigo sem a presença do meu advogado, certo?

— Oh, mas posso — reagiu Adam. — Claro que posso. Por exemplo, posso perguntar se quer outro café. Você nem tocou nesse aí, que já está frio. Gerhard sacudiu a cabeça mal-humorado.

— E, depois, posso prestar-lhe outro favor — disse Adam, levantando-se e andando junto da mesa, antes de se sentar nela de costas meio voltadas para Gerhard.

— O quê? — murmurou o preso para dentro da garrafa.

— É ilegal eu fazer-lhe um favor antes de o seu advogado chegar?

— Porra, Stubo! Do que é que está a falar?

Adam fungou e limpou o nariz na manga da camisa. Estava inesperadamente frio na sala. O ar-condicionado devia estar na temperatura errada. Embora fosse intencional para contrabalançar o aquecimento provocado por um grande número de polícias, um número nunca visto que trabalhava, praticamente, vinte e quatro horas por dia. Até mesmo àquela hora, às sete e meia, os corredores estavam quase vazios, mas por trás das portas fechadas ouviam-se

ruídos e passos, vozes e barulho de chaves, como numa manhã movimentada de uma sexta-feira de Junho.

O casaco de Adam estava pendurado nas costas da cadeira. Ele deslizou da mesa e pegou nele. Enquanto o vestia, disse num tom ameno: — Eu nunca gostei de si, Gerhard. — O homem estava a tirar a crosta de uma ferida e não respondeu. — E é por isso que — continuou Adam, abotoando o casaco —, pela primeira vez, até estou satisfeito por você não querer falar.

Gerhard passou a mão pela cabeça e abriu a boca para dizer alguma coisa. Mudou de opinião tarde demais e saiu um grunhido antes de ele conseguir morder a língua.

Recostou-se novamente na cadeira como antes, coçando furiosamente os genitais.

— Bastante satisfeito — disse Adam, acenando afirmativamente. — Estava agora de costas para o preso como se estivesse falando com uma terceira pessoa. — Como disse, não gosto de você. E pelo seu comportamento só posso fazer uma coisa, deixá-lo ir.

Riu baixinho como se a ideia de deixar Gerhard Skreder livre o divertisse enormemente.

— O que quer dizer com isso?

— Acho que talvez já me tenha decidido — disse Adam, que, de novo, parecia estar falando com alguém que não Gerhard. — Assim, acabo de uma vez com essa conversa fiada. Posso ir para casa. Termino o trabalho por hoje. — Apalpou os bolsos do paletó como que para verificar se estava com as chaves e a carteira antes de ir embora. — E, depois, para mim, é um alívio não ter que vê-lo pela frente. E para a polícia é um salafrário a menos com quem gastar dinheiro.

— Porra, do que você está falando?

Gerhard bateu com os punhos em cima da mesa.

— Você disse que quer esperar seu advogado — disse Adam, sorrindo. — Então, fique aqui sentado esperando. Vou providenciar

para que lhe deem um advogado rapidamente. Você vai sair assim que a papelada ficar pronta. Divirta-se, Gerhard.

Adam dirigiu-se para a porta e girou a maçaneta para sair.

— Espere. Espere!

— O quê? — perguntou Adam, com a mão na maçaneta.

— O que quer dizer? Quem teria... Afinal, do que está a falar?

— Mas, Gerhard, então... Chamam-lhe Chanceler, certo? Seria de esperar que você tivesse um certo conhecimento das relações internacionais, com um título como esse.

— Porra, eu... — Uma camada fina de suor surgiu por cima do rosto pálido de Gerhard que, pela primeira vez, tirou o boné. O cabelo estava acachapado, mas uma mecha caiu-lhe sobre os olhos. Ele tentou soprar a mecha para o lado. — É nos americanos que você está a pensar? — perguntou ele.

— Bingo — exclamou Adam, sorrindo. — Boa sorte! Dito isto, rodou a maçaneta da porta.

— Espere. Mas espere, Stubo! Com os diabos, os americanos não têm o direito de...

Adam soltou uma gargalhada. Inclinou a cabeça para trás e riu ainda mais. As paredes nuas da sala fria fizeram com que o seu riso se repercutisse estridentemente.

— As autoridades americanas! Os americanos!

Ele ria tanto e tão francamente que quase não conseguia falar. Tirou a mão da maçaneta e agarrou-se à barriga, abanando a cabeça e com falta de ar.

O preso ficou sentado de boca aberta, limitando-se a olhá-lo. Tinha uma longa experiência com a polícia e já perdera a conta das vezes em que fora apanhado e interrogado.

Mas nunca tinha visto uma coisa daquelas. O seu batimento cardíaco aumentou. Sentia o sangue pulsar nos seus ouvidos e a garganta fechar-se. Diante dos seus olhos surgiam chamas vermelhas e as suas mãos apertavam instintivamente o boné.

Enquanto Adam se apoiava com a mão na parede para, literalmente, evitar cair devido às câibras provocadas pelo riso, Gerhard Skrader procurava febrilmente o inalador nos bolsos. Era a única coisa que ele pudera conservar em seu poder quando fora revistado e lhe tinham confiscado todos os seus pertences pessoais. Com as mãos a tremer colocou o inalador na boca.

— Há muito tempo que não me divertia tanto — cacarejou Adam, enxugando as lágrimas.

— Mas o que é que os americanos têm a ver comigo? — perguntou Gerhard Skreder, com uma voz entrecortada e débil como a de uma criança. — Afinal, nós estamos na Noruega...

Gerhard tentou voltar a pôr o inalador no bolso, mas falhou. O inalador caiu no chão e ele teve de se baixar para o apanhar. Quando se levantou, Adam Stubo tinha os punhos apoiados na mesa e o rosto a poucos centímetros do dele. A posição inclinada sobre ele e a largura dos ombros do polícia faziam com que este se parecesse com um verdadeiro gorila louro. E não havia nada de benevolente nos seus olhos azul-claros.

— Você acha que é um campeão mundial — sussurrou Adam. — Acha que é uma estrela lá fora. Está convencido de que é o maior só porque trabalhou na periferia da máfia russa. Acha que pode escapar. Acha que é durão o bastante para lidar com criminosos albaneses e os outros filhos-da-mãe que vêm dos Bálcãs. Esqueça isso. É agora... É agora... — Adam ergueu o indicador e colocou-o bem na frente do nariz de Gerhard. O seu tom de voz também subiu significativamente. — É agora que você vai descobrir que não passa de um pedaço de merda. Se acha por um momento que os americanos vão ficar quietos vendo que nós o deixamos sair, seu idiota, está completamente enganado. Todos os dias, várias vezes por dia, informamos os americanos das nossas investigações. Neste exato momento, eles já sabem que você está aqui. Sabem o que você fez e vêm...

— Mas eu não fiz nada — disse Gerhard, tentando inspirar ar com uma aparente dificuldade até para falar. — Eu... eu apenas...

— Respire calmamente — disse Adam. — Use o inalador mais uma vez. O remédio vai lhe fazer bem. — O policial recuou um pouco e baixou o indicador. — Eu quero saber de tudo — disse ele, enquanto Gerhard voltava a usar o tubo azul do spray. — Quero saber quem lhe deu essa missão. Quando, onde e como. Quero saber quanto recebeu pelo trabalho. Com quem mais falou que tenha ligação com este caso. Quero os nomes e as descrições. Tudo.

— Será que eles podem me levar para *Guantanamo*? — exclamou Gerhard, afogueado. — Podem?

— Guantanamo — corrigiu Adam, mordendo os lábios para não recomeçar a rir, o que desta vez seria um riso franco e natural. — Quem sabe. Quem pode saber uma coisa dessas nos tempos atuais? Eles perderam seu presidente, Gerhard. Na prática, eles consideram que você é... terrorista.

Adam podia jurar ter visto as pupilas de Gerhard se dilatando. Por momentos, achou que o preso tinha deixado de respirar. Mas logo a seguir ele voltou a arfar e a respirar com dificuldade, conseguindo até inspirar fundo várias vezes. Passou as costas da mão pela testa, para a frente e para trás, como se quisesse apagar a terrível palavra que ali estava escrita em grandes letras.

— Terrorista — disse Adam, dando um estalo com a língua. — Um carimbo nada bom para receber dos Estados Unidos.

— Eu vou contar — disse Gerhard Skroder, ainda arquejante. — Eu vou contar tudo. Mas, nesse caso, quero ficar aqui. Posso ficar aqui, certo? Aqui, com vocês?

— É claro — respondeu Adam, num tom de voz amistoso e dando uma palmadinha no ombro dele. — Nós tomamos conta dos nossos, você sabe disso. Desde que cooperem. Mas agora vamos fazer uma pausa. — O relógio na parede indicava que faltavam dezenove minutos para as oito. — Ainda não são oito horas — disse

ele, sorrindo. — O seu advogado não tarda a chegar, também, e poderemos falar com calma. De acordo?

— De acordo — murmurou Gerhard Skroder, começando a respirar melhor.

— Tudo bem. Mas vou poder ficar aqui, não é? Convosco.

Adam confirmou com um aceno, abriu a porta e saiu.

Lentamente, fechou-a atrás de si.

— O que é que aconteceu? — perguntou o chefe de polícia, Bastesen, que, encostado à parede, consultava uma pasta de documentos que fechou assim que Adam apareceu.

— A rotina de sempre? Ele não diz nada?

— Oh, sim, vai falar. Vamos saber de tudo às oito. Bastesen abafou o riso e levantou o punho em sinal de vitória.

— Você é o melhor, Adam. Você é realmente o melhor.

— Claro que sou — murmurou Adam. — Pelo menos, em matéria de representação teatral. Mas, agora, este vencedor do Oscar precisa comer.

Quando se apressava pelo corredor a fim de arranjar alguma coisa para comer, nem notou que as pessoas começavam a aplaudir, depois de terem tomado conhecimento da notícia que Gerhard Skroder cedera.

Johanne ainda não tinha telefonado.

24.

A mulher que mancava pelo corredor na cave murmurando palavrões e rezas e tilintando as chaves para afugentar os fantasmas tinha sido, no passado, a prostituta mais velha das ruas de Oslo. Era então Hairymary, Mary Cabeluda e, miraculosamente, tinha se mantido na profissão por mais de cinquenta anos.

— Que todos os poderes do mundo estejam comigo — murmurou ela, continuando a puxar a perna ruim pelo corredor que parecia não ter fim. — E que todos os diabos que existem sejam mortos.

Desde seu nascimento na carroceria de um caminhão no solo finlandês arrasado pela guerra, numa noite de janeiro de 1945, Hairymary enfrentava com sucesso todas as tentativas do destino para a deitar abaixo. Não conhecera os pais e não conseguira adaptar-se aos pais adotivos com quem foi forçada a conviver. Após uns dois anos numa instituição para órfãos, fugiu para Oslo, a fim de tratar da sua vida. Tinha então doze anos de idade. Sem educação e mal sabendo ler. Ainda por cima com uma aparência de espantar qualquer um, acabou por escolher a carreira que lhe restava. Pôs quatro crianças no mundo, todas por acidente de trabalho. E todas foram recolhidas pelas autoridades à nascença.

Na virada do milênio, a sorte lhe sorriu pela primeira vez.

Encontrara Hanne Wilhelmsen.

Hairymary fora testemunha-chave num caso de homicídio e, por motivos que, mais tarde, nenhuma das duas conseguiria explicar, ela mudou-se para casa da inspetora.

Desde então, nunca mais se deixou ir abaixo. Transformou-se numa governanta trabalhadora e grande cozinheira. Quis apenas três coisas em pagamento: metadona, uma cama limpa e uma bolsa de tabaco por semana. Nada menos, nada mais. Isso até a filha de Nefis

e Hanne ter vindo ao mundo. Nessa altura, Mary apagou o cigarro e pediu que a ração de tabaco fosse substituída por um maço de cartões de visita. Nos cartões dourados estava escrito: “Mary Olsen, Governanta”

Ela mesmo escolheu a composição do texto. Sem número de telefone, sem endereço. Mas também não precisava, já que nunca saía nem recebia qualquer visita. Sendo assim, colocou os cartões em cima da sua mesa de cabeceira e todas as noites pegava num, o primeiro do montinho, beijava-o de leve, fechava os olhos e apertava-o contra o coração com a palma da mão, enquanto murmurava a sua oração da noite: “Obrigada, meu Senhor que estás no céu.

Obrigada, Hanne e Nefis, e minha princesinha Ida. Alguém precisa de mim. Obrigada por tudo. Boa noite, meu Deus.”

Depois, dormia pesadamente durante oito horas. Sempre.

Neste momento, Mary chegava ao lugar certo na cave onde estava o depósito da casa. Já tinha a chave na mão.

— Que besteira — resmungou ela para si mesma. — Já está velha, com medo de um porão. Ai, ai, ai..

Levantou o braço magro para o lado como se quisesse afastar o medo.

— Agora é só entrar no cubículo — disse com voz estridente. — É só tirar alguns cobertores e algumas coisas mais para Johanne. Não há perigo nenhum. Meu Deus, Mary! Já enfrentou fantasmas bem piores do que pode encontrar aqui.

Finalmente, conseguiu meter a chave na fechadura.

— Muito bem, em frente — disse Mary, abrindo a porta. — Será que eles não podiam ter um depósito no subsolo mais normal nesta área fina de Oslo? Nãoooooo!

Avançou para o interruptor.

— Compartimentos fechados com paredes e portas. Nada de gaiolas com rede de galinheiro e cadeados.

O espaço, com mais de vinte metros quadrados, era retangular e, ao longo das paredes, tinha prateleiras do chão ao teto. Estavam cheias de embalagens de papelão e malas de viagem, além de caixas da IKEA muito coloridas e bonitas. Tudo perfeitamente etiquetado. Mary fizera a classificação. Soletrar não era seu forte, mas números e lógica era uma área em que ela sempre se saía bem. Como se perdia com o alfabeto, resolvera acomodar as coisas segundo sua importância.

As conservas e os pacotes fechados a vácuo com alimentos secos ficavam perto da porta. Se viesse uma guerra atômica. A seguir, vinha a roupa em caixas com buracos para entrada de ar. A roupa de Ida quando bebê estava numa caixa especial com o desenho de um ursinho por fora. Cheirava a lavanda sempre que Mary abria a tampa para meter a mão e sentir a suavidade dos tecidos.

— Isso aí é da menininha da Mary. A minha menina de ouro.

A sua voz era apenas um sussurro. O aroma da roupa de Ida fazia com que ela se sentisse mais calma. Apressou o que tinha a fazer e acabou por parar no fundo do compartimento onde estavam os esquis de Nefis e o pequeno trenó de Ida.

“COVERTORE PRA OSPEDE.”

Ela puxou a grande caixa e abriu a tampa. O cobertor estava dobrado e amarrado com duas largas fitas vermelhas. Mary meteu o cobertor embaixo do braço e repôs a tampa na caixa, que colocou no lugar, e dirigiu-se à porta.

— Muito bem — disse ela, aliviada. — Agora vamos subir e voltar para o apartamento, nosso ninho acolhedor e seguro.

Estava a fechando a porta quando lhe pareceu ouvir um ruído.

O choque de adrenalina fez com que parasse de respirar.

Nada.

De novo, o mesmo ruído. Uma pancada amortecida ou um estrondo. Longe, mas agora nítido. Mary deixou cair o cobertor e juntou as mãos, cheia de medo.

— Oh, meu Senhor, meu Criador, em nome de Jesus, por favor — exclamou ela.

Novamente, o mesmo ruído.

No fundo do cérebro de Mary havia um último resto da vida que ela vivera durante quase cinquenta e cinco anos antes de ter sofrido uma enorme transformação para melhor. A jovem prostituta Mary, magra e feia, tinha conseguido salvar-se contra todas as probabilidades porque era esperta. A jovem Mary conseguira sobreviver nas ruas de Oslo por ser escorreita no falar e astuta. A velha prostituta Mary tinha aguentado uma vida de degradação e de bebedeiras por um único motivo. Não se deixava abater, derrubar.

Agora, porém, tinha tanto medo que parecia que o coração lhe ia saltar do peito. Sentiu uma tontura. O que gostaria realmente de fazer era sentar-se no chão e deixar que o fantasma a levasse, deixar que o diabo a carregasse, uma coisa que, bem lá no fundo, achava que merecia.

— Não, não. Não agora.

Engoliu em seco e cerrou os dentes. O ruído voltou a ouvir-se.

Parecia que alguém tentava bater numa porta, mas não conseguia ser verdadeiramente bem-sucedido. Havia uma falta de ritmo nas pancadas que, aliás, pareciam mais resultado de um esforço diminuto e, absolutamente, nada agressivo.

Mary pegou novamente o cobertor caído no chão de cimento.

— Agora que a sorte grande veio cair nas minhas mãos — disse ela para si mesma —, não é qualquer um que vem meter medo a uma velha batida como eu.

Começou a andar em direção à escada.

Bum. Bum, bum.

Agora, Mary tinha certeza. O som vinha da porta ao lado. A porta estava pintada de vermelho, ao contrário das outras, que eram brancas. Um cartaz de papelão estava colado na porta, à altura dos

olhos. Em parte rasgado, o texto era praticamente ilegível. Pelo menos, para Mary.

Pareceu-lhe ouvir uma voz muito fraca. Ou talvez fosse apenas imaginação sua.

Por muito estranho que parecesse, já não sentia medo. Uma determinação furiosa tinha expulsado o medo para longe. Aquela era a sua casa e a sua cave. Tinha escolhido fazer uma vida isolada naquela rua, a Krusesgate, a fim de manter os velhos demônios à distância e nenhum ente vivo ou morto lhe ia tirar isso.

Não agora, nem nunca.

— Olá — disse ela em voz alta e batendo na porta. — Olá, quem está aí?

Sua mão magra bateu na porta novamente. Fez-se silêncio absoluto. Depois, as pancadas do outro lado voltaram tão repentinamente que ela deu um passo para trás.

O som de uma voz parecia vir de muito longe. Era impossível compreender as palavras, até mesmo distingui-las umas das outras.

— Que coisa — murmurou Mary, coçando o queixo, antes de colocar o ouvido na porta. — Esta deve ser a porta mais estranha da cidade.

— Abra a porta — gritou ela. — Basta rodar a maçaneta por dentro.

As pancadas continuaram.

Mary olhou para a fechadura. Como as outras, era preciso ter a chave para abrir o compartimento. Devia haver uma norma que impedisse que alguém ficasse preso lá dentro. Ou que impedisse *prender* alguém lá dentro.

Aquela porta tinha que estar trancada de alguma maneira. Mary não tinha dúvida de que havia alguém lá dentro. Muito longe, na sua cabeça, restavam ainda recordações de acontecimentos que ela tentara deixar para trás, naquele mundo lá fora, ao qual não queria voltar e no qual não queria viver.

Ser prostituta de rua não significava apenas ser prostituta. Significava estar completamente abandonada na rua. Mary fechava os olhos a imagens de buracos cheios de lixo e lenha, de entradas de porão, de colchões jogados fora e carros de ferro-velho, que cheiravam a tabaco, comida estragada e bacalhau velho.

Mary nem sequer conseguia contar as vezes em que fora estuprada. À medida em que descia na escala da prostituição, era expulsa de seu canto, roubada pelos clientes, apontada pelas prostitutas de importação, sobretudo as desgraçadas russas, desprezada por jovens e abandonada pelos iguais. Muitos morreram em volta, um atrás do outro, uma atrás da outra. Em 1999, Mary era um espectro ambulante. Só conseguia trabalhos que ninguém mais queria, nem as jovens que vinham da Lituânia e que baixavam o nível do mercado, ficando satisfeitas com uma nota de cinquenta por uma relação sem preservativo.

Mary recordava-se de um porão desses. Lembrava de um homem.

— Porra, não quero me lembrar de nada — gritou Mary, batendo novamente na porta vermelha. — Eu vou tirar você daí, amiga. Espere mais um pouco que a Mary vai ajudar você!

Correu novamente para seu depósito, abriu a porta e pegou a caixa de ferramentas que Nefis estava sempre completando com novos acessórios sem que ninguém soubesse realmente para que serviam.

— Já vou — gritava ela, arrastando a caixa até a porta vermelha.
— Já estou aqui, minha querida!

Mary Olsen era apenas pele e osso. Mas forte. Além disso, estava com raiva. Primeiro, usou um formão e atacou a lateral da porta, deixando cair pedaços de madeira no chão. Depois, pegou um martelo e bateu na maçaneta da porta como se estivesse atacando seu passado.

A maçaneta caiu, mas a porta continuou fechada.

— Que inferno — exclamou Mary, limpando o nariz com os dedos. — Vai ser preciso uma ferramenta mais pesada.

Mary despejou a caixa de ferramentas no chão. O som do metal no cimento foi de ensurdecer. Quando o silêncio voltou, ouviu-se uma pancada fraca do lado de dentro da porta.

— Agora vai — disse Mary, pegando um pé-de-cabra dos maiores que estava no fundo da caixa.

Com uma energia enorme, meteu a ponta da ferramenta na fechadura. Usou o martelo para fazer penetrar bem. Segurou o ferro com as duas mãos e puxou.

A madeira estalou, mas nada aconteceu.

— Mais uma vez — vociferou Mary.

A madeira cedeu. E a porta continuou fechada.

— Talvez do outro lado — disse Mary, realizando a mesma manobra no sentido inverso.

A fechadura saiu. A porta cedeu. Mas ainda estava emperrada. Mary enfiou o pé-de-cabra novamente na abertura, que agora era maior.

— E lá vou eu, puxandoooooooooo! — gritou ela, quase caindo para trás quando a porta, finalmente, se abriu de vez, deixando uma abertura de dez, quinze centímetros.

Deixou cair o pé-de-cabra que, ao atingir o chão, reproduziu de novo o som estridente de antes. Resolutamente, levou a mão à porta e aumentou a abertura.

— Vamos lá, vamos lá — disse ela para a pessoa que estava deitada no chão e olhava para ela. — Eu sei como isso pode acontecer. Agora, vamos...

— Socorro — disse a mulher com voz rouca. “Prostituta russa”, pensou Mary, sacudindo a cabeça.

— Seja o for, vou ajudar — disse ela, inclinando-se para pegar aquele ser abatido pela cintura. — Os homens não podem se

comportar de qualquer maneira, como querem. Seja quem for. Isso é repugnante, né? E ainda por cima de mãos amarradas. Espere aqui...

Mary foi procurar uma faca no monte de ferramentas e cortou as tiras de plástico que amarravam as mãos da mulher. Com mais um esforço, conseguiu pôr a mulher de pé. O mau cheiro de urina e excrementos assaltava seu nariz. Mary deu uma olhada na fechadura do lado de dentro. A maçaneta tinha sido tirada.

— Os homens são uns filhos da mãe — murmurou ela num tom de voz amistoso, consolando a mulher e acariciando seu rosto ferido.
— Agora, vai tomar um bom banho. Venha comigo.

A mulher tentou andar, mas seus joelhos dobraram sob o peso do corpo.

— Cheira mal à beça. Venha com a Mary, venha.
— Socorro — sussurrou a mulher. — Ajude-me.
— Sim, sim, é o que estou fazendo. Não entende o que digo. Mas eu já estive lá, sabe, de você vem...

Mary continuou falando até chegarem à escada, onde quase teve que pegar a moça no colo para subir os cinco degraus que levavam ao elevador. Ao chegar, Mary sorriu feliz e elogiou a mulher.

— Fique aí, mulher — disse ela, apontando um corrimão de metal. — Agora, falta pouco, amiga. Minha Nossa Senhora, sua aparência é bem ruim!

Só agora, à luz forte da iluminação do teto, Mary pôde ver o rosto da moça. Tinha um grande calombo na têmpora, quase metade do rosto estava roxo e o olho também tinha inchado. Havia escamas de sangue seco no pescoço.

— Mas sua roupa é muito fina — disse Mary, um pouco cética, ao mesmo tempo em que passava a mão no casaco vermelho. — Isto não foi comprado em loja do Exército da Salvação, não é?

As portas do elevador se abriram.

— Agora, vai se comportar como uma boa menina e se apoiar bem aqui na Mary.

A mulher estava em pé, mas apática e de boca aberta. Seu olhar era desprovido de vida e Mary lembrou de estalar os dedos diante do rosto dela.

— Olá! Está aí? Venha!

Com o braço esquerdo na cintura dela e o direito segurando o braço, Mary conseguiu levá-la até a porta da frente, mas não queria largá-la para procurar a chave. Por isso, tocou a campainha com o cotovelo.

Passaram-se vários segundos.

— Socorro — repetiu a mulher.

— Sim, sim — murmurou Mary, impaciente e tocando a campainha mais uma vez.

— Mary — disse Johanne, alegre, ao abrir a porta. — Demorou muito para...

— Encontrei uma prostituta num depósito do porão — disse Mary, bruscamente. — Acho que ela é russa ou lá daqueles lados, mas vamos ter que ajudar de qualquer maneira. Pobre garota. Algum filho-da-mãe resolveu tomar certas liberdades.

Johanne ficou parada, totalmente parada.

— Deixe-me passar, está bem?

— Hanne — disse Johanne, em voz baixa, sem deixar de olhar para a mulher. — Hanne, venha cá.

— Hanne não é das que mandam embora uma prostituta maltratada — disse Mary, cheia de raiva. — Afaste-se daí, porra! AGORA!

— Hanne — chamou Johanne de novo, agora num tom bem mais alto.

— Venha aqui!

A cadeira de rodas apareceu no fundo do hall recortada contra as paredes envidraçadas que davam para o jardim, onde as árvores lançavam sua sombra sobre a casa.

Lentamente, a cadeira foi se aproximando delas, com as rodas de borracha chiando no chão de madeira.

— Ela precisa apenas de um bom banho — disse Mary, implorando. — E talvez de um pouco de comida. Seja boazinha, Hanne. Você é a bondade em pessoa. Pense com o coração.

Fazendo a cadeira deslizar, Hanne Wilhelmsen se aproximou ainda mais.

— *Madam President* — disse ela, baixando a cabeça e levantando-a em seguida para acrescentar, após pequena pausa. — Faça o favor de entrar. Vamos ver o que podemos fazer para ajudar.

25.

— Deixe que eu faça um resumo para evitar mal-entendidos — disse Adam, passando a mão no cabelo, antes de se sentar com as costas da cadeira contra o peito. Entre o polegar e o indicador, tinha uma caneta de feltro. Você recebeu um telefonema de um homem com quem nunca se encontrou. Gerhard Skrader concordou, acenando com a cabeça.

— E não sabe de onde ele veio nem como se chama. Novamente, Gerhard acenou com a cabeça concordando.

— E, naturalmente, não sabe qual é a aparência dele.

— De fato, o telefone não era de imagens.

— Portanto, você está aqui sentado — acrescentou Adam, com exagerada lentidão e levando as mãos ao rosto — e afirma que recebeu uma missão de um tipo com quem falou apenas por telefone e cuja identidade desconhece. Alguém que você nunca viu mais gordo.

— Isso aí não tem nada de anormal.

O advogado Ove Ronbeck chamou a atenção do seu cliente levantando a mão direita, num movimento quase imperceptível.

— Quero dizer, não tem nada de estranho.

— Ah, sim. Também acho. E como é que ele soou?

— Soou?

Gerhard contorceu-se na cadeira como se fosse um adolescente apanhado em falso ao tentar algum avanço com uma garota contrariada.

— Em que língua falou ele?

— Ele era norueguês, acho.

— Ah, sim, quer dizer que ele falava norueguês — comentou Adam, respirando fundo.

— Não.

— Não? Então, como é que chegou à conclusão de que ele era norueguês? O advogado Ronbeck levantou a mão e abriu a boca, mas conteve-se rapidamente assim que Adam se virou para ele com brusquidão.

— Olhe aqui, você tem o direito de estar aqui — disse ele. — Mas não interrompa. Eu nem preciso lembrar que a situação é muito séria para seu cliente. E, de uma vez por todas, devo dizer que não estou muito interessado em Gerhard Skrader. Quero apenas saber tudo o que houver para saber sobre o mandante anônimo que o contratou!

Esta última parte disse-a bem alto na direção de Gerhard Skrader, que recuou mais um pouco. Naquele momento, a cadeira dele já não tinha mais espaço para recuar uma vez que estava encostada à parede. O olhar de Adam relampejou e ele inclinou-se para a frente e tirou o boné da cabeça de Gerhard.

— A sua mãe não lhe ensinou que deve tirar o chapéu da cabeça sempre que estiver dentro de casa? — perguntou ele. — Por que razão pensa que o homem era norueguês?

— Ele não falava um inglês perfeito, acho eu. Tinha um sotaque muito forte.

Gerhard coçou os testículos, cada vez com mais intensidade.

— Você devia ir ao médico — disse Adam. — Pare com isso.

Adam se levantou e foi até uma mesinha perto da porta. Pegou a última garrafa de água mineral, abriu-a e bebeu quase metade do conteúdo de uma vez.

— Sabe — disse ele, de repente, com uma curta gargalhada. — Você está tão habituado a mentir que nem sequer consegue contar uma história verdadeira que faça sentido, apesar de ter decidido fazê-lo. É um problema de deformação profissional.

Largou a garrafa em cima da mesa e deixou-se cair de novo na cadeira. Com as mãos cruzadas atrás da cabeça, inclinou-se para trás e fechou os olhos.

— Fale — disse ele, com calma. — Fale precisamente como se estivesse a contar uma história a uma criança. Se é que consegue colocar-se nessa situação.

— Tenho dois sobrinhos — disse Gerhard, irritado. — Sei muito bem como lidar com crianças, diabo!

— Ótimo. Muito bem. Como se chamam?

— O quê?

— Como se chamam seus sobrinhos? — repetiu Adam, sem abrir os olhos.

— Atle e Oskar.

— Então, eu sou Atle e Ronbeck é Oskar. Agora, conte como o tio Gerhard recebeu uma missão paga de um cara que nunca encontrou.

Gerhard não respondeu. Seu indicador abria um buraco na calça colorida de camuflagem.

— Era uma vez... — incentivou Adam. — Vamos lá, de novo! Era uma vez um tio Gerhard...

— ... que recebeu uma ligação — disse Gerhard.

Fez-se silêncio.

Adam fez um sinal circular com a mão.

— ... de um número desconhecido — continuou Gerhard. — O número não aparecia no visor. Aí, eu respondi. Era um homem que falava em inglês. Mas era como... Era como se não fosse inglês. De certa maneira, soou como se fosse quase norueguês.

— Hummmm... — Adam como que pediu para ele continuar.

— De qualquer maneira, havia algo... estranho na fala dele. Ele disse que tinha um negócio fantástico para me oferecer e muita grana para eu ganhar.

— Lembra que palavra ele usou para “grana”?

— *Money*, acho. Foi isso, *money*.

— E isso aconteceu no dia... — Adam começou a folhear suas anotações.

— Três de maio — disse ele, olhando interrogativamente para Gerhard que deu mostras de concordar, enquanto alargava cada vez mais o buraco na calça.

— Terça-feira, dia 3 de maio à tarde. Vamos receber uma lista de ligações do seu telefone e vamos confirmar a hora exata.

— Mas é...

— Vocês não podem...

O advogado Renbeck e o seu cliente protestaram em uníssono.

— Calma! Calma — Adam resmungou, resignado. — O registro telefônico é o menor de seus problemas, no momento. Voltaremos a ele. Continue. Você não é muito bom de contar história. É melhor se concentrar.

O advogado e Gerhard trocaram olhares. Ronbeck fez um aceno afirmativo.

— Ele disse que eu devia reservar os dias 16 e 17 de maio — murmurou o cliente.

— Reservar?

— Isso. Não fazer outros planos. Ficar sóbrio. Em Oslo. Como que disponível.

— E você não conhecia o homem que telefonou?

— Não.

— No entanto, disse que estava tudo bem. Você ia deixar passar em brancas nuvens o dia mais festivo do ano só porque um estranho lhe telefonou e lhe pediu isso. É claro...

— Envolvia muito dinheiro. Sim, muito dinheiro.

— Quanto?

A pausa foi longa. Gerhard pegou o boné de basebol em cima da mesa e instintivamente ia colocando na cabeça, mas se arrependeu e voltou a largá-lo na mesa. Não disse nada. Seu olhar ficou preso no buraco da calça.

— Está bem! — disse Adam finalmente. — Vamos deixar essa questão da grana para mais tarde. O que sabe mais?

— Nada. Era só esperar.
— Esperar o quê?
— Um telefonema. No dia 16 de maio.
— E veio?
— Sim.
— Quando?
— À tarde. Não me lembro bem da hora. Por volta das quatro, talvez. Oh, sim. Pouco depois das quatro. Eu ia encontrar alguns amigos no Løkka para tomar uma cerveja antes do jogo. Enga e Fredrikstad, no Ullevål. O cara telefonou precisamente antes de eu sair.

— O que disse?
— Na realidade, nada. Queria apenas saber se...
— Se?
— Se....
— Ah, sim... Queria saber meus planos para a noite. Se eu estava cumprindo o combinado. Se eu não tinha bebido e assim por diante. Depois, disse que eu devia estar em casa o mais tardar às onze. Disse que ia valer a pena. Que ia valer muito a pena. Portanto, eu... —
Gerhard encolheu os ombros e Adam ia jurar que o tinha visto corar.
— Bebi um copo ou dois com os amigos, vi o jogo e voltei para casa. O resultado foi zero a zero, portanto, não havia muita coisa para festejar. Cheguei em casa antes das onze. E...

Ele estava nitidamente nervoso. Coçava o ombro por baixo da camiseta ao mesmo tempo em que mudava de posição na cadeira. Uma das pernas balançava violentamente e os olhos pestanejavam o tempo todo.

— Depois, ele telefonou. Por volta das onze.
— O que disse?
— Isso eu já contei milhões de vezes! Por quanto tempo vamos ficar falando a mesma coisa?

— Você já contou duas vezes. E agora quero ouvir tudo pela terceira vez. O que disse ele?

— Que eu devia estar perto da torre do relógio da Estação Central algumas horas mais tarde. Às quatro da manhã. Era lá que eu devia estar até chegar um cara e uma velha. E, então, devíamos ir os três até um carro e ficar dando voltas. Haveria um mapa no porta-luvas. E metade do pagamento. Foi tudo. A saga terminou.

— Ainda não exatamente — comentou Adam. — Você não achou a missão um pouco estranha?

— Não.

— Você recebe como missão passear de carro pelo sul da Noruega com dois desconhecidos, fazendo questão de ser visto pelos funcionários de diversos postos de gasolina, mas evitando as câmeras de vigilância. Você não devia fazer nada, não roubar nada, apenas passear de carro. Depois, estacionar numa clareira de um bosque perto de Lillehammar, voltar de trem para Oslo e esquecer tudo. E você achou que estava tudo bem?

— Claro.

— Não. Não vem com essa para cima de mim, Gerhard. Concentre-se. Você conhecia os outros? A mulher ou o outro cara?

— Não.

— Eram noruegueses?

— Não faço ideia.

— Não faz a mínima ideia?

— Não. Não nos falamos.

— Por quatro horas?

— Sim. Quer dizer, não. Ficamos de boca fechada o tempo todo.

— Não acredito. Não é possível.

Gerhard inclinou-se por cima da mesa.

— Juro! Eu ainda disse umas palavras, mas o cara apontou o porta-luvas. Abri-o novamente e havia uma mensagem com o que o cara do telefone tinha dito. Por onde eu devia seguir e assim por

diante. E estava escrito que não devíamos conversar. Tudo bem, pensei. Vá para o inferno, eu disse que contaria tudo! E é tudo. Acredite em mim, porra!

Adam cruzou as mãos no peito, molhando os lábios com a língua. Mas nunca deixou de observar o suspeito.

— Onde está essa mensagem agora?

— Está no carro.

— E onde está o carro?

— Como já lhe disse um milhão de vezes, em Lillehammar, perto da torre de saltos, no lugar em que...

— Não está lá. Já verificamos.

Adam apontou uma anotação que um assistente lhe tinha trazido dez minutos antes.

Gerhard encolheu os ombros, não era problema dele.

— Alguém deve ter levado o carro — sugeriu ele.

— E quanto você recebeu por tudo isso? — Adam retirou do bolso do peito o tubo metálico de um charuto que fez rolar entre os dedos. Gerhard ficou calado. — Quanto recebeu? — repetiu Adam.

— Que diferença faz? — disse Gerhard, irritado. — Já nem tenho a grana comigo.

— Quanto? — insistiu Adam de novo.

Como Gerhard continuasse teimosamente olhando para a mesa sem responder, Adam levantou-se e foi até a janela. Tinha começado a anoitecer. A janela tinha os vidros sujos. O parapeito estava coberto de poeira. Alguns insetos jaziam aqui e ali como grãos de pimenta preta.

Na praça, entre a sede da polícia e a cadeia, tinha nascido uma pequena aldeia. Duas emissoras estrangeiras de televisão tinham trazido suas vans para tomadas externas, estacionadas em cima da grama. Adam contou até oito o número de barracas e até dezesseis o número de logotipos dos vários meios de comunicação, antes de

parar de contar. Levantou a mão e fez um aceno como se tivesse visto um conhecido. Cumprimentou e sorriu. Depois, virou-se para a sala, mantendo um largo sorriso. E foi se postar junto a Gerhard, do outro lado da mesa, encostando a boca tão perto do ouvido dele que Gerhard teve um sobressalto.

Adam começou então a sussurrar algo rapidamente.

— Isso é totalmente contra o regulamento — começou a falar o advogado Ronbeck, ao mesmo tempo em que se levantava da cadeira.

— Cem mil dólares — disse Gerhard, quase gritando. — Recebi cem mil dólares!

Adam deu uma palmadinha no ombro dele.

— Cem mil dólares — repetiu lentamente. — Estou na profissão errada.

— Cinquenta mil estavam no porta-luvas, depois recebi do cara no carro um envelope com a mesma quantia assim que terminamos o serviço.



Até o advogado teve dificuldade de disfarçar seu espanto. Deixou-se cair na cadeira, esfregando a palma das mãos no rosto. Parecia tentar dizer alguma coisa que fizesse sentido, mas sem sucesso. Em vez disso procurou nos bolsos até que encontrou uma pastilha para a garganta que meteu na boca como se fosse um tranquilizante.

— E onde está essa grana agora? — perguntou Adam, deixando a sua mão descansar pesadamente no ombro de Gerhard.

— Está na Suécia.

— Na Suécia? Ah, onde, na Suécia?

— Não sei. Dei tudo a um cara a quem eu devia dinheiro.

— Você devia cem mil dólares a alguém — resumiu Adam com exagerada lentidão. — A sua mão apertou ainda com mais força o ombro de Gerhard. E até teve tempo para entregar tudo ao credor, não é verdade? Quando isso aconteceu?

— Hoje de manhã. Ele apareceu lá em casa. Muito, muito cedo. Esses caras de Gotemburgo, eles não...

— Espere — disse Adam, levantando as mãos num gesto repentino de resignação. — Pare! Você tem razão, Gerhard!

Gerhard olhou para cima. Parecia agora menor, desganhado e nitidamente cansado. A preocupação tinha dado lugar a um tremor visível. Seus olhos se encheram de água quando olhou para cima e perguntou com voz fina: — Razão em quê?

— Que nós vamos ter que mantê-lo aqui conosco. Parece que há muita coisa mais para desvendar. Mas isso vai ser feito por outros. Você precisa descansar e, claro... — O relógio na parede marcava quinze para as nove. — Eu também.

Adam juntou a suas notas e meteu-as debaixo do braço. O tubo do charuto caiu da mesa para o chão. Ele deu uma olhadela ao tubo, hesitou e deixou-o ficar onde estava.

Gerhard Skrader ergueu-se da cadeira e seguiu voluntariamente com o agente que fora chamado para o acompanhar até a cela no subsolo.

— Quem pagaria cem mil dólares por um serviço como esse? — perguntou o advogado Ronbeck, em voz baixa, enquanto arrumava as suas coisas.

Parecia estar falando consigo mesmo.

— Alguém que tem acesso a fundos ilimitados e quer ter cem por cento de certeza de que o serviço vai ser bem feito — disse Adam. — Alguém que tem tanto capital que não precisa perguntar quanto custa.

— Assustador — disse Ronbeck em surdina.

Mas Adam Stubo não reagiu. Tinha pegado no celular para saber se tinha perdido alguma chamada. Nenhuma.

26.

— Eu telefono ou você para polícia? — sussurrou Johanne Vik, segurando o celular.

— Nenhuma de nós — disse Hanne Wilhelmsen em voz baixa. — Ainda não.

A presidente americana estava sentada num sofá vermelho com um copo de água na mão. O mau cheiro a excrementos, urina e suor era tão forte que Mary, não sendo especialmente discreta, resolveu abrir uma janela de par em par.

— A mulher precisa de um banho — disse ela. — Não posso compreender que ela fique aqui no meio desse mau cheiro terrível. Seja presidente ou não, não se deve rebaixá-la dessa maneira.

— Fique calma — disse Hanne, com decisão. — É claro que ela vai tomar banho. E com certeza também deve ficar com fome daqui a pouco. Vai fazer algo quente. Uma sopa. Não acha que é melhor? Uma boa sopa?

Mary saiu da sala. A caminho da cozinha, resmungou o tempo todo. Até mesmo na cozinha, com a porta fechada, era possível ouvi-la praguejando em meio ao entrecocar furioso de panelas na bancada de aço.

— Temos que telefonar — disse Johanne de novo. — Meu Deus... O mundo todo está esperando...

— Dez minutos a mais ou a menos não fazem diferença quase nenhuma — disse Hanne. — Ela esteve mais de um dia e meio desaparecida. Acho que um presidente deve ter o direito de decidir. Pode acontecer, por exemplo, que ela não queira ser vista neste estado. Por mais ninguém além de nós.

— Hanne! — Johanne levou a mão à cadeira de rodas, evitando que ela continuasse. — Trabalhou na polícia — disse ela, indignada, mas ao mesmo tempo tentando dominar a voz. — Ela não pode

tomar banho nem mudar de roupa antes de ser examinada! Ela é uma prova com um monte de indícios para pesquisar! Pelo que sei, pode ser...

— Estou pouco ligando para a polícia — replicou Hanne. — O que me importa neste momento é a presidente. E não vou prejudicar minimamente prova alguma que exista.

Hanne olhou para cima. Os olhos dela estavam mais azuis do que nunca, pelo que Johanne se lembrava. Os anéis negros em volta da íris faziam com que parecessem maiores, demasiado grandes para o rosto pequeno. A sua determinação alisava-lhe as rugas em volta da boca e fazia com que parecesse mais jovem. Continuava a fitar Johanne e, com um simples levantar da sobrancelha, fez com que ela retirasse a mão da cadeira como se queimasse. Pela primeira vez desde que se tinham encontrado, há meio ano, Johanne viu um relampejo daquela Hanne de quem tanto tinha ouvido falar, mas nunca tinha visto. A inspetora de investigação criminal brilhante e cínica, analítica, fria e decidida.

— Obrigada — disse Hanne, em voz baixa, aproximando-se de novo do sofá.

— Quem é você? — perguntou a presidente quando Hanne se aproximou.

Era a primeira coisa que ela dizia desde que Mary a trouxera para dentro do apartamento.

— Sou Hanne Wilhelmsen, *Madam President*. Sou oficial de polícia aposentada. E esta é Johanne Vik. Pode confiar nela. A mulher que a descobriu na cave é Mary Olsen, minha empregada. Nós queremos seu bem, *Madam President*.

Johanne não sabia se estava mais espantada com o fato de a presidente conseguir falar no estado em que se encontrava, se por Hanne considerá-la alguém em quem se podia confiar ou se pela linguagem que usou, que lhe pareceu exageradamente solene. Era como se Hanne Wilhelmsen se sentisse humilde demais para

conhecer a presidente americana, por muito baixo que Helen Lardahl Bentley parecesse estar.

Johanne também não sabia realmente o que devia fazer. Não lhe parecia certo sentar-se, como também achava ridículo ficar de pé no meio da sala na situação de ouvinte indiscreta de uma conversa confidencial. Era, de fato, uma situação absurda e ela estava com dificuldade em se concentrar nos seus pensamentos.

— Naturalmente, vamos chamar as autoridades competentes — disse Hanne em voz baixa. — Mas pensei que talvez a senhora quisesse se recompor primeiro. Tenho roupa limpa que deve servir. Se quiser, claro. Ou se preferir...

— Não faça isso — interrompeu Helen Lardahl Bentley, continuando sem se mexer e com o olho incólume fixado na pintura abstrata pendurada na parede à sua frente. — Não telefone para ninguém. Como está minha família? Minha filha... Como...

— Sua família está bem — respondeu Hanne Wilhelmsen calmamente. — Segundo os vários noticiários, foram todos colocados sob vigilância especial num local secreto, mas, ao que parece, nas circunstâncias, estão todos bem.

Johanne ficou como que gelada.

A mulher sentada no sofá tinha a roupa suja, um olho inchado e cheirava mal. O inchaço grotesco perto da têmpora onde o sangue coagulado tinha prendido uma mecha de cabelos fazia lembrar as mulheres maltratadas que tanto Hanne como Johanne tinham visto vezes demais. Naquele estado, a presidente fazia lembrar uma pessoa que Johanne jamais gostaria de ter visto. De repente, chegou a sentir uma espécie de tontura.

Após quase dez anos de pesquisa sobre violência, quase tinha esquecido por completo o motivo de ter começado. A força maior fora sempre o desejo interior de entender, uma necessidade profunda de compreender uma coisa que ela, no fundo, considerava inexplicável. Nem mesmo agora, depois do doutorado, dois livros e

uma dúzia de artigos científicos, se sentia mais perto da verdade sobre homens usando seu poder físico superior contra mulheres e crianças. E quando escolhera prolongar o tempo da licença-maternidade, escondera a decisão atrás de uma mentira inconsciente: cuidar da família. Pelas crianças, ela escolhera ficar de licença por mais um ano.

Na verdade, estava no fim do caminho, presa num beco acadêmico sem saída e não sabia o que fazer. Tinha vivido sua vida adulta na tentativa de entender as ações criminosas, simplesmente por não aguentar as consequências de ser uma vítima. Não aguentava a vergonha, a arma mais forte da violência, nem a sua nem a das outras mulheres.

Helen Bentley parecia não sentir vergonha e Johanne não conseguia compreender isso. Nunca tinha visto uma mulher maltratada tão orgulhosa e de cabeça erguida. De queixo levantado, aquela mulher não curvava a cabeça. Os ombros direitos como se fossem desenhados com esquadro. Não parecia nem um pouco afetada. Pelo contrário.

Quando o olho são, de repente, se fixou em Johanne, era um olhar penetrante. Um olhar forte e direto e era como se a presidente, de uma maneira inexplicável, tivesse percebido que era Johanne quem queria pedir ajuda.

— Eu insisto — disse a presidente. — Tenho razões para não querer ser descoberta. Pelo menos por enquanto. Gostaria de tomar um banho de chuveiro... — Sua tentativa de sorrir ao se virar para Hanne fez com que o lábio superior inchado arrebentasse. — E roupa limpa, agradeço também.

Hanne concordou.

— Vou providenciar isso, imediatamente, *Madam President*. No entanto, espero que me dê uma razão para não revelar que a senhora está aqui. Na realidade, estou a cometer um crime ao não informar a polícia...

Johanne franziu o sobrolho. De imediato, não se lembrava de nenhum parágrafo na lei que impedisse mulheres maltratadas de ficar em paz. Mas não disse nada.

— E, por isso, devo pedir expressamente uma explicação. — Hanne sorriu, um sorriso breve, antes de acrescentar: — Pelo menos, uma breve amostra de explicação.

A presidente tentou se levantar. Cambaleou e Johanne reagiu rapidamente para evitar que ela caísse. Porém, ela recuperou o equilíbrio de repente e disse:

— Não, obrigada. Estou bem.

Helen Bentley ficou em pé e surpreendentemente estável, libertando uma mecha de cabelos colada à pele com sangue coagulado. Uma careta de dor desapareceu tão depressa quanto surgiu. Clareou a voz, olhou para Hanne depois para Johanne e novamente para Hanne.

— Posso confiar em que estou segura aqui?

— Completamente — assegurou Hanne. — Não poderia ter vindo parar num lugar tão isolado e estar, ao mesmo tempo, no centro de Oslo.

— Quer dizer que estou em Oslo?

— Sim, senhora.

A presidente compôs o casaco amarrotado. Pela primeira vez desde que entrara, mostrou vestígios de embaraço ao dizer: — Evidentemente, vou assumir toda a responsabilidade pelos estragos... — A mão dela fez um movimento, apontando para as manchas negras no sofá. — E... no porão.

— Ah, sim, a senhora ficou no porão. Um antigo estúdio de som.

— Isso explica as paredes. Eram macias. Pode me indicar o banheiro? Preciso me arrumar um pouco.

Sorriu de novo, um sorriso inchado.

Hanne retribuiu o sorriso.

Johanne estava desesperada. Era difícil de acreditar no aparente autocontrole da presidente. O contraste entre o comovente estado da mulher e o tom delicado de comando era demasiado grande. Acima de tudo, ela gostaria de tomar nas suas as mãos da presidente. Dar apoio ao seu corpo, limpar o sangue da sua testa com uma toalha quente.

Queria ajudá-la, mas não fazia a menor ideia de como consolar uma mulher como Helen Bentley.

— Na realidade, ninguém me maltratou — disse a presidente, como se pudesse ler os pensamentos de Johanne. — Devo ter sido anestesiada de alguma maneira e minhas mãos estavam amarradas. A situação é muito confusa para mim. Mas, de qualquer forma, caí de uma cadeira. Uma queda grande. E não tive... — Ela interrompeu o que ia dizer. — Que dia é hoje?

— Dezoito de Maio — disse Hanne. — E são nove e vinte da noite.

— Quase dois dias — disse a presidente como se falasse consigo mesma. — Tenho que fazer uma coisa. Tem Internet aqui?

— Sim — respondeu Hanne. — Mas como lhe disse antes, preciso de uma breve explicação para...

— Acham que estou morta?

— Não. Ninguém acha nada. Todo mundo está... confuso. Nos Estados Unidos, preferem achar que...

— Você tem minha palavra — disse a presidente, estendendo sua pequena mão. Vacilou e teve que dar um passo para o lado a fim de recuperar o equilíbrio. — Você tem minha palavra de que é da maior importância eu não ser encontrada. A minha palavra deve ser mais do que suficiente.

Por sua vez, Hanne também estendeu a mão e apertou a dela, que estava gelada.

Olharam-se.

A presidente deu um passo desequilibrado para o lado. Era como se o joelho não estivesse bem. Tentou endireitar-se após o que pareceu uma reverência cômica, antes de soltar a mão de Hanne e sussurrar: — Peço-lhe para não telefonar para ninguém. Não deixe que alguém saiba!

Lentamente, deixou-se cair no sofá. Caiu para o lado, sem força nas articulações como uma velha boneca de madeira. A cabeça foi parar em cima de uma almofada. Ficou deitada, com uma das mãos sobre a coxa e a outra sob a face, de tal forma que parecia estar a dormir.

— Aqui está a sopa — disse Mary.

Parou no meio da sala com um prato fumegante nas mãos.

— Pobre senhora, deve estar exausta — disse ela, virando-se e voltando para a cozinha. — Se alguém quiser, há mais na cozinha.

— Agora, temos que telefonar — disse Johanne, desesperada, ajoelhando-se junto da presidente desmaiada. — De qualquer maneira, temos que arranjar um médico!

27.

A noite de maio tinha descido sobre Oslo.

As nuvens eram cinzentas, quase negras, e estavam tão baixas que chegavam a esconder os andares mais altos do Hotel Piazza. Parecia que o espigão esguio e elegante tinha desaparecido no nada, em direção aos céus. O ar era frio, mas as rajadas de vento amenas prometiam uma manhã mais temperada.

Adam Stubo nunca se dera muito bem com a primavera. Não gostava das oscilações nas condições atmosféricas, que iam de um calor escaldante a um frio gelado de três graus, da queda de granizo a temperaturas que convidavam a um mergulho, tudo mudanças rápidas e imprevisíveis. Era impossível saber o que vestir. Podia ir para o trabalho com uma grossa camisola de lã contra o frio matinal e chegar ao meio-dia a suar por todos os poros. Qualquer almoço ao ar livre, que parecera ser uma boa ideia pela manhã, podia transformar-se num pesadelo quando se sentassem à mesa.

A primavera cheirava mal, achava ele. Especialmente no centro da cidade. O degelo punha a descoberto todo o lixo do inverno, os resíduos do outono surgiam acompanhados de excrementos de um incontável número de cães que não deviam viver na cidade.

Adam era um ser outonal. Melhor ainda: ele gostava de novembro. Tempo de chuva contínua, com uma descida gradual da temperatura que, na melhor das hipóteses, terminava em neve por altura do Advento. Novembro cheirava apenas a umidade e era um mês previsivelmente triste, que o deixava sempre de bom humor.

Maio, em contrapartida, era outra história.

Sentou-se num banco e respirou fundo. O espelho de água no parque Middelalder estava levemente encrespado sob o efeito de uma ligeira brisa. Não se via viva alma.

Até mesmo as aves, que nesta época do ano faziam um ruído ensurdecedor de manhã à noite, tinham dado as boas-noites. Um pequeno grupo de gansos abrigara-se perto da fonte e descansava com o pescoço metido debaixo da asa. Apenas uma fêmea, gordíssima, deambulava satisfeita por ali, tomando conta da família.

Era como se os acontecimentos das últimas horas não só tivessem esvaziado a capital da Noruega, mas também parado o resto do mundo. Adam tivera tempo de ver um noticiário durante a noite. As ruas de Nova York nunca tinham estado tão desertas. A cidade que nunca dormia tinha caído na letargia, num estado permanente de espera insolúvel.

Em Washington e em Lillesand, nas pequenas cidades e nas grandes metrópoles, por toda a parte, era como se o desaparecimento da presidente fosse um augúrio de coisas ainda piores, terríveis, que estariam para acontecer, o que levava as pessoas a procurar maior segurança, a ficar em casa e a fechar as persianas.

Fechou os olhos. O ruído ininterrupto da grande cidade e um ou outro caminhão no cruzamento do outro lado do lago trouxe-lhe à memória que estava no centro de uma capital. Aliás, poderia estar em qualquer outro lugar. Sentia-se sozinho no mundo.

Durante mais de uma hora tinha tentado contatar Warren Scifford. Não era uma boa ideia voltar para casa antes de falar com ele. Por duas vezes, tinha deixado mensagens tanto no celular como na embaixada. No hotel, disseram que não viam Mr. Scifford desde o início da tarde.

O corpo sem vida do agente do *Secret Service*, Jeffrey William Hunter, tinha sido encontrado menos de uma hora depois de um motorista de táxi ter entregado a um policial de serviço uma carteira de identidade encontrada no bolso do casaco da falecida mãe. Como a equipe da ambulância pôde indicar imediatamente o local

onde a mulher, vítima de enfarte, fora encontrada, a busca foi fácil. Era apenas uma questão de procurar partindo dali.

O homem foi encontrado a doze metros de distância. Estava numa vala, paralela à estrada. O crânio fora perfurado por uma bala nove milímetros de uma SIG-Sauer P229 que tinha na mão. Os técnicos ficaram surpresos no início com o fato de o braço direito estar em parte escondido sob o corpo, enfiado entre duas pedras, uma coisa difícil para um morto conseguir fazer. No entanto, após rápida e informal reconstituição, ficaram convencidos de que era suicídio. Essa foi também a opinião do patologista que, no entanto, reservou-se o direito de chegar a uma conclusão definitiva em alguns dias.

Eram quase dez horas e meia da noite e Adam já bocejava repetidamente. Estava cansado e desperto ao mesmo tempo. Por um lado, tinha vontade de ir para casa e se deitar. Sentia-se pesado e esgotado. Por outro, estava preocupado e inquieto. E, com isso, seria impossível dormir.

A sede da polícia tinha se tornado um lugar insuportável. Ninguém mais falava de horas extraordinárias ilegais, nem perguntava quando ia acabar o interminável plantão.

As pessoas se movimentavam como formigas num formigueiro. Parecia que a toda a hora chegava mais gente ao formigueiro, sem que ninguém saísse. Os corredores estavam cheios. Todas as salas ocupadas. Até mesmo um ou outro cubículo do pessoal de limpeza passara a ser utilizado por funcionários do escritório.

E a sede parecia sitiada. A aldeia mediática no grande plano que descia para a Granlandsleiret continuava a aumentar. Dois canais de televisão da Suécia resolveram assentar praça do outro lado da sede da polícia. Durante algum tempo, chegaram mesmo a impedir o trânsito na Akebergvein com dois autocarros de exteriores. Agora, já se encontravam na Borggata, perto da igreja, mas a rua lateral era tão estreita que os carros da polícia não podiam sequer sair do

estacionamento das traseiras por causa dos autocarros. Os suecos já tinham reclamado no departamento organizador durante três quartos de hora, até que chegou o momento em que Adam concluiu que não aguentava mais. Precisava de ar fresco.

Meteu qualquer coisa no estômago assim que teve a primeira oportunidade durante a tarde. Antes de chegar à sede, já tinha comido uma pizza do Peppe's. Havia caixas de papelão por todo lado. A polícia de Oslo, em dois dias, tinha se tornado o maior cliente de fast-food de todos os tempos.

Mas ele continuava com fome. Por isso, de vez em quando, dava umas palmadinhas no estômago para amenizar.

Há muito tempo que engordara. Sem se lembrar ao certo quando acontecera, da mesma maneira que os cabelos ficaram mais finos, Adam ganhou volume na cintura. O estômago caía, soberbo, por cima do cinto que ele desapertava assim que lhe parecia não estar a ser visto. Na última consulta ao médico da polícia, não comparecera, alegando não ter tempo. Andar também não lhe agradava. Em contrapartida, perfeitamente consciente do que estava fazendo, aceitou uma série de rotinas intermináveis, o que significava não ser chamado ao médico antes de um ano. Por vezes, quando acordava a meio da noite para ir ao banheiro, podia sentir o colesterol colar-se nas artérias tal como um limo horroroso e ameaçador. Parecia sentir, também, taquicardia e algumas picadas no coração e no braço esquerdo. Pela primeira vez na sua vida, ficava acordado toda a noite preocupado com a sua saúde.

Finalmente, ao chegar a manhã, compreendia que tudo não passava de imaginação e comia ovos com bacon ao pequeno-almoço como era seu hábito. Era um adulto alto e forte e devia comer bem. Em breve, voltaria a treinar. Bastaria arranjar tempo livre.

O telefone tocou.

— Johanne — sussurrou ele, deixando cair o aparelho. — O visor estava virado para o chão e ele não olhou para ele ao pegar no

telefone. E disse: Está?

— Alô? É Warren.

— Ah, sim. Tentei falar consigo.

— É por isso que lhe estou a ligar.

— Você mentiu sobre o homem apanhado pela câmara de vigilância.

— Menti?

— Sim. Você sabia quem era. O homem de terno era agente do *Secret Service*. Você mentiu. E isso não é nada agradável para nós.

— Posso entender.

— Nós o encontramos. Jeffrey Hunter.

Do outro lado da linha, fez-se silêncio. Silêncio completo. Adam atraiu o olhar de um ganso, com o seu andar instável, as penas do rabo balançando várias vezes antes de se acomodar sobre um grande tufo de relva, a uns dois metros da família, como se estivesse de vigilância numa torre. Um reflexo de luz atingiu o seu olho negro que nem carvão. Adam tentou proteger-se melhor com o casaco, mas este era demasiado pequeno. Deixou que Warren se recompusesse.

— *Shit* — disse o sujeito, finalmente.

— De fato, é o que se pode dizer. O homem está morto.

Acreditamos que foi suicídio. Mas, sobre isso, ninguém melhor que você para saber.

Novamente, o homem ficou em silêncio.

O ganso não deixava de olhar para Adam. Grasnava baixo e repetidamente como que para avisá-lo que continuava vigilante.

— Acho que é melhor nos encontrarmos — sugeriu Warren de repente.

— São quase onze horas.

— Dias como este nunca acabam.

Agora foi a vez de Adam ficar em silêncio.

— Uma reunião daqui a dez minutos — insistiu Warren. — Salhus, você e eu. Ninguém mais.

— Não sei quantas vezes tenho de lhe explicar que esta é uma investigação da polícia — disse Adam, resignado. — O chefe de polícia ou alguém escolhido por ele tem de estar presente.

— Se você acha isso — disse Warren friamente. Era como se Adam o pudesse ver a encolher os ombros numa atitude de arrogante indiferença.

— Vamos marcar para as onze e quinze?

— Venha até a sede da polícia. Estarei lá em dez minutos. Depois, veremos se o chefe e Salhus estarão disponíveis.

— Vão ter que estar — disse Warren, desligando.



Adam sentou-se e viu o visor do telefone escurecer após alguns segundos. Sentiu uma estranha irritação. O estômago dava sinais de azia e doía-lhe. Estava com fome.

E furioso.

Primeiro, porque ele é que devia estar zangado com Warren. No entanto, o americano de uma maneira inexplicável tinha conseguido virar o bico ao prego. Adam ficara novamente por baixo. Era como se Warren, no fundo, achasse que não dependia de ninguém, precisamente como o país de onde vinha. E por isso não precisava ter vergonha de ter sido apanhado mentindo, uma mentira pura e simples.

O telefone tocou de novo.

Adam engoliu em seco ao ver o nome de Johanne no visor brilhando a azul. Deixou que tocasse quatro vezes, sentindo o ruído atingi-lo diretamente no tímpano. De fato, sentiu a tensão arterial subir. Tentou respirar fundo, calmamente, antes de pressionar o botão verde.

— Olá — atendeu ele em voz baixa. — Estás a telefonar tarde.
— Olá — disse ela no mesmo tom de voz. — Como está?
— Estou bem. Cansado, claro, mas isso todos estamos.
— Onde você está?
— E você, onde está?
— Adam — disse ela calmamente. — Lamento aquela nossa conversa hoje de manhã. Fiquei ferida, triste, zangada e...
— Tudo bem. O importante é eu saber onde vocês estão. E quando vai voltar para casa. Posso ir buscá-las dentro de... mais ou menos uma hora. Duas, talvez.
— Não pode.
— Eu quero...
— Já são onze horas, Adam. Sabe muito bem que é um absurdo acordar Ragnhild no meio da noite.

Adam pressionou os olhos com o polegar num deles e o indicador no outro. Não disse nada. Havia anéis e pontos vermelhos a dançar na escuridão vazia por trás das pálpebras. Sentia-se mais pesado que nunca. Era como se toda a gordura excessiva no seu corpo se tivesse transformado em chumbo. O banco magoava-o na coluna e a perna direita estava a ficar dormente.

— De qualquer maneira, pelo menos posso saber onde vocês estão?

— Simplesmente, não posso dizer.
— Ragnhild é minha filha. Tenho o direito e o dever de saber onde ela está. Sempre.

— Adam...
— Não! Não posso obrigá-la a voltar para casa, Johanne. Tem razão também ao dizer que é uma tolice acordar Ragnhild no meio da noite. Mas eu quero... Eu quero saber onde vocês estão!

O ganso acordou e bateu levemente as asas. Dois outros gansos também acordaram e fizeram o mesmo.

— Aconteceu uma coisa — disse Johanne. — Uma coisa que...

— Está tudo bem?

— Sim, sim — respondeu ela rapidamente e em voz alta. — Está tudo bem conosco, mas não posso dizer onde estamos, por muito que queira. Está bem?

— Não.

— Adam...

— Não pode ser, Johanne. Você e eu não fazemos isso. Nós não podemos ir embora com nossa filha e nos recusarmos a dizer onde estamos. Isso, simplesmente, não combina conosco.

Ela ficou em silêncio do outro lado da linha.

— Se eu disser onde estou — acrescentou ela finalmente —, jura que não vem aqui antes de eu dizer para vir?

— Na verdade, estou cheio dessas promessas que exige que eu faça — disse ele, tentando respirar com calma. — A convivência entre adultos não se faz dessa maneira! As coisas acontecem e tudo muda. Não se pode fazer promessas ao acaso e...

Conteve-se ao perceber que Johanne chorava. Os soluços, ainda que pouco audíveis, resultavam num som característico ao telefone, e ele sentiu um calafrio percorrer-lhe a coluna de alto a baixo.

— Está mesmo tudo bem? — perguntou ele com a respiração suspensa.

— Aconteceu uma coisa — disse ela, fungando. — Mas prometi não contar nada. Não tem nada a ver com Ragnhild nem comigo, portanto, pode ficar...

O choro tomou conta dela. Adam tentou se levantar do banco, mas o pé direito tinha adormecido totalmente. Fez uma careta, apoiou-se nas costas do banco e levantou-se para repor a circulação no pé dormente.

— Minha querida — disse ele suavemente. — Prometo. Não vou procurar você antes de me dizer e não vou fazer mais perguntas. Mas onde você está?

— Estou na casa da Hanne Wilhelmsen — disse ela, soluçando.
— Na Krusesgate. Não sei o número, mas pode se informar facilmente.

- Como? Que diabos está fazendo aí...
- Você prometeu, Adam. Prometeu não...
- Está bem — disse ele rapidamente. — Está bem.
- Então, boa noite.
- Boa noite.
- Fique...
- Fique bem.
- Amo você.
- Hum.

Ele ficou em pé com o telefone colado ao ouvido muito tempo depois de ela ter desligado. Tinha começado a chover a potes. Sentia ainda que um dos pés formigava.

A família de gansos já tinha ido embora nadando. Não ousavam mais ficar perto dele.

Por que sempre me deixo enrolar?, pensou ele, começando a andar, mancando, na direção da igreja, a Mariakirken, pisando a grama úmida recém-nascida. *Por que sou sempre eu a ceder? Sempre!*

28.

— Aqui? Esta porta?

Silje Sorensen mantinha o olhar fixo no assustado homem de trinta anos tentando controlar a irritação.

— Tem certeza de que é esta a porta certa?

Ele confirmou freneticamente.

É claro que ela percebia o medo do homem. Era originário do Paquistão, mas tinha a cidadania norueguesa. Toda a papelada estava em ordem.

Pela parte dele.

No que dizia respeito à mulher paquistanesa com quem se tinha casado recentemente, a situação era pior. Tinha sido deportada da Noruega depois de ter residido ilegalmente no país em adolescente. Um ano mais tarde, fora presa em Oslo, no Gardermoen, com papéis falsos e uma pequena dose de heroína na bagagem. Ela protestou, dizendo que tinha sido obrigada por um traficante que agora ia matá-la. Estranhamente, foi punida apenas com nova deportação. Desta vez, para sempre, o que não evitou que o seu pai a casasse com um primo em segundo grau com passaporte norueguês. Tinha entrado na Noruega algumas semanas antes, atravessando o estreito de Svinsund numa manhã bem cedo, escondida atrás de quatro paletes com latas de molho de tomate num atrelado vindo de Espanha.

“Ali Khurram deve realmente gostar dela”, pensou Silje Sorensen, olhando para a porta que ele tinha indicado. Por outro lado, o pavor que ele parecia ter quanto ao destino da mulher podia ter origem naquilo que o pai dela lhe poderia fazer. Apesar de morar em Karachi, a quase seis mil quilômetros de distância de Oslo, o sogro de Ali Khurram já tinha conseguido atirar com dois advogados para cima do departamento de Silje Sorensen. Surpreendentemente, os

dois eram do tipo compreensivo. Entenderam que o homem que tinha contrabandeado a presidente dos Estados Unidos da América num saco de roupa suja devia uma explicação à polícia. Sob forte recomendação de manter estrito sigilo, com o que eles concordaram, tiveram acesso a uma pequena parte do material da investigação. Um dos advogados, que também era originário do Paquistão, teve depois uma curta conversa em voz baixa com Ali Khurram em urdu. Valeu a pena. Khurram limpou as lágrimas e dispôs-se a indicar o lugar na cave onde estacionara o carro da limpeza.

Silje Sorensen olhou mais uma vez a planta do arquiteto. Era difícil trabalhar com a enorme planta. O seu assistente pegou numa das pontas, mas o papel dobrou-se ao meio entre elas.

— Não é aqui — disse o assistente, tentando dobrar a parte do papel que não interessava.

— Mas será que estamos no corredor certo?

Silje olhou em volta. A luz de néon dos tubos no teto era fria e desagradável. O corredor era comprido e terminava na porta que dava para a escada traseira e que conduzia ao rés-do-chão, dois andares acima de onde se encontravam.

— Existem dois níveis no porão do hotel — disse um homem de meia-idade que, nervosamente, cofiava o bigode ralo. — Este é o de baixo. Portanto, é o corredor certo.

O homem era o chefe da manutenção do hotel e parecia estar prestes a sujar as calças. Os pés não paravam no lugar e ele não deixava o bigode em paz.

— Mas este corredor não está na planta — disse Silje, olhando profundamente cética para a porta, como se a localização desta estivesse em contradição com todas as leis e regras.

— Que planta tem, afinal? — perguntou o chefe da manutenção, tentando encontrar a data.

— O que quer dizer com isso? — perguntou o assistente, que, por sua vez, tentava endireitar novamente o papel pouco manobrável da

planta.

— Ele disse que trabalhava para o *Secret Service* quando pediu o número do meu celular — afirmou Ah Khurram, agitado. — Eu não podia saber que... Ele mostrou-me o crachá e tudo! Uma dessas coisas como na televisão, com fotografia e estrelas e... Ele combinou comigo que eu devia subir assim que ele telefonasse. Subir imediatamente, disse ele! Confirmou que era do *Secret Service* e tudo! Eu não podia saber que...

— Devia ter contado tudo assim que compreendeu o que estava acontecendo — disse Silje friamente, virando-lhe as costas. — Você devia ter dado o alarme de imediato. Está entendendo?

Esta última parte era dirigida ao chefe da manutenção.

— Sim, senhora — continuou Ali Khurram. — Estou com medo por isso... O que vai acontecer com minha mulher? Vai ter que embarcar já? Será que ela não pode...

— Não vamos tratar disso agora. Já lhe disse isso mais de uma vez — declarou Silje, levantando a mão. — Você já explicou a situação por horas. E a situação não fica melhor por insistir em falar dela, nem para você nem para sua mulher. Fique ali e de boca fechada.

Ela apontou para um ponto no corredor alguns metros adiante. Ah Khurram obedeceu e embrenhou-se pelo corredor. Mantinha as mãos no rosto e murmurava qualquer coisa em urdu. O assistente de uniforme seguiu-lhe os passos.

— Você tem a planta errada — disse o chefe da manutenção finalmente. Esta planta aqui é a original, quando o hotel foi construído. Ficou pronto em 2001. Nessa altura, esta porta não existia.

O homem esboçou um sorriso que, na realidade, se destinava a desanuviar o ambiente, como se a porta não fosse um problema agora que o mistério da planta errada estava resolvido.

— Planta errada? — perguntou Silje secamente.

— Sim — disse o chefe da manutenção, ansioso. — Ou... Esta porta, na realidade, não está marcada em planta nenhuma. Durante os trabalhos de construção da ópera, quando foram usados explosivos para preparar o terreno, recebemos ordens para abrir uma porta que desse para o silo ao lado. Se alguma coisa acontecesse...

— Que silo? — perguntou Silje, já cansada.

— Esse — afirmou o chefe da manutenção apontando a parede.

— Esse? Esse aí?

Silje Sorensen era uma personagem rara: uma policial muito rica. Ela fazia tudo o que lhe era possível para esconder sua maior fraqueza, a arrogância, consequência de uma infância muito mimada e da herança de grande riqueza. Neste momento, porém, era difícil disfarçar.

O chefe da manutenção era um idiota.



O casaco era de mau gosto. Cor de vinho, péssimo corte. A calça estava lustrosa nos joelhos. O bigode era ridículo. O nariz era pequeno e curvo, parecido com o bico de uma ave. Além disso, ele a bajulava. Apesar de a situação ser grave, sorria constantemente. Silje Sorensen sentia quase asco físico pelo homem e quando ele colocou a mão no braço dela, num gesto amistoso, ela o retirou de imediato.

— Esse aí — continuou ela, tentando baixar o seu tom de voz. — Isso é um pouco impreciso, não acha? O que quer dizer?

— O silo da Estação Central — explicou ele. — Um silo para a população em geral. Não existe nenhuma passagem do hotel para lá. É preciso dar a volta. Se os hóspedes...

— Você acabou de dizer que essa porta dava lá — interrompeu ela engolindo em seco.

— Ah, sim — concordou ele, ainda sorrindo. — Essa aí, sim! Mas não é usada. É apenas um extra que recebemos de mão beijada. Quando dinamitaram o solo para construir a ópera...

— Já disse isso — interrompeu ela de novo, passando a mão pela ombreira da porta com um acabamento muito grosseiro. — Por que não existe maçaneta na porta?

— Como disse, não estava previsto que essa porta fosse usada. Mandaram abrir uma passagem para o silo. Por uma questão de segurança, retiramos a maçaneta. Pelo que sei, a porta não foi incluída na planta.

Ele coçou a nuca, inclinando-se para a frente. Silje não podia compreender que a porta funcionasse como saída de emergência em caso de acidente se não era possível abri-la, mas não aguentava mais continuar a investigação por ali. Estendeu a mão e pegou a maçaneta solta que o chefe da manutenção tinha retirado de um saco volumoso com a marca do hotel.

— A chave — ordenou ela, colocando a maçaneta no devido lugar.

O chefe da manutenção obedeceu. Demorou apenas alguns segundos para abrir a porta. Ela teve o cuidado de que não deixar as suas impressões digitais. Os técnicos já estavam trabalhando no sentido de ver se havia algumas outras impressões digitais. A seguir, abriu a porta. O cheiro forte de gases de escape dos carros estacionados atingiu-os. Silje Sorensen ficou parada no lugar, não querendo entrar no estacionamento, mas perguntou: — A saída para a rua é por ali, certo?

Ela apontou para a direita, na direção leste.

— Sim. E posso acrescentar que... — Ele sorriu, um sorriso ainda mais aberto, parecendo que o seu nervosismo diminuía ao continuar: — O *Secret Service* veio inspecionar esta área. Estava tudo em ordem.

O hotel chegou mesmo a fornecer-lhes um duplicado da maçaneta e da chave. Tanto da porta como do elevador. Fizeram um trabalho completo e impressionante.

Examinaram o hotel de cima a baixo vários dias antes de a presidente chegar.

— Quem é que ficou com a chave e a maçaneta? — Silje fez a pergunta sem se virar.

— O *Secret Service*.

— Quem do *Secret Service*?

— Ah, quem?...

O chefe da manutenção sorriu ainda mais.

— Havia muitos aqui no hotel. Não me lembro de todos os nomes.

Naquele momento, Silje Sorensen se virou. Fechou a pesada porta, trancou-a com a chave, retirou a maçaneta que meteu juntamente com a chave em sua própria bolsa. De um compartimento lateral, retirou um papel que mostrou ao chefe da manutenção.

— Este aqui?

O homem esticou a cabeça e olhou para o papel, sem mexer o corpo de lugar. Parecia um abutre.

— É ele mesmo! Tenho dificuldade com nomes, mas nunca esqueço uma cara. Talvez seja por deformação profissional. No ramo da hotelaria...

— Tem certeza?

— Sim, claro! — O chefe da manutenção voltou a sorrir. — Lembro-me muito bem dele. Um cara muito agradável. De fato, estive aqui duas vezes.

— Sozinho?

O homem pensou um pouco.

— Sim...

Refletiu ainda mais um pouco.

— Eles eram tantos. Mas estou quase certo de que foi ele quem revistou sozinho essa parte da cave. Não contando comigo, que estava com ele, claro. Mas eu escrevi...

— Muito bem — disse Silje, voltando a guardar a foto de Jeffrey Hunter na carteira. — Alguém esteve aqui depois disso?

— O que quer dizer com depois disso? Depois do desaparecimento?

— Sim.

— Não — disse o chefe da manutenção. — Nas horas que se seguiram à descoberta do desaparecimento da presidente, o hotel foi inteiramente revistado. Não tenho certeza absoluta de que tenham estado aqui, visto que eu estava no escritório com um polícia a controlar tudo por meio dessa planta — a mão dele apontou para os desenhos que se viam pela abertura da carteira de Silje —, dando ordens a uns e a outros. Além disso, os andares da cave estavam fechados.

— Fechados? A cave?

— Naturalmente. Por motivos de segurança — as palavras soaram como um chavão, uma frase que ele repetia centenas de vezes por dia e que, portanto, tinha perdido todo o conteúdo — fechou-se o andar de baixo da cave bem antes de a presidente chegar. Eu entendi que o *Secret Service* queria... minimizar todos os riscos. Além de partes dos andares oito e nove. E a isso que se chama *minimal risk... minimizing risk...*

Ele procurava encontrar a palavra certa que tinha acabado de aprender em inglês.

— Minimizar a zona de risco — disse ele em norueguês, satisfeito. É normal isso acontecer. Nesses círculos. Muito racional e razoável.

— Portanto, a polícia, simplesmente nem precisou de vir aqui abaixo disse Silje, lentamente. — Nas horas que se seguiram ao sequestro, quero dizer.

— Não.

Ele olhou novamente para ela como se estivesse inseguro quanto ao que Silje queria como resposta. Olhava-a fixamente sem fazer a mínima ideia.

— Portanto, os andares da cave ficaram inacessíveis. Fechados à chave. O elevador só podia ser utilizado até aqui abaixo usando a chave. Nenhum hóspede pode vir aqui, isso você entende, claro. Os equipamentos tecnológicos e... Ah, bem, você entende. O *Secret Service*, claro, tinha as chaves, mas ninguém mais. A não ser eu e os meus subordinados que...

— Foi feita a revista segundo esta planta? — perguntou Silje Serensen, tocando com a mão os desenhos que estavam na sua carteira.

— Não, esses são os desenhos originais. Usamos as plantas mais recentes em que a suíte presidencial, depois de modificada, está incluída. Mas as plantas dos andares da cave são as mesmas de sempre, iguais à que você tem aí... — Ele apontou para os desenhos na carteira dela. — A planta é igual. Quer dizer, a planta da cave. Nas duas plantas.

— E nenhuma das duas tem esta porta desenhada — disse Silje mais uma vez, como se esse pormenor fosse demasiado grave para ser verdadeiro.

— Nós cooperamos em tudo com a polícia — assegurou o chefe da manutenção. — Uma cooperação total e bem próxima, tanto antes quanto depois do sequestro.

Meu Deus, pensou Silje, engolindo em seco. Nós éramos muitos. Havia gente demais e uma confusão diabólica. Não se podia acessar a cave, estava fechada. Segundo as plantas, não havia saída. A polícia tentara encontrar uma saída por onde os sequestradores tivessem fugido e tudo era apenas caos. Não encontramos esta porta porque não a procuramos.

— Posso ir para casa, agora? — pediu Ah Khurram que continuava de pé, esperando a alguns metros de distância, bem junto

da parede de cimento. Agora, acho que já posso ir, não?

— Homens como você conseguem sempre me espantar — disse Silje Sorensen, pensativa, sem desviar o olhar do desesperado homem. — Não entende nada, não é? Acredita, realmente, que pode cometer um crime quando quiser e depois pode ir para casa, para os braços da sua mulher, como se nada tivesse acontecido? Acredita mesmo nisso?

Ela deu um passo à frente. Ali Khurram não disse mais nada. Olhou de viés para o assistente. O policial era alto, chamava-se Khalid Mushtak e tinha saído da Escola de Polícia dois anos antes como o melhor da classe naquele ano. Seus olhos se fecharam e o pomo-de-adão revelava que ele engolia em seco, pesadamente. Mas também não disse nada.

— Quando falo de gente como você — disse Silje, rapidamente, desenhando grandes aspas no ar —, não queria apontar você. Queria apontar, sim, para essa gente que não aprendeu como funciona nosso sistema. Que não entende como...

Interrompeu-se. Um ruído contínuo produzido pelas pás do enorme ventilador de teto era o único som que se ouvia. O chefe da manutenção, finalmente, tinha deixado de sorrir. Khurram já não soluçava mais. Khalid Mushtak olhava fixamente para ela, sem dizer uma palavra.

— Desculpe — disse Silje Serensen, finalmente. — Peço perdão. Foi um absurdo o que acabei de dizer.

E estendeu a mão para o assistente. Ele não a apertou.

— Não é a mim que deve desculpas — disse ele num tom de voz neutro, apontando para o preso. — E àquele cara ali. Mas vai ter muitas oportunidades de fazer isso. Acho que ele vai ficar detido por algum tempo.

O sorriso que ele lhe dirigiu enquanto algemava o paquistanês não era frio nem de desprezo. Era de piedade.

Silje Sorensen já não se lembrava da última vez em que se tinha sentido uma completa idiota. Mas pior ainda era pensar que havia um caminho de fuga do Hotel Opera que ninguém conhecia a não ser um agente do *Secret Service* que se tinha suicidado.

“Possivelmente por vergonha”, pensou ela, sentindo que corava.

Ainda pior era saber que se tinha passado um dia e meio antes de ser encontrada essa saída secreta.

— Uma merda de uma porta — murmurou ela que, normalmente, nunca dizia palavrões. — Subiu a escada atrás dos ombros largos de Khalid Mushtak.

— Levamos quarenta horas para encontrar essa porta. O que há mais por aí que ainda não tenhamos encontrado?

29.

— Uma porta. Foi encontrada uma porta.

Warren Scifford passou a mão nos olhos. Os cabelos pareciam molhados como se tivessem sido lavados há pouco tempo. E tinha trocado o terno por umas jeans e pulôver azul-escuro bem largo. No peito, a palavra YALE em letras enormes. As botas pareciam de pele de cobra verdadeira. Aquela maneira de vestir fazia-o parecer mais velho do que quando usava terno. A pele flácida no pescoço sobressaía naquele uniforme escolar. O bronzeado já não lhe dava um ar esportivo e fresco. Pelo contrário. A roupa juvenil emprestava um jeito de desespero a toda a sua figura, aumentado ainda por uma pele incomumente escura para a estação do ano. Sentado, tinha cruzado as pernas e a biqueira da bota da perna balançava nervosamente. Aliás, parecia que estava prestes a dormir. Apoiado no braço da cadeira, parecia mais deitado do que sentado nela.

— Uma porta que notoriamente foi vistoriada pelo *Secret Service* — disse Adam Stubo. — Por Jeffrey Hunter. Quando descobriram que ele estava desaparecido?

Warren Scifford corrigiu lentamente sua posição. Pela primeira vez, Adam notou que ele se tinha ferido na orelha esquerda. O cheiro da sua loção pós-barba era demasiado forte.

— Ele avisou que estava doente — disse o americano finalmente.

— Quando?

— Na manhã do dia 16 de maio.

— Portanto, ele já estava aqui antes da chegada da presidente à Noruega?

— Sim. Ele era o principal responsável pela segurança do hotel. Chegou aqui no dia 13.

O chefe de polícia Bastesen mexia o café. Olhava fascinado para o redemoinho na xícara.

— Eu achava que esses caras eram inteiramente incorruptíveis — murmurou ele em norueguês. — Não admira que tenhamos encalhado totalmente.

— Desculpe? — disse Warren Scifford, nitidamente irritado.

— Quer dizer que ele avisou que estava doente — interferiu Adam rapidamente.

— Muito grave? Ou não? O responsável pela segurança do hotel, doze horas antes de a presidente chegar, pedir licença deve ser um caso muito grave. Presumo que...

— O *Secret Service* tem muita gente — interrompeu Warren. — Além disso, tudo caminhava como previsto. O hotel tinha sido revistado, partes dele já estavam fechadas, os equipamentos instalados. O *Secret Service* nunca falha. Para a maioria dos casos, há ainda um plano de contingência, um plano B, por impensável que isso possa parecer.

— Temos que admitir, no entanto, que neste caso falharam — disse Adam. — Quando um de seus próprios agentes especiais participa do desaparecimento da presidente dos Estados Unidos...

A sala ficou em silêncio. O diretor-geral do Serviço de Segurança norueguês, Peter Salhus, desenroscou a tampa de uma garrafa de Cola-cola. Terje Bastesen, finalmente, pousou sua xícara de café.

— Consideramos que é um caso muito sério — disse ele, tentando atrair a atenção do americano. — Vocês deviam ter percebido, já na fase inicial, que um dos seus homens estava envolvido. Que vocês tenham...

— Não — disse Warren, bruscamente. — Nós não percebemos... — Warren se conteve. Mais uma vez, passou a mão pelos olhos. Parecia querer escondê-los. — O *Secret Service* só soube que Jeffrey Hunter estava fora ontem à noite — disse ele, após uma pausa tão longa que uma das secretárias teve tempo de entrar com mais uma pizza morna e uma embalagem com garrafas de água mineral. — Havia outras coisas em que pensar. E, sim, ele estava com uma

doença grave. Prolapso. O homem não podia se mexer. Tentaram enchê-lo de analgésicos na manhã do dia 16, mas ele não conseguia fazer nada a não ser ficar deitado cochilando na cama.

— Isso foi o que ele disse.

Warren olhou para Adam, confirmando com um aceno.

— Sim, foi isso que ele disse.

— Ele consultou um médico?

— Não. Nossos homens têm conhecimentos de medicina. Um prolapso é um prolapso e não há nada a fazer a não ser descansar e se submeter a uma eventual cirurgia. De qualquer forma teria que ser adiada para depois da visita da presidente.

— Um raios X teria revelado seu estado.

Warren achou que não precisava responder. Debruçou-se sobre a pizza, franziu o nariz e não pegou em nenhum pedaço.

— E quanto a nós, no FBI — disse ele, pegando uma garrafa de água —, não sabíamos de nada antes de vocês me mostrarem o filme. À tarde. Depois disso, naturalmente, fizemos nossas investigações. Com o que o próprio *Secret Service* concluiu...

Warren levantou-se e foi à janela. Estavam na sala do chefe de polícia, no sétimo andar, com uma magnífica vista para mais uma noite cinzenta de Maio. As luzes na aldeia mediática no campo relvado por baixo da janela estavam agora mais fortes e o número de pontos de luz não parava de aumentar. Faltava pouco menos de uma hora para escurecer totalmente, mas o local já estava banhado com iluminação artificial. As árvores ao longo da alameda que levava à cadeia desempenhavam o papel de um muro na direção da escuridão do outro lado do parque.

Ele bebeu um pouco de água, mas não disse nada.

— Poderia ser uma questão pura e simples de dinheiro? — perguntou Peter Salhus em voz baixa. — Dinheiro para a família?

— Teria sido mesmo uma questão tão simples — disse Warren para o seu próprio reflexo no vidro da janela. — Eram as crianças.

Numa casa geminada entre Baltimore e Washington DC vive agora uma viúva desesperada, que reconhece que ela e o marido fizeram algo terrível. Têm três crianças. O mais novo é autista. Dadas as circunstâncias, está bem. Recebe educação especializada. Isso é caro e Jeffrey Hunter deve ter se preocupado com cada centavo gasto, a fim de fazer com que as contas batessem. Mas nunca aceitou suborno. Nada o indica. Mas o filho foi sequestrado duas vezes, sem aparato, nos últimos dois meses. De ambas as vezes, apareceu antes que se fizessem grandes tentativas para o encontrar, mas muito depois de os pais terem entrado em pânico. A mensagem era clara, evidente: “Faça o que lhe pedirmos em Oslo, caso contrário, o seu filho desaparecerá para sempre.” Peter Salhus parecia realmente chocado ao perguntar:

— Mas seria possível que um experiente agente do *Secret Service* se deixasse pressionar a esse ponto? Ele não podia simplesmente tomar medidas para que a família tivesse a devida proteção? Se há alguém que pode enfrentar essa ameaça, esse alguém é evidentemente um agente do estado!

Warren continuava de costas para eles. O tom da sua voz era neutro, como se não suportasse estar envolvido naquela história.

— Na primeira vez, eles levaram o menino da escola. Para começo de conversa, isso devia ser impossível. Tanto as escolas públicas quanto as particulares, como era o caso, são totalmente histéricas em relação ao problema da segurança dos alunos. Mas o sequestro foi possível, sim, para alguém. Depois, o menino teve que ficar escondido em casa de uma antiga colega de escola da mãe na Califórnia. Era nessa casa que ele tinha aulas. Nem mesmo a irmã sabia onde ele estava. Numa tarde, desapareceu dessa casa. E ficou desaparecido durante quatro horas, sem que a amiga ou qualquer outra pessoa soubesse ou pudesse explicar como tudo tinha acontecido. Mas a mensagem foi bem clara. — Com uma gargalhada curta e seca, Warren virou-se novamente e voltou para o seu lugar.

— De qualquer maneira, acabaram por encontrar o rapaz. Jeffrey Hunter sentiu que não tinha escolha. Mas não conseguiu viver com a traição. A vergonha. Estava absolutamente certo de que mais tarde ou mais cedo seria descoberto o seu envolvimento. De que alguém veria o filme da câmara de vigilância com imagens após o sequestro.

— Depois, deve ter vagueado pelas ruas de Oslo até que se fez suficientemente tarde para se sentar no autocarro que o levaria para aquele bosque resumiu Bastesen.

— Ainda andou um pouco, desceu para uma vala e matou-se com a sua própria pistola de serviço. Não podia estar a sentir-se muito bem, o pobre diabo. Subir na direção de Skar e saber que teria apenas alguns minutos mais de vida. Saber que nunca mais iria...

Adam sentiu uma leve coloração vermelha subir pelo seu rosto perante o discurso vulgar do chefe de polícia e interrompeu-o intempestivamente: — O suicídio de Jeffrey Hunter poderá ser a explicação para o fato de não se ter ouvido nada da parte dos sequestradores? Eles disseram na mensagem deixada na suíte que nos contatariam.

— Duvido — disse Warren. — Jeffrey Hunter foi um mero instrumento. Ele só esteve envolvido na manobra para tirar a presidente do hotel.

— Devo contradizer a sua afirmação pelo menos num ponto — interveio Adam. — Eles sabiam como estava vestida a presidente e essa informação teve de vir de dentro.

— O que é que quer dizer? Sobre a roupa?

— Aqueles dois carros que andaram de um lado para o outro...

— Adam levantou dois dedos e interrompeu o que estava a dizer. — Aliás, nós já encontramos também o motorista do segundo carro. Por ele, ficamos a saber tão pouco quanto de Gerhard Staader. O mesmo tipo de bandido de segunda, o mesmo comportamento, o mesmo pagamento extraordinariamente elevado.

— Mas... a roupa? O que há?

— O casaco vermelho, as calças azuis muito elegantes, a blusa branca. As cores dos Estados Unidos e da Noruega. Quem quer que esteja por trás do sequestro devia saber que tipo de roupa vestia a presidente. Aquelas mulheres que se fizeram passar por ela usavam o mesmo tipo de roupa. Não exatamente, mas o suficiente para que a manobra para desviar a atenção dos sequestradores tivesse sucesso. Nós perdemos muito tempo e forças a procurar sombras. — Adam respirou fundo, hesitou e depois continuou: — Parto do pressuposto de que a *Madam President* tem cabeleireira e ajudante para se vestir que a acompanham durante a viagem. O que é que elas dizem?

Warren Scifford estava claramente com problemas. O seu rosto de jogador de póquer, que lhe permitia normalmente mentir sem pestanejar, mostrava agora sinais de cansaço e resignação. Parecia um homem menor. E Adam julgou até notar que os seus músculos faciais estavam tensos.

— Na realidade, estou até impressionado com o fato de ver a maneira consequente como você nos subestima — continuou Adam, num tom de voz baixo. — Você acha que nós já não pensamos nisso há muito? Acha que nós, desde o início, já não pensamos que se trata de um *inside job*? Não entende que, desde o início, quando começou a brincar a Mr. Secret, o que fez foi deitar achas para a fogueira?

— O vestuário da presidente para as diversas ocasiões está previsto numa pasta no computador — reagiu Warren em voz baixa.

— À qual qualquer um tem acesso. É isso?

— Não. Mas a secretária dela tem. E essa secretária tem uma relação muito próxima com Jeffrey Hunter. Eles são... Eram amigos. Simplesmente amigos. No início de Maio, durante um almoço informal na Casa Branca, eles conversaram sobre o dia nacional que vocês festejam aqui no país. Nós ouvimos a secretária, evidentemente, mas ela não conseguiu lembrar-se de quem trouxe o assunto à baila. De qualquer maneira, ficou claro que a presidente comprou muita roupa nova antes da sua primeira viagem ao

exterior. Entre outros itens, comprou um casaco para usar no dia nacional, precisamente com a cor vermelha da bandeira da Noruega. Alguém lhe disse que vocês são muito... sensíveis a essas coisas.

Um sorriso rápido, não correspondido pelos outros, passou pelo seu rosto.

— E vocês estão absolutamente seguros de que não existem outros elementos seus envolvidos nisto? Que Jeffrey Hunter agiu por contra própria?

— Tão seguros quanto é possível estar — disse Warren Scifford.
— Mas devo acrescentar, com todo o respeito e até pedindo desculpas, que não estou a gostar nada do caminho que esta reunião tomou. Não estou aqui para ser interrogado. Estou aqui para fornecer as informações necessárias para ajudar a encontrar a Presidente Bentley.

E para saber até onde os senhores já conseguiram chegar nesse propósito.

A sua voz denotava uma certa ironia, ao mesmo tempo que resolvia endireitar as costas, mudando de posição na cadeira. Terje Bastesen tossiu e resolveu colocar a eterna xícara de café sobre a mesa antes de falar. Mas Adam começou antes: — Não venha com essa, não!

A sua voz ainda era amistosa, mas os olhos saltavam das órbitas o suficiente para Warren pestanejar.

— Você recebe todas as informações do nosso lado — continuou Adam. Recebe essas informações assim que o encontramos, o que, aliás, nem sempre é fácil. Temos duas mil pessoas trabalhando... — De repente, interrompeu-se como se a quantidade de gente envolvida o surpreendesse. — Trabalhando neste caso, e esse número se refere apenas à polícia. Tem ainda gente dos ministérios, de várias instituições e até certo ponto os milha...

— Nós temos um total de sessenta e dois americanos — interrompeu Warren, sem elevar a voz — que neste momento tentam

encontrar quem sequestrou a presidente. Além disso...

— Não é uma competição!

Todos olharam para Peter Salhus, que se levantou. Adam e Warren olharam um para o outro como se fossem dois meninos apanhados em flagrante pelo reitor numa cena de pancadaria.

— Ninguém duvida de que este caso é de elevada prioridade para os nossos dois países — disse Salhus com uma voz mais grave do que habitualmente. E que vocês, americanos, estão com toda a certeza à procura de uma conspiração e de conexões mais amplas. Tanto a CIA como o FBI e a NSA têm assumido nas últimas vinte e quatro horas uma atitude, digamos, nova no que diz respeito à troca de informações e de resultado de investigações. Para dizer o mínimo, é uma atitude contraproducente, mas não é difícil para nós saber em que sentido vocês estão a trabalhar. Os grupos de investigação de toda a Europa acompanham o que está a acontecer. Também temos as nossas fontes, como certamente sabe. E é naturalmente uma questão de tempo, aliás, de pouco tempo, para que os próprios jornalistas dos Estados Unidos tomem conhecimento dos métodos que vocês usam.

Warren nem pestanejou.

— Esse é um problema seu — continuou Salhus, encolhendo os ombros.

— Do modo como eu interpreto as informações que recebemos, comparando-as com as que vocês não conseguiram manter longe do conhecimento público... — Neste ponto, Salhus inclinou-se e retirou da pasta ao lado da cadeira um papel. — *Forte limitação do tráfego aéreo* — leu ele. *Proibição total do tráfego aéreo de certos países, a maioria dos quais muçulmanos. Forte redução de funcionários nas instituições públicas. Escolas fechadas até novas ordens.* — Acenou com o papel antes de voltar a guardá-lo na pasta. — E podia continuar. O âmago da questão é óbvio. Vocês esperam novos ataques. Ataques bem mais complexos do que o sequestro da presidente.

Warren Scifford abriu a boca e levantou as mãos abertas.

— Pare de protestar — disse o chefe do Serviço de Segurança da Noruega com uma voz grave que vibrava de irritação controlada. — Sou obrigado a concordar com Stubo. Não nos subestime. — O forte dedo indicador ficou apenas a poucos centímetros do nariz do americano. — Lembre-se disso, lembre-se disso...

Warren franziu a testa e jogou a cabeça para trás. Salhus se aproximou mais, agitando o dedo.

— Lembre-se de que só nós, a polícia norueguesa, podemos resolver este caso. Este caso concreto. Nós, e apenas nós, temos a possibilidade de esclarecer como uma ação totalmente concreta, a de ter sido sequestrada a presidente americana do seu quarto no hotel em Oslo... pôde acontecer. Entendeu?

Warren continuou sentado absolutamente imóvel.

— Depois, vocês poderão continuar a tentar situar este acontecimento num contexto mais alargado, sem qualquer interferência da nossa parte. Entendeu-me?

O homem fez um sinal quase imperceptível de concordância. Salhus respirou fundo, afastou o dedo e continuou: — É incompreensível que vocês não só se recusem a ajudar-nos como ainda sabotem a investigação, não nos dando informações importantes como, por exemplo, a do desaparecimento misterioso de um agente do *Secret Service*.

Salhus continuava plantado diante do americano.

— Se uma senhora de idade, durante o seu passeio por um bosque, não tivesse perdido o seu tempo e descido a uma vala em Nordmarka e, depois, não tivesse caído inconsciente a poucos metros dali, ainda estaríamos às cegas à procura de um homem bem vestido. E não faríamos a menor ideia sobre...

Peter Salhus pigarreou e fez uma pausa como se fosse necessário concentrar-se para evitar uma atitude ainda mais drástica.

— Em conjunto com o chefe de polícia Bastesen, aqui presente, com o nosso ministro da Justiça e o nosso ministro dos Negócios Estrangeiros, apresentamos um protesto formal ao seu governo — continuou Peter Salhus, ainda de pé — e enviamos uma cópia para o *Secret Service* e para o FBI.

— Receio que o meu governo, o FBI e o *Secret Service* tenham coisas mais importantes com que se preocupar do que com esse protesto — afirmou Warren Scifford, num tom de voz neutro. — Mas não seja por isso. Façam como quiserem. Não posso evitar que vocês enviem a correspondência que quiserem e desperdicem tempo com isso.

Levantou-se de repente e pegou no casacão militar de cor verde que estava sobre o braço da cadeira.

— De uma maneira geral, acho que não tenho mais nada a fazer aqui. Já obtive toda a informação que podia obter. E vocês também já obtiveram alguma. Em outras palavras, foi uma reunião bem-sucedida.

Os três outros homens na sala foram de tal forma surpreendidos com a repentina atitude do americano que ficaram em silêncio. Warren Scifford foi obrigado a colocar a mão no braço de Salhus para o afastar do seu caminho.

— Aliás... — disse o americano, voltando-se depois de dar alguns passos e sem que, naquelas circunstâncias, os outros tivessem encontrado algo razoável para dizer.

— Você está errado a respeito de quem pode resolver o caso. O caso concreto, como você diz. Como se essa solução pudesse ser considerada independentemente do motivo, do planejamento, das consequências e das conexões.

Nos seus lábios, surgiu um largo sorriso. Mas o seu olhar não sugeria qualquer tipo de cortesia.

— Quem encontrar a presidente... — acrescentou ele. — Quem a encontrar poderá solucionar o caso. O caso completo. Continuo,

porém, a duvidar que sejam os senhores a encontrá-la. Isso, sim — olhou diretamente para Salhus —, preocupa o meu governo, o FBI e o *Secret Service*. Mas, de qualquer maneira, desejo-lhes boa sorte. E boa noite.

A porta fechou-se atrás dele com um pouco de força a mais.

30.

— Nós encontramos a presidente — sussurrou Johanne Vik. — E...

Ela não sabia o que dizer e sentia vontade de rir. Como esse riso seria tão indecente quanto dar uma gargalhada num funeral, conteve-se. Vieram-lhe as lágrimas aos olhos.

Sentia-se completamente exausta e o absurdo da situação não era menor pelo fato de Hanne continuar inquebrantavelmente presa à sua decisão de não dar o alarme.

Johanne tinha tentado tudo para a convencer a mudar de ideia, desde o bom senso ao raciocínio lógico, passando pela súplica e a pura chantagem. Nada deu certo.

— Uma mulher como Helen Bentley sabe o que deve fazer — disse Hanne, colocando cuidadosamente um cobertor sobre a presidente. — Ajude aqui, por favor.

A respiração de Helen Bentley era profunda e regular. Hanne colocou dois dedos no pulso dela, olhou para o relógio e contou. Os seus lábios moviam-se à medida que contava, até que voltou a colocar o braço da presidente sobre a sua perna.

— O pulso está regular e forte — sussurrou ela. — De fato, acho que ela está inconsciente. Dormiu. Totalmente exausta, mental e fisicamente.

Fez deslizar a cadeira para a sala contígua. No caminho, reduziu a iluminação rodando o comando eletrônico.

— Escuro!

A luz das lâmpadas foi diminuindo de intensidade até que ficou escuro. Johanne seguiu Hanne e fechou a porta. A sala onde estavam agora era menor.

Uma lareira a gás em aço escovado estava acesa no máximo, enchendo a sala de sombras vacilantes. Johanne deitou-se num sofá,

descansando a nuca no encosto macio.

— Helen Bentley não parece precisar de um médico — disse Hanne, deslizando a cadeira para junto do sofá. — Mas para maior segurança é melhor vigiá-la de hora em hora. Ela pode ter sofrido traumatismo craniano. Posso fazer o primeiro turno. A que horas Ragnhild costuma acordar?

— Por volta das seis — respondeu Johanne, bocejando.

— Então, vou fazer o primeiro turno. Assim, pode ficar sossegada algumas horas.

— Ótimo. Obrigada.

Mas Johanne não se levantou. Ficou olhando fixamente para o fogo, atrás da lenha artificial. Tinha quase um efeito hipnótico sobre ela, o fundo azul que se transformava com as chamas amarelas e alaranjadas.

— Sabe — disse ela, sentindo o perfume de Hanne —, acho que nunca encontrei uma pessoa assim.

— Como eu? — disse Hanne, sorrindo-lhe.

Johanne riu, encolheu ligeiramente os ombros e respondeu: — Como você também, claro. Mas no momento estava pensando em Helen Bentley. Lembro muito bem da campanha eleitoral. Quer dizer, acompanho sempre...

— Acompanha e muito — interrompeu Hanne Wilhelmsen, com uma breve gargalhada. — Tem um interesse doentio pela política americana! Sempre achei que meu fascínio pelo país era minha pior faceta. Mas você está muitos graus acima. Quer...

Hanne sacudiu a cabeça. Era como se tivesse pensado que a pergunta ultrapassaria a significativa fronteira entre amizade e companheirismo.

— Não acha que agora cairia bem um bom copo de vinho? — perguntou apesar de tudo. Mas se arrependeu. — Que besteira, já é muito tarde. Esqueça.

— Gostaria muito, cairia muito bem. Aceito e agradeço — completou Johanne.

Hanne fez deslizar a cadeira até um armário embutido na parede. Abriu-o tocando de leve no espelho, e sem hesitar pegou uma garrafa que fez com que Johanne ficasse de boca aberta.

— Essa não — disse ela rapidamente. — Vamos tomar só um copo!

— Esses vinhos são parte de um projeto da Nefis. Ela ficará satisfeita quando souber que eu também sei escolher um bom vinho.

Abriu a garrafa, colocou-a entre as pernas, pegou dois copos pelos pés, apoiou-os no colo com todo o cuidado, fechou o armário e fez deslizar a cadeira de volta. Depois, serviu duas doses generosas.

— Foi mesmo um milagre ela ter sido eleita — disse Johanne, provando o vinho em seguida. — Fantástico! O vinho, claro.

Levantou o copo para um brinde discreto e bebeu novamente.

— Em sua opinião, a que se deve a vitória dela? — perguntou Hanne. — Como ela conseguiu? Quando todos os comentadores políticos diziam que era demasiado cedo para uma mulher na presidência?

Johanne sorriu.

— Antes de mais nada, pelo fator X.

— Fator X?

— Aquele que não se consegue explicar. Fruto de virtudes que ninguém pode adivinhar. Ela tinha tudo. No pressuposto de que uma mulher teria alguma possibilidade de ganhar, essa mulher seria ela. E apenas ela.

— E Hillary Clinton?

Johanne saboreou e engoliu aquele pequeno gole que balançava na sua língua.

— Acho que este é o melhor vinho que já tomei — disse ela, olhando para o copo. — Era demasiado cedo para a Hillary. Ela própria o compreendeu. Mas pode voltar. Mais tarde. É uma mulher

saudável e poderá ter a sua oportunidade até chegar aos setenta anos, acho eu. Ainda falta bastante. A vantagem da Hillary é que, nessa altura, toda a sujeira já estará resolvida. No seu caminho para ser a *First Lady*, sua vida foi toda investigada. Para não falar dos oito anos na Casa Branca. Todo esse lixo já está longe há muito tempo. Mas ainda tem que ficar mais distante.

— Mas Helen Bentley também foi investigada até dizer chega — comentou Hanne, tentando se acomodar melhor na cadeira. — Foram atrás dela como hienas com sede de sangue.

— É claro. O fato é que não encontraram nada. Nada de significativo. Ela foi esperta e confessou logo que os anos de estudante não foram exatamente passados num convento. Disse-o antes que lhe perguntassem e fez essa declaração com um sorriso de orelha a orelha. Inclusive, piscando o olho. Para Larry King.¹ Ao vivo. Ao vivo. Acertou em cheio. Genial.

Ao levantar o copo de vinho contra a chama da lareira, pôde ver o espectro de cores do saboroso líquido, indo do vermelho-denso e intenso até o vermelho-claro, cor de telha, bem na borda superior.

— Helen Bentley, além do mais, serviu no Vietnã — comentou Johanne, rindo novamente. — Em 1972. Nessa altura, tinha vinte e dois anos. Inteligentemente, ela não mencionou nada antes de um ou outro passarinho, ou melhor, falcão, lhe perguntar bem no início, no processo de nomeação, se os Estados Unidos estavam de fato em guerra contra o Iraque. É que o Comandante em Chefe, necessariamente, tinha que ter experiência militar. O que, evidentemente, é pura conversa fiada. Veja o Bush! Pavoneou-se por toda a parte em uniforme da Força Aérea quando jovem e nunca pôs os pés ou as asas fora dos Estados Unidos. Mas sabe...

Já sentia a cabeça mais leve por causa do vinho.

— Helen Bentley virou o disco. Foi à televisão e afirmou solenemente que a razão de nunca ter mencionado os seus anos de

serviço no Vietnã era por respeito aos veteranos da guerra, aos mutilados e aos psiquicamente afetados. Que não queria usar como moeda eleitoral um serviço que ela prestara, basicamente, sentada atrás de uma máquina de escrever. Que fora para a guerra sem ser obrigada, mas por achar que era seu dever. Voltara como mulher mais adulta e mais experiente e considerava que a guerra, como um todo, tinha sido um erro fatal. Assim como a guerra no Iraque que ela no início apoiou e se transformou num pesadelo, para o qual será preciso encontrar uma saída honrosa e defensável, usando todas as forças disponíveis. O mais depressa possível.

Rapidamente, Johanne colocou a mão no copo, quando Hanne fez menção de servir mais vinho.

— Não, obrigada. Foi maravilhoso, mas tenho que ir já para a cama.

Hanne não insistiu, colocando a rolha na garrafa.

— Lembra de quando ficamos aqui sentadas vendo a cerimônia de posse da presidente? — perguntou ela. — E dissemos que quem aspira ao cargo de presidente tem que ser incompreensivelmente eficiente em planejar a vida? Lembra?

— Sim, eu me lembro — disse Johanne. — Na realidade, eu fiquei mais... entusiasmada do que você.

— Porque não é cínica como eu. Ainda se deixa impressionar.

— É impossível evitar — disse Johanne. — Hillary Clinton luta contra uma imagem de mulher dura, fria e obstinada...

— Nota-se que é uma coisa que ela tenta desesperadamente mudar.

— Sim. Definitivamente. Mas leva tempo. Bentley tem algo de...

— Ela sacudiu a cabeça e ajeitou o cabelo para trás das orelhas. Só nesse momento viu que os seus óculos estavam cheios de dedadas de Ragnhild. Tirou-os e limpou-os na ponta da camisa. — Indefinível — disse após uma pausa. — O tal fator X. Calorosa, bonita, feminina, ao mesmo tempo em que mostrou força na carreira e em sua

participação na guerra. Sem dúvida, ela é corajosa e tem muito inimigo. Mas sabe como lidar com eles... de maneira diferente?

Johanne voltou a colocar os óculos e olhou para Hanne.

— Percebes o que eu quero dizer?

— Sim — respondeu Hanne, acenando com a cabeça. — Em outras palavras, ela é boa na hora de enganar as pessoas. Até mesmo para levar os adversários a acreditar que os trata com o devido respeito. Mas não gostaria de saber o que há com ela?

— O que há com ela? O que quer dizer com isso?

— Não seja ingênua — disse Hanne, sorrindo. — Não acredita certamente que ela seja tão inocente quanto parece?

— Mas ela... Se houvesse alguma coisa, certamente alguém já teria descoberto. Os jornalistas americanos são os melhores... São os melhores do mundo nesse ponto.

Por estranho que fosse, pela primeira vez, durante o curto e frágil relacionamento entre as duas, Hanne sentia-se satisfeita. Era como se o fato de haver uma presidente americana inconsciente no seu sofá a fizesse sair da indefectível concha de amistosa contemporização de que normalmente se rodeava. Em todo o mundo, as pessoas prendiam a respiração com um medo crescente do que pudesse ter acontecido a Helen Lardahl Bentley. Enquanto isso, Hanne Wilhelmsen, aparentemente, saboreava o prazer de mantê-las na expectativa. Johanne não sabia como interpretar aquela situação. Ou se estaria gostando dela da mesma maneira.

— Cabeça dura — disse Hanne, dando uma gargalhada, inclinando-se para a frente e dando-lhe uma palmadinha na perna.

— Não existe uma única pessoa no mundo que não tenha alguma coisa de que sentir vergonha. Alguma coisa que receie que os outros saibam. Quanto mais alto estiver na escala social, maior é o medo de que seja descoberta qualquer falha, mesmo que ínfima, no seu passado. A nossa amiga lá dentro também terá cometido a sua falha.

— Vou para a cama — disse Johanne. — Fica?

— Sim — disse Hanne. — Pelo menos até você acordar. Talvez durma um pouco aqui na cadeira, mas tenho muita coisa para ler.

— Ou até Ragnhild acordar — corrigiu Johanne, bocejando e dirigindo-se à cozinha com seus chinelos emprestados para ir buscar água. Já na porta, virou-se. — Hanne — chamou, em voz baixa.

— Sim?

Hanne não virou a cadeira. Continuou na mesma posição, olhando para as chamas vacilantes da lareira. Tinha-se servido de mais vinho e já levantava o copo.

— Por que insiste em que não contemos a ninguém que ela está aqui?

Hanne pousou o copo na mesa. Rodou lentamente a cadeira na direção de Johanne. A sala estava às escuras, com exceção da luminosidade das chamas e de um resto de dia de Maio visível pelas janelas. O rosto dela parecia ainda mais magro no meio das sombras e os olhos assemelhavam-se a dois buracos negros.

— Porque prometi — disse Hanne. — Não lembra? Eu segurei a mão dela. Depois, ela desmaiou. Promessa feita é sagrada. Estamos de acordo?

Johanne sorriu.

— Sim — disse ela. — Sobre isso, pelo menos, estamos de acordo.

¹ Apresentador de um programa de entrevistas, talvez o mais famoso de todos, nos Estados Unidos. (N. do T.)

31.

O relógio marcava precisamente seis horas da tarde na Costa Oeste dos Estados Unidos.

Louise, a filha mais nova de Al Muffet, tinha tido permissão para fazer o jantar. Ela achava que a chegada do do devia ser comemorada. Depois da morte da avó, quase não tinham tido contato com os parentes do pai e, por isso, Louise insistiu. Al fechou os olhos, fazendo uma prece a todos os deuses dos cozinheiros e cozinheiras ao vê-la abrir o armário onde estavam as iguarias mais caras.

Lá se ia a pasta de fígado.

Neste momento, ela tirava a última lata de caviar russo de uma caixa que ele recebera de uma família que passava férias na cidade e cujo cachorro ele tinha curado de prisão de ventre.

— Louise — disse ele, condescendente. — Não é necessário gastar tudo o que temos. Contenha-se um pouco, por favor.

A garota fez beicinho, sentindo-se ofendida.

— Ainda que não ache que a família seja especial, eu considero que há motivos para oferecer o melhor no jantar, papai. E quem vamos convidar para comer essas coisas se não quando meu tio vem? É meu tio, papai! Meu tio de sangue!

Al Muffet encheu as bochechas de ar e deixou que este saísse lentamente.

— Lembre-se de que ele é muçulmano — murmurou Al. — Portanto, não come nada que contenha carne de porco.

— E você, papai, que gosta tanto de costeletas? Que vergonha!

Ele adorava vê-la rir. Tinha o riso da mãe, a última coisa que restara dela sempre que Al Muffet fechava os olhos e tentava reconstituir de memória a imagem da mulher, sem ver diante de si aquela sombra magra em que ela se tinha transformado nos seus

últimos meses de vida. Nunca chegara a recuperar da sua perda. Já não se lembrava do seu rosto. A única coisa que conseguia sentir era o aroma frágil de um perfume que ele lhe tinha dado quando ficaram noivos e que ela continuou a usar. E também não esquecia o riso. Era um riso melódico e sonoro como o repicar dos sinos. Louise tinha herdado esse riso. E, às vezes, ele fazia uma careta ou contava uma piada só para depois fechar os olhos e ouvir.

— O que está acontecendo aqui? — perguntou Fayed, assomando à porta. — É a cozinheira da família?

Ele dirigiu-se à bancada da cozinha e afagou os cabelos de Louise. Ela sorriu e começou a cortar uma berinjela.

Nem eu posso afagar os cabelos dela, pensou Al Muffet. Não se trata uma menina de doze anos dessa maneira, Fayed. Pelo menos, uma menina que mal conhece.

— Tem filhas muito bonitas — disse Fayed, levando para a mesa de carvalho no meio da sala uma garrafa de vinho que trouxera. — Achei que isso pode cair bem. Onde estão Sheryl e Catherine?

— Sheryl já tem vinte anos — murmurou Al. — Saiu de casa no ano passado.

— Oh — exclamou Fayed, abrindo uma gaveta e dando um passo para o lado a fim de recuperar o equilíbrio. — Existe algum saca-rolhas por aqui?

Al já sentia o cheiro do álcool. Quando Fayed se virou para ele, Al podia jurar que os olhos dele estavam úmidos e a boca parecia flácida.

— Você bebe? — perguntou ele. — Eu achava...

— Quase nunca — interrompeu Fayed, clareando a voz como se quisesse recompor-se. — Mas num dia como este... — Riu e deu um leve empurrão na sobrinha. — Vejo que quer festejar o dia de hoje como deve ser — disse ele. — Eu concordo. Trouxe presentes para todas. Podemos abri-los depois do jantar. É realmente fantástico ver todos vocês juntos!

— Até agora, a rigor, só encontrou dois de nós — disse Al, abrindo outra gaveta. — Mas Catherine está para chegar. Avisei-a que o jantar será servido às seis e meia. Ela teve um jogo esta tarde. Já deve ter terminado.

O saca-rolhas ficou preso numa peça da batedeira. Ele conseguiu desembaraçar as duas e entregou o saca-rolhas ao irmão.

— O que está dizendo? — inquiriu Fayed, alegre. — Minha sobrinha participa de um jogo e você não diz nada? Meus filhos não se interessam por isso. — Ele sacudiu a cabeça e fez uma careta de desagrado. — Nenhum deles. Não existe nenhum espírito de competição neles.

Louise sorriu, insegura.

Fayed abriu a garrafa e olhou em volta à procura de um copo. Al abriu um armário e tirou um, que colocou sobre a mesa.

— Você não quer — disse Fayed, espantado.

— É quarta-feira. Amanhã preciso me levantar cedo.

— Só um copo — disse Fayed. — Céus, você aguenta bem um copo. Não está satisfeito em me ver?

Al respirou fundo. Depois, pegou mais um copo e colocou-o ao lado do outro.

— Só um pouco — disse ele, apontando para um centímetro acima do fundo do copo. — Chega!

Fayed se serviu copiosamente e ergueu seu copo.

— Um brinde a nós mesmos — disse ele. — Pela reunificação da família Muffasa!

— Nós nos chamamos Muffet — disse Louise em voz baixa, evitando olhar para o tio.

— Muffet, Muffasa. É a mesma coisa!

E bebeu ainda mais.

Ele já está bêbado, pensou Al surpreso. O mais religioso de todos nós e o que nunca vi beber uma cerveja com os amigos! Chega de surpresa, sem

que eu tenha ouvido um ai seu nos últimos três anos. E, então, aparece e fica bêbado numa ocasião para a qual não o convidei.

— Agora podemos ir para a mesa — disse Louise.

Ela parecia perturbada, um estado de espírito a que não estava habituada. Era como se, de repente, tivesse compreendido que o tio não estava mais no controle dos sentidos. Quando ele se inclinou para lhe dar uma palmadinha nas costas, ela desviou-se com um sorriso forçado.

— Por favor, vamos — disse ela, apontando para a sala de jantar.

— Não vamos esperar Catherine? — disse Al, pedindo calma à filha.

— Ela deve estar chegando.

— Cheguei — exclamou alguém fechando a porta, que bateu com força. Nós ganhamos! Eu fiz um *home run*!

Fayed pegou o copo e dirigiu-se para a sala.

— Catherine — disse ele num tom afetuosos e parando no meio do caminho para admirar a sobrinha.

A garota de quinze anos parou de repente. Olhou para o homem que, pela aparência, podia ser confundido com seu pai, exceto pelo olhar lânguido e de difícil interpretação.

Além disso, ele usava um bigode de que ela não gostava. Era espesso e escondia o lábio superior.

— Olá — disse ela em voz sumida.

— Eu disse que talvez o tio Fayed viesse hoje nos visitar — comentou Al com forçada alegria. — E aqui está ele! E agora vamos sentar. Louise é a responsável pelo jantar que vamos comer.

Catherine sorriu discretamente.

— Antes, vou deixar minhas coisas no quarto. E lavar as mãos — disse ela, subindo a escada correndo.

Louise chegou da cozinha com dois pratos nas mãos e mais dois balançando nos antebraços.

— Está vendo... — disse Fayed. — Uma verdadeira profissional.

Sentaram-se os três. Catherine chegou com a mesma rapidez com que tinha subido. Os cabelos dela eram curtos. Tinha um rosto bonito, expressivo, e ombros largos.

— Quer dizer que joga *softball* — disse Fayed, para não ficar calado e metendo o primeiro naco de pasta de fígado na boca. — Seu pai jogava baseball. No seu tempo. Em épocas passadas. Não é verdade, Ali?

Ninguém chamava o pai de Ali desde que a avó morrera. As garotas trocaram olhares, estranhando. Al Muffet murmurou algo inaudível, a fim de parar a conversa sobre sua lastimável carreira esportiva.

Fayed esvaziou o copo. Louise fez menção de se levantar para ir buscar a garrafa na cozinha, quando o pai a impediu com um pequeno sinal de mão.

— Tio Fayed já bebeu o vinho que tinha que beber — disse ele delicadamente. — Aqui está um copo de água fresca.

Encheu um copo grande de água e colocou-o diante do irmão que estava na sua frente.

— Acho que posso beber mais um pouco de vinho — disse Fayed, sorrindo e sem tocar na água.

— Acho que não — disse Al, olhando incisivamente para ele.

Alguma coisa não combinava. Se Fayed bebia, isso podia depender, evidentemente, de uma mudança de atitude nos anos em que não tinham se visto. Mas era improvável. Além disso, parecia que não aguentava a bebida. Mesmo que já tivesse bebido alguma coisa antes de aparecer na cozinha. Ainda assim, um único copo de vinho, se bem que generosamente servido, tinha tido um efeito visível. Ele estava mais bêbado. Fayed, portanto, não estava habituado a beber. Al não conseguia entender seu comportamento.

— Não — concordou Fayed, pondo fim à penosa situação. — Tem razão. Não há mais vinho para mim. O vinho é bom em pequenas quantidades, mas perigosooooo em grandes.

Quando disse “perigoooooso”, acenou com o indicador num gesto exagerado para as duas sobrinhas, sentadas a seu lado na mesa de jantar.

— Como está a família? — perguntou Al com a boca cheia. — Como está a família?...

Fayed recomeçou a comer. Mastigava lentamente como se tivesse que se concentrar para acertar com os dentes.

— Na realidade, está bem. Oh, sim, está bem mesmo. Se é que alguém pode falar em estar bem neste país. Quero dizer, considerando as nossas origens étnicas.

Al ficou imediatamente em guarda. Deixou a faca e o garfo no prato e apoiou os cotovelos na mesa, enquanto se inclinava para a frente.

— Nós não temos nenhum problema — disse ele, sorrindo para as filhas.

— Eu também não estou falando de pessoas como você — disse Fayed que deixara de se exprimir com voz anasalada.

Al queria responder, mas não enquanto as filhas estivessem presentes. Perguntou se estavam todos satisfeitos com os aperitivos e começou a tirar os pratos. Louise seguiu-o em direção à cozinha.

— Ele está doente? — sussurrou ela. — Está muito estranho. Parece. E com reações intemporais.

— Imprevisíveis — corrigiu o pai. — Ele foi sempre assim. Mas não o julgue muito severamente, Louise. Ele nunca teve tantas facilidades como nós.

Fayed nunca se recuperou do 11 de Setembro, pensou ele. Estava subindo na hierarquia, tinha um emprego exigente e bem pago. Depois da catástrofe, houve uma parada instantânea. Foi com dificuldade que conseguiu manter seu lugar de chefe de departamento. Fayed é um homem amargo, Louise, e você jovem demais para enfrentar essa amargura.

— Na realidade, ele é uma pessoa de bem — disse ele, sorrindo para a filha. — E, como você mesma disse, é seu tio, carne da sua

carne.

Voltaram para a sala, cada um levando dois pratos com uma saborosa refeição de caviar e mousse de cebolinha cultivada em casa.

— ... e dessa injustiça eles nunca conseguiram se recuperar. E nunca vão conseguir.

Fayed sacudiu a cabeça e levou o dedo ao queixo.

— Do que estão falando? — perguntou Al.

— Dos pretos — respondeu Fayed.

— Dos afro-americanos? — inquiriu Al. — Você quer dizer dos afro-americanos.

— Dê o nome que quiser. Eles se deixam explorar. Está no gene. Nunca conseguirão ultrapassar isso.

— Esse tipo de conversa não é permitido aqui em casa — disse Al calmamente, colocando o prato diante do hóspede. — Sugiro que mudemos de assunto.

— Tem a ver com genética — disse Fayed, sem se deixar influenciar. — Os escravos tinham que ser fortes e trabalhadores, realmente incapazes de saber pensar. Se, eventualmente, houvesse algum com inteligência entre eles, esse era libertado. O material genético que foi transportado através do oceano serve apenas para gerar esportistas. E bandidos. Conosco é diferente. Nós não precisamos aturar essa merda.

Pang.

Al Muffet bateu o prato na mesa com tanta força que ele quebrou.

— Cale a boca — explodiu ele. — Ninguém, nem mesmo meu próprio irmão, tem minha permissão para vir aqui com essa conversa fiada. Não aqui. Nem em lugar nenhum. Entende? Entende?

As garotas ficaram paralisadas. Apenas os olhos se movimentavam entre o pai e o tio. Até Freddy, o pequeno fox terrier que ficava preso do lado de fora, no jardim, e que normalmente

costumava latir durante as refeições a que não tinha acesso, permanecia em silêncio.

— Talvez seja melhor comermos — disse Louise, finalmente, com um tom de voz mais agudo do que habitualmente. — Papai, pode comer meu caviar. Na verdade, não me seduz muito. Além disso, acho que tanto Condoleezza Rice quanto Colin Powell são muito inteligentes. Apesar de eu não concordar com eles. É que eu sou mesmo democrata.

A menina de doze anos sorriu timidamente. Nenhum dos homens falou.

— Aqui está, pode comer — disse ela, estendendo o prato ao pai.

— Tem razão — disse por fim Fayed, encolhendo os ombros numa atitude que poderia ser considerada como um pedido de desculpas. — Vamos mudar de assunto.

Pareceu difícil. Ficaram sentados a comer em silêncio. Se o pai tivesse olhado para Louise, teria percebido as lágrimas suspensas nas pestanas dela e o pequeno tremor no lábio inferior. Catherine, em contrapartida, parecia achar a situação extremamente interessante. Olhava fixamente para o tio, como se não entendesse o que estava ele a fazer ali.

— Vocês dois são incrivelmente iguais — disse ela de repente. — Quer dizer, se não considerarmos o bigode.

Os dois homens, finalmente, levantaram os olhos do prato.

— Isso foi o que sempre ouvimos dizer desde criança — comentou o pai, pegando um pedaço de pão para juntar o que restava de comida. — Apesar da diferença de idade.

— Até nossa mãe, de vez em quando, se enganava — mencionou Fayed.

Todos olharam para ele com ceticismo.

— A mamãe? Ela nunca se enganou. Você é quatro anos mais velho do que eu, Fayed.

— Quando morreu — disse Fayed com um tom de voz grave que Al nunca lhe tinha ouvido e não sabia como interpretar —, ela acreditava, de verdade, que eu não era eu, e sim você. Provavelmente, porque sempre gostou mais de você do que de mim. Ela queria que fosse assim. Que fosse o seu filho querido a estar ali, com ela, no derradeiro momento da vida. Mas você... não chegou a tempo.

Seu sorriso foi ambíguo.

Al Muffet largou os talheres. A sala começou a girar em volta, lentamente. Sentiu o sangue fugir-lhe da cabeça e a adrenalina jorrar por todos os seus músculos e afogar todos os nervos do seu corpo. As palmas das suas mãos pareciam coladas à mesa. Precisava se apoiar na mesa para não cair da cadeira.

— Entendo — disse ele secamente, tentando não assustar as filhas que olhavam para ele como se de repente tivesse um nariz vermelho de palhaço.

— Ela acreditava...

— Está estranho, papai! O que você tem?

Louise esticou-se sobre a mesa e apoiou a sua mão frágil no punho forte do pai.

— Está... Está tudo bem. Tudo bem.

Ele conseguiu forçar um sorriso apaziguador, que mais pareceu uma careta, mas que, pensou, devia ser seguido de uma explicação.

— De repente, fiquei com uma dor forte no estômago — disse ele.
— Talvez não suporte o caviar. Mas já passa.

Fayed olhou para ele. Os seus olhos pareciam mais escuros do que habitualmente. Era como se ele tivesse o poder sobrenatural de os fazer recuar para dentro da cabeça ou de avançar a testa, tornando o seu rosto mais sombrio e assustador. Al lembrava-se de uma vez em que o irmão olhara para ele daquela maneira, precisamente daquela maneira, quando ainda eram pequenos e Fayed tinha feito uma tolice e mentira descaradamente sob as

repetidas repreensões do pai, que com o tempo se tornaram cada vez mais frequentes e arrasadoras. Al entendeu o que isso podia significar.

E percebeu, sem compreender exatamente por que, o que teria levado a mãe a enganar-se entre os dois filhos na hora da morte.

O que Al Muffet não conseguia perceber de maneira nenhuma era a razão por que o irmão tinha vindo a casa dele, justamente naquele momento, três anos depois, caindo do céu e comportando-se como um estranho, perturbando um ambiente seguro e tranquilo que ele, Al, tinha construído com as suas filhas num canto do nordeste dos Estados Unidos.

— Acho que preciso me deitar um pouco. Apenas um pouco.

Alguma coisa está errada, pensou ele, enquanto Fayed subia a escada para o andar de cima. Há alguma coisa estranha no meio dessa história toda e tenho que me concentrar. Ali Shaeed Muffasa, precisa pensar!

32.

Abdallah al-Rahman acordou com seu próprio riso.

Normalmente, dormia sete horas profundamente, das onze da noite até as seis da manhã seguinte. Mas, de vez em quando, podia acordar preocupado, com uma sensação desgastante de não ter treinado tanto quanto queria. Por vezes, a vida podia ser frenética até mesmo para um homem que nos últimos dez anos tinha aprendido a delegar tudo o que era possível. Afinal, ele possuía trezentas firmas no mundo inteiro, de variadas envergaduras, com diferentes necessidades da sua atenção pessoal. A maioria delas era dirigida por pessoas que não faziam a menor ideia de quem era o verdadeiro dono, nem da sua existência. Há muito tempo que descobrira ser mais vantajoso esconder a maior parte das suas firmas com a ajuda de uma horda de advogados, na sua maioria americanos e ingleses residentes nas Ilhas Caimão, um paraíso fiscal, com escritórios imponentes, casas luxuosas e esposas anoréticas que mal conseguiam apertar a mão de alguém.

Naturalmente, por vezes, havia muito trabalho a fazer. Abdallah al-Rahman estava perto dos cinquenta anos e dependia de duas horas de duro treino físico diário para se manter na forma que ele achava que um homem da sua idade devia ter e que, ainda por cima, lhe proporcionava um sono profundo e restaurador. Sem esse treino, as noites tornavam-se instáveis, o que, felizmente, era uma raridade.

Mas nunca tinha acordado com o seu próprio riso.

Admirado, sentou-se na cama.

Dormia sozinho.

Sua jovem mulher, treze anos mais nova, mãe de todos os seus filhos, tinha a sua própria suíte no palácio. Ele a visitava com frequência, de preferência pela manhã bem cedo, quando a frescura

da noite ainda se perpetuava nas paredes e fazia da cama dela um convite mais aliciante.

Mas ele dormia sempre sozinho.

O relógio digital ao lado da cama mostrava que eram três da madrugada.

Exatamente.

Acomodou-se melhor, esfregando o rosto com as mãos. “Meia-noite na Noruega”, pensou ele. Começava justamente naquele momento o dia que passaria a ser conhecido como quinta-feira, 19 de maio.

O dia antes do dia.

Como que petrificado, imóvel, tentou lembrar-se do sonho com que tinha acordado. Era impossível. Não se lembrava de nada. Mas sentia-se extraordinariamente bem-humorado.

Uma coisa era ter visto que tudo corra como devia. Não foi apenas o próprio sequestro que saiu como o planejado. Era verdade que até mesmo nos mais ínfimos detalhes tudo funcionara bem. Tinha-lhe custado muito dinheiro, muitíssimo dinheiro, coisa, aliás, que não o preocupava nem um pouco. Era mais difícil ver que muitos dentro do sistema tinham de ser sacrificados. Mas isso também não tinha muita importância.

Tinha de ser assim. Era da natureza do jogo que os peões cuidadosamente selecionados e preparados só podiam ser usados uma única vez. Alguns deles, evidentemente, eram mais valiosos do que outros. A maioria, como, por exemplo, os que ele recrutara na Noruega, eram apenas marginais de segunda. Subornados e pagos por determinado trabalho e para não pensar mais no assunto. Outros tinham exigido vários anos para lapidar e aprontar.

De um ou outro, como Tom O'Reilly, ele mesmo tinha se encarregado e preparado. Mas todos eram descartáveis.

Lembrou-se de uma piada que um suíço corado e convencido contara durante uma reunião de negócios em Houston. Estavam

sentados num dos apartamentos mais altos de um arranha-céu quando o lavador de janelas desceu num dispositivo diante da janela panorâmica. O homem de Genebra, corpulento, disse que seria melhor usar mexicanos descartáveis. Os outros participantes da reunião olharam para ele estranhando a afirmação. Ele, então, soltou uma gargalhada e disse que seria melhor dispor uma fila de mexicanos no telhado do edifício, cada um com seu pano de limpeza na mão, e jogá-los para baixo um a um. Todos limpariam um pequeno pedaço da janela e, no fim, a limpeza estaria feita e, ao mesmo tempo, podiam se livrar de uma boa quantidade de mexicanos.

Ninguém riu. Mas deviam ter rido, eram todos americanos. Eles acharam que a piada não tinha a menor graça e o suíço ficou amargando sua vergonha por uma meia hora.

“Se se vai usar seres humanos, que seja para um objetivo melhor do que limpar janelas”, pensou Abdallah.

Saltou da cama. O tapete, o magnífico tapete que a mãe tinha tecido para ele e que era a única coisa que ele nunca, em nenhuma circunstância, venderia, dava-lhe uma sensação de suavidade e conforto debaixo dos seus pés. Ficou parado sobre o tapete apenas para afundar os dedos dos pés na seda macia e fresca. O jogo de cores era maravilhoso, até mesmo na penumbra do quarto. A fraca iluminação do despertador e uma pequena faixa de luz do sol que entrava pela janela eram suficientes para que os tons suavemente dourados do tapete se modificassem à medida que ele passava por cima dele para chegar à tela de plasma, perto da qual estava o controle remoto numa pequena mesa cinzelada a ouro e feita à mão.

Depois de ligar a TV, abriu a geladeira e pegou uma garrafa de água mineral. Voltou para a cama e ficou reclinado num mar de almofadas.

Sentia-se excitado, quase feliz.

“A deusa da felicidade fica sempre do lado dos vencedores”, pensou Abdallah, abrindo a garrafa de água. Que Warren Scifford tivesse sido mandado para a Noruega, por exemplo, era um acaso que ele não podia ter previsto. Embora Abdallah no início o tivesse encarado como uma contrariedade, via agora que era o melhor que podia ter acontecido.

Revelara-se muito mais simples penetrar no quarto do hotel norueguês do que entrar no apartamento do chefe do FBI em Washington DC. Evidentemente, não teria sido necessário devolver o relógio à prostituta de cabelos ruivos depois de ela ter feito o serviço pelo qual recebera uma boa quantia.

Mas isso era um detalhe meramente acessório.

Assim como o estúdio de som na distinta zona oeste de Oslo. Levava muito tempo a encontrá-lo, mas era perfeito. Um depósito, duplamente isolada e abandonada, num bairro em que as pessoas mal notavam o que o vizinho fazia, desde que não chamasse a atenção e desde que tivesse dinheiro para ser parte integrante da zona requintada da cidade. Claro que teria sido melhor se Jeffrey Hunter tivesse matado a presidente antes de a trancar dentro do cubículo. Abdallah nem sequer tinha pensado nessa hipótese. Já fora necessário tomar medidas extremas para conseguir que o agente do *Secret Service* contribuísse para o sequestro de alguém a quem tinha jurado proteger com a própria vida. Sendo assim, teria sido completamente impossível conseguir que ele assassinasse a sua própria presidente.

“O possível é sempre a melhor alternativa”, pensou Abdallah. E o estúdio de som parecia ser uma escolha totalmente certa. Levar a presidente para longe, para o campo, seria arriscado. Quanto mais tempo passasse até ela estar fechada nalgum sítio, mais arriscado se tornaria todo o projeto.

Tudo correra como esperava.



A CNN continuava a emitir notícias vinte e quatro horas por dia sobre o sequestro e suas consequências, notícias só interrompidas de hora a hora por noticiários mais abrangentes que, na realidade, não interessavam a ninguém. No momento, a discussão era sobre a Bolsa de Nova York que caíra como um peso de chumbo nos últimos dois dias. Embora os analistas, na maioria, considerassem que a enorme queda era uma reação hipernervosa a uma grave crise e não se manteria, todos estavam profundamente preocupados. Em especial, por causa do preço do petróleo que continuava numa curva regularmente ascendente. Os rumores referentes a um rapidíssimo congelamento das já tensas relações entre os Estados Unidos e os principais países produtores de petróleo do Oriente Médio corriam. Não era preciso estar politicamente bem informado para perceber que o governo da América direcionava a sua atenção, principalmente, para os países árabes na investigação sobre o desaparecimento da presidente. As insistentes declarações com um enfoque especial sobre a Arábia Saudita e o Irã provocaram uma atividade frenética entre os diplomatas desses países.

Três dias antes do desaparecimento de Helen Bentley, o preço do petróleo estava a quarenta e sete dólares por barril. No momento, porém, um homem idoso, com nariz de águia e título de professor, dirigia o olhar furioso para o líder do programa e declarava: “Setenta e cinco dólares em alguns dias. É minha previsão. Cem em duas semanas se isto não esfriar.”

Abdallah tomou mais um pouco de água. Mas também deixou cair um pouco do líquido gelado no peito nu. Arrepiou-se, mas logo sorriu.



No estúdio, um outro homem, muito mais novo, tentava salientar nervosamente que a Noruega também era um grande produtor de petróleo. Como tal, o pequeno, mas riquíssimo país lá no canto da Europa ganharia bilhões com o desaparecimento da presidente.

O humor de Abdallah melhorou ainda mais perante a penosa situação que surgiu no estúdio. Um consultor, peso pesado no Banco Central americano, deu ao jovem uma lição de meio minuto. É claro que a Noruega, sob um certo ponto de vista, iria ganhar com a subida do preço do petróleo. No entanto, a economia norueguesa estava tão dependente e integrada na economia global que a queda da Bolsa de Nova York, que há muito influenciava as bolsas noutras praças do mundo, se transformaria numa verdadeira catástrofe até mesmo para os noruegueses.

O jovem sorriu timidamente e ficou a olhar para as suas anotações.

Esses são os verdadeiros valores dos americanos, pensou Abdallah. Consumismo. Chegou a hora de atacar.

Após dezesseis anos no mundo ocidental, seis na Inglaterra e dez nos Estados Unidos, continuava a espantar-se quando ouvia as declarações de pessoas cultas a respeito dos valores americanos, na crença de que eles eram família, paz e democracia. Durante a anterior campanha eleitoral, esse fora o tema central: a questão dos valores constituiu a única possibilidade de Bush ser reeleito. Com um povo que já começava a cansar-se da guerra e estava mais inclinado a eleger um presidente que pudesse tirar os americanos do Iraque, desde que isso se fizesse conservando intacto o orgulho coletivo, George W. Bush tentou fazer da guerra no Iraque — uma

guerra sangrenta, malsucedida e, pelos vistos, interminável — uma questão de valores. O regresso a casa dos rapazes americanos dentro de caixões envoltos na bandeira do país era um sofrimento necessário para preservar os ideais americanos. A luta contínua pela paz, a liberdade e a democracia num país pelo qual a maioria dos americanos não tinha qualquer interesse, situado a mais de dez mil quilômetros da costa americana mais próxima, tornou-se, na retórica de Bush, uma luta para proteger os valores americanos.

O povo já estava cansado de o ouvir. Há muito que isso acontecia e foi então que Helen Bentley entrou na campanha, oferecendo ao povo uma alternativa melhor. Mais tarde, revelar-se-ia cada vez mais difícil uma retirada do inferno em que o Iraque se transformou para os americanos. Muito mais difícil do que a candidata Bentley pensava. Mas isso era outra questão. Os Estados Unidos continuariam no Iraque em força, mas Bentley já fora eleita.

Abdallah espreguiçou-se. Pegou o controle remoto e baixou ligeiramente o som. Na tela via-se a equipe da CNN em Oslo que parecia ter acampado numa espécie de jardim ao longo de um edifício de estilo oriental.

Fechou os olhos e recordou uma cena do passado.

Abdallah ainda tinha bem presente uma discussão decisiva para o que se passara na semana anterior.

Fora na altura da sua passagem pela Universidade de Stanford, durante uma festa em que ele, como habitualmente, se mantivera de lado, com uma garrafa de água mineral na mão, observando com os olhos meio fechados o comportamento dos americanos, barulhentos, rindo muito, dançando e bebendo. À volta de uma mesa cheia de garrafas de cerveja, umas vazias, outras pela metade, estavam quatro rapazes que lhe fizeram sinal para se aproximar. Com alguma hesitação, aceitou o convite.

— Abdallah — exclamou um deles —, você que é inteligente e não é daqui, sente-se em nossa mesa. Tome uma cerveja!

— Não, obrigado — disse Abdallah.

— Mas olha! — disse o sujeito. — Danny, se quer saber, é um doido comunista...

Os outros se contorciam de rir. Até mesmo Danny sorriu, afastando os cabelos compridos para trás das orelhas e levantando a garrafa de cerveja, num gesto displicente, como se fizesse um brinde.

— ... e diz que toda essa conversa sobre os valores americanos é uma merda. Diz também que não ligamos para a paz, a família, a democracia e o direito de defesa com armas...

Nesse momento, o rapaz terminou a enumeração dos valores americanos. Fez uma pausa e balançou a garrafa no ar pedindo mais cerveja.

— Isso tudo. Seja como for, Danny acha que...

O cara falava e arrotava e Abdallah queria sair dali. Não pertencia àquele lugar, o modo de vida americano era completamente estranho para ele.

— Ele diz que nós, americanos, no fundo só pensamos em satisfazer três necessidades — disse o tipo fanhosamente, puxando Abdallah pelo paletó. E a primeira é o direito de dirigir para onde quisermos, quando quisermos e a baixo custo...

Os outros riram tão alto que as pessoas em volta se aproximaram para saber o que estava acontecendo.

— E, depois, é o direito de comprar o que quisermos, quando quisermos e a baixo custo...

Agora, dois dos rapazes já tinham se jogado no chão, rindo e segurando a barriga. Alguém tinha baixado o som da música e havia um pequeno grupo de pessoas em volta da Abdallah, tentando entender o que era tão engraçado.

— E a terceira necessidade — gritava o cara, chamando os outros dois — é ver televisão onde quisermos, quando quisermos e a baixo custo — disseram todos ao mesmo tempo, fazendo coro.

Muitos riram. O som voltou a subir. Danny fez uma reverência exagerada, mantendo a mão direita na barriga e fazendo um gesto galante com a esquerda, que ainda segurava a garrafa de cerveja.

— O que acha, Abdallah? Nós somos assim?

Mas Abdallah já não estava lá. Saíra sem ser notado, em silêncio, por entre as garotas que bebiam e riam, olhando curiosas para seu corpo, voltando para casa mais cedo do que o planejado.

Aquilo tinha sido em 1979 e ele nunca mais esquecera essa cena. Danny tinha razão.

Abdallah sentiu fome. Nunca comia ao anoitecer. E não era apenas por fazer mal a digestão. Mas agora sentia que tinha de comer alguma coisa para poder dormir mais um pouco. Pegou no telefone embutido na cama. Depois do toque, ouviu uma voz sonolenta na outra ponta do fio. Abdallah deu uma ordem em voz baixa e desligou.

Deitou-se de novo com as mãos cruzadas atrás da nuca.

Danny, estudante da Stanford, de cabelos compridos, descuidado mas bom observador, tinha visto claramente a realidade e, sem que o soubesse, tinha dado a Abdallah uma receita que acabou por lhe ser útil um quarto de século mais tarde.

Abdallah al-Rahman sabia tudo o que havia para saber sobre história militar. Por ter entrado muito cedo na administração do imenso império empresarial do pai, não fez o serviço militar, mas sonhou com a vida de soldado, principalmente quando ainda era muito jovem. Durante um certo período da sua vida, leu tudo sobre os grandes generais do mundo. Em especial, a arte da guerra dos chineses tinha-o fascinado. E, para ele, o maior dos maiores generais era Sun Tzu.

Um belo exemplar encadernado de *A Arte da Guerra*, livro com mais de dois mil e quinhentos anos de existência, estava sempre a seu lado, junto da cama. Pegou-o novamente e começou a folheá-lo. Tinha-o mandado traduzir para o árabe e o exemplar que tinha na

mão era um dos três que mandara imprimir. Todos continuavam em sua posse. *É melhor conservar intacta a organização estatal do inimigo, leu ele. Destruí-la é apenas a segunda melhor opção. Lutar cem combates e obter cem vitórias não é o maior de todos os talentos. Não lutar e ainda assim dominar as forças inimigas é o maior de todos os talentos.*

Ele afagou com a mão o papel grosso fabricado manualmente. Depois, fechou o livro e pousou-o cuidadosamente no lugar.

Osama, seu companheiro de infância, só queria destruir. Ele próprio achara que o 11 de Setembro fora uma vitória, mas Abdallah ia mais longe. A catástrofe de Manhattan fora uma verdadeira derrota. Não acabara com os Estados Unidos, apenas mudara o país.

Para pior.

Abdallah sofrera amargamente com isso. Mais de dois bilhões de dólares de sua fortuna foram imediatamente congelados em bancos americanos, e que lhe custou vários anos e uma incompreensível quantia em dinheiro para recuperar a maior parte do capital. As consequências da total e longa interrupção da atividade foram catastróficas.

No entanto, ele conseguira sobreviver a tudo isso. Os negócios da sua dinastia comercial eram multifacetados. Podia contar com muitos apoios. Os prejuízos nos Estados Unidos puderam ser compensados como aumento dos preços do petróleo e por investimentos bem-sucedidos noutros lugares do mundo.

Abdallah tinha uma alma paciente e era um homem para quem os negócios só não significavam mais do que os seus filhos. O tempo correu. A economia americana não podia dispensar eternamente os interesses árabes. Não aguentaria. Embora tivesse usado os anos após 2001 para sair com os seus investimentos do mercado americano, há um ano achara que tinha chegado o momento de investir de novo na América. E desta vez os investimentos foram maiores do que nunca, mais ousados e mais importantes.

Helen Bentley era a grande oportunidade. Apesar de nunca confiar verdadeiramente em qualquer pessoa do mundo ocidental, ele tinha notado no olhar dela algo diferente, um brilho de honestidade em que ele estava disposto a investir. Ela estava a caminho de uma vitória em novembro de 2004 e parecia uma pessoa racional. O fato de ser mulher não o incomodava. Pelo contrário. Quando saíra do encontro com ela, Abdallah sentira, contra vontade, uma grande admiração pela mulher forte e brilhante que conhecera.

Ela o traíra uma semana antes da eleição, porque viu que isso era necessário se quisesse ganhar.

A arte da guerra era dominar sem lutar.

Lutar contra os Estados Unidos de uma maneira tradicional seria fútil. Abdallah entendia que os americanos só tinham, realmente, um único inimigo: eles próprios.

Tirar o carro, as compras e a televisão do americano médio é tirar seu prazer de viver, pensou ele, desligando a TV. De repente, vislumbrou Danny diante de si, em Stanford, com um sorriso enviesado e uma garrafa de cerveja na mão: um americano de alto discernimento.

Tire-se o prazer de viver de um americano e ele ficará furioso. E a fúria vem de baixo, das pessoas simples, dos que trabalham duramente cinquenta horas por semana e que, mesmo assim, não conseguem satisfazer outros sonhos além dos que lhe chegam pela televisão.

Assim pensava Abdallah, refletindo de olhos fechados.

Nessa altura, eles não cerram fileiras. Nessa altura, a fúria não é dirigida contra os outros, os de fora, os que não são como nós e que nos odeiam. Nessa altura, eles mordem os que estão em cima. Levantam-se contra seus próprios representantes. Dirigem a agressão aos que são responsáveis por tudo, ao sistema, para que as coisas voltem a funcionar, para que os carros voltem a andar e para que, numa existência normalmente triste, volte a haver sonhos aos quais se agarrar. E lá em cima reina o caos. Os generais mais importantes se afastam e os soldados ficam vagueando sem destino ou sentido, sem liderança, no vácuo que surge quando os líderes não

estão vivos nem mortos. Apenas desaparecidos. Uma pancada na cabeça para confundir. Depois, um ataque esmagador no corpo. Elementar e eficiente.

Abdallah ergueu o olhar. O empregado chegou em silêncio com uma bandeja. Deixou fruta, queijo, um pão redondo e uma grande garrafa de suco ao lado da cama. Com uma pequena reverência, afastou-se e foi embora. Não disse palavra e Abdallah não agradeceu.

Faltava um dia e meio.

**Quinta-feira, 19 de maio de
2005**

1.

Helen Lardahl Bentley abriu os olhos e, de início, nem sequer sabia onde se encontrava.

Estava deitada numa posição desconfortável. A mão direita estava dormente, tinha ficado sob o seu rosto. Soergueu-se cuidadosamente e sentou-se. O corpo estava dolorido e teve que sacudir o braço para restabelecer a circulação. Uma tontura repentina obrigou-a a fechar os olhos e, então, lembrou-se do que tinha acontecido.

A tontura passou, mas a cabeça continuava estranha e leve. No entanto, ao movimentar os braços e as pernas, verificou que não estava seriamente ferida. Até mesmo o ferimento no queixo tinha melhorado. Quando passou os dedos pelo inchaço, sentiu que estava melhor do que antes de adormecer.

Adormecer?

A última coisa que recordava era ter apertado a mão da mulher na cadeira de rodas. Ela tinha prometido...

“Será que adormeci de pé? Desmaiei?”

Só naquele momento é que notou que ainda estava suja. O mau cheiro tornou-se insuportável. Lentamente, pôs-se de pé, apoiando-se com a mão esquerda no braço do sofá. Tinha que se lavar.

— Bom dia, *Madam President* — disse uma voz de mulher, baixinho, junto da porta.

— Bom dia — disse Helen Bentley, confusa.

— Estava na cozinha preparando um café.

— Você esteve... você esteve aqui a noite inteira?

— Sim, estive.

A mulher na cadeira de rodas sorriu.

— Tive medo de que pudesse ter sofrido algum traumatismo craniano, de modo que vim aqui umas duas vezes e toquei em si.

Você reagiu irritada. Quer?

Ofereceu-lhe uma caneca de café fumegante.

A presidente fez sinal com a mão livre que não queria.

— Preciso tomar um banho — disse ela. — E se não...

Por um momento, pareceu embaraçada. Passou a mão nos olhos.

— Se não me engano, você me ofereceu roupa limpa.

— Claro. Consegue andar ou quer que chame a Mary?

— Mary — murmurou a presidente. — É a... empregada doméstica?

— Sim. E eu sou Hanne Wilhelmsen. Com certeza, deve ter esquecido. Pode me chamar Hanne.

— Hannah — repetiu a presidente.

— Tudo bem.

Helen Bentley fez uma tentativa para dar alguns passos pela sala. Os seus joelhos tremeram, mas as pernas aguentaram. Olhou inquisitivamente para a outra mulher.

— Para onde devo ir?

— Siga-me, por favor — disse Hanne Wilhelmsen, rodando a cadeira em direção a uma das portas.

— Você tem...

A presidente interrompeu-se e seguiu-a. A luz tênue fora da janela indicou que ainda era bem cedo. No entanto, tinha estado ali muito tempo. Muitas horas.

A mulher na cadeira de rodas, pelo visto, mantivera a sua palavra. Não dera o alarme. Helen Bentley continuava a poder fazer o que devia, antes de dar a conhecer a sua presença.

Ainda tinha a possibilidade de se informar a respeito de tudo, mas só se ninguém soubesse que estava viva.

— Que horas são? — perguntou ela no momento em que Hanne abriu a porta do banheiro. — Há quanto tempo estou...

Foi obrigada a se apoiar na porta.

— São quatro e quinze da manhã — respondeu Hanne. — Você dormiu pouco menos de seis horas. Com certeza, não foi o suficiente.

— É muito mais do que normalmente durmo — disse a presidente, esforçando-se por sorrir.

O banheiro era imponente. Havia uma banheira com o dobro do tamanho normal, que dominava toda a divisão. Estava abaixo do nível do chão, parecendo uma pequena piscina.

Havia também uma invulgar cabine com um chuveiro ao lado da banheira e nela a presidente pôde ver qualquer coisa parecida com um rádio e outra que, definitivamente, era uma tela de televisão. O chão era de azulejos com um desenho oriental e na parede havia um enorme espelho com uma moldura de madeira dourada sobre um lavatório embutido numa bancada de mármore.

Helen Bentley lembrava-se de a mulher lhe ter dito que era reformada da polícia. Não havia muita coisa naquele apartamento que pudesse advir de um salário de polícia.

No mínimo, podia dizer-se que era o único país do mundo que pagava aos polícias aquilo que eles realmente valiam.

— Esteja à vontade — disse Hanne Wilhelmsen. — As toalhas estão ali no armário. Deixo a roupa limpa aqui do lado de fora da porta ao seu alcance. Não tenha pressa. Leve todo o tempo que for preciso.

Com essas palavras, saiu do banheiro na cadeira de rodas e fechou a porta.

A presidente despiu-se muito lentamente. Os seus músculos estavam doloridos. Por um momento, ainda pensou no que devia fazer à roupa suja, mas reparou que Hanne tinha deixado um saco plástico dobrado ao lado do lavatório.

“Uma mulher extraordinária”, pensou ela. Mas não eram duas? Três, contando com a empregada doméstica?

Agora, já estava nua. Pôs a roupa suja no saco e fechou-o cuidadosamente, atando-o em cima. Gostaria de tomar um banho de

imersão, mas o chuveiro pareceu-lhe mais apropriado tendo em conta o seu cansaço.

A água quente caía de um bocal do tamanho de um prato. Helen Bentley gemeu, em parte pelo prazer do banho, em parte pela dor que sentiu no corpo ao inclinar a cabeça para trás virando o rosto para o caudal da água que vinha de cima.

Uma outra mulher estava aqui ontem à noite, lembrou-se Helen Bentley, agora com mais nitidez. Uma mulher que queria telefonar para a polícia. As duas mulheres tinham falado uma com a outra em norueguês e ela não entendera nada a não ser uma palavra, que se lembrava de ser *police*. A mulher na cadeira de rodas devia ter vencido a discussão.

O banho a confortou.

Era como se fosse uma purificação, no duplo sentido. Abriu ainda mais a torneira. A pressão aumentou nitidamente. As gotas de água contra a pele picavam como flechas e ela teve dificuldade em respirar. Encheu a boca de água. Depois, deitou-a fora e deixou a água correr, abundante, pelo corpo. A seguir, ensaboou-se e, com uma luva de cânhamo, esfregou o corpo, sentindo-se bem melhor com o contato áspero da luva. A sua pele ficou rosada devido à água quente e ao roçar da luva rugosa.

Doeu-lhe intensamente quando a água atingiu as feridas abertas.

Fora precisamente assim que ela se sentira já tarde, numa noite de outono de 1984. Uma noite de que ela nunca falara a ninguém e que, portanto, não podia ser do conhecimento de ninguém.

Ela já estava debaixo do chuveiro há quase quarenta e cinco minutos, num banho relaxante que resolvera tomar ao chegar a casa. Já era meia-noite. Lembrava-se dos pormenores com toda a nitidez. Tinha esfregado o corpo vigorosamente com uma esponja, como se fosse possível tirar da pele uma impressão visual e fazer com que ela desaparecesse para sempre. A água quente terminou e ela continuou debaixo do chuveiro, recebendo no corpo a água gelada, até que

Christopher chegou e admirado lhe perguntou se ela não queria levar Billie para a cama e adormecê-la.

Chovia lá fora. Na realidade, a chuva caía como se o céu estivesse prestes a desabar. Era ensurdecador o ruído da água a cair no asfalto, no carro, no telhado, nas árvores e nas estruturas de diversão do pequeno parque do outro lado da rua onde havia um baloiço que oscilava para a frente e para trás sob o vendaval. E onde uma mulher esperara.

Ela queria Billie de volta.

A filha de Helen tinha nascido de outra mulher. Todos os papéis estavam em ordem.

Ela ainda se lembrava do seu próprio grito, “os papéis estão em ordem”. Lembrava-se também de ter tirado o dinheiro da sua carteira e de o ter agitado diante do rosto pálido e sereno da outra. “Quanto é que quer? O que é que quer para parar de me atormentar?!”

Não se tratava de dinheiro, dissera a mãe biológica de Billie.

Ela sabia que os papéis eram legais, respondera, mas nos papéis não estava nada escrito a respeito do pai de Billie. Que, de fato, tinha voltado.

Ela dissera-o com um breve sorriso, com uma expressão levemente triunfante, como se tivesse vencido uma competição e não pudesse deixar de o dizer alto e bom som e de se orgulhar da sua vitória.

“Pai. Pai! Você não deu o nome de nenhum pai! Você disse que não tinha certeza e que o homem, de qualquer maneira, tinha desaparecido e que era um patife irresponsável ao qual não queria expor a Billie. Você disse que queria o melhor para a Billie e que o melhor para a Billie era ficar conosco, com o Christopher e comigo. E todos os papéis estão em ordem. Você assinou todos! Você assinou e a Billie agora tem o seu próprio quarto, um quarto com paredes cor-

de-rosa e uma cama branca própria para crianças e um móbil suspenso que ela se estica para agarrar e sorri.”

O pai iria tomar conta das duas, dissera a mulher, vendo-se obrigada a gritar por causa da tempestade. Iria tomar conta de Billie e da sua verdadeira mãe. O pai também tinha direitos. Tinha sido uma tolice da sua parte não dar o nome do pai logo à nascença. Assim, todas as controvérsias teriam sido evitadas. E ela lamentava que isso tivesse acontecido. Mas, no momento, isso não adiantava. O seu namorado tinha saído da cadeia e voltado para ela. As coisas tinham mudado. Uma advogada como Helen Bendey devia saber e compreender isso.

Mas agora ela queria Billie de volta.

Madam President apoiou-se na parede do chuveiro.

Não suportava lembrar. Durante vinte anos, tentara reprimir a lembrança de seu próprio pânico ao virar as costas para a mulher e correr para o carro do outro lado da rua. Queria pegar um colar de diamantes que tinha recebido do pai naquela mesma noite. Tinham comemorado o aniversário de Billie e o rosto do pai estava suado de tanto rir por causa da netinha, enquanto todos realçavam a meiguice dela, tão bonita, a pequena Billie Lardahl Bentley.

O colar ainda estava no porta-luvas do carro e com ele talvez Helen Bendey pudesse comprar a criança mais uma vez com diamantes e usando o cartão de crédito. Dois cartões de crédito. Três. Leve todos!

Enquanto ela procurava a chave do carro e tentava conter as lágrimas e o pânico que ameaçavam sufocá-la, ouviu um forte baque. Uma pancada horrível. Virando-se rapidamente, ainda teve tempo de ver um vulto, vestido com uma capa de chuva vermelha, flutuando no ar. E acima da tempestade ouviu uma nova pancada, quando o corpo caiu no asfalto.

Um pequeno carro esportivo ainda virava a esquina da rua. Helen Bentley nem sequer conseguiu ver a cor do carro. Restou

apenas o silêncio.

Helen já não ouvia a chuva. Não ouvia nada. Lenta e mecanicamente, atravessou a rua e só parou a um metro da mulher vestida de vermelho.

Estava deitada de uma maneira tão estranha. Contorcida e descomposta. À pouca luz do poste da rua, Helen pôde ver que o sangue corria de uma ferida na cabeça da mulher e se misturava com a água da chuva, transformando-se numa corrente escura que deslizava a caminho da sarjeta. Os olhos da mulher estavam bem abertos, espantados, e seus lábios se moveram.

“Ajude-me.”

Helen Bentley recuou dois passos.

Virou-se e correu para o carro, sentou-se e partiu, abandonando o local. Em casa, foi diretamente para o banheiro, e ficou sob o chuveiro quase três quartos de hora, esfregando o corpo com uma esponja grossa, quase deixando a pele em carne viva.



Nunca mais ouviram falar da mãe biológica de Billie. E precisamente numa noite de novembro de 2004, vinte anos depois, Helen Lardahl Bentley foi declarada vencedora da eleição para a presidência dos Estados Unidos. A filha estava com ela na tribuna, uma mulher alta, loira, que nunca tinha deixado de ser motivo de orgulho para os seus pais.

Madam President largou a luva, pegou num frasco de champô e deitou uma boa porção da emulsão nos cabelos. Os olhos arderam-lhe. O que foi bom. Ajudou-a a apagar da memória a imagem da mulher ferida caída no asfalto molhado, com a cabeça a sangrar e o sangue a escorrer com a água para a sarjeta.

Jeffrey Hunter mostrara-lhe uma carta ao acordá-la no hotel, em silêncio e de madrugada. Ela ficara confusa e ele levava o dedo à sua boca, num gesto de estranha intimidade.

Eles sabiam do caso da criança, segundo estava escrito. Pensavam divulgar o segredo. Ela devia ir com Jeffrey. A Operação Troia estava em marcha e eles tinham em mente divulgar o segredo que podia destruí-la.

A carta estava assinada por Warren Scifford.

Helen Bentley fixou mentalmente o nome e nunca mais se esqueceu dele. Mordeu os lábios e deixou que a água a atingisse diretamente no rosto.

“Warren Scifford.”

Ela não devia pensar mais na mulher de capa vermelha. Devia, sim, pensar em Warren Scifford. Apenas nele. Tinha de se concentrar. Lentamente, virou o corpo para receber a água do chuveiro nas costas doloridas. Curvou a cabeça para a frente e respirou fundo. Inspirou e expirou várias vezes.

Verus amicus rara avis.

Amigos verdadeiros são aves raras.

Fora isso que a convencera. Só Warren sabia da inscrição na parte de trás do relógio de pulso que ela lhe dera logo depois da eleição. Ele era um velho amigo e tinha-a contatado antes do último debate na televisão entre ela e George W. Bush. O presidente subira nas sondagens naqueles últimos dias. Era certo que ela ainda liderava as sondagens, mas o homem do Texas tinha encurtado a distância. O seu discurso sobre a segurança, finalmente, parecia ganhar aceitação entre a população. Ele apresentava-se como um homem de ação, capaz e equilibrado, com a experiência e o conhecimento necessários para um país em crise e em guerra. Ele representava a continuidade. Sabia-se o que ele valia, mas praticamente nada se sabia do que essa Bentley podia oferecer, inexperiente como era na área de política externa.

“Vai ter de desistir da Administração dos Portos da Arábia”, dissera Warren, segurando as mãos dela.

O mesmo diziam todos os seus conselheiros internos e externos. Tinham insistido. Tinham discutido e ameaçado: ainda não chegara a altura. Talvez mais tarde, quando as águas tivessem passado por cima do 11 de Setembro. Mas não no momento.

Ela se recusava a ceder. A empresa da Arábia Saudita, com base em Dubai, era uma unidade séria e eficiente que administrava desde o início áreas portuárias importantes no mundo, de Okinawa a Londres. Duas empresas, uma delas britânica, que até então tinham administrado as maiores áreas portuárias dos Estados Unidos, estavam à venda. A Administração dos Portos saudita tinha interesse em comprar as duas. Uma delas lhe daria responsabilidade pela exploração de Nova York, Nova Jersey, Baltimore, Nova Orleans, Miami e Filadélfia. A outra lhe daria o controle de Charleston, Savannah, Houston e Mobile. Em outras palavras, uma empresa árabe teria o controle de todos os portos importantes da Costa Leste americana e do Golfo.

Helen Lardahl Bentley achava que isso era uma boa ideia.

Em primeiro lugar, porque a empresa era a melhor. A mais eficiente e, claramente, a mais lucrativa. Além disso, tal escolha significaria um passo importante para a normalização dos intercâmbios com as grandes forças do Oriente Médio, com as quais os Estados Unidos tinham todo o interesse em manter relações cordiais. Além disso, e talvez para Helen Bentley o mais importante, essa venda poderia contribuir para restabelecer o respeito pelos árabes que viviam nos Estados Unidos e eram bons americanos.

Eles já tinham sofrido bastante, achava ela, defendendo ferozmente o seu ponto de vista. Helen tinha tido uma reunião com o conselho de administração da empresa árabe. E ainda que não fosse ingênua a ponto de prometer qualquer coisa, no entanto, deu a entender que da sua parte só havia boa vontade. Ficara

especialmente satisfeita ao saber que a empresa, apesar da insegurança quanto à realização do negócio, uma decisão ligada à aprovação da venda, já tinha feito investimentos enormes no mercado americano para melhorar a sua posição quanto à futura aquisição.

Warren continuara falando em voz baixa, ainda segurando as mãos dela e dizendo: “Eu apoio suas ambições. Por inteiro. Mas não chegará aonde quer se deixar que neste momento vá tudo por água abaixo. Você vai ter de contra-atacar, Helen. Contra-atacar Bush no ponto onde ele menos espera. Levei anos analisando esse homem, Helen. Conheço-o melhor do que qualquer outra pessoa. E ele também quer que essa venda seja feita! Mas tem experiência suficiente para não falar do assunto por enquanto. Entende que isso vai mexer com os sentimentos da população com os quais não se pode brincar. Você tem que expor o homem. Tem que atacar. Vou lhe dar uma ideia do que precisa...”



Finalmente, ela se sentia lavada e limpa.

A pele doía e o banheiro estava cheio de vapor. Saiu do chuveiro e pegou uma toalha felpuda. Depois de enrolá-la em volta do corpo, pegou uma toalha de mão e fez dela um turbante para os cabelos. Com a mão esquerda abriu uma grande clareira no espelho embaciado.

O sangue no rosto tinha desaparecido. O inchaço ainda se notava, mas o olho já tinha voltado a abrir. O pior, na realidade, eram os pulsos. As tiras de plástico, muito finas, tinham entrado na carne e aberto sulcos profundos. E as feridas continuavam abertas. Tinha que pedir desinfetante e ataduras.

Na hora, ela seguira as recomendações de Warren. Com fortes dúvidas.

Na questão levantada no debate em como ela via a ameaça contra a segurança contida na venda da infraestrutura na região central do país, ela olhara diretamente para a câmera e, durante quarenta e cinco segundos, fizera um apelo inflamado, quase apaixonado, a favor do estabelecimento de boas relações com “os nossos amigos árabes” e, sobretudo, a favor da importância de conservar os valores americanos dos fundadores da nação relativamente à igualdade de oportunidades para todos, valores que tinham permitido a vinda dos antepassados americanos de todas as partes do mundo, independentemente da religião que tivessem.

Depois, respirara fundo. Um olhar para o presidente em exercício fez com que compreendesse que Warren tinha razão. O Presidente Bush tinha nos lábios um sorriso de vitória. Ele levantara os ombros, no seu gesto estranho de estender as mãos diante do corpo. Estava certo do que vinha pela frente.

Mas viera uma coisa completamente diferente.

No que dizia respeito à infraestrutura, dissera Helen Bentley calmamente, a situação era inteiramente diferente. Ela era de opinião que infraestrutura não podia ficar nas mãos de outros que não fossem americanos ou de seus mais próximos aliados. A meta deve ser, dissera ela, manter tudo, desde vias rápidas até aeroportos, áreas portuárias, vigilância de fronteiras e ferrovias, sempre e para sempre na posse e sob a administração direta de interesses americanos.

Para salvaguarda da segurança nacional.

Para finalizar, acrescentara com um ligeiro sorriso nos lábios que atingir essa meta levaria tempo e exigiria forte vontade política. Ainda mais porque o próprio George W. Bush tinha aprovado e recomendado calorosamente uma venda a interesses árabes, conforme provava um documento interno que ela apresentou diante das câmeras durante alguns segundos, antes de colocá-lo novamente

em cima da tribuna. Depois, fez um sinal ao mediador do programa. Não tinha mais nada a dizer.

Helen Bentley venceu o debate com uma margem de onze por cento. Na semana seguinte, tornou-se *Madam President*, aquilo com que tinha sonhado durante dez anos.

Pouco depois, Warren Scifford se tornou chefe da recém-criada BS-Unit.

O lugar de chefe não foi um prêmio.

O prêmio foi um relógio de pulso.

De que ele fez mau uso. Ele a enganou com a própria explicação dela sobre amizade eterna.

Veras amicus rara avis. A frase acabou por ser mais verdadeira do que ela esperava.

Helen foi até a porta, abrindo-a com todo o cuidado. Havia realmente um monte de roupa bem dobrada do lado de fora. Tão rapidamente quanto o seu corpo dolorido lhe permitia, baixou-se e apanhou-a, fechando a porta. À chave.

A roupa de baixo era totalmente nova, ainda tinha as etiquetas. Ela notou o pequeno gesto de atenção de Hanne ao vestir calcinha e sutiã. O jeans também parecia novo e servia perfeitamente. Ao vestir pela cabeça a blusa de caxemira cor-de-rosa com decote em V, sentiu o tecido se prender nas feridas dos pulsos.

Ficou em pé diante do espelho, olhando-se. O ventilador já tinha feito desaparecer a maior parte do vapor do espelho e a temperatura no banheiro já tinha baixado muitos graus desde que ela saíra do chuveiro cinco minutos antes. Por um momento, pensou em maquilhar-se. Por uma questão de hábito. Havia uma caixa aberta de laca japonesa cheia de cosméticos ao lado do lavatório. Mas depressa afastou essa ideia. A boca continuava inchada e o corte no lábio inferior ficaria horrível se usasse batom.

Muitos anos antes, na primeira presidência de Bill Clinton, Hillary Rodham Clinton convidara Helen Bentley para um almoço.

Foi a primeira vez que as duas se encontraram em privado e Helen lembrava-se de como ficou nervosa. Tinham-se passado apenas algumas semanas desde que ela tinha sido eleita para o Senado. E ainda andava ocupadíssima a aprender os hábitos, usos e costumes que uma jovem senadora devia conhecer, rapidamente, para sobreviver mais do que algumas horas no Capitólio. O almoço com a primeira-dama foi fantástico.

Hillary mostrou-se tão direta, tão educada e interessante quanto os seus fãs afirmavam que ela era. A arrogância, a frieza e o temperamento calculista de que falavam os seus inimigos não se notaram nem um pouco. Evidentemente, ela queria alguma coisa, todos em Washington querem uma coisa ou outra, mas, acima de tudo, Helen Bentley ficara com a impressão de que Hillary Clinton gostava dela. Queria que ela se sentisse segura no novo ambiente. Se a Senadora Bentley, além disso, quisesse ler o documento que tratava da reforma da saúde a favor de todos os americanos, isso deixaria a primeira-dama muito satisfeita.

Helen Bentley lembrava-se disso muito bem.

Depois do almoço, as duas se levantaram. Hillary Clinton olhara discretamente para o relógio, dera-lhe um beijo na face e segurara a mão dela nas suas.

“Mais uma coisa”, dissera ela sem soltar a mão de Helen. “Neste mundo, não pode confiar em ninguém. A não ser numa pessoa. No seu marido. Enquanto for seu marido, ele é o único que quer seu bem. O único em que pode confiar. Nunca se esqueça disso.”

Helen nunca mais esqueceria disso.



No dia 19 de agosto de 1998, Bill Clinton confessou que tinha enganado não só o mundo inteiro como também sua mulher. Umas duas semanas depois, por acaso, Helen encontrou Hillary Clinton num corredor da Ala Oeste, depois de uma reunião na Casa Branca. A primeira-dama tinha acabado de chegar de Martha's Vineyard onde toda a família do presidente tinha procurado refúgio naqueles tempos conturbados. Ela parou e pegou a mão dela nas suas, da mesma forma que tinha feito no primeiro encontro anos antes. Helen só conseguiu dizer: "Lamento, Hillary. Lamento sinceramente por você e por Chelsea."

Mrs. Clinton não disse nada. Seus olhos ainda estavam vermelhos. A boca tremia. Forçou um sorriso, acenou com a cabeça e soltou a mão dela antes de seguir caminho, orgulhosa e ereta, com um olhar que nunca se desviava de quem quer que ousasse enfrentá-lo.

Helen Bentley nunca se esquecera do conselho da mulher do presidente, mas não o seguira. Não sabia como viver sem confiar em alguém. Muito menos conseguiria trilhar o longo caminho até o mais alto posto da hierarquia política dos Estados Unidos sem confiar incondicionalmente em meia dúzia de colaboradores fiéis, um grupo exclusivo de bons amigos que apenas queriam seu bem.

Warren Scifford tinha sido um deles.

Isso era uma coisa em que ela sempre tinha acreditado. Mas ele mentira. Ele a traía e ela embarcara nessa mentira.

Na realidade, ele não podia saber o que escrevera na carta e afirmar que os Troianos já o sabiam. Ninguém sabia. Nem mesmo Christopher. Era um segredo só seu. Um martírio. E ela já o carregava sozinha há mais de vinte anos.

Toda a situação era absolutamente incompreensível. E apenas o pânico, o medo paralisante, irresistível, que a atingiu em cheio, quando Jeffrey Hunter lhe mostrara a carta, evitou que ela reconhecesse isso imediatamente.

Warren mentira. Alguma coisa não estava certa.

Ninguém sabia do caso.

Sentia os dentes sujos e tinha um gosto amargo na boca.

Hesitante, olhou em volta. Então, viu ao lado do espelho. Hanne Wilhelmsen tinha colocado um copo para ela, com uma escova de dentes nova e um tubo de pasta dentífrica pela metade. Ela rasgou o invólucro recalcitrante e chegou a se cortar com o plástico, antes de poder retirar a escova de dentes.

A Presidente Bentley olhou para seus próprios dentes no espelho.

— Filho da mãe — sussurrou ela. — Tomara que o diabo o carregue, Warren Scifford! Existe um lugar especial no inferno para homens como você!

2.

Warren Scifford sentia-se realmente mal.

Na obscuridade, procurou às apalpadelas o celular que tocava uma versão mecânica de um galo a cantar como um mocho. O barulho parecia não terminar. Atordoados, sentou-se na cama.

Mais uma vez, tinha-se esquecido de puxar os estores para baixo antes de se deitar. E a luz cinzenta que passava através das cortinas leves não lhe dizia nada sobre a hora do dia.

A algazarra parecia aumentar cada vez mais e Warren já praguejava, procurando o celular à volta da mesa de cabeceira. Finalmente, encontrou-o. O visor indicava 05:07 horas.

Devia ter caído ao chão durante as quase três horas de sono agitado que dormira. Não compreendia como podia ter-se enganado quando programara o despertador. A sua intenção era acordar às sete e cinco.

Errou duas ou três vezes antes de finalmente parar com a barulheira. Resignado, deixou-se cair novamente na cama. Fechou os olhos, mas viu logo que não ia conseguir dormir.

Na sua cabeça, as ideias rodopiavam, colidiam e formavam um caos que era impossível ignorar. Acabou por se levantar novamente. Resignado, entrou no chuveiro onde ficou quase um quarto de hora. Se não podia sentir-se completamente descansado, pelo menos ajudava ensaboar-se e esfregar-se até ficar minimamente acordado.

Enxugou-se e vestiu camiseta e cueca.

Demorou muito tempo montando seu escritório portátil. Deixou ligada a luz do teto e baixou as persianas. As lâmpadas da cama e da escrivaninha bastavam para trabalhar. Quando tudo ficou pronto, encheu de água a cafeteira que deixou aquecendo enquanto procurava na prateleira o que queria. Primeiro, pensou em café. O pó parecia já velho e sem aroma, de modo que resolveu pegar um

saquinho de chá e jogou numa caneca que encheu até cima com água fervente.

Nada de novos e-mails.

Tentou calcular. Deviam ser duas da madrugada quando ele se deitara, oito da noite em Washington DC. Agora lá eram onze da noite. Todos trabalhavam com afinco. Ninguém lhe mandara nada nas últimas quatro horas. Tentou se acalmar pensando que em Washington deviam pensar que ele estaria dormindo.

Não deu certo. O fato de estar sendo afastado do caso tornava-se cada vez mais perceptível. À medida que o tempo corria sem que a presidente fosse encontrada, a posição de Warren Scifford tornava-se cada vez mais fraca. Ainda que continuasse sendo o homem que conduzia os contatos com a polícia local, era claro que a atividade na Drammensveien tinha aumentado em força e amplitude sem que ele fosse devidamente informado. Os investigadores operacionais que o FBI tinha mandado para a Noruega horas depois dele eram senhores da situação. Estavam alojados na embaixada. Estavam equipados com tecnologias de comunicação que faziam parecer o seu equipamento de celulares e um computador encriptado contribuições para qualquer museu tecnológico.

Eles estava pouco ligando para a polícia norueguesa.

Evidentemente, alguns deles ainda continuavam a comparecer nas reuniões que Warren fazia questão de organizar várias vezes por dia, numa tentativa de coordenar as iniciativas americanas com aquilo que a polícia norueguesa conseguira em termos de pistas e teorias. Depois, pelo que pôde entender junto do embaixador, surgiu uma crise diplomática nada negligenciável à volta da entrega dos restos mortais do americano. Os noruegueses queriam retê-lo para novos exames forenses. E os Estados Unidos da América, simplesmente, não concordavam com isso.

— Quero que eles se danem — sussurrou Warren, esfregando o rosto com as mãos.

Ele já tinha avisado o embaixador Wells. “Eles vão subir pelas paredes quando souberem o que vocês estão fazendo”, dissera Warren, resignado, quando se encontraram na embaixada no dia anterior. “Na realidade, eles são um governo amigo dos Estados Unidos, mas já entendi que este país tem uma oposição forte. São obstinados, como você mesmo me alertou ao chegar, mas estão muito longe de serem idiotas. Nós, simplesmente, não podemos...

O embaixador interrompera-o com um olhar gelado e uma voz que calara Warren: “Sou eu que posso e não posso neste país, Warren. Sou eu o representante dos Estados Unidos na Noruega. Reúno-me três vezes por dia com o chanceler norueguês. O governo deste país sabe de tudo o que fazemos. De tudo.”

Era uma mentira deslavada e ambos sabiam.

Warren bebeu mais um gole de chá. Não sabia a quase nada, mas, de qualquer maneira, a bebida aquecia-o. O quarto também estava aquecido. Aliás, demasiado aquecido.

Na pequena caixa na parede tentou baixar a temperatura. Não conseguia entender essa coisa de Celsius. O termômetro indicava vinte e cinco graus e, no entanto, o quarto estava quente demais. Talvez quinze fosse melhor. Levou a mão ao filtro na parede. O ar que saía dele ficou logo mais frio.

Hesitou ligeiramente antes de desligar o computador. Havia dois documentos em cima da mesa. Um deles era grosso como um livro. E o outro tinha umas vinte páginas.

Pegou os dois, colocou todos os travesseiros na cabeceira da cama e deitou-se.

Warren folheou primeiro o relatório confidencial. Tinha mais de duzentas páginas e não lhe fora enviado por e-mail encriptado conforme combinado e seguindo as suas instruções. Quando na embaixada descobrira por acaso que existia, ao ouvir algumas passagens de uma conversa, fora obrigado a insistir para se inteirar do conteúdo do documento. Conrad Victory, um agente especial de

sessenta anos que detinha o comando das forças na embaixada, achava que Warren não precisava ler o documento.

Em situações como aquela, eles agiam segundo uma estrita *need-to-know policy*, que Warren, com sua experiência, devia entender. Seu papel era ser intermediário entre as polícias norueguesa e americana. Ele mesmo tinha reclamado que era difícil enfrentar a pressão dos noruegueses quanto a informações e material do *Secret Service* americano. Quanto menos ele soubesse, menos a polícia de Oslo poderia pressioná-lo para obter essas informações.

Mas Warren não desistiu. Quando mais nada funcionou, ele resolveu chamar a atenção para a sua relação estreita e pessoal com a presidente. Nas entrelinhas, evidentemente.

O que funcionou. Finalmente.

Tinha caído na cama às duas e não vira quase nada do documento.

Foi uma leitura assustadora.

Na implacável caça ao sequestrador da presidente, sobressaía cada vez mais nítida a ideia de que o desaparecimento seria seguido de um ataque maior do terrorismo. Nem o FBI nem a CIA nem nenhuma outra das numerosas organizações sob a designação de Homeland Security queria usar o nome que a BS-Unit de Warren Scifford tinha dado ao potencial ataque: Operação Troia.

Eles não ousavam ainda dar-lhe um nome.

Eles nem sequer tinham certeza de que haveria um ataque.

O problema era que ninguém sabia contra quê e contra quem o ataque seria eventualmente dirigido. O material do *Secret Service* era imenso, de modo que a quantidade de relatórios e denúncias, de especulações e teorias, era impressionante. No entanto, as informações eram também fragmentadas, confusas e, além de tudo, totalmente contraditórias.

Poderia ser uma conspiração islâmica.

Era provavelmente de uma conspiração islâmica.

Devia ser uma conspiração islâmica.

Os relatórios dizia que as autoridades tinham sob controle os potenciais criminosos, facínoras e atuais terroristas, tanto quanto se podia falar de controle em tal situação. Em se tratando de grupos de cidadãos americanos loucos, eles constituiriam sempre uma ameaça latente. Isso ficara demonstrado no caso de Timothy McVeigh, quando este veterano da guerra do Golfo fanático por armas matou cento e sessenta e oito pessoas em Oklahoma City, em 1995. O problema era que não havia nenhuma pista de atividade anormal entre os grupos ultrarreacionários nos Estados Unidos. Esses estavam permanentemente sob vigilância apertada, mesmo depois do 11 de Setembro, quando a maior parte da atenção fora dirigida para um alvo diferente. Também entre extremistas pela salvação dos animais e do meio ambiente não se verificava a possibilidade de eles estarem prontos para avançar de ações ilegais e contundentes para outras de caráter terrorista. Quanto a grupos religiosos de caráter fanático, havia de tudo nos Estados Unidos, mas como regra, na maioria dos casos, a ameaça voltava-se contra eles mesmos. Além disso, nesses grupos não havia nada de anormal a reportar.

Sequestrar um presidente do seu quarto de hotel na Noruega ficava também a anos-luz da capacidade e dos recursos econômicos de grupos americanos conhecidos.

Tinha de ser uma conspiração islâmica.

Warren endireitou os óculos.

O relatório que estava a ler deixava transparecer uma ansiedade tangível. Após mais de trinta anos no FBI, Warren era capaz de julgar qualquer análise profissional, mas nunca tinha lido nada igual em termos de pensamentos catastróficos. Era como se de repente restasse apenas uma verdade em todo o sistema da Homeland Security: a de que alguém tinha conseguido o impossível. O impensável. Alguém tinha posto a mão no Comandante em chefe

dos Estados Unidos e isso significava não haver limites para o que essas forças obscuras poderiam fazer.

O medo aumentava face a um ataque contra objetivos diversos, mas não identificados, em solo americano. Esse medo provinha de uma série de relatórios e acontecimentos, mas os relatórios eram inconclusivos e os acontecimentos duvidosos.

O mais preocupante e confuso era o tipo de denúncia.

As autoridades americanas recebiam essas denúncias a todo o momento, mas por assim dizer nunca havia nada nelas. Era o caso, por exemplo, do dono de uma mansão que queria aborrecer o vizinho com investigações sempre desagradáveis, feitas por polícias de uniforme, e que vinha com as mais fantásticas afirmações sobre o que tinha visto por cima da cerca entre as duas propriedades. Visitas suspeitas, ruídos estranhos durante a noite, comportamento anormal e armazenamento do que seriam, certamente, explosivos. Ou talvez uma bomba. Ou ainda informações de senhorios que acham fácil e eficiente a ajuda do FBI para se livrarem de inquilinos indesejáveis. Não havia limites para o que as pessoas achavam ter visto. Árabes que entravam e saíam a toda a hora durante o dia e a noite, conversas em línguas estrangeiras e transportes de caixas que só os deuses sabiam o que tinham dentro. Até mesmo jovens malandros chegavam a denunciar um colega de escola como terrorista, sem outro motivo que não fosse o fato de ele ter se aproximado de uma garota da qual devia ficar longe.

Desta vez, as denúncias eram mais do tipo de avisos. Uma invulgar quantidade de denúncias anônimas chegara ao centro de operações do FBI nos últimos dias. Algumas pessoas telefonaram, outras mandaram mensagens pela Internet.

O conteúdo não era exatamente o mesmo, mas todas apontavam para alguma coisa que iria acontecer, alguma coisa que iria fazer do 11 de Setembro um acontecimento menor. Todas as mensagens salientavam que os Estados Unidos eram uma nação fraca, que nem

sequer conseguia tomar conta do seu presidente. Todas diziam que os próprios americanos eram os culpados por abrirem o flanco. Desta vez, a catástrofe não seria dirigida contra determinada área. Desta vez, os Estados Unidos iriam sentir na pele o mesmo sofrimento que espalhavam por toda a parte, no mundo inteiro.

Era tempo de pagarem.

O mais preocupante é que não era possível localizar as chamadas.

Era incompreensível. As muitas organizações ligadas ao Homeland Security dispunham de uma vantagem tecnológica que achavam ser total. Para elas, era possível localizar todas as conversas telefônicas recebidas e enviadas do território americano. Como regra, não demorava mais do que alguns minutos para identificar o computador do remetente. À sombra de autorizações de grande amplitude que George W. Bush colocara à sua disposição nos anos seguintes a 2001, o Departamento de Segurança Nacional montou um esquema que permitia o controle total das comunicações telefônicas e eletrônicas. Que na sua ânsia de eficiência total se fosse muito além do que as autorizações permitiam, isso a organização considerava não ser problema. Havia trabalho a fazer: garantir a segurança nacional. Os poucos que tiveram a oportunidade de descobrir e evitar as ilegalidades, escolheram fingir que ignoravam tudo.

O inimigo era poderoso e perigoso.

Os Estados Unidos deviam ser defendidos a qualquer custo.

No entanto, não se conseguiu identificar a origem das assustadoras mensagens. Com uma rapidez extraordinária, a todo-poderosa tecnologia conseguia chegar ao endereço IP e ao número de telefone, mas, no seguimento da investigação, verificava-se que as informações estavam erradas. Um toque de telefone e uma voz grave de homem condenava as autoridades americanas por arrogância e perseguição a cidadãos honestos que não tinham feito nada de

errado a não ser terem nascido de pais palestinos. A chamada tinha origem num telefone pertencente a uma senhora de setenta anos que vivia em Lake Placid, no estado de Nova York. A hora em que a chamada tinha sido feita para um dos escritórios do FBI em Manhattan, a idosa senhora estava a beber chá com quatro outras amáveis convidadas, suas amigas. Nenhuma delas tinha tocado sequer no telefone, isso juraram elas por Deus. E um relatório da operadora telefônica local confirmou que a viúva dizia a verdade. Ninguém tinha usado aquele telefone na hora em questão.

O chá arrefecera um pouco. Warren bebeu. O vapor deixou uma película de umidade nos seus óculos, um nevoeiro de curta duração que logo desapareceu.

Folheou rapidamente a parte mais técnica do relatório. Não conseguia entender tudo e também não estava interessado nos pormenores. Era das considerações finais que ele estava à procura e encontrou-as na página 173.

Era inteiramente possível manipular destinatários, tal como o tinham feito.

“Uma conclusão desnecessária”, pensou Warren. “Já se documentou o fenómeno em mais de cento e trinta casos.”

Tentou posicionar melhor uma almofada atrás da nuca para continuar a leitura.

Uma manipulação desse tipo exigia imensos recursos.

Oh, sim, claro. Ninguém acreditava que aquilo fosse obra de pobretões.

E, certamente, um satélite próprio para comunicações. Ou acesso a um. Acesso alugado ou subtraído.

Um satélite? O diabo de uma nave espacial?

Warren começou a sentir frio. Os quinze graus Celsius eram francamente uma temperatura demasiado baixa. Levantou-se para a corrigir no termostato junto à parede.

Desta vez, apostou em vinte graus e voltou para a cama, a fim de continuar a ler.

Como os satélites deste tipo ficam em órbitas estacionárias situadas a uns quarenta mil quilômetros da superfície da Terra, aqueles casos poderiam estar ligados ao uso de um satélite árabe. Todos os telefonemas e e-mails estavam ligados a telefones e computadores situados na Costa Leste dos Estados Unidos. Nenhum satélite árabe conseguiria ir mais longe no interior do país. Mas à Costa Leste poderia chegar, sem dúvida.

Investigar, pensou Warren, folheando o documento. “Com todos os bilhões, todas as autorizações, toda a tecnologia a que temos acesso, qual é o papel da investigação e reconstrução das conversas e das mensagens?”

Warren Scifford era um *profiler*.

Ele tinha respeito pela tecnologia. E não só. Depois de todos os anos a tentar caçar criminosos em série e canalhas sádicos sexualmente pervertidos, tinha um profundo respeito pelos patologistas forenses e as suas artes mágicas como a química e a física, a eletrônica e a tecnologia. Acontecia-lhe até permitir-se ver cada episódio do C.S.I, com grande admiração pela profissão.

Mas não percebia muito do assunto. Sabia instalar um PC, aprendera alguns códigos, mas dera-se por satisfeito com isso e deixara que outros tomassem conta da tecnologia.

A sua área era a alma.

E esta ele não percebia.

Continuou a leitura.

Repentinamente, as denúncias cessaram às nove horas e quatorze minutos, hora da Costa Leste. Exatamente no minuto em que o FBI visitou o primeiro endereço que conseguiu localizar. Segundo o Departamento de Segurança Nacional, alguém telefonara de uma casa na periferia dos Everglades, na Florida, para o escritório central

de Quântico e avisara, ameaçadoramente, que os Estados Unidos estavam perante a sua queda.

A casa era habitada por um homem idoso, com dificuldades de visão e de ouvido. O seu telefone nem se encontrava ligado. Estava guardado na cave da casa, mas a assinatura continuava a ser paga, visto que o pagamento era feito pelo filho em Miami. Provavelmente sem saber o que estava a acontecer. Certamente não visitava o pai há vários anos.

E as denúncias pararam no mesmo momento.

Depois, só o silêncio.

O trabalho com a análise da voz e da linguagem das gravações prosseguia em força, concluía o relatório. Por enquanto, nada de concreto se podia dizer que ajudasse as investigações, nem em relação às gravações com ameaças, nem em relação às quase sessenta mensagens eletrônicas com o mesmo conteúdo.

As vozes nas gravações estavam distorcidas, de modo que não havia muitas esperanças de sucesso. A única coisa que se podia afirmar era que todas as pessoas que tinham telefonado eram homens. Já as mensagens eletrônicas, obviamente, era impossível saber se provinham de mulheres ou de homens.

E assim terminava o documento.

Warren estava com fome. Foi buscar uma barra de chocolate e abriu uma garrafa de Cola-cola. Um e outro satisfaziam o seu gosto e contribuía para aumentar a glicose no sangue. A leve dor de cabeça que advinha da falta de sono suficiente desapareceu.

Deitou-se novamente na cama. E o grosso documento caiu no chão. Segundo as instruções, devia ser imediatamente destruído. Mas não foi. Pegou no outro documento, bem mais fino, e segurou-o com os braços esticados durante alguns segundos. Depois, baixou os braços e deixou-os cair sobre o cobertor.

O pequeno relatório era uma obra de arte. O problema estava em que ninguém parecia especialmente interessado em lê-lo, muito

menos em agir seguindo as suas instruções.

Warren quase que o sabia de cor depois de o ler apenas duas vezes. O relatório fora redigido pela BS-Unit em Washington e ele mesmo tinha contribuído para a sua redação final, da melhor maneira possível, a partir daquele lugar na Terra esquecido dos deuses chamado Noruega.

Warren já estava com saudades do seu país. Fechou os olhos.

Nos últimos tempos e cada vez com mais frequência, sentia-se velho. Não apenas mais velho, mas realmente velho. Estava cansado e o novo cargo desgastara-o. Queria voltar para Quântico, para a Virgínia, para a família. Para Kathleen que o aguentara e aguentara as suas muitas e grandes escapadelas durante todos aqueles anos.

Para os filhos já adultos que moravam perto da casa onde tinham nascido. Para a sua própria casa e o seu jardim. Queria voltar para casa. E sentia uma grande pressão sob as costelas que não desaparecia, embora ele inspirasse várias vezes.

O fino relatório era um perfil.

Como sempre, tinham iniciado o trabalho considerando as ações e os processos. A BS-Unit movimentava-se ao longo de períodos de tempo, colocava os acontecimentos em ordem e analisava os motivos condicionantes e as consequências. Examinava os custos e a complexidade dos casos. Todos os detalhes da evolução dos acontecimentos eram situados em contraste com soluções alternativas. Só assim se podia aproximar das razões e das condições daqueles que estavam por trás do sequestro da *Madam President*.

A imagem que lentamente se formava da leitura das vinte páginas do processo em suas mãos preocupava Warren e os seus fiéis companheiros da BS-Unit, no mínimo tanto quanto o grosso relatório assustava o resto do FBI. Eles achavam poder desenhar o perfil de uma organização. Um grupo de pessoas, uma célula de terrorismo. Possivelmente, um pequeno exército, uma força de

combate em guerra santa contra o baluarte de Satanás, os Estados Unidos.

Mas, em vez de uma organização, pressentiam os contornos de um homem.

Um único homem.



Naturalmente, um único homem não podia fazer tudo sozinho. Tudo o que acontecera desde que a BS-Unit, pela primeira vez, vislumbrara vagos sinais da Operação Troia, há pouco mais de seis semanas, refletia a ideia de haver muita gente envolvida.

O problema estava em que não havia qualquer indicação de que essa gente trabalhasse em conjunto. De maneira nenhuma. Em vez de se aproximar da descrição de uma organização terrorista, a BS-Unit abriu os olhos para a possibilidade de haver um único ator que usava pessoas como quem usa ferramentas, com uma total falta de lealdade e de sentimentos pelos seus ajudantes.

Não se fazia nada para proteger os vários homens que participavam das ações. Uma vez desempenhado o seu papel, realizada a sua missão, nada se fazia para os defender. Gerhard Skrader fora lançado aos lobos, assim como o paquistanês da limpeza no hotel e outras fichas nesse grande jogo de azar. O que, pressupostamente, significava que eles não faziam a menor ideia de quem era a pessoa para quem trabalhavam.

Warren bocejou, sacudiu a cabeça, abriu os olhos e pestanejou para umedecer a retina. A mão que continuava a manter o relatório na distância certa estava pesada que nem chumbo. Dominou-se, levantou o relatório e deixou que o olhar se fixasse na primeira página.

Na parte de cima do papel, havia uma simples rubrica com o mesmo tamanho de letra do resto do documento, mas em negrito.

O Culpado, um perfil do sequestrador.

O Culpado.

Warren não estava certo de gostar do nome que tinha sido escolhido. Por outro lado, era de qualquer maneira bem neutro, sem indicações étnicas ou de nacionalidade.

Tentou novamente se acomodar melhor na cama para continuar a leitura.

1. O sequestro.

Como habitualmente, tinham escolhido o acontecimento central como ponto de partida.

Já o desaparecimento da presidente deu boas indicações quanto ao perfil do perpetrador criminoso. Desde o aziago momento em que um agente o acordara no seu apartamento em Washington DC, contando-lhe, transtornado, que a presidente provavelmente tinha sido sequestrada na Noruega, Warren ficara seriamente indeciso. No avião para a Europa, pensou que seria melhor, e de uma maneira absurda até o esperava, que a *Madam President* fosse encontrada morta.

A partir daí, passou a não considerar a possibilidade de ela ser encontrada com vida.

A questão principal era, por que ela foi sequestrada? Por que não mataram logo Helen Bentley? Um atentado era, segundo todas as opiniões, muito mais simples de executar e por isso menos arriscado. Ser o Comandantes em chefe era, definitivamente, uma profissão de alto risco, pela simples razão de ser impossível defender por completo qualquer indivíduo de ataques fatais, repentinos e inesperados, feitos por outras pessoas, sem o isolar.

O sequestro deve ter valor em si mesmo. Deve haver uma substancial mais-valia em manter os Estados Unidos na incerteza, em vez de deixar que os americanos se unam no pesar e na dor por

um presidente assassinado. Um efeito provável do desaparecimento era a circunstância de o país ficar mais vulnerável a novos ataques.

Só o simples pensamento deixou Warren arrepiado.

Passou para a folha seguinte, antes de pegar na garrafa de Coca-cola e beber um pouco. Continuava a sentir um aperto no estômago, que não conseguia definir, e por momentos chegou a pensar em pedir uma refeição para ver se isso ajudava. O relógio no visor do celular marcava três minutos para as seis e ele afastou essa ideia.

Em uma hora, seria servido o desjejum.

O uso do agente do *Secret Service* Jeffrey Hunter tinha sido tão genial quanto simples. Ainda que fosse teoricamente possível sequestrar a presidente sem ajuda de alguém de dentro, seria quase impossível na prática. Que *O Culpado* tivesse recursos nos Estados Unidos suficientes para sequestrar por duas vezes um menino autista a fim de amedrontar um agente profissional de segurança, obrigando-o a colaborar, juntava-se a uma série de fatores que tornavam o perfil cada vez mais nítido. E cada vez mais impressionante.

O telefone tocou.

O som foi tão inesperado que a garrafa de Coca-cola que Warren segurava entre as pernas caiu e entornou. Ele conteve um palavrão, salvou um resto do refrigerante escuro e viscoso e pegou o telefone.

- Alô — resmungou, limpando a mão livre na colcha.
- Warren — chamou uma voz lá longe.
- Sim?
- É Colin.
- Ah, olá, Colin, está muito longe.
- Não posso demorar.
- Parece que está sussurrando. Fale mais alto!
- Porra, Warren. Ouça. Neste momento, não estamos nada bem vistos.
- Não, eu noto isso aqui também.

Colin Wolf e Warren Scifford trabalhavam juntos há quase dez anos. O agente especial, que era da mesma idade de Warren, foi sua primeira escolha ao formar a BS-Unit.

Colin era da velha escola. Seu apelido era Wolf, mas em vez de lobo parecia mais um urso meticoloso, calmo e bem informado. Naquele momento, porém, a sua voz era um pouco mais aguda do que habitualmente e a pequena pausa que fez ao telefone deu a impressão de que estava nitidamente tenso.

— Eles não querem nos ouvir — disse Colin. — Eles já se decidiram.

— Decidiram o quê? — perguntou Warren, embora já soubesse a resposta.

— Decidiram que é uma organização islâmica que está por trás de tudo. Agora, já estão de novo na pista da al-Qaeda. Al-Quaeda! Eles têm tanto a ver com isso quanto o IRA. Ou os escoteiros. E agora já sentem o gosto de sangue. É por isso que estou telefonando.

— O que aconteceu?

— Surgiu uma conta bancária.

— Uma conta bancária?

— Jeffrey Hunter. Transferiram dinheiro para a mulher dele.

Warren engoliu em seco. A mancha marrom de Coca-cola na virilha tinha uma aparência horrível. Ele puxou a colcha para cobri-la.

— Alô?

— Continuo aqui — reagiu Warren. — Mas isso é uma merda!

— Sim. Além disso, é bom demais para ser verdade.

— O que quer dizer com isso?

— Ouça, preciso me apressar. Mas quero que saiba o seguinte. São duzentos mil dólares. O dinheiro, naturalmente, foi limpo pelos canais normais a fim de que fosse impossível identificar a procedência, mas conseguimos encontrar a pista até o remetente. Os

caras lá da Pennsylvania Avenue não demoraram mais do que cinco horas.

— De onde veio?

— Segure-se!

— Estou deitado na cama.

— Do primo do ministro do Petróleo da Arábia Saudita que mora no Irã.

— Merda.

— É o mínimo que se pode dizer.

Warren pegou o relatório da BS-Unit. O papel colava-se nas mãos. Aquilo não batia. Simplesmente, não podia bater. Eram eles que estavam certos, Colin e Warren e o resto daquele pequeno e restrito grupo de *profilers* a que ninguém queria dar ouvidos.

— Simplesmente, não pode estar certo — disse Warren com toda calma. *O Culpado* nunca faria uma coisa dessas, de amador, como deixar que o dinheiro fosse seguido.

— O quê?

— Não bate!

— Não. É por isso que estou telefonando! É simples, Warren. E se virarmos a coisa ao contrário?

— O quê? Mal consigo ouvir. Que....

— Virar a coisa ao contrário — gritou Colin. — Vamos partir do pressuposto de que seguir o dinheiro até a Arábia Saudita foi intencional... Se estivermos certos e se houve intenção de que encontrássemos a origem do dinheiro...

... *Então, todas as peças se encaixam*, pensou Warren, respirando fundo.

— Então é dessa maneira que *O Culpado* trabalha. Ele quer isso. Ele quer estabelecer o caos, provocar uma crise, ele é...

— Entende? Concorde?

A voz de Colin ouvia-se cada vez mais longe. Warren mal conseguia ouvi-lo.

— Não vai demorar muito para que a notícia se espalhe — disse Colin no momento em que a ligação ficou ainda pior. — Viu o comportamento da Bolsa?

— Mais ou menos.

— Quando a ligação entre a Arábia Saudita e o Irã for conhecida...

Os preços do petróleo, pensou Warren. Vão subir astronomicamente, de uma maneira nunca vista na história. Então, o Dow Jones vai cair extraordinariamente e vai continuar a cair. Haverá uma queda infernal e...

— Alô — chamou Warren.

— Sim! Ainda está aí? Tenho que desligar, Warren. Tenho que sair para... — Os ruídos no telefone aumentaram. Que coisa desagradável. Warren teve de afastar o aparelho do ouvido. De repente, Colin voltou. Pela primeira vez, a ligação estava boa, clara.

— Fala-se em cem dólares por barril — disse ele, amargurado. — Antes do fim da próxima semana. Tudo bate, Warren. Está tudo batendo. Vou desligar. Telefone-me.

A ligação foi cortada.

Warren levantou-se da cama. Tinha que tomar banho outra vez. Dirigiu-se para o chuveiro de pernas abertas. As coxas colavam uma na outra por causa da Coca-cola.

Ainda não tinha tirado tudo da mala.

O Culpado é um homem com um capital imenso e um conhecimento profundo do mundo ocidental, lembrou Warren o perfil delineado. E de uma inteligência muito acima da média, caracterizada por uma rara paciência e uma capacidade extraordinária de planejar e pensar a longo prazo. Tem trabalhado no sentido de montar uma formidável rede internacional de colaboradores, possivelmente com ameaças e um grande investimento. Há todas as razões para crer que são muito poucos os que sabem quem ele é. Se é que alguém sabe.

Warren não conseguiu encontrar uma cueca limpa. Resignado, procurou no compartimento lateral da mala. De repente, os seus

dedos bateram numa coisa pesada e dura. Hesitou um momento antes de pescar o objeto e fazê-lo sair pela abertura estreita.

O relógio?

Verus amicus rara avis.

Pensava que o tinha perdido para sempre, o que o tinha feito sofrer mais do que queria reconhecer. Gostava daquele relógio de pulso e orgulhava-se de o ter recebido da *Madam President*. Nunca o tirava do pulso.

Só se estivesse a ter relações sexuais.

Sexo e tempo não combinavam. Então, ele retirava sempre o relógio do braço.

Bem no fundo, achava que o relógio tinha sido roubado pela mulher de cabelos ruivos. Já nem se lembrava de seu nome, apesar de ter passado apenas uma semana desde que se tinham encontrado. Num bar. Se a memória não lhe falhava, a ruiva trabalhava em publicidade. Ou seria em cinema?

Não interessa, pensou ele, colocando o relógio novamente no pulso. Não havia cueca limpa na mala. Tinha de passar sem elas.

Com toda certeza, o homem não é americano, achava Warren, dizia-lhe uma voz como se a descrição do perfil do sequestrador estivesse girando como um disco em sua cabeça. *Se é muçulmano, deve ser mais do tipo laico do que do tipo fanático. Provavelmente, mora no Oriente Médio, mas pode ter também residência na Europa.*

O relógio marcava seis e trinta e três e Warren Scifford estava bem acordado.

3.

Ao se aproximar do quarto de hóspedes, Al Muffet olhou de relance por cima do corrimão do segundo piso para baixo, para o relógio do bisavô no hall. Faltavam vinte e sete minutos para a uma. Pensava ter ouvido dizer que o sono era mais profundo entre as três e as cinco horas da madrugada. Como o irmão estava bastante bêbado na noite anterior, Al ousava acreditar que ele já estaria a dormir àquela hora.

Não estava com paciência para esperar mais.

Com o maior cuidado, tentou evitar as tábuas do chão que rangiam. Estava descalço e lamentou não ter calçado um par de meias. A umidade sob a planta dos pés produzia um som fraco, um chiado, contra o chão. Era natural que Fayed não se incomodasse, mas, em contrapartida, as filhas, em especial Louise, tinham um sono muito leve. Tinham ficado assim depois de a mãe ter morrido às três e dez de uma madrugada de novembro.

Felizmente, conseguira conter-se na noite anterior, quando se lembrara de alguns comentários feitos pelo irmão junto do leito de morte da mãe. Depois de passar pelo banheiro, onde lavou as mãos e o rosto com água gelada, ficou em condições de descer e continuar a conversa com as filhas e o irmão. Às dez horas, mandou as filhas subirem para a cama, coisa que elas fizeram sob grandes protestos, e ficou satisfeito quando Fayed, meia hora mais tarde, lhe disse que queria deitar-se e dormir.

Al Muffet aproximou-se do quarto onde o irmão dormia.

A mãe deles nunca se enganara a respeito dos seus dois filhos. Al e Fayed, aliás, tinham personalidades totalmente diferentes. Al Muffet sabia que a mãe o achava muito parecido com ela, com uma maneira de ser cordata, aberta a tudo e a todos.

Fayed era uma ave estranha. Era mais bem-sucedido que o irmão na escola. E era, de fato, dos melhores entre todos os alunos da escola. Como artesão, no entanto, era uma nulidade. O pai compreendera imediatamente que não fazia sentido obrigar Fayed a ajudar nos trabalhos da oficina. O pequeno Ali, pelo contrário, aprendeu facilmente os princípios por trás do funcionamento dos motores de carros com a idade de oito anos. Quando fez dezesseis anos, depois dos exames, fez o seu próprio carro com peças velhas que o pai lhe deu.

A maneira de ser do irmão, triste e cética, também o caracterizava fisicamente. Olhava de soslaio para o mundo e tinha um comportamento introvertido, o que fazia com que as pessoas duvidassem até da sua capacidade de ouvir. Além disso, andava um pouco de lado, como se esperasse a toda a hora algum tipo de ataque e por questão de segurança quisesse defender-se usando o ombro.

No rosto, porém, os dois irmãos eram muito parecidos. Sem que por esse motivo a mãe alguma vez se tivesse enganado e trocados os nomes. Isso ela nunca tinha feito, pensou Al Muffet, rodando a maçaneta da porta.

Se realmente o tivesse feito à hora da morte por não conseguir ver nem pensar com clareza, fora uma catástrofe.

O quarto estava escuro que nem breu. Al ficou parado por alguns segundos para habituar os olhos à escuridão.

O contorno da cama recortava-se contra a parede. Fayed estava deitado de bruços, com uma das pernas meio caída e fora da cama e a mão esquerda por baixo do rosto.

Ressonava fraca, mas regularmente.

Al pegou numa pequena lanterna que tirou do bolso do peito da camisa e constatou que a mala de viagem do irmão estava em cima de uma cômoda baixa, ao lado da porta da menor das casas de banho da moradia.

Com os dedos, reduziu a luminosidade da lanterna a uma pequena faixa de luz que iluminava o chão à medida que Al se aproximava da mala sem tropeçar em nada.

A mala estava fechada.

Fayed ressonou mais alto e virou-se na cama. Al ficou imóvel. Nem ousou desligar a lanterna. Durante vários minutos, manteve-se quieto, em pé, ouvindo o ritmo da respiração do irmão que, novamente, se tornou regular e lento.

A mala era uma vulgar Samsonite preta de tamanho médio.

“Com um vulgar fecho de código”, pensou Al, girando os discos para a data de nascimento do irmão. “Um fecho vulgar com a combinação mais vulgar entre todas.”

Clique.

Repetiu a combinação no outro fecho. Também abriu. Levantou a tampa lentamente sem ruído algum. A mala continha roupa. Duas camisolas estavam por cima, um par de calças, várias cuecas e três pares de meias. Tudo bonito e muito bem dobrado. Al meteu a mão por baixo da roupa e afastou-a para o lado.

No fundo da mala havia oito celulares, um computador portátil e uma agenda.

“Ninguém anda com oito celulares, a não ser que viva da sua venda”, pensou Al que sentiu o pulso acelerar-se. Todos os telefones estavam desligados. Por um momento, sentiu vontade de levar o computador para o examinar mais a fundo. Mas afastou logo a ideia. Certamente, estava cheio de senhas que ele não conseguiria decifrar e o risco de o irmão acordar antes de ele o voltar a pôr na pasta era demasiado grande.

A agenda tinha uma capa preta de couro e um fecho com mola de pressão que servia também para acomodar uma caneta. Al colocou a lanterna na boca, dirigiu o feixe de luz para o livro e abriu-o.

Era uma agenda comum. O lado esquerdo estava dividido em campos para os três primeiros dias da semana. Os quatro últimos

ficavam na página da direita. O espaço para os domingos era menor. Pelo que lhe era dado ver, o irmão nunca tinha reuniões aos domingos.

Folheou a agenda em silêncio para a frente e para trás. As reuniões anotadas não lhe diziam nada, a não ser que o irmão era um homem muito ocupado. E isso ele já sabia.

Uma inspiração repentina levou-o a abrir os calendários anuais resumidos com apenas uma linha para cada dia numa folha maior e desdobrável. Na sua própria agenda, eles estavam no final, mas o irmão, provavelmente, achava que era melhor tê-los na frente, antes da agenda do ano. Fayed conservara as folhas correspondentes aos últimos cinco anos. Os dias marcados tinham anotações elegantes. Em 2003, a família de Fayed festejou o 4 de Julho em Sandy Hook. O Dia do Trabalho de 2004 foi passado em Cape Cod na casa de algumas pessoas chamadas Collie.

O 11 de Setembro estava marcado com uma estrela bem preta.

Al notou que suava, embora a temperatura no quarto fosse amena. O irmão continuava a dormir pesadamente e em silêncio. Os dedos tremeram ao folhear a agenda no dia da morte da mãe. Quando viu o que o irmão tinha escrito, por fim ficou sabendo de tudo.

Deixou o olhar pousar alguns segundos sobre o texto. Depois, fechou a agenda e guardou-a no lugar onde estava antes. As suas mãos agora já não tremiam e trabalhavam rapidamente. Fechou a mala, acionou os fechos e desfez as combinações.

Tão silenciosamente como tinha chegado, Al dirigiu-se para a porta do quarto onde parou. Virou-se e olhou para o irmão deitado na cama, exatamente como fazia nas noites de insônia da adolescência. Essa lembrança aparecia nítida em sua memória. Depois de longos dias de disputas entre os pais e Fayed, ele se sentava na cama e observava o dorso do irmão subindo e descendo ao ritmo da respiração no outro canto do quarto. Às vezes, ficava

acordado horas. E chorava em silêncio. Tudo o que ele queria era entender o irmão mais velho, sempre provocador e ofensivo. Um adolescente independente e indomável que irritava o pai e desesperava a mãe.

Nessa época, Al Muffet sentia-se triste, como naquele momento na porta do quarto onde o irmão dormia. No passado, chegara a gostar de Fayed. Mas agora sabia, finalmente, que não existia mais nenhum laço entre eles. Não sabia quando esse laço fora destruído, a que hora, em que dia, mas já não existia.

Talvez tivesse acontecido no dia em que a mãe morrera.

Fechou a porta sem fazer ruído. Tinha que pensar. Tinha que descobrir o que o irmão sabia do sequestro de Helen Lardahl Bentley.

4.

— Quais são as novidades?

Johanne Vik virou-se para Helen Bentley, com um sorriso e baixando o volume da televisão.

— Acabei de ligar. Hanne precisa descansar um pouco. Aliás, bom dia. Você parece muito...

Johanne conteve-se, corou muito e levantou-se. Limpou as mãos na blusa, rapidamente, fazendo com que as migalhas do pequeno-almoço de Ragnhild caíssem no chão.

— *Madam President* — disse ela, impedindo-se de fazer uma reverência.

— Esqueça as formalidades, por favor — reagiu Helen Bentley rapidamente.

— Esta é o que podemos chamar uma situação extraordinária, não é? Pode chamar-me Helen.

Os seus lábios já não estavam tão inchados e ela conseguiu até sorrir. Ainda tinha nódoas negras, mas o banho e a roupa limpa tinham feito milagres.

— Pode arranjar-me um balde e um pouco de sabão em pó? — perguntou Helen Bentley, olhando em volta. — Gostaria de minimizar... os estragos que causei lá dentro.

Com a mão pequena, apontou para a sala onde estava o sofá vermelho.

— Ah, lá dentro — disse Johanne. — Não é preciso preocupar-se. A Mary já limpou tudo. Algumas coisas vão ter de ir para a lavandaria...

— Mary — repetiu Helen Bentley mecanicamente. — A empregada. Johanne confirmou. A presidente aproximou-se.

— E você quem é? Lamento, mas ontem à noite eu não estava...

— Johanne. Vik. Johanne Vik.

— Johanne — tentou pronunciar Helen Bentley, estendendo a mão. — E a menina, como se chama?

Ragnhild estava sentada no chão, com um pote, uma vassourinha e uma caixa de Lego Duplo. E pairava alegremente.

— A minha filha — disse Johanne, sorrindo. — Chama-se Ragnhild. Mas também lhe chamamos Agni, pois é assim que ela pronuncia o seu próprio nome.

A mão da presidente estava seca e quente e Johanne conservou-a na sua um pouco além do que seria normal.

— Estou a ver que isto aqui é uma espécie de... — Helen Bentley parecia ter ficado com medo de ferir alguém e hesitou. — coletividade?

— Não, não! Eu não moro aqui. A minha filha e eu estamos aqui apenas de visita. Por alguns dias.

— Ah... Você não mora em Oslo. É isso?

— Sim, eu moro... Este apartamento é da Hanne Wilhelmsen. E da Nefis, que é a companheira de Hanne. Companheira de vida, por assim dizer. A Nefis é turca e viajou com a filha Ida para a Turquia para visitar o pai e os avós da filha. Na realidade, são elas que vivem aqui. Eu sou apenas...

A presidente levantou as mãos e Johanne calou-se logo.

— Tudo bem — disse Helen Bentley. — Eu entendo. Posso ver televisão consigo? Consegue-se apanhar a CNN?

— Você não quer... comer qualquer coisa? Sei que a Mary já preparou...

— Você é americana? — perguntou a presidente, espantada.

Havia algo novo no olhar dela. Até então era só um olhar neutro, em guarda, como se ela tivesse de se resguardar para poder controlar o ambiente em volta. Até mesmo na noite anterior, quando Mary a arrastara da cave esse olhar era de alguém forte e orgulhoso.

Agora, porém, o seu olhar era de alguém com medo e Johanne não descortinava o motivo.

— Não — assegurou Johanne, rápida. — Eu sou norueguesa. Totalmente norueguesa!

— Mas fala como uma americana.

— Estudei na América. Quer que lhe traga alguma coisa? Alguma coisa para comer?

— Deixe-me adivinhar — disse a presidente, já sem aquele vestígio de medo. — Em Boston.

Ela alongou o “o” de Boston, quase pronunciando um “a”. Johanne sorriu.

— Não é possível, aqui há vida — murmurou Mary, mancando e chegando do hall com uma bandeja cheia nas mãos. — Ainda não são sete horas e já rola a vida neste lugar. Vou ter que ver se no meu contrato há alguma coisa a respeito de turno da noite...

A presidente olhava fascinada para Mary, enquanto ela pousava a bandeja na mesa.

— “Kofi” — disse a empregada, apontando para a cafeteira. — *Pencaca*. Ovos. *Beicon*. Suco de laranja. Sirva-se, *plize*.

Dito isto, levou a mão à boca e segredou a Johanne: — Essa das *pencacas* vi na televisão. Eles comem sempre *pencacas* no café. Que gente estranha...

Saiu para a cozinha, balançando a cabeça, mas antes ainda afagou os cabelos de Ragnhild.

— É para você ou para mim? — perguntou a presidente, sentando-se na mesa. — Aliás, parece dar para três.

— Coma — disse Johanne. — Mary vai ficar zangada se não tiver comido tudo quando ela voltar.

A presidente pegou a faca e o garfo. Parecia que não sabia como enfrentar a grandiosa refeição. Com todo o cuidado, pegou uma panqueca recheada de uma quantidade enorme de geleia e creme.

— Que coisa é esta? — perguntou ela em voz baixa. — Uma espécie de crepe Suzette?

— Nós chamamos de panqueca — sussurrou Johanne. — Mary acha que todos os americanos comem panquecas no café.

— Humm, delicioso, realmente, mas muito doce. Quem é essa?

Helen Bentley apontou para a TV na qual passava o noticiário do dia anterior. Tanto o canal da NRK quanto o da TV2 continuavam a dar noticiários extraordinários a toda a hora, vinte e quatro horas por dia. A partir de uma da manhã, repetiam o programa da noite anterior até chegar às sete e meia da manhã, horário em que as notícias voltavam a ser frescas.

Wenke Bencke estava de novo no estúdio. Ela discutia acaloradamente com um policial aposentado que tinha se firmado como comentarista e perito criminal depois de uma carreira não muito bem-sucedida como detetive particular. Nos últimos dias, alternavam-se nos dois maiores canais. E excediam sempre as expectativas.

Mas os dois não se toleravam.

— Na realidade, ela é... escritora.

Johanne pegou o controle remoto.

— Vou mudar para a CNN — murmurou ela.

A presidente ficou paralisada.

— Espere! Espere!

Johanne ficou confusa com o controle remoto na mão olhando da presidente para a televisão e da televisão para a presidente. Helen Bentley estava de boca aberta e com a cabeça inclinada em profunda concentração.

— Aquela mulher falou de Warren Scifford — murmurou a presidente.

Johanne aumentou o volume e começou a ouvir.

— ... e não existe absolutamente nenhuma razão para culpar o FBI por usar métodos ilegais — continuou Wenke Bencke. — Como disse, tenho informações em primeira mão de Warren Scifford, que dirige os agentes do FBI, que tem cooperado com a polícia norueguesa. Scifford tem...

— Esse... — sussurrou a presidente. — O que é que ela disse?

— *Cooperado? Cooperado? Se a senhora, digníssima autora de romances policiais, acha — o apresentador cuspiu o título como se ele tivesse gosto de leite azedo — que tem a mínima noção do que está acontecendo neste país no qual uma força policial estrangeira assume o direito de...*

— O que eles estão dizendo? — perguntou a presidente, rispidamente. — Do que estão falando?

— Estão discutindo — sussurrou Johanne, tentando ouvir.

— Sobre o quê?

— Espere.

E levantou a mão, para que aguardasse.

— *Então eu devo...*

O apresentador do programa se esforçava para ser ouvido.

— *Então, vamos terminar por hoje. Já ultrapassamos o tempo normal. Estou certo de que esta discussão vai continuar nos próximos dias e semanas. Obrigado por hoje!*

A programação mudou. A presidente continuava em suspenso, com o garfo na mão, a geleia pingando na mesa, escorrendo de um pedaço de panqueca. E ela nem notava.

Johanne pegou um guardanapo de papel e limpou a mesa diante da presidente.

— Sim — disse Johanne em voz baixa. — Não ouvi muita coisa, mas parece que há pontos de vista diferentes sobre a maneira como o FBI tem agido... Discutia-se, portanto... Ah, sim, pelo que entendi, o FBI tem tomado certas liberdades em solo norueguês. Aliás, esse tem sido o tema das conversas nos últimos dias.

— Mas... Warren está aqui? Na Noruega?

A mão de Johanne parou a meio do movimento. A presidente já não parecia controlada ou majestosa. Olhava como se fosse idiota, esperando a confirmação.

— Sim!

Johanne não sabia o que fazer. Resolveu pegar Ragnhild no colo. A menina se mexia como uma enguia. A mãe não queria largá-la.

— No chão! Para baixo! — reclamava Ragnhild. — Mamãe! Agni quer para baixo!

— Conhece-o? — perguntou Johanne, à falta de outra coisa para dizer. — Quer dizer, pessoalmente?

A presidente não respondeu. Suspirou profundamente umas duas, três vezes, antes de recommençar a comer. Lentamente e com todo o cuidado, como se lhe doesse, conseguiu engolir meia panqueca e um pouco de bacon. Johanne já não conseguia segurar Ragnhild no colo. Deixou que ela voltasse para seu brinquedo no chão. Helen Bentley bebeu o suco de uma só vez e pôs um pouco de leite no café.

— Eu achava que o conhecia — disse a presidente, levando a xícara à boca.

Sua voz era extraordinariamente calma, tendo em consideração o seu estado de choque ainda recente. Pareceu a Johanne que a sua voz tremeu, quando Helen Bentley alisou o cabelo, cuidadosamente, continuando: — Lembro-me de me ter sido oferecida uma ligação via Internet. Claro que para isso preciso de um computador. Está na hora de eu começar a limpar a sujidade de toda esta história.

Johanne engoliu em seco. Mais uma vez, de novo. Abriu a boca para dizer alguma coisa, mas não saiu nenhum som. Notou que a presidente olhava para ela. E sentiu que pousava a mão no seu braço.

— Eu também o conheci — sussurrou Johanne. — E achei que conhecia Warren Scifford.

Talvez fosse porque Helen Bentley era uma estranha. Talvez fosse por saber que aquela mulher não pertencia àquele lugar, nem à vida de Johanne, nem a Oslo, nem à Noruega. Talvez por tudo isso, contou-lhe o que tinha acontecido. *Madam President* voltaria para casa, para os Estados Unidos, mais cedo ou mais tarde. Hoje, amanhã, de qualquer maneira em breve. Não se encontrariam

novamente. Dali a um ano ou dois, a presidente mal se lembraria de quem era Johanne Vik. Talvez fosse a enorme distância entre as duas na carreira, na vida e na geografia que fez com que Johanne, finalmente, depois de treze anos de silêncio, contasse a alguém a história do momento em que Warren a traíra de forma tão radical que ela perdera a criança que esperava e que era dele.

E quando acabou de contar sua história, Helen Bentley tinha perdido o último resto de dúvida. Puxou Johanne, carinhosamente, para si, abraçou-a e afagou-a. Quando o choro, finalmente, amainou, Helen Bentley levantou-se e pediu em voz baixa se havia um computador que ela pudesse usar.

5.

Fora o próprio Abdallah al-Rahman que escolhera a palavra Troia.

Esse pensamento divertia-o imenso. A escolha do nome não era absolutamente necessária, mas fez com que fosse muito mais fácil convencer a *Madam President* a deixar a sua suíte de hotel. Durante as semanas que se seguiram ao anúncio da viagem da presidente à Noruega em meados de Maio, ele trabalhou os serviços secretos americanos com táticas de guerrilha.

Entradas rapidíssimas. Saídas tão rápidas quanto as entradas.

As informações foram plantadas fragmentadas e, na realidade, não queriam dizer nada. Mas davam a ideia, uma espécie de ponto inicial, de que alguma coisa estava em andamento. Com a utilização cuidadosa das palavras “de dentro”, “ataque inesperado” e, além delas, a palavra “cavalo” encontrada pela CIA numa mensagem num cadáver que deu à costa na Itália, Abdallah conseguiu chegar precisamente onde queria.

Quando a informação chegou a Warren Scifford e aos seus homens, eles engoliram o engodo. Tornou-se a Operação Troia, exatamente como desejava.

Abdallah voltou para o seu escritório após uma cavalgada. As manhãs no deserto eram uma das coisas mais belas que ele conhecia. O cavalo tinha feito um grande esforço e mereceu, depois, com o seu dono, um bom banho na represa sob as palmeiras perto da cavalaria. O animal já era velho, um dos mais velhos que ele tinha. E dava prazer ver como esse garanhão ainda tinha rapidez, elasticidade e alegria de viver.

O dia tinha começado bem. Já tinha resolvido uma boa parte de todos os problemas. Respondido às mensagens eletrônicas, realizado uma reunião por telefone e lido um relatório de uma administradora

sem nenhum interesse especial. À medida que a manhã avançava, ele começou a notar que a concentração já não era a mesma. Logo mandou um curto recado para a recepção de que não queria ser incomodado e desligou o computador.

Numa das paredes, a tela mostrava sem som a programação da CNN.

Na outra, estava pendurado um enorme mapa dos Estados Unidos.

Havia uma grande quantidade de alfinetes com cabeças de cores variadas espalhados por todo o país. Dirigiu-se ao mapa e deixou que os dedos deslizassem em ziguezague entre os alfinetes até parar em Los Angeles.

Aqui talvez estivesse Eric Ariyoshi, pensou Abdallah al-Rahman, afagando a cabeça amarela do alfinete com a ponta do dedo. Eric era um sansei, americano de terceira geração de origem japonesa. Estava perto de fazer quarenta e cinco anos e não tinha família. A mulher tinha-o deixado quatro semanas depois do casamento, quando ele perdera o emprego em 1983. E depois disso ele passou a viver com os pais. Eric Ariyoshi, porém, não se deixou abalar. Passou a fazer pequenos serviços onde os houvesse até que aos trinta anos saiu do ensino noturno formado como montador de cabos.

A grande pancada veio quando o pai morreu.

O pai tinha estado internado na Costa Oeste dos EUA durante a Segunda Guerra. Nessa altura, ele era apenas um rapazito. Com os pais e duas irmãs pequenas, tinha ficado preso três anos. Poucos tinham feito alguma coisa de mal. A maioria eram bons americanos desde sempre. A mãe, avó de Eric, faleceu antes de serem libertados em 1945. O pai de Eric nunca se recuperou. Ao chegar a adulto e depois de se estabelecer na periferia de Los Angeles com uma pequena loja de flores que mal dava para se sustentar a ele, à mulher e a duas crianças, resolveu processar o governo americano. O processo demorou muito e foi muito dispendioso.

Quando o pai de Eric morreu, em 1994, verificou-se que a herança era constituída por uma dívida esmagadora. A pequena casa em que o filho tinha aplicado todas as suas economias de quase quinze anos de trabalho ainda estava em nome do pai e foi tomada pelo banco. E Eric teve de recomeçar tudo de novo. O processo que o pai tinha pendente contra o governo americano por internamento indevido não deu em nada. Tudo o que o velho Daniel Ariyoshi tinha recebido por seguir as regras e ouvir aquilo que os advogados caríssimos lhe diziam foi uma vida de amarguras e uma morte em total ruína.

Segundo os relatórios, seria fácil convencer Eric.

Ele queria, evidentemente, ganhar dinheiro, muito dinheiro, segundo o seu critério de pobre, mas era isso que ele iria receber.

Abdallah deixou o dedo correr pelo mapa, de alfinete para alfinete.

Ao contrário de Osama bin Laden, não queria usar homens-bomba, suicidas e fanáticos para atacar os Estados Unidos, homens que atacavam sem nunca entenderem o país.

Em vez disso, organizou um exército silencioso de americanos. De americanos insatisfeitos, traídos, estressados, enganados, gente vulgar que pertencia ao país. Muitos deles nasceram no país, todos viviam lá e o país era o deles. Eles eram cidadãos dos Estados Unidos, mas os Estados Unidos nunca lhes tinha dado mais que decepções e derrotas.

— A primavera do nosso descontentamento — sussurrou Abdallah.

O seu dedo parou num alfinete de cabeça verde situado em Tucson, Arizona. Talvez representasse Jorge Gonzales, cujo filho mais novo fora morto por um assistente de xerife durante um assalto a um banco. O rapaz tinha seis anos e, por acaso, passava de bicicleta por perto. O xerife declarou bruscamente à imprensa local que o seu assistente, competentíssimo, estava convencido de que o garoto fazia

parte do bando de assaltantes. Além disso, tudo tinha acontecido muito rapidamente.

O pequeno Antônio tinha um metro e vinte e cinco centímetros de altura e estava a seis metros de distância do polícia quando recebeu o tiro fatal. Estava sentado numa bicicleta verde de criança, com uma camisola um pouco grande demais com o Homem-Aranha nas costas.

Ninguém foi condenado pelo acontecido. Nem sequer foi instaurado qualquer processo.

O pai que trabalhava no Wal-Mart desde que chegara do México à terra dos seus sonhos, com treze anos de idade, nunca se recompôs da morte do filho e da falta de respeito com que foi tratado por aqueles que deviam defendê-lo e à sua família. Quando surgiu uma oferta acompanhada de uma soma que tornaria possível o seu regresso ao país de nascimento como um homem influente contra a prestação de um serviço que não parecia nada assustador, ele aceitou imediatamente a oportunidade.

E, assim, Abdallah pôde continuar.

Para cada novo alfinete, havia outro destino, outra vida. Naturalmente, ele nunca se encontrou com nenhum deles. Nenhuma dessas pessoas fazia a menor ideia de quem ele fosse e jamais viria a saber. Nem sequer as cerca de trinta pessoas que desde o início de 2002 trabalhavam para procurar e recrutar esse exército de sonhadores destroçados sabiam quem dava as ordens e de onde vinha o dinheiro.

Os reflexos vermelhos vindos do monitor da televisão fizeram com que Abdallah se virasse.

A televisão mostrava um incêndio.

Ele correu até a escrivaninha e aumentou o volume da televisão.

— ... neste celeiro perto de Fargo. Esta é a segunda vez em menos de doze horas que o armazenamento ilegal de gasolina provoca incêndios nesta área. As autoridades locais afirmam que...

“Os americanos já começam a fazer provisões...”

Abdallah sentou-se. Colocou os pés em cima da enorme escrivaninha e pegou na garrafa de água.

Com os preços da gasolina a subir com apenas algumas horas de intervalo e as preocupantes notícias de uma discussão cada vez mais acalorada com os diplomatas no Oriente Médio, a população saiu de casa para se assegurar de que tinha gasolina. Ainda era de noite nos Estados Unidos. No entanto, já se viam nas imagens da televisão filas de condutores furiosos com os carros cheios de baldes, bidões antigos e contentores de plástico. Um repórter, na frente de uma carrinha que se aproximou da bomba, teve de saltar para o lado para evitar ser atropelado.

— Eles simplesmente não podem negar-nos a venda de gasolina — reclamava um camponês forte e com excesso de peso diante da câmara. — Se as autoridades não podem garantir que os preços da gasolina sejam razoáveis, então, temos todo o direito de adotar as nossas próprias regras!

— O que é que vai fazer agora? — perguntava o entrevistador, enquanto a imagem mostrava dois jovens que se debatiam por um contentor metálico de gasolina, habitual em jipes.

— Primeiro, vou encher todos estes tambores — gritou o camponês, baixando a mão para um dos cinco bidões que estavam na caixa de carga. — E, depois, vou esvaziá-los para dentro do meu silo novo. E vou continuar a fazer isto durante toda a noite e toda a manhã de amanhã, até não haver nem mais uma gota de gasolina em todo o estado...

O som foi cortado e o repórter ficou confuso diante da câmara. E rápido que nem um raio, o produtor do programa transferiu o sinal para o estúdio.

Abdallah bebia. Esvaziou a garrafa de água e dirigiu-se ao mapa com todos os alfinetes, todos os seus soldados.

Eles não tinham nada a ver com petróleo ou gasolina.

A maioria trabalhava com cabos de televisão.

Muitos deles eram funcionários da Sears ou da Wal-Mart.

O resto eram peritos de informática. Jovens piratas que se deixavam levar a fazer qualquer coisa por qualquer meio tostão furado e programadores dos mais qualificados.

Alguns deles tinham perdido os empregos por serem considerados demasiado velhos. Já não havia lugar na indústria para trabalhadores competentes e leais que tinham aprendido informática quando ainda se trabalhava com cartões perfurados e que quase morreram de desespero na tentativa de se manterem a par do desenvolvimento do setor.

O mais interessante de tudo, pensou Abdallah, enquanto pegava na foto do seu falecido irmão Rashid, era saber que nenhum dos atores representados pelos alfinetes conhecia qualquer um dos seus parceiros. Os serviços prestados por cada um eram na verdade pequenos, quase uma bagatela, um delito que valia bem o risco face à recompensa esperada.

No conjunto, porém, o atentado seria fatal.

Não apenas uma enorme quantidade de terminais, instalações em que, através de cabos, os sinais de televisão eram recebidos e transmitidos para os assinantes, seria afetada. Essas instalações, na sua maior parte desprovidas de pessoal, revelaram ser alvos muito mais simples do que Abdallah tinha imaginado. Até mesmo os cabos e os aparelhos para intensificar os sinais podiam ser objeto de sabotagem, com uma amplitude que obrigaria à realização de reparações durante semanas, talvez meses.

Entretanto, a fúria aumentaria.

Pior ainda seria quando os sistemas de segurança e os sistemas de pagamento automático nas grandes cadeias de supermercados deixassem de funcionar. O ataque contra o comércio retalhista seria realizado intermitentemente, com ações rápidas contra áreas escolhidas, seguidas de novos ataques noutras áreas, imprevisíveis e

estrategicamente impossíveis de interpretar, efetivamente, como ações de guerrilha.

O invisível exército de americanos, espalhados por todo o continente e sem saber da existência uns dos outros, apenas tinha conhecimento preciso do que devia fazer quando a ordem chegasse.

O que iria acontecer no dia seguinte, amanhã.

Levou mais de uma semana para Abdallah planejar a estratégia final. Ficou no escritório com as longas listas dos recrutados diante de si. E durante sete dias mudou a posição deles no mapa, fazendo contas e cálculos, avaliando a força dos ataques e seus efeitos máximos. Quando, finalmente, escreveu o plano no papel, tudo passou a ser uma questão de mandar chamar outro Tom O'Reilly a Riad. E William Smith. E David Coach.

Três mensageiros foram chamados. E ficaram dentro do palácio ao mesmo tempo, sem se encontrarem e sem se conhecerem. E foram mandados de volta para a Europa, cada um no seu avião, saindo com apenas meia hora de intervalo. Abdallah sorriu só de pensar na estratégia e afagou levemente a fotografia do irmão.

Nunca poderia ter certeza de qualquer coisa neste mundo, mas, por meio da utilização dos seus três mensageiros mais seguros, as possibilidades eram grandes para que pelo menos uma das cartas chegasse ao seu destino, que era uma caixa de correio nos Estados Unidos.

Os três mensageiros utilizados por ele morreram todos depois de terem colocado as cartas idênticas no correio. Os envelopes tinham o mesmo destinatário e o conteúdo só faria sentido para o receptor, caso fossem por algum motivo parar em mãos alheias.

E nisso residia o ponto mais fraco do plano, o de que todas as cartas tinham o mesmo destinatário.

Como todos os bons generais, Abdallah estava consciente da sua força e das suas fraquezas. A força era, antes de mais nada, a paciência, o seu enorme capital e o fato de ficar invisível. Este último

era, ao mesmo tempo, o seu ponto mais vulnerável. Via-se obrigado a agir em vários níveis, usando muitos peões e rodeios eletrônicos, manobras furtivas e, ocasionalmente, falsas identidades.

Abdallah al-Rahman era um respeitado homem de negócios. A maior parte das suas atividades era legítima. E ele utilizava os melhores corretores da Europa e dos Estados Unidos. Estava rodeado de uma certa inacessibilidade mística, mas nunca nada nem ninguém tinha beliscado a sua fama de capitalista honesto e justo, investidor e especulador no mercado acionista.

E assim continuaria a ser.

Mas teve que recorrer a um aliado. Alguém que estava por dentro.

A Operação Troia era demasiado complexa para ser conduzida de longe. Por outro lado, como nada podia levar alguém a chegar perto do próprio Abdallah, ele nunca tinha estado nos Estados Unidos por mais de dez meses.

Em finais de Junho, tivera um encontro com a candidata dos democratas à eleição para presidente. Ela pareceu positiva, bem impressionada com a administração portuária dos árabes. Abdallah viu-o nas reações dela. A reunião demorou mais meia hora do que o previsto, pela simples razão de que ela queria saber mais. No avião, de volta à Arábia Saudita, ele pensara pela primeira vez depois da morte do irmão que na vida, uma vez ou outra, não era preciso investir tudo. Que aqueles trinta anos de colocação bem planejada de uma rede de agentes por todos os Estados Unidos talvez fossem por água abaixo. Encostara a cabeça contra o vidro da janela do seu jato particular e vira o manto de nuvens em baixo, rosado sob os raios do sol, de que ele se afastava e que estava prestes a desaparecer atrás dele. Não fazia diferença, pensou ele. A existência estava cheia de investimentos que não davam lucro. Assumir o controle de uma parte dos portos da América, que tinha pertencido ao irmão, já valia tudo.

Praticamente, ela tinha prometido o contrato.

Depois, limitara-se a deixá-lo à parte para obter a vitória.

Havia o destinatário das cartas, o homem que devia pôr em marcha o plano que Abdallah arquitetara ao pormenor. Nada podia correr mal e Abdallah teve de arriscar um contato direto. Confiou no colaborador. Já se conheciam há muito tempo. Ocasionalmente, fazia-o sofrer pensar que até esse último e tênue laço entre ele próprio e os Estados Unidos teria de ser eliminado assim que a Operação Troia tivesse terminado.

Abdallah passou a manga da camisa por cima do vidro antes de voltar a colocar a fotografia de Rashid em cima da escrivaninha.

Claro que confiava em Fayed Muffasa, mas, por outro lado, não gostaria de mais alguma vez ser obrigado a confiar num único ser humano.

6.

— Vejam, não é lindo?

A Presidente Helen Bentley estava sentada com Ragnhild ao colo. A menina dormia. A cabeça loura pendia suavemente para trás, a boca estava aberta e sob as pálpebras finas os olhos movimentavam-se rapidamente de um lado para o outro. A intervalos regulares, a menina ressonava ligeiramente.

— Não era intenção nossa que você...

A mãe estendeu os braços e as mãos para receber a criança.

— Deixe-a estar — sorriu Helen Bentley. — Eu preciso de uma pausa.

Estivera três horas seguidas diante do computador. A situação, para dizer o mínimo, era grave. Muito pior do que imaginara. O medo do que poderia acontecer quando a Bolsa de Nova York abrisse dentro de algumas horas era enorme e, nas últimas vinte e quatro horas, parecia que os meios de comunicação estavam mais interessados em economia do que em política. Se é que se podia separar uma coisa da outra, pensou Helen Bentley. Todas as estações de televisão e noticiários da Internet continuavam a dar reportagens de Oslo a toda a hora, para atualizar o público sobre o desaparecimento da presidente. De certa maneira, era como se, entretanto, Helen Bentley e o seu destino tivessem saído da ribalta no inconsciente das pessoas. Agora, a questão tinha a ver com coisas mais próximas. Com petróleo, gasolina e empregos. Em muitos lugares, houve tumultos que quase chegaram ao nível de revoltas e os dois primeiros suicídios na Wall Street já eram um fato. Os governos da Arábia Saudita e do Irã mostravam-se furiosamente de acordo. O próprio chefe do Departamento de Estado dos EUA teve de interferir várias vezes, acalmando o mundo e dizendo que os

rumores sobre uma ligação entre os dois países e o sequestro da presidente não tinham nada a ver com a realidade.

Por enquanto, havia silêncio depois do discurso dele na noite anterior, mas o conflito continuava a sua escalada.

até o momento, Helen tinha-se limitado a navegar pelos sites abertos da Internet. Sabia que mais cedo ou mais tarde seria obrigada a entrar em sites que fariam os alarmes da Casa Branca disparar, mas ela queria demorar essa situação tanto quanto fosse possível. A tentação de criar um endereço eletrônico e enviar uma mensagem tranquilizadora para Christopher ficou muito próximo de a vencer e de se concretizar por várias vezes. Felizmente, foi suficientemente forte para resistir.

Havia muita coisa que ela ainda não tinha entendido.

O fato de Warren fazer jogo duplo era em si incompreensível. Sua longa experiência de vida, porém, já lhe tinha ensinado que as pessoas, por vezes, desviam-se e erram. Ainda que os caminhos de Deus fossem inescrutáveis, certamente, os dois não se iriam se encontrar no Além.

Era a passagem sobre a criança que ela não conseguia entender.

Na carta que Jeffrey Hunter lhe tinha mostrado naquela manhã bem cedo, que agora lhe parecia ter acontecido há uma eternidade, estava escrito que eles sabiam. Que os Troianos sabiam da criança. Qualquer coisa parecida com isso. Por muito que se esforçasse, não conseguia lembrar-se das palavras exatas. Ao ler a carta, vira diante de si a mãe biológica da sua filha, um vulto vestido de vermelho a andar sob a chuva com os olhos bem abertos, espantados, e um apelo nos lábios que não fora atendido.

A pequena Ragnhild tentou virar-se.

A menina era uma doçura. Cabelos louros claros e macios. Dentes branquíssimos por trás de lábios rosados. Pestanas longas e bonitas, levemente curvas.

Ela se parecia com Billie.

Helen Bentley sorriu, acomodando melhor a criança no colo. Aquele era um lugar estranho. Muito silencioso. Somente ao longe se ouvia um leve zunzum do mundo de que ela se escondia.

Naquele lugar, havia cinco seres humanos que se mantinham em silêncio.

A estranha empregada doméstica estava à janela. Fazia croché. De vez em quando, irritada, movia os lábios e olhava pela janela para um gigantesco carvalho. Depois, era como se falasse consigo e se recompusesse, murmurando palavras ininteligíveis, até que voltava, profundamente concentrada, ao seu trabalho manual.

A mãe da criança era uma mulher fascinante. Ao contar a história sobre Warren, parecia que, de fato, nunca a tinha contado a ninguém antes. De certa maneira, isso deu a Helen a sensação de um destino comum. Por muito paradoxal que fosse, pensou ela, visto que no seu caso o segredo dizia respeito a uma traição sua. Johanne, pelo contrário, tinha sido traída e de que maneira.

“Nós, as mulheres, e os nossos malditos segredos”, pensou ela. “Por que razão tem de ser assim? Por que razão sentimos vergonha, quer tenhamos motivo para isso ou não? De onde vem essa vergonha, essa sensação esmagadora de que somos sempre as culpadas?”

A mulher na cadeira de rodas era um mistério.

Naquele momento, estava do outro lado da mesa da cozinha com um jornal sobre os joelhos e uma xícara de café nas mãos. Não parecia que estivesse a ler. O jornal estava aberto na mesma página há mais de um quarto de hora.

Helen continuava sem saber quem era quem naquela casa. Por algum motivo, não lhe fazia diferença. Normalmente, a sua necessidade premente de controle teria tornado a situação insustentável. Mas em vez disso sentia-se tranquila, como se aquele estranho grupo fizesse com que a sua absurda presença naquela casa parecesse ainda mais natural.

Elas não lhe tinham feito qualquer pergunta desde que se levantara de manhã cedo. Nem uma única pergunta.

Não compreendia.

A criança no seu colo sentou-se, desperta e descansada. Helen sentiu o cheiro de leite doce e de sono quando a criança olhou para ela com uma expressão desconfiada e disse: — Mamãe. Quero a mamãe.

A empregada levantou-se mais depressa do que seria de esperar de uma personagem tão magra e manca.

— Está na hora de ficar com a tia Mary. Ah, vamos procurar os brinquedos da Ida. Assim, as madames vão poder falar ou ficar caladas em paz.

Ragnhild riu e estendeu os braços para ela.

“De qualquer forma, elas devem estar por aqui muitas vezes”, pensou Helen Bentley. A menina parecia gostar imenso da velha espanta-pardais. E as duas desapareceram para a sala de estar. O ruído da criança esbracejando e da mulher levemente resmungona foi ficando cada vez mais fraco até que se fez silêncio. Elas deviam ter ido para outra sala.

E ela tinha de voltar para o computador. De alguma maneira, teria de obter a resposta que lhe faltava. Tinha de continuar a procurar. Em algum lugar, naquele caos de informações que girava no espaço cibernético, tinha de encontrar o que procurava antes de dar a conhecer a sua presença e fazer com que o planeta voltasse a girar como de costume.

“Naturalmente, não vou encontrar a resposta num PC”, pensou ela antes de entrar nas suas próprias páginas, onde não encontrou nada que a pudesse ajudar.

Mas descobriu que estava a olhar para as suas mãos. A pele estava seca e tinha partido uma unha. O anel de casamento parecia demasiado grande. Estava largo no dedo e ameaçava cair quando ela resolveu girá-lo entre dois dedos. Lentamente, levantou a cabeça.

A mulher na cadeira de rodas estava a olhar para ela. Tinha os olhos mais extraordinários que Helen Bentley já vira. Eram azuis, de um azul quase branco, gelado, quase sem cor, mas ao mesmo tempo o seu olhar era profundo e escuro. Era impossível ler qualquer coisa naquele olhar, nada de perguntas, nada de exigências. Nada. A mulher estava apenas sentada a olhar para ela, o que a fazia sentir-se pequena. Tentou olhar para outro lado, mas não conseguiu.

— Eles enganaram-me — disse Helen Bentley calmamente. — Eles sabiam o que deviam fazer para que eu entrasse em pânico. E eu cedi sem resistência.

A mulher que se chamava Hanne Wilhelmsen pestanejou.

— Você quer contar-me o que aconteceu? — perguntou ela, dobrando lentamente o jornal.

— Acho que devo — disse Helen Bentley, respirando fundo. — Não tenho outra escolha.

7.

— E isso é tudo o que tem para me dizer?

O diretor-geral do STP, Peter Salhus, arvorou um ar insatisfeito e passou a mão pela testa.

Adam Stubo agitou as mãos e tentou acomodar-se melhor na desconfortável cadeira.

A televisão na sala de arquivos estava ligada. O som era baixo e arrastado. E Adam já tinha visto a mesma reportagem quatro vezes.

— Desisto — declarou ele. — Depois do episódio de ontem à noite, não há sinal de Warren Scifford. Começo quase a acreditar nos rumores de que o FBI faz suas próprias investigações. Alguém no refeitório afirmou que eles entraram de rompante num apartamento esta noite. Em Huseby. Ou... foi numa mansão, talvez.

— Não passam de rumores — murmurou Peter Salhus, abrindo uma gaveta.

— Eles se dão certas liberdades, sem dúvida, mas compreendem seguramente que não podem brincar de *cowboys*. Teríamos recebido informações sobre o assunto, se tivesse acontecido.

— Os deuses é que sabem. Eu acho que tudo é... completamente frustrante.

— O quê? Que os americanos andem à vontade no território de qualquer outro país?

— Não. Quer dizer, sim. Mas... Obrigado!

Ele inclinou-se em direção à caixa vermelha que Peter Salhus lhe estendia. Com todo o cuidado, como se lhe fosse oferecido um tesouro precioso, aceitou um grosso charuto e o examinou por alguns segundos antes de passá-lo lentamente por baixo do nariz.

— CAO Maduro número 4 — disse ele, solenemente. — Sopranos! Mas... podemos fumar aqui?

— Está em vigor o estado de emergência — disse Salhus, entregando-lhe um cortador de charuto e uma caixa de fósforos. — Com todo o respeito, eu quero que se dane.

Adam riu alto e dedicou-se ao charuto com movimentos de conhecedor, antes de acender.

— Ia dizer alguma coisa? — indagou Peter Salhus, recostando-se na cadeira.

A fumaça dos charutos flutuava em grandes círculos junto ao teto. Era ainda de manhã, mas Adam se sentia cansado como depois de um grande jantar à noite.

— É isso tudo — murmurou ele, soprando para o teto uma enorme baforada.

— O quê?

— Estou frustrado com isso tudo. Estamos aqui, sabem os deuses quantos homens, dando voltas procurando uma solução, tentando saber quem sequestrou a presidente e o que os sequestradores vão fazer. No fundo, isso não significa nada.

— É claro que significa alguma coisa, que...

— Já deu uma olhada ali na lata, ultimamente?

Adam apontava a televisão.

— O caso se tornou uma grande questão política.

— O que é que esperava? Que este caso fosse como qualquer desaparecimento insignificante?

— Não. Mas por que ficamos suando em bicas para encontrar um peixinho como Gerhard Skrader e um paquistanês que morre de medo só de olharmos para ele, quando os americanos já se decidiram pelo que efetivamente aconteceu?

Salhus parecia divertido. Sem responder, soprou mais uma baforada para o teto e pôs os pés em cima da mesa.

— Quero dizer — continuou Adam, ao mesmo tempo que procurava alguma coisa que pudesse servir de cinzeiro. — Ontem à noite, três homens ficaram cinco horas montando um quebra-cabeça

que mostrasse como Jeffrey Hunter conseguiu se esconder no duto de ventilação. Foi complicado. Havia uma quantidade fantástica de peças que não se encaixavam em lugar nenhum. Quando é que se revistou mais uma vez a suíte da presidente, quando é que usamos os cães pisteiros, quando é que usamos o aspirador de pó tendo em conta a alergia da presidente, quando é que as câmeras foram ligadas e desligadas, quando foi...? Você entende, não é? E qual foi a conclusão a que se chegou no fim? Qual foi a razão de tudo isto?

— A razão é que temos um caso para resolver.

— Mas os americanos estão-se nas tintas para isso.

Olhou desconfiado para o copo de plástico que Salhus lhe tinha oferecido como cinzeiro. Mas encolheu os ombros e decidiu deitar a cinza do charuto ali mesmo, no copo.

— A polícia de Oslo prende um marginal atrás de outro — continuou ele.

— E tudo indica que estão todos envolvidos no sequestro. Já encontraram o outro motorista. Conseguiram até deitar a mão a uma das mulheres que fez o papel da presidente.

Nenhum desses detidos tem alguma coisa para contar, além de que foram contratados para um trabalho muitíssimo bem pago. Não sabem de onde veio a ordem e o dinheiro.

Antes de o dia terminar, vamos ter a cadeia cheia de sequestradores.

Peter Salhus ria bem alto, divertido.

— Mas será que eles estão realmente interessados? — perguntava Adam, retoricamente, inclinando-se sobre a mesa. — Será que na Drammensveien os diplomatas mostram o mínimo interesse pelo que estamos a fazer? Será que estão dispostos a aceitar nem que seja uma pequena parcela de informação? Ah, não, não querem saber. Andam por aí a brincar aos heróis, enquanto o mundo lá fora está literalmente a descarrilar. Desisto. Simplesmente desisto. E aspirou a fumaça do charuto.

— Você é famoso por ser a calma em pessoa — disse Salhus. — Todos dizem que você é o homem mais sensato que existe no SNIC. Devo dizer que essa fama me parece um pouco imerecida. Aliás, o que diz sua mulher?

— Minha mulher? Johanne?

— Você tem mais de uma?

— Por que ela diria alguma coisa sobre esse caso?

— Pelo que sei, ela tem doutorado em Criminologia e uma passagem pelo FBI — prosseguiu Salhus, ao mesmo tempo em que erguia os braços defensivamente. — Acho que tem todas as qualificações para pelo menos emitir uma opinião. Talvez muito mais do que isso.

— É possível — disse Adam, olhando para a cinza do charuto prestes a cair pelas calças. — Mas de fato não sei o que ela acha. Não faço a mínima ideia de qual seja a opinião dela neste assunto.

— Aí está! — exclamou Peter Salhus, rapidamente, ao mesmo tempo que dirigia o copo que fazia de cinzeiro na direção de Adam. — Não temos estado em nossas casas nos últimos dias.

— Aí está — repetiu Adam, breve, apagando o charuto muito antes de ele estar terminado, como se a transgressão tivesse sido boa demais para ser verdade. — É isso que está acontecendo a todos nós.

O relógio marcava dez e quarenta e Johanne ainda não ligara.

8.

Johanne não fazia a menor ideia de que horas eram. Sentia-se numa outra realidade. O choque ao ver Mary chegar na noite anterior na companhia da presidente desaparecida tinha-se transformado numa sensação de estar completamente desligada de tudo o que acontecia fora do apartamento naquela rua, a Krusesgate. Via televisão de vez em quando, mas não ia à rua, nem sequer para comprar os jornais.

O apartamento era um castelo fechado. Ninguém saía, ninguém entrava. Era como se a decisão radical de se ajustar aos desejos da presidente de não dar o alarme tivesse cavado um fosso à volta da casa. Johanne tinha de pensar duas vezes para realmente se lembrar se era de manhã ou de tarde.

— Deve tratar-se de uma coisa totalmente diferente — disse ela repentinamente para si mesma, mas em voz alta. — Estamos a concentrar-nos no segredo errado.

Já estava calada há muito tempo. Em silêncio, tinha ouvido as duas mulheres. Tinha seguido a conversa entre as duas, uma conversa por vezes excitada, por vezes hesitante e sempre refletida, entre Helen Bentley e Hanne Wilhelmsen, sem contribuir para ela em nada, de tal maneira que até parecia que as outras duas se tinham esquecido de que ela estava ali.

Hanne levantou as sobrancelhas. Helen Bentley baixou as suas, assumindo uma expressão cética que fez o olho ainda ferido fechar-se.

- O que queres dizer? — perguntou Hanne.
- Acho que vocês estão a concentrar-se no segredo errado.
- Não entendo como — disse Helen Bentley, recostando-se na cadeira e cruzando os braços no peito, como se se sentisse insultada.
- Compreendo as suas palavras, mas não entendo o que quer dizer.

Johanne afastou a xícara de café para o lado. Ficou um momento sem respirar, olhando fixamente para um ponto na mesa, com os lábios entreabertos, como se não soubesse exatamente por onde começar.

— Nós, seres humanos, temo-nos sempre a nós mesmos como referência — disse ela finalmente, com um sorriso encantador de molde a desarmar qualquer um. — Todos fazemos o mesmo, de uma maneira ou de outra. Especialmente... as mulheres.

Fez uma nova pausa para pensar. Depois, sacudiu a cabeça e enrolou uma mecha de cabelo entre os dedos. As outras duas mulheres continuavam céticas, mas ouviam-na.

Quando Johanne voltou a falar, a sua voz soava mais grave do que habitualmente.

— Você contou-nos que foi acordada por Jeffrey Hunter, a quem conhecia. Evidentemente, estava muito cansada. Segundo as suas palavras, de início, sentiu-se bastante confusa. Muito confusa, disse você. O que não é de estranhar. A situação deve ter-lhe parecido bastante... extraordinária.

Johanne tirou os óculos e deixou o olhar míope vagar pela sala.

— Ele mostrou-lhe uma carta — continuou ela. — Você não se lembra do conteúdo exato da carta. Lembra-se, sim, de entrar em pânico.

— Não — disse Helen Bentley, sem hesitar. — Lembro-me de que...

— Espere — disse Johanne, levantando a mão. — Por favor, ouça primeiro. Foi isso efetivamente o que você disse. Você sempre salientou o fato de ter entrado em pânico. É como se... saltasse uma parte. É como se... se envergonhasse tão profundamente de determinada situação, que nem sequer pudesse reconstruí-la por completo.

Ela podia jurar que a presidente corara.

— Helen — disse Johanne, estendendo a mão na direção da presidente. Era a primeira vez que a tratava pelo seu nome próprio. A mão ficou em cima da mesa, com a palma virada para cima, imóvel, mas sem provocar qualquer reação. E acabou por a retirar.

— Você é a presidente da América — disse ela em voz baixa. — Você esteve literalmente falando, em guerra anteriormente.

O vestígio de um sorriso surgiu no rosto de Helen Bentley.

— Entrar em pânico numa situação como aquela — disse Johanne, respirando fundo — não é uma atitude, digamos, especialmente... presidenciável. Não, em especial da maneira como você a vê. Você julga-se uma pessoa dura, Helen. Não faça isso. Simplesmente, não é prático. Mesmo um ser humano como você poderá ter o seu ponto fraco.

Todos têm. A catástrofe, neste caso, é que você julgou que o tinham encontrado. Vamos tentar dar um passo atrás. Vamos ver o que aconteceu segundos antes de você ter a sensação de que o mundo se tinha estilhaçado em pedaços.

— Eu li a carta de Warren — disse Helen Bentley, sucinta.

— Sim. E nessa carta estava escrito alguma coisa a respeito de uma criança. Você não se lembra de mais nada.

— Oh, sim. Estava escrito que eles sabiam. Que os Troianos sabiam. A respeito da criança.

Johanne limpou os óculos com um guardanapo. Devia haver gordura no papel. Quando recolocou os óculos no lugar, olhou em redor para a sala e viu que tinha um filtro de névoa.

— Helen — tentou ela novamente. — Eu entendo que você ainda não esteja em condições de nos contar as coisas de que os troianos falavam. Respeito também, inteiramente, a sua vontade de manter esse segredo sobre a criança, esse mesmo segredo que você disse acreditar que eles conheciam, o que a transtornou por completo. Mas pode... Acha que...

Ela hesitou e fez uma careta.

— Agora, você está confusa — disse Hanne.

— Sim.

Johanne olhou para a presidente.

— Será que você não pensou automaticamente nesse seu segredo? — continuou ela rapidamente, para não perder novamente o fio da meada. — Você não pensou nele porque é o pior, o mais terrível?

— Agora eu é que não entendo o que você quer dizer, aonde quer chegar? — interrompeu Helen Bentley.

Johanne levantou-se e dirigiu-se à bancada da cozinha. Pôs uma gota de detergente em cada lente e deixou cair a água morna, esfregando a lente com o polegar.

— Tenho uma filha que vai fazer onze anos em breve — disse Johanne, enquanto enxugava cuidadosamente as lentes. — Ela tem uma deficiência mental que nós ainda não sabemos realmente qual é. Mas ela é o meu... ponto mais fraco. Sinto sempre que não a vejo com frequência suficiente. Que não sou suficientemente boa para ela, nem suficientemente boa com ela. Ela me torna horivelmente indefesa. Ela me torna... hipersensível. Se ouço uma conversa sobre falta de cuidado, acho logo que estão falando de mim. Se vejo na televisão que existe uma cura milagrosa para o autismo nos Estados Unidos, isso me faz sentir uma mãe miserável por não ter tentado alguma coisa nesse sentido. O programa se transforma numa acusação contra mim e fico acordada à noite me sentindo muito mal.

Naquele momento, tanto Helen Bentley quanto Hanne sorriram. E Johanne voltou a se sentar.

— É isso — disse ela, sorrindo também. — Vocês agora começam a reconhecer coisas semelhantes em suas vidas. É assim que nós somos, todas. Mais ou menos. E eu acho, simplesmente, que você, Helen, pensou no seu segredo porque é esse o seu ponto mais fraco. Mas não era para ele que a carta apontava. Era para outra coisa. Talvez outro segredo. Ou outra criança.

— Outra criança — repetiu a presidente, sem compreender.
— Sim. Você insiste em que ninguém, absolutamente ninguém, tem conhecimento desse... acontecimento já tão afastado no tempo. Nem mesmo seu marido. E isso tem lógica...

Johanne inclinou-se sobre a mesa.

— Hanne, você fez investigação criminal durante muitos anos. Não é razoável considerar que, quando alguma coisa é totalmente impossível... isso mesmo... totalmente impossível, então, passa a ser necessário encontrar outra explicação?

— O aborto — disse Helen Bentley.

O silêncio que se fez na sala levou tempo para desaparecer. Helen Bentley olhava em frente, sem realmente ver para onde olhava. Os seus lábios estavam entreabertos. E uma ruga profunda surgiu entre seus olhos, no lugar onde nasce o nariz. Ela não parecia assustada. Nem envergonhada, nem preocupada. Estava profundamente concentrada.

— Você fez um aborto — disse Johanne, por fim, com uma lentidão incrível, depois de algo que pareceu serem vários minutos de silêncio. — Isso nunca veio a público, que eu saiba. E olhe que, falando honestamente, eu mantenho ouvidos e olhos bem abertos.

Um som leve, chamativo, se ouviu. Alguém estava batendo na porta de entrada.

— O que vamos fazer agora? — sussurrou Johanne. Helen Bentley ficou paralisada.

— Espere — disse Hanne. — Mary vai abrir. Tudo vai dar certo. As três prenderam a respiração, em parte devido à tensão do momento, em parte para tentar ouvir a conversa entre Mary e o visitante. Nenhuma conseguiu ouvir o que diziam.

Passou-se mais meio minuto. Fechou-se a porta. Um momento depois, Mary apareceu na cozinha com Ragnhild empoleirada no quadril.

— Quem era? — perguntou Hanne.

— Uma vizinha — respondeu Mary num tom anasalado, pegando um copo de água da bancada da cozinha.

— E o que a vizinha queria?

— Queria avisar que a porta da nossa cave estava aberta. Com os diabos! Não é que eu esqueci de fechar ontem à noite... Meu Deus, afinal, eu não podia arrastar a madame até aqui e ao mesmo tempo fechar a porta.

— E o que disse à vizinha?

— Agradei, mas, quando ela começou a matraquear sobre uma porta arrombada e a perguntar se eu sabia quem tinha feito aquilo, eu disse a ela para se meter na própria vida. E foi isso.

Mary pousou o copo de água na bancada e desapareceu.

— O quê? — perguntou Helen Bentley, excitada. — O que há?

— Nada — disse Hanne, agitando a mão. — A porta da cave que ainda estava aberta. Esqueça.

— Havia outro segredo — disse Johanne.

— Eu nunca considereei isso um segredo — disse Helen Bentley, com toda a calma, parecendo quase surpresa com a ideia. — Era algo que só dizia respeito a mim. Foi há muito, muito tempo. No verão de 1971. Eu tinha vinte e um anos e era estudante. Foi muito antes de ter conhecido Christopher. Claro, ele sabe de tudo. Portanto, não é... segredo nenhum. Para ninguém. De maneira nenhuma.

— Mas um aborto...

Johanne bateu com os dedos na mesa e repetiu: — Um aborto! Não seria prejudicial para sua campanha se uma coisa dessas fosse conhecida? E não seria um problema difícil de controlar? A questão do aborto, para dizer o mínimo, é motivo de forte e violento cisma nos Estados Unidos...

— Não creio — disse Helen Bentley, em termos definitivos. — De qualquer maneira, sempre estive preparada para enfrentar a discussão. Todos sabem que eu sou Pro-Choice. Sem dúvida que essa minha posição no debate quase me custou a eleição...

— Esse foi o eufemismo do dia — disse Johanne. — Bush fez todo o possível para derrubá-la nesse ponto.

— É verdade. Mas tudo correu bem, felizmente, graças principalmente por contar com muitas vozes de mulheres das... classes menos abastadas. As pesquisas mostraram que tive de fato um impressionante número de votos de mulheres que nem sequer tinham se registrado antes como eleitoras. Além disso, salientei sempre que era contra o aborto realizado tardiamente. Isso fez com que minha posição fosse mais aceita até mesmo pelos adversários do aborto. Convivi sempre pacificamente com a hipótese de o meu aborto se tornar conhecido. Era um risco que valia a pena assumir. Na realidade, não me envergonho do que fiz. Era demasiado nova para ser mãe. Estava no segundo ano da universidade. Não amava o pai da criança. O aborto foi feito legalmente e eu estava apenas na sétima semana. Fui até Nova York para o fazer. Era e sou a favor da decisão responsável sobre o aborto durante os primeiros três meses. E sou responsável pelo que fiz.

Respirou fundo e Johanne notou um leve tremor na sua voz quando Helen Bentley continuou: — Mas o preço a pagar foi elevado. Fiquei estéril. Como sabem, a minha filha Billie é adotada. Não existe nada neste caso em que alguém possa apontar uma diferença entre aquilo que faço e aquilo que digo para fazer. Em última análise, é isso que vale para nós, políticos.

— Mas para alguns isso é dinamite — disse Johanne.

— Definitivamente — confirmou Helen Bentley. — Para muitos, de fato. Como você disse, a questão do aborto divide os Estados Unidos. É um tema controverso e de discussão interminável.

Se a intervenção fosse conhecida, teria sido difícil para mim. Mas, como disse, eu...

— Quem é que está a par desse aborto?

— Quem...

Ela pensou, franzindo a testa.

— Ninguém — respondeu, hesitante. — Christopher, claro. Conte-lhe antes de casarmos. E tinha uma grande amiga, Karen, que sabia. Ela era fantástica e apoiou-me muito. Um ano mais tarde, morreu num acidente de automóvel. Nessa altura, eu estava no Vietname e... Nem sequer imagino que Karen o tenha contado a alguém. Ela era...

— E no hospital? Deve haver registos em algum lugar, com certeza. Não?

— O edifício sofreu um incêndio e veio abaixo em 1972 ou 73. Alguns ativistas pró-vida, aparentemente, foram um pouco longe demais nos seus protestos. Isso foi antes da revolução dos computadores e presumo...

— Que os registos já não existam — acrescentou Johanne. — A amiga também não.

Ela contava pelos dedos e hesitou antes de fazer a pergunta.

— E o pai da criança? Ele soube de alguma coisa?

— Sim. É claro que sim.

Ela caiu nos seus pensamentos. A sua expressão suavizou-se com uma ternura em volta da boca e no olhar que atenuou as rugas e fez com que parecesse mais nova.

— Ele queria casar-se comigo — disse ela. — Ele queria muito ter a criança. Mas quando percebeu que eu estava decidida, apoiou-me em todos os sentidos. Foi até comigo para Nova York.

Ela olhou para cima. Os olhos estavam marejados de lágrimas. Não fez nenhuma tentativa para as limpar.

— Eu não o amava. Nem sei mesmo se estava apaixonada. Mas ele era o mais querido... Acho que ele foi o mais querido, o mais bondoso, entre todos os homens que conheci.

Solicito. Inteligente. Prometeu-me nunca dizer nada a quem quer que fosse. E não posso acreditar, simplesmente, que tenha quebrado a sua promessa. Só se ele mudou radicalmente.

— Isso acontece — sussurrou Johanne.

— Não com ele — disse Helen Bentley. — Era um homem de honra como nunca encontrei outro. Conheci-o durante quase dois anos antes de ficar grávida.

— Isso aconteceu há trinta e dois anos — disse Hanne. — Muito pode acontecer com uma pessoa durante tantos anos.

— Não com ele — disse Helen Bentley, abanando a cabeça.

— Como é que ele se chama? — perguntou Hanne. — Lembra-se?

— Ali Shaeed Muffasa — disse Helen Bentley. — Acho que mudou de nome mais tarde. Para um nome mais... inglês. Mas para mim ele será sempre Ali, o rapaz mais querido do mundo.

9.

O relógio, finalmente, marcou as sete e meia da manhã. Felizmente, era quinta-feira. As duas garotas tinham de ir cedo para a escola. Louise para jogar xadrez antes do início das aulas e Catherine para fazer uma aula extra de musculação. Perguntaram pelo tio, mas ficaram satisfeitas ao saber pelo pai que Fayed tinha bebido um pouco demais na noite anterior. E que, por isso, iria dormir um pouco mais para recuperar.

A casa na Estrada Rural número 4, em Farmington, no estado do Maine, nunca ficava totalmente silenciosa. A madeira da construção rangia. A maioria das portas tinha defeitos. Algumas eram difíceis de abrir. Outras não se conseguiam fechar, batendo contra a ombreira. E as janelas nunca ficavam, realmente, bem encaixadas e deixavam passar correntes de ar. Nas traseiras, tinham sido plantados áceres tão perto da casa que, ao crescerem, batiam com os ramos no telhado ao menor sopro de vento.

Era como se a casa tivesse vida própria.

Al Muffet já não precisava se esconder. Sabia que ninguém viria importuná-lo antes das duas horas da tarde. Depois de ter deixado as filhas na escola, Al passou pelo escritório, disse à secretária que não estava a sentir-se bem, tinha dores na garganta e um pouco de febre. Pediu-lhe para remarcar as consultas do dia. A secretária olhou para ele pesarosa e solidária e disse-lhe que se cuidasse.

Ele pegou o que precisava, despediu-se e voltou para casa.

— Está confortável?

Al Muffet olhou para o irmão. Seus braços estavam amarrados na cabeceira da cama com fita adesiva forte nos pulsos. Os pés estavam amarrados, juntos, com uma corda que passava pelo painel elevado no pé da cama e presa com nós bem apertados. Na boca do irmão, Al colara fita adesiva larga.

— *Mmffmm* — gritava Fayed, sacudindo freneticamente a cabeça. O som saía amortecido por um pedaço de pano que Al enfiara por baixo da fita.

Al Muffet abriu as cortinas. A luz da manhã entrou pela casa dentro. O pó dançava acima do chão gasto de madeira, no quarto de hóspedes. Ele sorriu e voltou-se para o irmão deitado na cama.

— Está confortável, sim. Mal acordou quando à noite lhe dei um calmante. Assim, foi muito fácil dominá-lo. Eu nem sonhava, Fayed. Antigamente era você que me dominava. .

— *Mmffff!*

Perto da janela, havia uma cadeira. Era velha e tinha o assento muito gasto pelo uso. Tinha vindo com a casa, quando Al Muffet fez o negócio. A casa estava cheia de coisas velhas, mas bonitas, que ajudaram a família a instalar-se mais rapidamente do que esperavam.

Ele puxou a cadeira para perto da cama.

— Isso aqui... — disse ele, exibindo uma seringa perante os olhos espantados e desconfiados do irmão. — Isso aqui é uma coisa muito mais perigosa do que o que injetei ontem. Isso aqui, entende...

Pressionou lentamente o êmbolo da seringa, de modo a fazer com que algumas gotas saíssem pela agulha muito fina.

— É Ketovenidon. Uma solução forte de morfina. Muito eficaz. E aqui tenho — olhou para a seringa contra a luz — cento e cinquenta miligramas. Em outras palavras, uma dose mortal para qualquer pessoa.

Fayed revirou os olhos e tentou sem sucesso soltar as mãos.

— E aqui — continuou Al Muffet, despreocupado, tirando outra seringa da maleta que tinha deixado no chão ao lado da cama — temos Naxolon. Portanto, um antídoto.

Ele pousou a segunda seringa na mesa de cabeceira, que afastou um pouco da cama por segurança.

— Vou tirar a mordaca de sua boca daqui a pouco — disse Al, tentando atrair o olhar do irmão. — Mas antes vou lhe dar um pouco dessa morfina. Vai notar logo o efeito. Sua pressão arterial e a pulsação vão cair. Vai se sentir muito mal. Talvez sinta dificuldade para respirar. Depois, vai escolher. Ou responde minhas perguntas ou dou um pouco mais da dose. E assim sucessivamente. Muito simples, não é? Quando me der todas as informações de que preciso, dou o antídoto. Mas só então. Entendido?

O irmão se contorcia desesperado na cama. As lágrimas corriam por seu rosto e Al notou que o pijama estava molhado entre as pernas.

— Mais uma coisa — disse Al, enfiando a agulha da seringa na coxa de Fayed através do pijama. — Pode gritar quanto quiser. Será perda de tempo. São quase dois quilômetros até a casa do vizinho mais próximo. E, de resto, ele está fora, viajando. É um dia útil, normal, e ninguém vai estar passeando lá fora. Não conte com isso, portanto. Muito bem...

Retirou a seringa e controlou o conteúdo para saber quanto tinha injetado. Ficou satisfeito com a verificação, largou a seringa em cima da mesa de cabeceira e retirou a fita adesiva da boca do irmão com um puxão. Fayed tentou cuspir o pedaço de pano da boca, mas teve ânsia de vômito. Al teve que ajudá-lo, retirando o pano com a ponta dos dedos.

Fayed procurou aspirar, respirar fundo. E foi respirando com dificuldade que tentou dizer alguma coisa, mas só conseguiu arquejar e tossir.

— Começamos a ficar sem tempo — disse Al. — É preciso que tente ser rápido nas respostas.

Ele umedeceu os lábios e pensou.

— É verdade que mamãe confundiu você comigo na hora da morte? — perguntou ele.

Fayed conseguiu acenar afirmativamente com a cabeça, ainda que com dificuldade.

— Ela disse alguma coisa que só devia ser ouvida por mim?

Naquele momento, o irmão reunia forças, estava mais calmo. Era como se finalmente tivesse compreendido que não tinha como fugir. Por um momento, ficou totalmente quieto. Apenas a boca se mexia. Parecia que tentava produzir saliva depois de ter um pano na boca durante várias horas.

— Tome — disse Al, aproximando um copo de água dos lábios dele. Fayed bebeu. Vários goles. Depois, pigarreou com força e cuspiu uma mistura de água, saliva e fios do pano no rosto do irmão.

— Vá se danar! — disse ele com a voz rouca.

— Não está sendo muito inteligente — disse Al, limpando o rosto com a manga da camisa.

Fayed não disse nada. Parecia refletir no que devia fazer e no que achava necessário fazer para negociar uma solução.

— Vamos tentar novamente — disse Al. — Mamãe disse alguma coisa que, na realidade, só eu devia ouvir?

Fayed continuou sem responder. Mas pelo menos manteve-se quieto. A morfina tinha começado a fazer efeito. As pupilas começaram a contrair-se nitidamente. Na cômoda perto da porta que dava para o banheiro, abriu o cadeado com o código e retirou a agenda de Fayed de baixo da roupa. Folheou o calendário até o ano de 2002 e rasgou a folha.

— Aqui — disse ele, voltando para junto da cama. — Aqui temos o dia em que a mãe morreu. O que escreveu aqui, Fayed? No dia em que a mãe morreu e quando você estava com ela?

Ele aproximou a folha do rosto do irmão, que virou a cabeça para o lado.

— Junho de 1971, Nova York, foi o que anotou. O que significa essa data para você? Foi a mãe que deu essa data? Foi a mãe que falou dessa data, quando estava com ela?

Nada de resposta.

— Sabe — disse Al, em voz baixa, agitando a agenda —, morrer com uma dose de morfina está muito longe de ser tão agradável como muitos pensam. Percebeu que os pulmões já não estão funcionando direito, começam a traí-lo. Já deve ter notado que é cada vez mais difícil respirar, não é verdade?

O irmão silvava. Tentou erguer o corpo, arqueando-o, mas não conseguiu.

— A mãe era a única que sabia — continuou Al. — Mas ela nunca me recriminou, Fayed. Meu segredo a afetou profundamente, mas ela nunca o usou contra mim. A mãe era meu anjo da guarda. Como podia ter sido também o seu, se você se comportasse de forma mais ou menos conveniente. De qualquer forma, podia ao menos ter tentado se tornar membro da família. Em vez disso, fazia tudo o que podia para não pertencer a nossa família.

— Eu nunca pertenci à família — chiou Fayed. — Você contribuiu para isso.

Agora, ele estava pálido. Sem se mexer, de olhos fechados.

— Eu? Eu? Eu que...

Decidido, pegou a seringa de morfina e injetou no músculo da coxa de Fayed mais dez miligramas.

— Não temos muito mais tempo para discutir. O que vai acontecer, Fayed? Por que veio me procurar depois de todos esses anos e com que fim usou a informação sobre o aborto da Helen?

Pareceu em seguida que Fayed começou realmente a ficar com medo. Tentava respirar, sorver ar para os pulmões, mas os músculos já não davam conta do recado. Formou-se uma espuma branca nos seus lábios como se ele já não conseguisse engolir a própria saliva.

— Ajude-me — disse ele. — Tem que me ajudar. Eu não posso...

— Vai responder?

— Ajude-me. Eu não devo... Tudo vai... O plano...

— O plano? Que plano? Fayed, de que plano está falando?

Ele estava à beira da morte. Estava claro. Al sentia calor. Notou que suas mãos tremiam ao pegar a seringa com o antídoto e prepará-la.

— Fayed — chamou ele, agarrando com a mão livre o queixo do irmão para o obrigar a olhá-lo. — Chegou ao ponto de se sentir realmente mal. E eu tenho o antídoto na mão. Responda uma coisa. Apenas uma coisa. Por que veio aqui? Por que veio precisamente agora me visitar?

— As cartas — murmurou Fayed.

O olhar dele já parecia morto.

Já não respirava. Al deu-lhe uma pancada violenta no peito. Os pulmões de Fayed ainda fizeram uma tentativa para enfrentar a morte.

— Vai ser arrastado para o caso — disse ele. — Era a você que eles amavam.

Al tirou um canivete da maleta e cortou a corda que amarrava o braço direito de Fayed na cama. Tinha injetado a morfina no músculo, mas agora precisava de uma veia. Lentamente, despejou todo o antídoto numa veia azul-escura do braço do irmão. E, rapidamente, para não perder a coragem, amarrou-o novamente. Levantou-se e deu dois passos, não conseguindo mais conter as lágrimas.

— Que inferno! Que inferno de vida! Tudo o que eu queria era paz e sossego! Nada de problemas! Nada de desavenças! Encontrei esse pequeno recanto do mundo onde tudo corria bem para mim e as meninas. E, então, você chega e...

Al agora soluçava. Não estava habituado a chorar. Não sabia o que fazer com os braços. Estavam pendentes, inertes, ao lado do corpo. Os ombros sacudiam violentamente.

— De que carta está falando, Fayed? O que você fez? Fayed, o que você fez?

Inclinou-se sobre o irmão. Colocou a palma da mão no rosto dele. Aquele bigode espesso e ridículo... tinha deixado crescer depois da última vez em que se viram. O bigode espetava sua mão sempre que Al afagava o rosto do irmão. E foi isso que ficou fazendo enquanto continuava a perguntar: — O que você fez desta vez?

Mas o irmão não respondeu. Já estava morto.

10.

Tinham acabado de dar as duas horas quando Helen Bentley voltou à cozinha. Parecia muito mal. Seis horas de sono e um banho demorado tinham conseguido um milagre pela manhã, mas agora estava pálida, de uma palidez doentia. Os olhos sem brilho, as olheiras fundas e negras. Deixou-se cair numa cadeira e aceitou sem pestanejar a xícara de café que Johanne lhe estendeu.

— Falta uma hora e meia para a Bolsa de Nova York abrir — disse ela, suspirando. — Vai ser uma quinta-feira negra, talvez a pior desde a década de 1930.

— Já encontrou uma saída? — perguntou Johanne, com cuidado.

— Consegui uma espécie de relatório resumido. É claro que nossos amigos sauditas não estão tão amistosos quanto seria de esperar. Há rumores sérios de que estão por trás disso, juntamente com o Irã. Sem que ninguém na minha administração, claro, queira reconhecer seja o que for.

Ela se esforçou por sorrir. Seus lábios estavam quase tão pálidos quanto o resto do rosto.

— O que implica que Warren se vendeu aos árabes — resumiu Johanne em voz baixa.

A presidente concordou e passou a mão nos olhos. E ficou assim por vários segundos, antes de, subitamente, dizer: — Não vou conseguir entender toda essa maquinação enquanto não entrar nas áreas restritas da Casa Branca. Mas para isso tenho que usar meus próprios códigos. Ainda assim vai haver muita coisa que ficará fora do meu alcance. Para isso, precisaria de outro tipo de equipamento. Mas tenho que saber se tudo acabou para Warren. Tenho que saber o que meus homens têm sobre ele antes de eu aparecer. E descobrir se eles fazem ideia de seu...

— Ele continua operacional aqui na Noruega — disse Johanne. — Eu saberia se alguma coisa lhe acontecesse. Se ele fosse preso ou algo assim, quero dizer.

Hesitou por um segundo, olhou de relance para o celular e acrescentou: — Acredito eu, sem dúvida.

— Mas isso pode não significar nada — disse a presidente. — Se eles souberem que ele está envolvido, pode acontecer de acharem mais conveniente mantê-lo na incerteza. Mas se eles não souberem de nada — inspirou profundamente —, então, pode ser perigoso deixar que ele continue livre, quando eu aparecer. Simplesmente, tenho que entrar nos meus próprios sites. Preciso.

— Bastam alguns segundos para eles descobrirem — disse Johanne, cética. — Vão ver o endereço IP e vão saber que o computador está aqui. Aí, vão cair em cima de nós com tudo o que tiverem.

— Sim, podia.... Não, não preciso de tanto tempo, na realidade. Umas duas horas chegam. Espero.

Abriu-se a porta e Hanne Wilhelmsen entrou.

— Uma hora de sono de vez em quando — disse ela, bocejando. — Consegue-se descansar com muito pouco. Você já chegou a alguma conclusão?

Ela olhou para Helen Bentley.

— Avancei bastante. Mas agora estou com um problema. Preciso entrar nos sites restritos e, se usar seu computador eu me denuncio, vão saber que estou viva e onde me encontro.

— Um problema, sim. E o que podemos fazer?

— Meu computador — lembrou-se Johanne de repente, levantando o indicador. — Por que não usá-lo?

— O seu computador?

— Você tem computador? Aqui?

Ambas olharam para ela, não acreditando.

— Está no carro — disse Johanne, excitada. — E está registrado na Universidade em Oslo. Também tem o endereço de IP, mas vai demorar mais a... Primeiro, vão ter que entrar em contato com a universidade, depois, descobrir a quem o computador está atribuído e ainda vão ter que me encontrar. De fato, apenas...

Ela olhou novamente para o celular com uma expressão de culpa.

— ... Adam sabe — acrescentou ela, com uma voz ainda mais baixa. — E nem ele, na realidade, sabe.

— Ótimo! — exclamou a presidente. — Acho que é uma boa ideia. Só preciso de umas duas horas. E duas horas é exatamente o tempo que teremos se usarmos esse computador.

Hanne era a única que continuava cética.

— Na realidade, não sei muito de endereços IP e coisas desse tipo — disse ela. — Mas alguma de vocês está certa de que vai realmente funcionar? Que não é a própria linha que vai ser localizada?

Johanne e Helen Bentley trocaram olhares.

— Não tenho certeza — disse a presidente. — Mas sou obrigada a arriscar. Pode ir buscá-lo?

— Claro — disse Johanne, levantando-se. — Cinco minutos.

Quando a porta da frente se fechou, Helen Bentley sentou-se ao lado da cadeira de rodas de Hanne. Parecia não encontrar as palavras certas. Hanne manteve uma expressão neutra, olhando para ela como se tivesse todo o tempo do mundo.

— Hannah, você tem... Você disse que era aposentada da polícia. Tem uma arma em casa?

Hanne girou a cadeira, afastando-a do canto da mesa.

— Uma arma? O que vai fazer com...

— Shiu — disse a presidente, num tom de voz subitamente tão autoritário que paralisou Hanne. — Minha querida, prefiro que Johanne não saiba nada disso. Eu não gostaria que minha filha de um ano estivesse num apartamento onde houvesse uma arma

carregada. Evidentemente, acredito que não será necessário usá-la. Mas tem que se lembrar de que...

— Você sabe por que estou nesta cadeira? Será que chegou a pensar nisso? Estou nesta maldita cadeira porque fui atingida por um tiro e minha coluna foi estilhaçada por uma bala. Meu relacionamento com armas não é muito pacífico.

— Hannah! Hannah! Ouça!

Hanne fixou o olhar atento em Helen Bentley.

— Normalmente, sou uma das pessoas mais bem protegidas do mundo — disse a presidente em voz baixa, como se tivesse medo de que Johanne já pudesse ter voltado. — Tenho guarda-costas com armas pesadas em volta aonde quer que vá, o tempo todo. Não é por acaso, Hannah. É por pura necessidade. No momento em que souberem que estou aqui, neste apartamento, fico completamente indefesa. Até que as pessoas certas cheguem e venham me buscar e me coloquem de novo sob vigilância, preciso me defender. Acho que compreende isso, se pensar duas vezes.

Foi Hanne quem cedeu primeiro e baixou o olhar.

— Tenho uma arma, sim — disse ela finalmente. — E munição. Nunca as tirei do cofre e... Você sabe atirar?

A presidente sorriu.

— Meus professores protestariam, certamente, face a esta afirmação, mas, na verdade, sei manejar uma arma. Sou a Comandante em Chefe, lembra-se?

Hanne continuava a olhar para o tampo da mesa com expressão indefinida.

— Mais uma coisa — disse Helen Bentley, com a mão no braço de Hanne. — Acho que é melhor se vocês forem embora. Saiam do apartamento. Para o caso de acontecer alguma coisa.

Hanne levantou a cabeça e olhou fixamente para ela, com expressão de exagerada desconfiança. Depois, começou a rir. Riu alto. Riu às gargalhadas.

— Boa sorte — conseguiu ela dizer entre soluços. — Eu não me deixo intimidar. E no que diz respeito a Mary, o espaço vital dela não vai além de um raio de trinta metros. Não vai conseguir nunca, e repito nunca, que ela saia daqui. De vez em quando, eu consigo que ela vá até o porão, mas você não. No que diz respeito...

— Aqui estou de volta — disse Johanne sem fôlego. — A propósito, está um tempo maravilhoso de verão lá fora.

Pôs o notebook em cima da mesa da cozinha. Com movimentos que denotavam longa prática, ligou o rato, colocou este sobre um suporte quadrado e ligou o cabo de alimentação ao computador e à ficha.

— *Voilà* — disse ela, introduzindo a senha. — Por favor, *Madam President!* Um computador que vão demorar a localizar!

Estava tão excitada que nem notou a expressão preocupada de Hanne, quando esta recuou a cadeira, afastando-a da mesa, virou-a e lentamente dirigiu-a para dentro do apartamento. As rodas de borracha chiavam no chão de madeira. E o chiado só parou quando uma porta bateu lá longe no imenso apartamento.

11.

O jovem que estava sentado diante do monitor numa sala exígua, não muito longe da Situation Room na Casa Branca, notou que as letras e as cifras tinham começado a dançar diante dos seus olhos. Tentou perceber o que se passava, sacudiu a cabeça e tentou de novo. Era difícil fixar o olhar numa única linha, numa única coluna. Levantou o braço para fazer uma massagem na nuca. O cheiro azedo de vinte e quatro horas de suor subiu da axila e fez com que baixasse imediatamente o braço, envergonhado e na esperança de que ninguém entrasse naquele momento.

Não era para um trabalho daqueles que tinha escolhido o seu curso universitário. Ao formar-se como engenheiro informático, com apenas dois anos de prática na vida profissional, conseguira aquele lugar na Casa Branca. Mal quisera acreditar na sua sorte, mas, agora, cinco meses depois, já estava cansado e aborrecido.

Ele tinha dado mostras da sua competência na pequena empresa de informática para que fora recrutado depois do exame e acreditara que a sua indiscutível capacidade como programador tinha levado a administração Bentley a contratá-lo.

Infelizmente, na grande maioria dos casos, durante quase seis meses naquele posto sentiu-se muito mais um mero mensageiro requintado e bem pago do que um engenheiro.

E naquele momento lá estava ele numa sala pequena, abafada, sem janelas, suado e a cheirar mal depois de vinte e três horas de trabalho, olhando para códigos e senhas que apareciam no monitor num caos a que tentava dar uma certa ordem. Era importante que se mantivesse concentrado.

Pressionou os olhos, levemente, como que para ver melhor.

Estava tão cansado que já nem pensava em dormir. Era como se o cérebro lhe tivesse ordenado que parasse de pensar em sono. Mas

também nem sequer queria pensar. Seu próprio disco rígido já tinha saído de serviço e deixado que o resto do corpo seguisse o próprio curso. As mãos estavam prestes a parar também e as dores na coluna já o perturbavam há horas.

Respirou lentamente, abrindo bem os olhos para os umedecer. Na realidade, devia ter bebido mais água, mas a sua pausa no serviço estava programada para dali a um quarto de hora. Ia tentar tomar um banho rápido de chuveiro.

O que estava havendo?

O que era aquilo?

Piscou e deixou que os dedos percorressem rápidos o teclado. A imagem na tela imobilizou-se. Hesitante, levantou a mão e deixou que o indicador seguisse uma linha da esquerda para a direita, antes de continuar a martelar o teclado.

Uma nova imagem surgiu.

Não conseguia acreditar.

Mas era verdade e ele descobrira. Ele, que de repente já não lamentava ter mudado de emprego, tinha descoberto em primeiro lugar, tinha sido o primeiro a saber. Mais uma vez, fez correr os dedos sobre o teclado. Finalmente, pressionou a tecla de impressão, pegou o telefone e esperou a imagem seguinte.

— Ela está viva — sussurrou ele, esquecendo-se até de respirar.

— Merda, ela está viva!

12.

— Este é um dos melhores lugares de Oslo — disse Adam Stubo, apontando para um simples banco de jardim, perto da água. — Pensei que nós dois estávamos a precisar de um pouco de ar fresco.

O verão tinha tomado conta da cidade. No espaço de vinte e quatro horas, a temperatura subira quase dez graus. O sol pintara a maior parte do céu com uma explosão de luz branca. Parecia que as árvores ao longo do rio Akerselva se tinham revestido de um verde mais escuro durante a manhã e havia tanto pólen na atmosfera que os olhos de Adam começaram a chorar assim que ele saiu do carro.

— Isso é um parque? — perguntou Warren Scifford, sem demonstrar interesse especial. — Um grande parque?

— Não. É um dos extremos da cidade. Ou um recanto da floresta, se quiser. É aqui que elas se encontram, as árvores e as casas. É bonito, não é? Sente-se aqui.

Warren olhou desconfiado para o banco sujo. Adam tirou do bolso um lenço e apagou os restos das festas do 17 de Maio. Um pouco de gelado de chocolate já seco, um pingo vermelho de ketchup e mais alguma coisa que ele nem quis saber de que se tratava.

— Agora, sim, pode sentar-se.

De um saco plástico, tirou duas enormes sanduíches de pão francês e duas latas de Coca Light.

— Tenho que pensar no peso — disse, colocando tudo em cima do banco, entre os dois. — Gosto mais da Coca normal. *The real thing*. Mas você sabe...

E deu umas palmadinhas na barriga. Warren não disse nada. Nem tocou na comida. Mas sentou-se no banco e ficou seguindo com o olhar três gansos do Canadá. Um cachorro, com metade do tamanho do ganso maior, foi perseguido por ele pelo relvado que

descia até a água. Parecia até que gostava disso. Cada vez que o ganso corria atrás dele de bico em riste, pronto para atacar, ele fugia. Assim que o ganso parava, o cãozinho voltava para trás, provocava e ladrava, chamando o ganso para nova corrida.

— Não quer comer? — perguntou Adam com a boca cheia. Warren ficou calado.

— Ouça — disse Adam depois de engolir. — De fato, minha missão é escoltá-lo para onde quiser. Torna-se cada vez mais claro, no entanto, que você não está minimamente interessado em me informar seja do que for. Ou em informar-nos a nós. Portanto — deu outra dentada na enorme sanduíche — por que não descontraímos pelo menos um pouco?

As palavras desapareceram com a comida.

O cachorro cansou da brincadeira. Virou as costas definitivamente aos gansos e seguiu ao longo da margem do rio abanando o rabo e o focinho no chão em direção a Maridalsvannet.

Adam continuou a comer em silêncio. Warren virou o rosto para o sol, apoiou o pé esquerdo no joelho direito e fechou os olhos sob a luz forte.

— O que há? — perguntou Adam, assim que acabou com a sua sanduíche e metade da sanduíche de Warren. — Dobrou os plásticos, colocou tudo no saco, abriu uma das latas de refrigerante e bebeu. — O que se passa consigo, afinal? — repetiu ele, tentando evitar um arroto.

Warren mantinha-se ainda imóvel.

— Como queira — suspirou Adam, tirando do bolso da camisa um par de óculos escuros.

— Existe um demônio lá fora — disse Warren sem mudar de posição.

— Muitos — concordou Adam. — Demais, diria eu, se me perguntassem.

— Existe um que quer crucificar-nos.

— É mesmo...

— Ele já começou. O problema é que ainda não sei como vai continuar. Além disso, ninguém quer ouvir o que eu digo.

Adam tentou acomodar-se melhor naquele banco de jardim nada confortável. Durante um breve instante, colocou o pé sobre o joelho da mesma maneira que Warren. A barriga protestou com a pressão e ele teve de desistir da posição.

— Estou bem sentado e sou todo ouvidos.

Finalmente, Warren sorriu. Colocou a palma da mão em pala sobre os olhos para os proteger do sol e olhou em volta.

— Isto aqui é de fato muito bonito — disse ele em voz baixa. — Como está Johanne?

— Muito bem, obrigado.

Adam meteu a mão no saco à procura de um chocolate. Encontrou-o, rasgou o papel e ofereceu-o a Warren.

— Não, obrigado. Com toda a sinceridade, ela foi a aluna mais diligente e inteligente que eu já tive.

Adam olhou para o chocolate. Depois, dobrou o papel à volta dele e deixou cair tudo no saco plástico.

— Johanne está bem — repetiu. — Tivemos uma filha no inverno passado. Uma criança saudável e esperta. Além disso, acho que devemos mudar de assunto, Warren.

— Está tão mal assim? Ela ainda continua... Adam tirou os óculos escuros de novo.

— Sim, está mesmo mal. Não quero falar mais de Johanne consigo. Seria basicamente desleal. Além disso, não tenho a mínima vontade de o fazer. Está bem?

— Claro.

O americano inclinou-se ligeiramente e fez um sinal com a mão como quem pede desculpa.

— As mulheres são de longe a minha maior fraqueza — disse ele com um sorriso rasgado.

Adam não tinha nada a dizer. Começava a duvidar de que aquele encontro informal tivesse sido boa ideia. Uma hora antes, quando Warren sem avisar aparecera na sala de Peter Salhus, Adam acreditou que uma mudança na rotina poderia favorecer o diálogo entre os dois.

Mas não era sobre Johanne que ele queria falar.

— Sabe? — continuou Warren. — Por vezes, quando tenho insônias, penso na vida e nos erros que cometi e chego à conclusão de que todos eles envolveram mulheres. E agora estou numa situação em que a minha carreira pode terminar caso a Presidente Bentley não seja encontrada com vida. Uma mulher tem todo o meu futuro nas suas mãos.

Deu um suspiro manifestamente exagerado.

— Mulheres. Não as entendo. São irresistíveis e incompreensíveis.

Adam notou que ele rangia os dentes e se concentrava em parar.

Era quase impossível. E teve que passar a mão no rosto numa tentativa de descontrair.

— Você não concorda com isso — disse Warren, rindo.

— Não.

Adam levantou-se bruscamente.

— Não — repetiu ele. — Acho que são muito poucas, muito poucas mesmo, as que são irresistíveis. E na maioria são também muito fáceis de entender. Nem sempre, mas muitas vezes. Mas... — Abriu os braços e olhou em outra direção. — Isso exige que as vejamos como seres humanos iguais a nós.

— *Touché* — disse Warren, sorrindo abertamente. — Muitíssimo correto, politicamente falando. Muitíssimo... escandinavo.

Um toque de telefone cortou o chilrear dos pássaros e o sussurro das águas correntes. Adam apalpou os bolsos à procura do celular.

— Alô — disse ao atender.

— Adam?

— Sim.

— Aqui é Peter Salhus.

— Ah, sim. Olá.

Adam fez menção de se levantar para se afastar do banco, quando se lembrou de que Warren não entendia norueguês.

— Alguma novidade? — perguntou ele.

— Sim. Apenas entre nós, Adam. Posso confiar?

— Claro. O que é?

— Sem entrar em detalhes, devo reconhecer que nós temos... É, nós temos uma boa maneira de saber o que está acontecendo na embaixada americana...

Pausa.

Temos uma escuta lá dentro, pensou Adam, pegando a lata de Coca, sem beber. Temos sob escuta uma embaixada amiga em território norueguês. O que eles fariam se...

— Eles acham que a presidente está viva, Adam.

Adam começou a respirar mais rapidamente. Pigarreou e tentou manter-se impassível. Por segurança, virou-se de costas para Warren.

— E onde?

— Aí é que bate o ponto, Adam. Eles afirmam que a presidente os contatou usando senhas a que só ela tem acesso. Ou é ela mesma que está se comunicando pela Internet ou alguém que conseguiu as senhas dela. De qualquer forma, tudo indica que ainda está viva.

— Mas... Não entendo...

— Eles conseguiram rastrear a mensagem até o endereço de IP de sua mulher. Felizmente, disso ainda não sabem.

— Joh...

Adam se interrompeu. Não queria mencionar o nome da mulher para Warren ouvir.

— Eles seguiram o endereço de IP até um computador que pertence à universidade. Agora, estão discutindo com a

administração da universidade para saber quem é o usuário. Acreditamos ser possível empatá-los um pouco, mas não por muito tempo. Eu pensei... Bastesen pode mandar uma patrulha para sua casa, por questão de segurança. Se houver alguma verdade nos rumores de que o FBI está investigando por conta própria, acho. Se eu fosse você, voltaria para casa agora mesmo.

— Sim... claro... obrigado.

Desligou sem lhe ocorrer que a patrulha devia ser mandada para outro lugar. Johanne não estava em casa. Ela e Ragnhild estavam numa casa no bairro Frogner. Num endereço que ele desconhecia.

Adam levantou-se rapidamente.

— Tenho que ir embora — disse ele, começando a andar.

O saco plástico e uma das latas de Coca ainda por abrir foram deixados para trás. Warren olhou espantado para o lixo, antes de correr atrás de Adam.

— O que houve? — perguntou ele, assim que alcançou Adam.

— Posso deixá-lo na cidade, está bem? É um assunto que eu tenho que esclarecer.

O corpo volumoso dançava pesadamente quando Adam correu para o carro. Quando os dois se sentaram, o telefone de Warren também tocou. Ele respondeu com curtos sins e não.

Um minuto depois, mais ou menos, desligou. Assim que Adam pôde desviar os olhos da rua por um segundo e fixá-los no americano, ficou pasmo. Warren estava pálido, cinza. De lábios entreabertos e com os olhos encovados como se fossem desaparecer dentro do crânio.

— Eles acreditam ter encontrado a presidente — disse ele num tom de voz neutro, ao mesmo tempo em que colocava o celular de novo no bolso da camisa.

Adam virou o volante e entrou na Fryajaveien.

— Há indícios de que ela está com Johanne — disse Warren, continuando em tom muito seco: — Estamos a caminho de sua casa.

Que inferno, pensou Adam, desesperado. Eles já conseguiram descobrir isso! Conseguiriam descobrir o resto?

— Vou deixá-lo na cidade — disse ele. — Daí para a frente, vai ter que se virar sozinho.

Com uma das mãos no volante, a grande velocidade rumo à Maridalsveien, Adam tentou ligar para Salhus de novo. O sinal de chamada fez-se ouvir por uma eternidade antes de o gravador automático ser acionado.

— Peter, aqui é Adam — gritou ele ao telefone. — Telefone-me imediatamente. O mais rápido possível, entende?

O melhor teria sido certamente tomar a Ringveien até Smestad. Atravessar a cidade àquela hora do dia demoraria uma eternidade. Por isso, entrou com o carro numa rotatória e subiu pelo viaduto da Circular 3, acelerando para oeste.

— Ouça-me — disse Warren em voz baixa. — vou contar um segredo.

— Está na hora de você começar a dizer alguma coisa — murmurou Adam, mal podendo ouvi-lo.

— Estou em rota de colisão com meus próprios homens. E o problema é sério.

— Sabe, o que está me dizendo é certamente algo que deve discutir com qualquer outra pessoa, não comigo.

Adam mudou de faixa para ultrapassar um caminhão e esteve muito perto de bater num pequeno Fiat que se atravessou na frente. Proferiu um palavrão, passou o Fiat e aumentou a velocidade de novo.

— Se vai encontrar Johanne — continuou Warren —, então, deve me levar. A situação é perigosa, para dizer o mínimo, e eu...

— Você não vai comigo.

— Adam! Adam!

Adam freou de repente. Warren, que não tinha colocado o cinto de segurança, foi projetado contra o porta-luvas, mas ainda teve

tempo de amortecer o choque com as mãos. Adam parou o carro no acostamento, bem ao lado dos edifícios do Rikshospitalet.

— O quê? — gritou ele para o americano. — Afinal, o que você quer?

— Você não pode chegar lá sozinho. Estou avisando para seu próprio bem.

— Saia. Saia do carro. Já.

— Agora? Aqui? No meio da autoestrada?

— Sim.

— Você não vai fazer uma coisa dessas! Adam, ouça o que tenho para lhe dizer...

— Saia!

— Ouça o que tenho para dizer!

A sua voz adquiriu um tom desesperado. Adam tentou manter a calma, respirando fundo. Agarrou o volante com vontade de bater, atacar.

— Como acabei de lhe dizer quando estávamos no parque, sou um idiota no que se refere a mulheres. Tenho feito muita coisa errada...

Ele prendeu a respiração durante um bom momento. Quando prosseguiu, saiu tudo de uma vez só.

— Mas você duvida da minha capacidade de agente do FBI? Acha que foi a incompetência que me levou ao lugar que ocupo hoje? Acha, realmente, que é melhor para você avançar sozinho para uma situação sobre a qual não tem o mínimo controle, em vez de levar junto um agente com trinta anos de experiência e que, além do mais, está armado?

Adam mordeu os lábios. Trocou um rápido olhar com Warren, engatou a primeira e voltou a entrar na pista. Ligou para Johanne. Ela não respondeu.

O *voice mail* não dava sinal.

— Porra — disse ele entre dentes, ao mesmo tempo em que teclava 101.

— Porra, com todos os diabos do inferno!

— Perdão? — disse a voz que o atendeu. — O que disse?

— Um endereço em Oslo, obrigado. Hanne Wilhelmsen.

Krusesgate, mas qual é o número?

A mulher respondeu azedamente segundos depois. Quando saíram da Ringveien para subir o viaduto da Smestad, ligou para outro número. Desta vez para a polícia.

Adam não se propunha avançar sozinho para uma situação perigosa. Mas também não queria de maneira nenhuma levar um cidadão estrangeiro que, ao longo do tempo, aprendera a detestar. A desprezar.

E muito.

13.

Helen Lardahl Bentley ficou ainda mais confusa depois de ter entrado nos endereços restritos. Havia muita coisa que não batia certo. A BS-Unit estava nitidamente atolada num beco sem saída, o que podia ser consequência de terem descoberto o que Warren andava a fazer. Talvez os responsáveis do FBI pensassem que era melhor não o enfrentar imediatamente, ao mesmo tempo que tentavam reduzir a possibilidade de ele manipular a investigação. No entanto, ela não compreendia como os homens de Warren, altamente treinados no perfil psicológico dos terroristas, podiam ficar tão desacreditados perante as outras organizações. Os documentos pareciam incrivelmente bem trabalhados. E correspondiam a tudo o que ela receara desde as primeiras e vagas informações sobre a Operação Troia que tinham chegado ao FBI apenas seis semanas antes.

O perfil assustou-a mais do que qualquer outro documento.

Mas havia uma coisa que ainda não batia.

Por um lado, todos concordavam que um ataque aos Estados Unidos estava para se dar muito em breve. Por outro lado, nenhuma das poderosas organizações que faziam parte da Homeland Security encontrara um único indício que apontasse para qualquer grupo existente ou conhecido. Era como se se tivesse ficado agarrado à origem do dinheiro pago a Jeffrey Hunter. Esse dinheiro pôde ser seguido até um primo do ministro do petróleo da Arábia Saudita e a uma firma de consultoria de que ele era proprietário no Irã. E era tudo. Ela não conseguiu verificar se alguém tinha tido sucesso seguindo essa pista. Sentiu calafrios só de vislumbrar a violência com que o governo americano, com o vice-presidente à cabeça, confrontara os dois países árabes. Sem o equipamento de encriptação, foi-lhe impossível entrar nas páginas que guardavam a

troca de correspondência, mas começou a ter uma ideia da catástrofe para que o país estava a ser empurrado.

Helen continuava sentada num escritório bem no fundo do apartamento.

Quando bateram na porta, mal ouviu a campainha. Mas apurou os ouvidos. Tocaram novamente. Com todo o cuidado, pegou a pistola que Hanne lhe tinha dado. Deixou a trava de segurança no lugar, colocou a arma na cintura e puxou a camisa para cima dela.

Alguma coisa estava horivelmente errada.

14.

Do lado de fora da porta de entrada do apartamento de Hanne Wilhelmsen, na Krusesgate, estavam Warren Scifford e Adam Stubo discutindo acaloradamente.

— Vamos esperar — dizia Adam furioso. — Está para chegar a qualquer momento uma força policial!

Warren se libertou do norueguês, que o segurava com força pelo braço.

— É minha presidente — gritava ele. — É minha responsabilidade verificar se a autoridade máxima do meu país está atrás dessa porta. Minha própria vida depende disso, Adam! Ela é a única que acredita em mim! E não tenho a mínima intenção de esperar um grupo de policiais uniformizados e dispostos a atirar...

— Olá — disse uma voz rouca. — O que está havendo?

A porta se abriu e a pergunta veio de uma abertura de alguns centímetros. Havia uma corrente de segurança que impedia a entrada e uma mulher idosa do outro lado, de olhos bem abertos e espantados.

— Não abra a porta — disse Adam rapidamente. — Por favor, feche a porta! Agora!

Warren deu um chute na porta. A mulher recuou, proferindo uma série de palavrões. Mas a porta aguentou. Adam segurou Warren pelo paletó, mas escorregou e perdeu o equilíbrio. Caiu e lutou para ficar em pé novamente. Desesperado, tentou segurar Warren pela calça, mas o adversário, ainda que mais velho, era mais bem treinado.

Warren aproveitou para dar um chute, com toda força, nos testículos de Adam, que se estatelou no chão e desmaiou. O alarido das mulheres dentro da casa parou de repente, assim que um novo chute de Warren quebrou a corrente de segurança. A porta se abriu

de par em par, atingindo a mulher de idade que foi projetada para trás e ficou caída na entrada.

Warren entrou correndo com a arma na mão. Parou diante da porta na sua frente e protegeu-se atrás da parede, ao mesmo tempo em que gritava: — Helen! Helen! *Madam President*, está aí?

Ninguém respondeu. Rápido, entrou na sala seguinte com a arma para o alto.

Era uma sala de estar enorme e junto à janela estava outra mulher numa cadeira de rodas. Ela não se mexeu e seu rosto não ostentava expressão. Mas ele notou que o olhar dela se dirigia para determinada porta, a mais afastada. No sofá havia outra mulher, de costas, com uma criança no colo. Ela abraçava a criança com força, protegendo-a, e parecia morta de medo.

A criança chorava e gritava a plenos pulmões.

— Warren.

Madam President entrou.

— Graças a Deus — disse Warren, avançando dois passos para mais perto de Helen e metendo a pistola no coldre. — Graças a Deus que está viva!

— Pare e fique quieto aí.

— O quê?

Warren parou imediatamente assim que ela sacou a pistola e a apontou para ele.

— *Madam President* — sussurrou ele. — Sou eu! Warren!

— Você me traiu. Traiu a América.

— Eu? Eu não fiz...

— Como soube do aborto, Warren? Como pôde usar uma coisa dessas contra mim, você que...

— Helen...

Ele tentou se aproximar mais uma vez, mas recuou um passo assim que ela levantou a arma e disse: — Fui enganada e convencida a sair do hotel por causa de uma carta.

— Palavra de honra... Eu não faço a mínima ideia do que está falando!

— Levante os braços, Warren.

— Eu...

— Mãos para cima!

Ainda hesitante, ele levantou os braços.

— *Verus amicus rara avis* — disse Helen Bentley. — Nenhuma outra pessoa podia conhecer e usar essa inscrição com que a carta foi assinada. Só você e eu, Warren. Só nós dois.

— Eu perdi o relógio! Foi... roubado! Eu...

A criança continuava a chorar e a gritar como possessa.

— Johanne — disse a presidente. — Pegue sua filha e vá para o escritório de Hannah. Agora.

Johanne se levantou e correu para a outra sala, sem sequer olhar para o homem.

— Se seu relógio foi roubado, o que você tem no pulso esquerdo? Ela soltou a trava de segurança da pistola.

De maneira inacreditavelmente lenta, como se para não provocar nenhuma reação, ele virou a cabeça para olhar. A manga do paletó tinha descido quando ele levantara os braços. No pulso, o Omega Oyster, diamantes como algarismos para marcar a hora e uma inscrição atrás.

— É... Helen, entenda... Achei que...

Ele deixou cair os braços.

— Não — avisou a presidente. — Levante os braços!

Warren olhou para ela. Os braços continuaram caídos ao longo do corpo. As palmas das mãos, viradas para fora, para a presidente, num gesto suplicante.

Madam President disparou.

O estrondo fez com que até mesmo Hanne Wilhelmsen estremecesse violentamente. O eco ficou repercutindo em seus ouvidos e tudo o que escutou por um longo momento foi um

assobio. Warren Scifford jazia no chão imóvel, de costas, o rosto virado para cima. Ela girou a cadeira para perto dele, inclinou-se e pressionou os dedos no pescoço dele. Depois, ergueu-se e, sentada na cadeira, sacudiu negativamente a cabeça.



Warren sorria com as sobrancelhas levantadas, como se no momento exato da morte estivesse pensando em alguma piada divertida, uma ironia que ninguém poderia entender.

Adam Stubo apareceu na porta. Ainda segurava as partes baixas e o rosto estava branco como giz. Quando viu o morto, resmungou algo e vacilou de novo.

— Quem é você? — perguntou a presidente com toda a calma, permanecendo no meio da sala com a arma na mão.

— Um *good guy* — disse Hanne rapidamente. — Policial. Marido de Johanne.

A presidente levantou a arma e entregou-a a Adam, com a coronha virada para ele.

— Acho melhor que seja você a tomar conta dessa arma. Se não for muito complicado, gostaria de telefonar agora para a minha embaixada.

Ao longe, ouviam as sirenes se aproximando, cada vez mais perto.

15.

Al Muffet levou o cadáver do irmão para a cave e depositou-o numa antiga arca decorada, que certamente já ali estava desde que a casa fora construída.

A arca não era suficientemente grande. Al teve que colocar Fayed de lado, com os joelhos e o pescoço dobrados na posição fetal. Foi preciso muita coragem para levar o cadáver para baixo, mas acabou por fazê-lo e fechou a arca à chave. A mala de viagem do irmão ficou debaixo da escada, bem longe da vista. Nem o irmão nem as suas coisas ficariam ali por muito tempo. O mais importante era apagar todas as pistas do acontecido antes que as meninas voltassem da escola. Devia evitar que as filhas vissem o tio morto.

Também não deviam ver o pai ser preso. Tinha de as mandar para outro lugar. Podia evocar uma conferência repentina ou qualquer outro tipo de compromisso longe dali e deixar que elas fossem morar para Boston com a irmã da sua falecida mãe. Elas eram demasiado novas para ficarem em casa sozinhas.

Depois, telefonaria para a polícia.

Mas só depois de as filhas estarem em segurança.

O pior era o carro alugado de Fayed. Al teve problemas em encontrar as chaves do carro. Encontrou-as debaixo da cama. Provavelmente, estariam em cima da mesa de cabeceira e teriam caído para o chão quando tentara obrigar Fayed a dizer o que sabia sobre o desaparecimento da presidente.

Al Muffet sentou-se no degrau da escada da sua pitoresca casa no estilo New England e cobriu o rosto com as mãos.

O que fiz? E se errei? E se é tudo apenas consequência de um fatal mal-entendido? Por que não falou, Fayed? Por que não respondeu às minhas perguntas antes que fosse tarde?

Podia esconder o carro no velho celeiro prestes a cair aos pedaços. Não haveria razão alguma para as meninas irem lá. Pelo que sabia, nenhuma gata selvagem tinha filhotes por ali. Só mesmo gatinhos podiam atrair Louise para o celeiro, cheio como estava de teias de aranha que lhe davam um medo de morte.

Al nem conseguia chorar. Uma garra gelada prendia seu peito por dentro, tornando difícil pensar e impossível falar.

Com quem poderia falar?, pensou Al. *Quem pode me ajudar agora?*

Tentou endireitar as costas e respirar fundo.

A porta da caixa de correio estava levantada.

Fayed falara de uma carta.

Cartas.

Quase não conseguia se levantar. Devia tirar o carro dali. Afastar a última pista deixada por Fayed Muffasa e se concentrar para receber as filhas. Já eram três horas e pelo menos Louise devia chegar mais cedo.

As pernas mal aguentavam o corpo no momento em que desceu pelo caminho de acesso da casa. Olhou em volta. À exceção do ruído longínquo de uma serra elétrica, não havia viva alma por perto.

Abriu a caixa do correio. Três contas e três cartas, todas com envelopes iguais.

Fayed Muffasa, aos cuidados de Al Muffet.

E o endereço. Três envelopes iguais, bem grossos, mandados para Fayed em seu endereço.

O celular tocou. Ele recolocou as cartas na caixa e olhou para o visor. Número desconhecido. Ninguém lhe tinha telefonado durante todo aquele dia horrível. Não queria falar com ninguém. Não estava nem seguro de ter voz. Resolveu guardar o celular no bolso da camisa, recolheu as cartas e voltou para casa a passos lentos.

Quem telefonava não desistiu.

Ele parou ao chegar ao início da escada.

Tinha que reunir forças para esconder o maldito carro.

O telefone continuava a tocar. Não parava. Ele já não aguentava mais o barulho, estridente, que lhe provocava calafrios. Pressionou o botão verde.

— Alô? — disse ele com uma voz que mal se ouvia. — Alô.

— Ali Al-Shaeed?

Ele não respondeu.

— Ali, sou eu, Helen Lardahl.

— Helen — murmurou ele. — Como...

Ele não tinha visto na televisão. Não tinha ouvido no rádio. Não tinha nem passado perto do computador. O dia inteiro apenas se desesperara pela morte do irmão, tentando imaginar como seria a vida das filhas dali para a frente.

Finalmente, começou a chorar.

— Ali, ouça o que vou dizer. Estou num avião sobre o Atlântico. Por isso, a ligação está ruim.

— Eu não a traí — gritou ele. — Eu prometi que não a trairia e mantive sempre a promessa.

— Eu acredito — disse ela calmamente. — Mas deve compreender que precisamos investigar este caso a fundo. A primeira coisa que peço...

— Foi meu irmão — disse ele. — Meu irmão falou com minha mãe antes de ela morrer e...

Ele parou de falar e de respirar. Ao longe, ouvia-se o som de um motor. Uma nuvem de poeira se elevava atrás da colina com os enormes áceres. Um som surdo de pás rotativas fez com que ele se virasse para oeste. Havia um helicóptero pairando acima das árvores. O piloto procurava um lugar para descer.

— Escute — disse Helen Bentley. — Está me ouvindo?

— Sim — disse Al Muffet, levantando-se.

— São os homens do FBI que estão chegando. Não tenha medo, está bem? Eles estão diretamente sob minhas ordens. Vão falar com

você. Conte tudo. Se não estiver envolvido, correrá tudo bem. Tudo. Prometo.

Um carro preto subiu pelo caminho até a casa.

— Não tenha medo, Ali. Conte apenas tudo o que tiver que contar.

A conversa foi interrompida.

O carro parou. Dois homens de preto saíram do carro. Um deles sorriu e estendeu a mão ao se aproximar.

— Al Muffet?

Al apertou a mão do homem, sentindo-a firme e calorosa.

— Eu sei que é amigo da *Madam President* — disse o agente, não soltando a mão de Al. — E quem é amigo da presidente é meu amigo também. Vamos entrar?

— Acho... — disse Al Muffet, engolindo em seco. — Acho que deve tomar conta disso.

E estendeu os três envelopes ao agente. O homem olhou para eles com expressão neutra, pegou-os pelas pontas e fez sinal ao colega para trazer um saco plástico.

— Fayed Muffasa — leu ele rapidamente olhando de lado. — Quem é ele?

— É meu irmão. Está dentro de uma arca no porão. Eu o matei.

O agente do FBI olhou-o por um longo momento.

— Acho que é melhor entrarmos — disse ele, tocando o ombro de Al Muffet. — Ao que parece, vamos ter muita coisa para falar.

O helicóptero pousou e, finalmente, o silêncio voltou.

16.

Faltava apenas uma hora para terminar a quinta-feira do dia 19 de maio de 2005. Um calor intenso de verão fizera-se sentir durante todo o dia e ainda perdurava num final de noite ameno e sem vento. Johanne tinha aberto todas as janelas da sala.

Tomara banho com Ragnhild, que, feliz e muito cansada, adormecera logo na sua velha e familiar cama. Ela mesma se sentia feliz como uma menina de um ano. Voltar para casa era uma espécie de processo de purificação. Atravessar a porta de entrada quase a fez chorar de felicidade. Tinham ficado retidos no PST por muito tempo, tanto que Adam se sentira obrigado a telefonar para Peter Salhus ameaçando-o de rasgar todos os compromissos de silêncio que tinham assinado se não pudessem voltar para casa imediatamente.

— De qualquer maneira, acho que já podemos desistir de ter mais filhos — disse Adam, andando de um lado para o outro de pernas abertas, num pijama cuja calça, por comodidade, tinha sido cortada entre as pernas. — Nunca senti tanta dor na minha vida.

— Então, devia experimentar dar à luz — disse Johanne, sorrindo e apontando o lugar a seu lado no sofá. — O médico disse que vai ficar bom. Tente se sentar aqui.

— ... e foi uma conspiração forjada dentro dos próprios círculos americanos. A Presidente Bentley informou numa entrevista coletiva no Gardermoen que...

A TV estava ligada desde que tinham chegado.

— Não se sabe com certeza absoluta — disse Johanne. — Se foram apenas americanos os envolvidos, quero dizer.

— Essa é a verdade que eles querem que as pessoas saibam. Essa é a verdade mais conveniente no momento. A verdade simples que leva à queda dos preços do petróleo.

Adam gemeu quando resolveu sentar no sofá de pernas abertas.

— ... depois de uma dramática troca de tiros na Krusesgate em Oslo, na qual o agente americano do FBI Warren Scifford — a imagem mostrada devia ser daquelas de passaporte; ele parecia mais um criminoso, com expressão azeda e olhos semicerrados — foi atingido por um tiro mortal de um agente norueguês do Serviço de Segurança, cujo nome não foi revelado. Fontes da embaixada americana informaram que a conspiração envolveu um grupo muito limitado de pessoas, todas agora sob custódia das autoridades.

— Na realidade, o mais impressionante de tudo é ver como conseguiram cozinhar essa história com tanta rapidez — disse Johanne. — Em especial, a afirmação de que a presidente não foi sequestrada, mas se escondeu como parte de uma manobra para desmontar o atentado. Será que eles já têm esses cenários predefinidos?

— Talvez. Mas é difícil. Nos próximos dias, vamos ver uma magistral cortina de fumaça para esconder a verdade. Se não têm essa história pronta, têm certamente gente muito capaz para arquitetá-la. Eles reúnem informação, dão um brilho e cozinham em tempo recorde. E, finalmente, acabam por contar uma coisa com que a maioria se satisfaz. E depois vêm as teorias da conspiração. Tudo isso acaba por ser uma festa para os paranoicos. Mas ninguém ouve. E assim o mundo continua seu caminho aos tropeções até que se torna impossível saber o que é verdade e o que é mentira. E as pessoas acabam por não suportar mais tanta preocupação. Torna-se mais cômodo esquecer. Para todos nós. Que inferno, como dói!

E ele ficou lá resmungando.

— ... espera-se que a Presidente Bentley, que pousará em poucas horas em seu país, apresente um pedido formal de desculpas à Arábia Saudita e ao Irã. E já se fala num comunicado oficial ao povo americano para amanhã...

— Desligue — disse Adam, ao mesmo tempo que abraçava Johanne e lhe dava um beijo no queixo. — Já ouvimos o suficiente.

São só mentiras e uma diabólica e poética armação. Não aguento mais.

Johanne pegou o controle remoto. Fez-se silêncio. Aconchegou-se um pouco mais a ele e acariciou os pelos de seus braços. Ficaram sentados assim por muito tempo.

E ela sentia o cheiro bom de Adam e do verão que, finalmente, chegava.

— Ouça, Johanne — disse ele em voz baixa.

Ela estava quase dormindo.

— Sim?

— Eu quero saber o que Warren fez.

Ela não respondeu. Mas também não fugiu à pergunta como acontecia sempre à mínima menção da questão, que continuava entre eles desde que tinham se encontrado num dia quente de primavera quase cinco anos antes. Ela não parou de respirar, não virou as costas. Adam não podia ver seu rosto, mas não sentiu que Johanne se fechava, nem colava os lábios, literalmente falando, como sempre.

— Acho que está na hora — disse ele, aproximando a boca do ouvido dela. — É, está na hora, Johanne.

— Sim — concordou ela. — Está na hora.

Naquele momento, ele inspirou fundo, em expectativa.

— Eu tinha vinte e três anos e estávamos em DC para...



Quando foram para a cama, já eram três da manhã.

Nascia um novo dia acima das árvores a leste e Adam nunca chegou a saber que não foi o primeiro a conhecer o doloroso segredo de Johanne.

Não fez diferença nenhuma.

A primeira pessoa a saber foi a presidente dos Estados Unidos e eles dois nunca mais a encontrariam.

Sexta-feira, 20 de maio de 2005

1.

Quando a notícia de que a Presidente Bentley estava viva se espalhou pelo mundo na noite de quinta-feira, hora europeia, Abdallah al-Rahman adiou todos os seus planos e se fechou no escritório na ala leste do palácio.

O relógio marcava seis horas da manhã. Não se sentia especialmente cansado, apesar de ter estado acordado a noite inteira. Tentou várias vezes dormir no divã baixo, diante da tela de plasma, mas uma crescente inquietação o mantinha acordado.

A presidente estava prestes a aterrisar num aeroporto não divulgado nos Estados Unidos. Os repórteres da CNN falavam uns atrás dos outros, tentando adivinhar onde ela estaria realmente. Os próprios fotógrafos da US Air Force, que enviavam imagens diretas para todos os canais de TV do mundo, tinham todo o cuidado em evitar recantos e construções que pudessem dar a mínima indicação do local em que a presidente voltaria a pisar solo americano.

Nem tudo tinha terminado.

Sem baixar o volume da televisão, Abdallah sentou-se ao computador.

Digitou pela sexta vez em seis horas uma série de senhas. Vários milhares de indicações surgiram, e ele resolveu reduzir a margem de busca. Naquele momento, já tinha baixado esse número para algumas centenas. Sem hesitar, acrescentou mais uma palavra ao campo de busca.

Cinco artigos.

Passou rapidamente em revista o conteúdo de quatro deles. Não havia nada de interesse.

O quinto dizia que o ataque troiano nunca aconteceria. Entendeu isso logo após as primeiras linhas, mas obrigou-se a ler o texto inteiro três vezes antes de desligar o computador.

Foi até o divã, deitou-se e fechou os olhos.

O FBI lançara um ataque a uma pequena cidade do Maine, com helicópteros e um grande número de homens. Os repórteres locais fantasiaram a ligação do caso com Helen Bentley e levou menos de meia hora para que a localidade fosse cercada de jornalistas de todo o estado. A polícia logo conseguiu acalmar a população dizendo que era coisa completamente diferente. Em colaboração com o FBI, seguiam há muito um grupo que pegava aves em vias de extinção para vender no mercado negro. Um veterinário local tinha sido de grande ajuda na investigação. Um dos ladrões de aves fora morto durante a apreensão, mas de resto a operação estava sob controle da polícia. A foto do veterinário, incluída na matéria, mostrava um homem muito parecido com Fayed, a ponto de apenas o bigode diferenciá-los.

Fayed falhara.

Fayed devia ter lançado o ataque, seguindo as instruções contidas em código nas três cartas que Abdallah tinha enviado por três mensageiros, todos eles executados logo a seguir.

Fayed estava morto e *Madam President* de volta a seu posto.

Abdallah al-Rahman abriu os olhos e se levantou. Lentamente, começou a retirar os alfinetes do mapa. E a separá-los por cor. Podiam voltar a ser usados mais tarde.

Bateram levemente na porta.

Ficou surpreso pela hora. Mesmo assim abriu. Do lado de fora, estava seu filho mais novo, vestido para montar e parecendo inconsolável.

— Papai — disse Rashid, chorando. — Fui andar a cavalo com os outros. Mas caí do cavalo e eles continuaram e me deixaram para trás. Dizem que ainda sou muito pequeno e...

O menino soluçava e mostrava ao pai um arranhão no cotovelo.

— Oi, oi, oi — disse Abdallah, que se pusera de cócoras diante do filho.

— Tem que tentar de novo, sabe disso. Nunca vai conseguir ter o que quer se não tentar de novo. E de novo. Quantas vezes forem necessárias. Mas agora vamos montar dar uma volta juntos. Que tal?

— Sim, papai... Mas estou sangrando!

— Rashid — disse Abdallah, soprando a ferida. — Não desistimos diante de uma pequena derrota. Dói por alguns momentos, mas tentamos novamente. Até sermos bem-sucedidos. Entende?

O menino acenou com a cabeça, concordando, enquanto limpava as lágrimas.

Abdallah deu a mão ao filho. Ao fechar a porta da sala, ainda olhou de relance para o grande mapa dos Estados Unidos. Aqui e ali, ainda havia alguns alfinetes coloridos, espalhados segundo um padrão sem ordem e sem estrutura.

2010, pensou ele, refletindo sobre a data. Antes disso, estarei suficientemente forte para fazer uma nova tentativa. Antes de 2010.

— O que disse, papai?

— Nada. Vamos embora.

Já tinha decidido.

FIM

Posfácio

Neste livro, no que se refere a algumas personalidades públicas, tomei a liberdade de colocar palavras em sua boca. Esforcei-me por fazê-lo com o devido respeito e espero ter sido bem-sucedida nesse propósito.

Tomei uma grande liberdade, também, em relação a uma construção em Oslo, o Thon Hotel Opera, que no livro é chamado apenas de Hotel Ópera. Tive de descrever o hotel para contar a história e mantive-me fiel à realidade no que diz respeito à arquitetura externa e localização. No entanto, neste livro, o interior do hotel é puro produto da minha imaginação. O mesmo acontece, claro, em relação aos empregados do hotel que atuam no romance.

Larvik, junho de 2006,

ANNE HOLT

Digitalização: Fernando Jorge Alves Correia